

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Marina de Mattos Dantas

Cartografias de um campo invisível: os anônimos jogadores do futebol
brasileiro

Doutorado em Ciências Sociais

SÃO PAULO
2017

Marina de Mattos Dantas

Cartografias de um campo invisível: os anônimos jogadores do futebol
brasileiro

Doutorado em Ciências Sociais

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências
Sociais sob a orientação do Prof. Dr. Edson Passetti.

SÃO PAULO
2017

Banca Examinadora

Agradecimentos

Escrever agradecimentos após encerrar a tese me faz sentir como aqueles jogadores abordados dentro de campo, após uma partida importante, para conceder entrevista. Digo isso porque escalar toda a equipe que contribuiu para esse projeto se tornar realidade, sem apenas cumprir tabela, não é tarefa fácil, em um trabalho onde a conquista dos três pontos, apesar de importante, não é o principal.

Dessa maneira, agradeço:

Ao palmeirense e querido orientador Edson Passetti, pela atenção, envolvimento e paciência com o trabalho, sem o qual essa tese não teria o mesmo tom.

Aos meus pais, Solange Missagia de Mattos e Geraldo da Silva Dantas, pela inspiração na luta, pelo amor e pela compreensão durante esses últimos 31 anos.

Aos amigos e colegas do GEFuT (Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas), principalmente ao Silvio Ricardo da Silva e à Priscila Augusta Ferreira Campos, por me lembrarem sempre a potência das diferenças.

Às professoras Adriana Penzim e Heliana Conde pelo carinho e por incentivarem as minhas articulações entre os estudos de Michael Foucault e o futebol desde o início.

Ao Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária), pelos bons encontros que a vida nos proporciona. Especialmente à professora Salete Oliveira, pelas aulas incríveis, ao palmeirense Acácio Augusto, pelas conversas inspiradoras de algumas páginas, e à Flávia Lucchesi, pelo apoio nos momentos finais.

À Izabel Missagia de Mattos, avó querida, e à tia Sônia Missagia Matos, pelo carinho e ajuda nos momentos difíceis.

À Pablo Alabarces e Verónica Moreira, que generosamente me receberam em Buenos Aires e possibilitaram o encontro com o futebol argentino.

À Julio César Bonfim, Bruno Pivetti, Ricardo Urturi e aos anônimos jogadores, fundamentais no encontro com algumas realidades do futebol Brasileiro e Argentino e que, gentilmente, se dispuseram a contribuir com suas experiências de vida para esse trabalho, abrindo as portas de campos que são, muitas vezes, pouco acostumados à presença de mulheres, principalmente a de mulheres pesquisadoras.

Aos amigos de longa data: André Tagliati, Bárbara Gonçalves, Luana da Silveira, Luiza Aguiar, Luiz Guilherme Burlamaqui, Marcelo Delboni, Maria Carolina Barbalho, Mariana Pereira, Pedro Marchezini e Raquel Zanatta, que sempre me acolheram em diversos momentos e lugares nesses últimos anos, e porque os agradecimentos que faço e a estima que tenho por cada um não caberiam nesta página.

À Banca examinadora, que gentilmente aceitou o convite e se dispôs a contribuir com o trabalho.

À Kátia Cristina da Silva e ao Rafael Diego Garcia pela solicitude em ajudar com as milhares de perguntas e de procedimentos institucionais, e diminuir as distâncias entre Belo Horizonte e São Paulo.

À CAPES, pelo apoio à realização do curso e por viabilizar o Doutorado Sanduíche na Argentina.

E a todos os outros amigos, de sempre ou de passagem, que fazem dessa vida algo mais interessante.

Quando eu gostava de futebol, eu era Corinthians. Mas agora eu sei que futebol não é Deus. Os jogadores confundem muito as coisas. Como é que Deus pode fazer o Marcelinho marcar um gol? Se fosse Deus que ajudasse um time a ganhar os jogos, esse time nunca perdia. Se o Corinthians fosse Deus, o Corinthians ia ganhar todos os jogos. E o Corinthians não perde? O Marcelinho fica falando que é Deus que faz os gols. Mas não é Deus, não. É o Marcelinho mesmo, ele próprio. Os outros times também têm jogador que diz que é Deus que faz os gols. Então, como é que fica? Deus não pode torcer e fazer gol pra todos os times. Time é que nem Deus, que a gente só pode ter um, tem que escolher um e pronto. Deus não ia ficar mudando de time toda hora, que Deus tem uma palavra só, que é a certa. Se Deus fizesse gol pra todos os times que têm jogador que fala que é Deus que faz os gols, ia tudo terminar empatado [...].

Resumo

O futebol profissional e seus efeitos na produção de subjetividades na profissão de jogador. É esta a temática que norteia a presente pesquisa que, partindo de pesquisas prévias acerca do sonho de ser jogador e da atuação da psicologia do esporte em categorias de base, objetiva compor uma cartografia da realidade do jogador que se profissionaliza, mas não ocupa as posições de maior destaque nas grandes “vitrines” do futebol nacional e internacional. São esses jogadores geralmente considerados pelos clubes, empresários e também pelo público como produtos de menor valor no mercado, porém necessários para manter o funcionamento das competições da máquina do futebol profissional que atrai torcedores e investidores enquanto circulam anonimamente pelo mercado futebolístico como coadjuvantes do futebol de espetáculo. Nesse sentido, pretende-se cartografar práticas do futebol contemporâneo, compondo com os estudos de Michel Foucault sobre o governo dos vivos, juntamente com os estudos de pesquisadores na área das ciências humanas e sociais sobre o futebol profissional. Busca-se assim compreender a governamentalidade do futebol de espetáculo; os efeitos disciplinares e de controles regulamentadores na produção de modos de vida dos jogadores de futebol profissionais anônimos; por onde estes circulam após a saída das categorias de base; as capturas, potencialidades e resistências que os mantêm na profissão e os efeitos político-sociais produzidos a partir dessa realidade.

Palavras-chave: futebol, racionalidade neoliberal, jogador-empresa.

Abstract

The professional soccer and its effects in the production of subjectivities in the profession of player. This is the theme that guides this research which, on the basis of previous research about the dream of being a player and the performance of sport psychology in basic categories, aims to compose a cartography of the reality of the player who professionalizes, but does not occupy the positions of greater emphasis on large "shopping" of soccer nationally and internationally. Are these players generally considered by clubs, entrepreneurs and also by the public as products of less value in the market, but needed to maintain the operation of the competitions of the machine of professional soccer that attracts fans and investors while circulating anonymously by Australian soccer to as coadjuvants of soccer venues. In this sense, it is mapping practices of contemporary soccer, along with the studies of Michel Foucault on the government of the living, along with the studies of researchers in the area of humanities and social sciences about professional soccer. It seeks so to understand the governmentality of soccer venues; the effects of discipline and controls regulators in the production of modes of life of soccer players anonymous professionals; for where these circulating after the departure of the basic categories; catches, potential and resistance that keeps them in the profession and the effect socio-political produced from this reality.

Keywords: soccer, neoliberal rationality, player-company.

Sumário

Introdução.....	12
CAPÍTULO 1 – Famosos, anônimos e as tensões entre amadorismos e profissionalismos no futebol brasileiro.....	28
1.1 <i>A Football Association: soccers e ruggers</i> e os primeiros passos do futebol	30
1.2 <i>Capitains</i> , estudantes, padres, marinheiros e infames: primeiros momentos do <i>Association</i> no Brasil	35
1.3 Industriais e operários: quem sustenta o futebol e quem faz do futebol o seu sustento.....	46
1.4 O jogador profissional: a emergência dos “vira-latas”	54
1.5 Uma nação se constrói transformando “vira-latas” em campeões.....	73
1.6. O jogador peça e a necessidade de se produzir atletas	85
CAPÍTULO 2 – Futebol e racionalidade neoliberal: a liberdade para empreender-se e o jogador-empresa.....	105
2.1 Os Investimentos econômicos no futebol nos anos 1970.....	106
2.2 A produção da CBF como elemento moralizador do futebol no Brasil.....	112
2.3 Seleção do passe Livre	115
2.4 A publicidade entra em campo	116
2.5 O Clube dos Treze e a intensificação do investimento privado no futebol.....	117
2.6 Jean-Marc	121
2.7 Campeonatos.....	124
2.8 Lei Zico, Lei Pelé e a liberdade de mercado no Brasil	126
Direito de Transmissão.....	131
Direito de Arena.....	132
Direito Federativo	132
Cláusula Indenizatória.....	132
Contrato por produtividade.....	133
Direitos Econômicos	133
Direito de Imagem.....	133
2.9 Os anônimos e a circulação de jogadores.....	135
CAPÍTULO 3 – A produção de responsabilidade social e do descarte no futebol profissional	138
3.1. Pão de Açúcar Esporte Clube: metamorfoses de um projeto social.....	140
3.1.1. SuperCopa CompreBem: a peneira corporativa.....	142
3.1.2. Paulinho e Juninho: o investimento em capital humano e o clube-empresa efeito da racionalidade neoliberal	153
3.1.3. De PAEC a Audax.....	157
3.2. Gremio Osasco Audax: o “DNA” do projeto e o estilo de jogo	164

3.3. Grêmio Osasco Audax e Guaratinguetá Ltda: gerenciando participações em campeonatos	169
3.4. Quem desloca tem preferência.....	177
CAPÍTULO 4 – Gestão do “descarte” de jogadores no Brasil e na Argentina	179
4.1. Sobre peneiras, oportunidades e “panelinhas”	182
4.2. A família e os primeiros (ou segundos) empresários	185
4.3. A produção de descarte no futebol profissional.....	190
4.4. Circulação e instabilidade.....	193
4.5. Visibilidades e invisibilidades	199
4.6. Desempregados, livres, sem contrato, fora de contrato.....	201
4.6.1. Emuladores de clubes: equipes de jogadores sem contrato	204
4.6.2. Expressão Paulista e <i>Jugadores Libres</i>	209
4.6.3. Competições.....	211
4.7. Jogar e torcer.....	220
4.8. Aposentadoria	223
4.9. Desempregados, sim. Desocupados, nunca!.....	225
Considerações Finais.....	227
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	233
ANEXO A – The 1863 Football Association Rules	249
ANEXO B – Roteiro de entrevistas	251

Lista de Figuras

Figura 1. Pintura de um jogo de <i>football</i> anterior à criação <i>Football Association. Spartacus Educationa</i> (1997).....	p.32
Figura 2. Victor Serpa, com a bola, em meio a um dos primeiros teams do Sport-Club Mineiro, de Belo Horizonte. Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto (1904).....	p.37
Figura 3. Notícia sobre corrida de ciclismo no Veloclube do Rio de Janeiro. <i>Jornal do Brasil</i> (1904).....	p.38
Figura 4. Da esquerda para a direita, Artur Bernardes Filho é o terceiro em primeiro plano. Acervo de Artur Bernardes Filho – Arquivo Público Mineiro (2016).....	p.38
Figura 5. Nota de jornal anunciando um match entre os clubes São Paulo Athletic e Sport Club Internacional. <i>Correio Paulistano</i> (1902).....	p.40
Figura 6. Notícia sobre uma visita de Oscar Kox a São Paulo. <i>Correio Paulistano</i> (1903).....	p.41
Figura 7. Marinheiros jogam bola na colônia penal de Clevelândia em 1925. Acervo de Artur Bernardes Filho – Arquivo Público Mineiro (2016).....	p.44
Figura 8. Presos jogando futebol na colônia penal de Clevelândia em 1925. Acervo de Artur Bernardes Filho – Arquivo Público Mineiro (2016).....	p.45
Figura 9. Campo de futebol do Parque Antartica em 1922. Sociedade Esportiva Palmeiras (2014).....	p.48
Figura 10. Isabelino Gradín. Museu do Peñarol (2015).....	p.53
Figura 11. Cartazes da Copa de 1934. <i>Almanaque da Copa do Mundo de 1934</i> (2014).....	p.59
Figura 12. Seleção Brasileira de 1930. <i>Terceiro Tempo</i> (2014).....	p.61
Figura 13. Jairo, Said e Mário de Castro em 1928. <i>MURTA</i> (2008).....	p.62
Figura 14. Cartão postal de 1944: “O campeão da várzea num joguinho amistoso”. Acervo pessoal de Thiago José Silva Santana (2014).....	p.65
Figura 15. Propaganda da Gillette. <i>Jornal Estado de São Paulo</i> (1941).....	p.68
Figura 16. Propaganda dos cigarros Leônidas dos anos 1940. <i>Folha de São Paulo</i> (2013).....	p.69
Figura 17. Nota de jornal anunciando seleção de “cracks” pelo Bangu Atlético Clube. <i>Jornal Diário da Noite</i> (1940).....	p.72
Figura 18. Seleção Brasileira de 1950. Disponível em: brasil.gov.br (2010).....	p.75
Figura 19. Médicos examinando Garrincha durante os preparativos para a Copa de 1958. Máximo; Káz (2006).....	p.80
Figura 20. Zico, o craque de laboratório. <i>Gazeta de Alagoas</i> (1972).....	p.91
Figura 21. Zico em um aparelho de exercícios no Centro de Treinamento do Flamengo. <i>Gazeta de Alagoas</i> (1972).....	p.91
Figura 22. Pelé erguendo a taça Jules Rimet ao lado de Médici após a Copa do Mundo de 1970. <i>UOL Educação</i> (2016).....	p.107
Figura 23. Pelé em propaganda das pilhas Ray-o-vac nos anos 1970. <i>Guia dos Curiosos</i> (2016).....	p.107
Figura 24. Giulite Coutinho em entrevista para a Revista Placar. <i>Revista Placar</i> (1979).....	p.113
Figura 25. Trecho da entrevista com Giulite Coutinho. <i>Revista Placar</i> (1979).....	p.114
Figura 26. Escudo do Pão de Açúcar Esporte Clube. <i>Blog Escudos do Mundo Inteiro</i> (2016).....	p.141

Figura 27. Camisa de goleiro do Juventus de 2005 com patrocínios do CompreBem e Pão de Açúcar. <i>Blog Manto Juventino</i> (2016).....	p.145
Figura 28. Cafú levantando a taça da Copa do Mundo de 2002 após escrever “100% Jardim Irene” a caneta em sua camisa. <i>Folha de São Paulo</i> (2016).....	p.147
Figura 29: Equipes de Guarulhos na SuperCopa CompreBem 2003. <i>W Eventos</i> (2016).....	p.148
Figura 30. Propaganda do PAEC e Sendas Esporte Clube. <i>Revista Competir</i> (2010).....	p.154
Figura 31. Escudo do Audax-SP. <i>Audax</i> (2013).....	p.159
Figura 32. Garoto Audacioso no jogo entre Audax e Portuguesa, no estádio Nicolau Alayon, Série A2 do Campeonato Paulista. <i>Acervo da autora</i> (2013).....	p.160
Figura 33. Público no jogo entre Audax e Rio Claro, série A2 do Campeonato Paulista 2013, estádio Nicolau Alayon. <i>Acervo da autora</i> (2013).....	p.161
Figura 34. Estádio Nicolau Alayon, pertencente ao Nacional Atlético Clube <i>Acervo da autora</i> (2013).....	p.162
Figura 35. Momento do jogo entre Audax e Red Bull Brasil. <i>Acervo da autora</i> (2013).....	p.163
Figura 36: Técnico Fernando Diniz passando instruções do alambrado após ser expulso no jogo entre Audax e Red Bull. <i>Acervo da autora</i> (2013).....	p.163
Figura 37. Comemoração do acesso à Série A1 após o jogo entre Audax e Red Bull. <i>Acervo da autora</i> (2013).....	p.164
Figura 38. Banner anunciando o jogo nas imediações do trem em Osasco. <i>Acervo da autora</i> (2014).....	p.169
Figura 39. Estádio Municipal Prefeito José Liberatti. <i>Acervo da autora</i> (2014).....	p.170
Figura 40: Jogador comemorando gol com os torcedores no jogo entre GO Audax x Portuguesa. <i>Acervo da autora</i> (2014).....	p.170
Figura 41. Organograma das instituições que organizam o futebol profissional no Brasil e na Argentina. <i>Elaborado pela autora</i> (2017).....	p.193
Figura 42: Organograma dos sindicatos de jogadores de futebol profissional no Brasil e na Argentina. <i>Elaborado pela autora</i> (2017).....	p.206
Figura 43. Jogadores do Expressão Paulista em treinamento no campo do Mooquem. <i>Acervo da autora</i> (2015).....	p.208
Figura 44. Entrada do campo de esportes da Armada Argentina. <i>Acervo da autora</i> (2015).....	p.208
Figura 45. Jogadores do Expressão Paulista recebem instruções no início do treino. <i>Acervo da autora</i> (2015).....	p.210
Figura 46. Ramon recebendo o prêmio de jogador mais valioso do torneio. <i>SAFAP</i> (2013).....	p.214
Figura 47. Espaço para anotar o esquema tático de cada equipe em cada jogo. <i>Guia FIFPro América</i> (2015).....	p.215
Figura 48. Pai de Ferrugem observa o treinamento. <i>Acervo da autora</i> (2015).....	p.217
Figura 49. Equipe <i>Jugadores Libres</i> durante treinamento. <i>Acervo da autora</i> (2015).....	p.219

Lista de quadros

Quadro 1 – Duração dos campeonatos organizados pela FPF e pela CBF em 2016.....	p.194
Quadro 2 – Duração dos campeonatos organizados pela AFA e pelo Consejo Federal na temporada 2016/2017.....	p.195

Introdução

Em maio de 1993, o Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ encaminhou uma consulta a todos os municípios brasileiros então existentes, indagando sobre a disponibilidade de equipamentos de uso coletivo, inclusive nas sedes distritais. Tal levantamento revelou o ‘campinho’ de futebol como elemento da paisagem mais frequente que a igreja ou qualquer equipamento de uso coletivo. E como o espaço mais importante da vida comunitária, onde se realizam reuniões diversas (incluindo assembleias) e os eventos do calendário festivo, social e até religioso (MASCARENHAS, 2014, p.28).

Viver jogando bola. Este é o sonho de muitos meninos no Brasil. Jogar bola e ter uma vida parecida com a do Pelé, do Zico, do Marcelinho, do Edmundo, do Romário, do Ronaldo, do Ronaldinho, e, para citar o modelo de jogador de sucesso mais recente, uma vida “igual” a do Neymar.

Cada um desses, em sua época, como exemplo do que poderia acontecer de melhor no futebol brasileiro, exemplo a ser seguido, ao menos em termos de eficiência dentro de campo. O sonho de ser jogador muitas vezes vem acompanhado da vontade de ser celebridade, dando o melhor de si em benefício da equipe e tendo a equipe em seu benefício. Talvez na época de Pelé, com um futebol mais voltado para a promoção de um Estado-nação as relações entre jogadores, clubes e Estado, trouxessem indícios de um mercado que se fortalecia entremeado à emergente preocupação em atrair investidores, manter-se lucrativo e criando cada vez mais necessidades específicas para ser jogador e se projetar.

Embora hoje seja Neymar o “novo Pelé” – como de tempos em tempos aparece um novo “menino da Vila” promovido através dessa associação direta – ser Pelé não é o mesmo que ser Neymar que também difere do que foi um Zico ou um Ronaldinho Gaúcho. Estão todos distantes uns dos outros, marcados pelo seu tempo, marcados pelo como o futebol profissional era no seu tempo, atravessados por tecnologias de poder que os tornaram possíveis no futebol profissional de suas épocas.

Mas não é com Pelé que essa história começa. Alguns outros não tão conhecidos já circulavam pelo Brasil e pelo planeta antes dele. Talvez os primeiros “pelés” desse futebol como nos acostumamos a reconhecê-lo tenham sido os donos da bola em um

jogo que não pretendia a profissionalização. Mas, mesmo esses, dividiram espaço com outros pouco conhecidos que sempre estiveram por ali, compondo o jogo.

Aos poucos, “manés” que já jogavam bola em outros lugares, com outras pessoas e de outras maneiras, vindos de lugares sem nome, sem grife, aproximam-se desse futebol praticado pelos donos da bola e dos descendentes de ingleses, estudantes, funcionários de alto escalão de fábricas, gente com *pedigree*.

A contragosto destes últimos, operários e outros “manés” foram compondo aquilo que se transformou na “paixão nacional”. Paixão fomentada, primeiramente, para o deleite de uns e depois para o trabalho de outros. Aos poucos aqueles “manés” se tornavam indispensáveis àquele futebol, instituído pelos “grã-finos” como O Futebol – substantivo masculino não adjetivado¹.

De efeito indesejado do futebol à moda inglesa, alguns “manés” – como o próprio Pelé foi um dia – se tornariam os imprescindíveis *protagonistas*. Outros tantos continuariam coadjuvantes, para não citar aqueles que nunca saíram das “peladas”, dos “babas”, da várzea e das ruas. Para não citar também as mulheres.

Hoje, o menino que joga bola aprende cedo que não é mais o jogo nos campinhos dos bairros – estes cedendo cada vez mais espaços aos edifícios – que vai levá-lo ao Barcelona ou ao Real Madrid. Hoje, o menino não precisa mais do campinho para gostar de futebol. Ele pode aprender o que é futebol no vídeo-game com Messi e Neymar, com Cristiano Ronaldo, mesmo a um oceano e um pouco mais de distância. Esse menino possivelmente nunca viu de perto o Neymar jogando, nem nunca torceu para o Santos – esse menino pode, inclusive, ser torcedor do Barcelona – mas vê seus ídolos na televisão, na internet, nos vídeo-games, quase todos os dias e aprende que ser jogador de futebol é ter aquele “estilo de vida” inscrito nos corpos, vendido por publicitários e assessores de imprensa, que quase assume vida própria até que percebam que a vida transborda àquela cueca da Adidas, às meias da Nike, à chuteira patrocinada. No final das contas, o menino pode descobrir que quer ser jogador de futebol jogando, mas depois aprende que ser jogador de futebol é outra coisa. Aprende que para ser “alguém” na vida é preciso deixar, o mais rápido possível, o campinho do bairro.

Voltando aos exemplos de sucesso, para se jogar futebol profissional hoje não é mais possível ser um Romário, tampouco um Edmundo. E já não existe mais condições para existir um Pelé e um Garrincha ou um Maradona. Os tempos são outros, as

¹ Frente a esse futebol, os outros precisam de complementos para ser lembrados: futebol feminino, futebol de cegos, deficientes paralímpicos, futebol de várzea e outros.

exigências físicas e técnicas são outras, o tempo e os modos de se desenvolvê-las, também. Jogador não pode mais ser analfabeto, embora só deva pensar em jogar bola, ficar rico, tornar-se celebridade.

Também não há espaço para todos serem Messi ou Neymar. Aliás, nesse jogo, Messi e Neymar precisam de outros em meio aos quais se destacam. Precisam dos zagueiros, dos volantes, dos laterais. Todos precisam ser competentes e *profissionais*. Nesse jogo é preciso daqueles que não serão Neymar – ou que desistiram de sê-lo –, embora possam almejar um modelo mais modesto de sucesso.

Conquistar a torcida, conquistar os três pontos, conquistar o campeonato, conquistar a Copa do Mundo. Viver jogando bola e comprar uma casa grande para a família, com piscina, salão de jogos e outras coisas. Jogar na Espanha, na Seleção Brasileira ou na da Argentina. Ter vários carros, várias mulheres, uma esposa e filhos. Ser o melhor jogador da partida, da competição, do ano, do Brasil. Ganhar a Bola de Ouro da FIFA.

Mas, seria apenas isso o jogador? Como se aprende a separar futebol de diversão e a aceitá-lo como um jogo de mercado? Como esse futebol emerge como verdade e se impõe como modelo?

O futebol é um acontecimento social difuso, em que coexistem diversas formas de praticar e torcer. Dentre as diversas faces que pode assumir, o futebol brasileiro masculino profissional é a versão incontestada do esporte contemporâneo que tem como característica principal o seu envolvimento com a atividade econômica.

É a matriz espetacularizada do futebol que compreende a modalidade organizada em nível mundial pela FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*), associação privada que promove os campeonatos, dita as normas de relação entre os clubes e gerencia o mercado de jogadores (DAMO, 2007). A FIFA tem como organização brasileira correspondente a CBF (Confederação Brasileira de Futebol), responsável por organizar a prática profissional desse esporte no Brasil e à qual estão ligadas as federações estaduais. A essa teia de instituições, entrelaçam-se empresas – do ramo esportivo ou não –, que subsidiam clubes, campeonatos e jogadores. Em linhas gerais, é a isso que se costuma chamar de futebol profissional na atualidade.

O espetáculo futebolístico promovido por essas entidades com o auxílio das empresas investidoras e das mídias especializadas, é o principal produto do futebol profissional, que compõe e é composto por uma série de outros elementos. Nessa relação, o jogador de futebol habita diversos territórios existenciais nos quais, para além

de outros papéis, é capital humano, na medida em que é produtor direto do espetáculo futebolístico; peça modelada para funcionar de uma forma específica dentro de campo; e também produto, na medida em que é modulado para ser comercializado entre os clubes.

Esses componentes estão imbricados na formação e produção do atleta nos centros de treinamento de categorias de base, local privilegiado do aprendizado das técnicas, táticas e condutas do jovem futebolista profissional em que o processo de produção desses atletas também produz subjetividades, transformando, gradualmente, o menino jogador em atleta profissional.

A prática do futebol, porém, profissionaliza-se por meio de disputas de poder e tentativas de organização e controle da prática. A modalidade profissional, apesar de não ser a única expressão do futebol, atravessa e governa também as diversas formas de vivenciar o esporte.

O jogador, por sua vez, nem sempre foi profissional, peça e produto. Na história do futebol brasileiro, várias práticas e disputas o instituíram, criando efeitos de poder como o jogador-peça, descrito por Florenzano (2008) como um soldado a serviço da equipe máquina, disciplinado para obedecer e servir; o jogador-produto/mercadoria, compreendido por Damo (2007) como efeito da formação do atleta que, simultaneamente, converte-se na produção de uma mercadoria para o mercado de jogadores; e, nos últimos anos, como jogador-empresa², tese que aborda esta pesquisa. Esse último, o empreendedor de si, é produto e empresário de si mesmo, correspondendo a certo efeito de poder produzido no encontro do futebol com a racionalidade neoliberal.

Dessa maneira, esta pesquisa busca adentrar à realidade do jogador de futebol profissional que não se encontra nas grandes *vitrines* do futebol nacional e internacional como, principalmente, a primeira divisão do Campeonato Brasileiro, a Copa Libertadores da América, as principais ligas do futebol europeu e a Copa do Mundo, às vezes alguns absorvidos por ligas árabes, asiáticas ou do Leste Europeu. São aqueles considerados pelos clubes e empresários como produtos de menor valor no mercado – muitas vezes em situação de desemprego e pobreza –, porém necessários para manter o funcionamento das competições da máquina futebolística que atrai investidores e consumidores-torcedores.

²Cabe ressaltar que tais noções não se excluem no tempo, circulando no universo futebolístico até os dias de hoje.

Na passagem das categorias de base para a categoria profissional, para onde vão aqueles que não abandonam a carreira de jogador, mas permanecem circulando quase anonimamente pelo mercado futebolístico? Quais capturas e potencialidades os mantêm na profissão? Quais as especificidades presentes nessas práticas que as tornam diferentes, ainda que integrantes do futebol entendido como atividade econômica? Sob a denominação de infames, fracassados, anônimos, dentre outras, habita uma gama de possibilidades de ser jogador e de produzir futebol, quase esquecida diante do espetáculo *mainstream*, porém que o compõe, correspondendo à maioria quantitativa dos atletas profissionais. Junto a “Reis”, “Imperadores”, “Sheiks”, “Gladiadores”, e “Ronaldos” que amanhã podem não mais ser famosos, os anônimos estão envolvidos em uma mesma razão de governo que os abarca, independente da posição que ocupam no mercado futebolístico.

A noção de governo, nesse sentido, é compreendida em sintonia com a desenvolvida por Michel Foucault, denominada por ele de *governamentalidade*, e que não se refere somente a:

uma instância suprema de decisões executivas e administrativas em um sistema estatal, mas no sentido largo e antigo de mecanismos e procedimentos destinados a conduzir os homens, a dirigir a conduta dos homens, a conduzir a conduta dos homens (2009, p.20).

A *governamentalidade* diz respeito a uma racionalidade de governo que se exerce através de táticas, cálculos e procedimentos para conduzir a própria conduta e a conduta dos outros. Através da leitura da vida por uma grade de análise econômica, a racionalidade neoliberal produz condutas desejáveis à sua manutenção como verdade.

Nessa racionalidade, o *homo oeconomicus* aparece como vida a ser empreendida e gerida. O trabalhador é “sujeito econômico ativo” (FOUCAULT, 2008, p. 308), portador de um *capital humano* o qual deve ser gerenciado, no sentido da expansão constante de suas *competências* que ampliarão a sua possibilidade de renda.

Para entender a produção de *governamentalidade* no futebol profissional, é preciso estar atento às tecnologias de poder forjadas e utilizadas nesse ambiente, como regras, normas e ações, através das quais a racionalidade neoliberal se exerce, e que situam o futebol como atividade econômica que fazem funcionar relações de poder de cima para baixo e baixo para cima.

A relevância principal da temática encontra-se na possibilidade de fomentar as discussões sobre as produções subjetivas do futebol profissional e dos efeitos disciplinares e de controles regulamentadores de sua prática nos modos de ser jogador e de se praticar futebol no Brasil. As verdades produzidas no encontro do futebol com a racionalidade neoliberal reverberam e, muitas vezes, capturam outros futebolis existentes, fazendo-os funcionar à sua maneira, de modo que não se trata de uma mera representação da sociedade, mas de fluxos que a compõe. Nesse sentido, busca-se uma descontinuidade nos estudos sobre futebol, fugindo dos esquemas representacionais, levando em consideração a produção de verdades e procurando romper com o que insiste em colocar o futebol como encenação antropológica da vida.

A tese foca em um campo de interseção ainda pouco explorado que se situa entre os jogadores que se tornam notórios e aqueles que se profissionalizam e continuam ou são esquecidos sem deixarem totalmente esse circuito do futebol profissional.

No intuito de se investigar um processo em produção, especificamente o processo de produção de subjetividades no futebol profissional contemporâneo, as escolhas metodológicas para a presente pesquisa nortearam-se pela *cartografia* como um modo de operar frente à questão proposta e pela *genealogia*, na perspectiva da análise de um campo de relações de forças que produzem efeitos de poder.

Compondo com os estudos de Michel Foucault sobre o governo dos vivos, junto aos escritos de Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a produção de subjetividades, e também com os estudos acerca do futebol na área das ciências humanas e sociais como os de Arlei Damo, José Paulo Florenzano e Marcelo Proni, busca-se compreender as produções de saber, poder, verdades e governamentalidade no futebol profissional; os efeitos disciplinares e regulamentadores na produção de modos de vida dos jogadores de futebol profissionais anônimos; por onde estes circulam após a saída das categorias de base; as capturas, potencialidades que os mantêm na profissão – bem como possíveis resistências – e os efeitos sociais que são produzidos a partir dessa realidade, como o indicado anteriormente.

Para além de uma metodologia e na recusa deste termo em seu sentido utilitarista³, a cartografia pensada por Deleuze e Guattari (1995) se constitui como um estudo de fluxos onde não se pretende categorizar ou homogeneizar práticas ou formas de ser, e sim atentar para as tensões presentes no campo indicado e sua diversidade que

³ Como fórmula universal de extrair conhecimento a partir de um determinado objeto de estudo.

produzem formas de governar a si e os a outros. Acompanhando, assim, um processo e não representando um objeto. Nesse sentido, o pesquisador não se depara com um objeto sobre o qual coletará os dados, mas com um campo de forças ao qual estará atento.

Cartografar é conduzir-se de maneira rizomática pelos caminhos da pesquisa, não buscando uma linearidade, um início que leva a um fim, “mas sempre um meio pelo qual ele (o rizoma) começa e transborda”, (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.32) em busca das subjetividades em produção e de seus efeitos de poder. Enfatiza-se, como nos alerta Félix Guattari, que a subjetividade não corresponde a uma instância individual existente em cada indivíduo: “a produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção” (GUATTARI; ROLNIK, 2007, p.36).

É por apontar para uma tecnologia de poder que cartografia e genealogia podem estabelecer conexões. Na perspectiva genealógica de Michel Foucault, a busca da origem na concepção cronológica desta, de um passado que precede a um presente e a um futuro de maneira linear, cede lugar à emergência de efeitos de poder, do momento de entrada das forças em cena, propiciando a desnaturalização da história (FOUCAULT, 2012). À medida que nos põe a pensar e a questionar as ordens vigentes, Michel Foucault nos faz inquirir a forma como fazemos pesquisa e como construímos nossos problemas de pesquisa, nossas escolhas durante o caminho que trilhamos. A pesquisa trata de um acontecimento no qual as “meticulosidades” e os “acazos do começo” merecem especial atenção, a fim de se constatar as funções da relação entre linguagem e mundo, que estão por trás de sua aparência de naturalidade (FOUCAULT, 2012). O autor nos diz também da importância em estar atento mais às diferenças que se apresentam em campo do que as regularidades:

O que se deveria mostrar, na verdade, é que o essencial não é a instituição com sua regularidade, com suas regras, mas sim, precisamente, esses desequilíbrios de poder [...]. O importante, portanto, não são as regularidades institucionais, mas muito mais as disposições de poder, as redes, as correntes, as intermediações, os pontos de apoio, as diferenças de potencial que caracterizam uma forma de poder e que, creio, são precisamente constitutivos ao mesmo tempo do indivíduo e da coletividade (FOUCAULT, 2006b, p.20).

Permite observar não somente as instituições em suas formas aparentes, mas também as discontinuidades produzidas nessas relações em que “a cada instante se vai

da rebelião à dominação, da dominação à rebelião” (FOUCAULT, 2006a, 232) produzindo resistências.

Assim, em consonância com a análise genealógica, a cartografia pode tornar-se um percurso interessante, pois ambas enfatizam no acontecimento o jogo de forças envolvido neles, negando um ponto único de origem, a essência naturalizadora das instituições e dos indivíduos a ser desvendada, e uma linearidade nesses eventos, fazendo emergir a diferença na história. É importante ressaltar que o poder para Foucault não se resume ao instituído, não é uma força exercida somente de maneira hierárquica, mas é, principalmente, à sua circulação na qual os efeitos de verdade também são produzidos.

Nessa perspectiva é fundamental não situar os jogadores em questão como vítimas do jogo para além das “quatro linhas”, mas questionar como e até que ponto o jogam ou rompem com ele.

Recusando as origens como lugar da verdade e pensando nas forças em luta que sustentam essas verdades, elaboro hipóteses sem que elas se tornem imposições ao campo empírico para mapear as forças em jogo no futebol profissional, numa tentativa de aproximação de uma *ciência nômade* (DELEUZE; GUATTARI, 1997), atendo-se mais às desterritorializações, embora também seja necessário entender como as coisas se territorializam e se cristalizam.

Além de analisar as modificações ocorridas no futebol brasileiro, desde quando este entrou em sintonia com sua forma inglesa, principalmente em relação às mudanças na organização do espetáculo e nas práticas de comercialização e nos modos de ser jogador, pretende-se com essa cartografia conhecer o cotidiano e as narrativas de jogadores profissionais anônimos atuantes em clubes brasileiros e argentinos, identificando capturas, potencialidades e resistências que mantêm esses atletas em sua profissão e os efeitos sociais que são produzidos a partir dessa realidade, ou seja, como o futebol profissional produz *governamentalidades*.

O campo

A busca por esses jogadores anônimos – em um primeiro momento, sem saber muito bem onde encontrá-los – culminou no encontro com duas formas distintas, porém complementares de se produzir futebol: o Audax Esporte Clube e o Expressão Paulista. O primeiro é um clube-empresa fruto de um projeto social de um grande grupo da

indústria alimentícia. O segundo, é projeto de assistência a jogadores desempregados de um sindicato de jogadores.

Conheci o Audax quando sua equipe sub-20 participava da edição do ano de 2013 da Copa São Paulo de Futebol Júnior – também conhecida como Copinha⁴. Naquele momento, a equipe da categoria profissional do clube preparava-se para participar da Série A2 – a segunda divisão – do Campeonato Paulista em 2013, obtendo, naquele ano, o acesso para a divisão principal da mesma competição.

Acompanhei as fases finais do referido campeonato para conhecer a equipe e encontrar potenciais entrevistados. Estive *in loco* nos jogos das fases finais da competição disputados em casa – no caso, casa de aluguel –, no campo do Nacional Atlético Clube que disputa a Série B, ou quinta divisão, do Campeonato Paulista.

Além de reunir atletas de pouco destaque midiático individual, alguns em início de carreira, outros no seu auge – embora sem fama – e outros ainda se aproximando da aposentadoria, o clube também se destacava por ter sido idealizado pelos empresários Abílio Diniz, então presidente do Grupo Pão de Açúcar (GPA), e Carlos Brunoro, empresário do meio esportivo. O Pão de Açúcar Esporte Clube – o primeiro de seus vários nomes – emerge como projeto social no interior do que o GPA chama de “iniciativas de responsabilidade socioambiental e qualidade de vida” (GRUPO PÃO DE AÇUCAR, 2013). Concomitante à formação/produção de jogadores para o mercado futebolístico, o clube buscava alcançar a elite dos campeonatos da modalidade, ascendendo, em dez anos, da série B à série A1 do Campeonato Paulista. Enquanto iniciativa do GPA, o clube funcionava como um *negócio social*, produzindo jogadores e outros profissionais para o mercado em geral.

Um dos primeiros clubes-empresa a surgir no país, ainda no ano de 2003, quando uma primeira alteração na Lei Pelé⁵ permitiu aos clubes brasileiros se constituírem enquanto sociedade empresarial limitada, assumindo, assim, a característica de entidade com fins lucrativos em suas práticas, o Audax tinha o objetivo de formar craques dentro de campo e talentos para outros mercados. Assim, o diferencial do clube é que, para além de jogadores, formava cidadãos, segundo a

⁴Por ser uma competição para jogadores que estão no final das categorias de base, a Copa São Paulo de Futebol Júnior é a grande *feira* anual de jogadores brasileiros, marcando a passagem de alguns deles para a categoria profissional, de outros para o anonimato e de muitos para fora do circuito competitivo profissional.

⁵ Segundo o parágrafo 9º do artigo 27: “é facultado às entidades desportivas profissionais constituírem-se regularmente em sociedade empresária, segundo um dos tipos regulados nos artigos 1.039 a 1.092 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil” (10.672/2003).

filosofia da própria empresa. No entanto, o clube assume outras características quando, ainda no ano de 2013, foi vendido para Mário Teixeira – empresário do meio futebolístico – deixando de ser um projeto social, mas mantendo algumas práticas extra-treinamento na formação do atleta voltadas para a gestão destes no mercado de jogadores.

O Expressão Paulista conheci por meio de uma reportagem de jornal sobre o campeonato sulamericano de jogadores desempregados e conheci o projeto *in loco* em 2015, após retornar da Argentina, onde realizei doutorado sanduíche entre setembro de 2014 e junho de 2015.

O time de jogadores desempregados mantido pelo Sindicato de Atletas Profissionais do Estado de São Paulo funciona para manter atletas ativos na profissão sem contrato profissional, para que possam responder prontamente a uma possível demanda de trabalho. Embora não seja nem associação e nem empresa – mas um projeto de assistência aos jogadores em um sindicato –, o Expressão se empenha em simular as condições de treinamento, jogo e trabalho de um clube profissional, lidando com uma questão recente no futebol brasileiro: a preocupação com o *descarte* de jogadores. De maneira similar, a equipe *Jugadores Libres*, mantido pelo sindicato de jogadores da Argentina – *Futbolistas Argentinos Agremiados* – realiza o mesmo trabalho em Buenos Aires.

Os jogadores

Findado o Campeonato Paulista de 2013, contatei os jogadores do Audax através de mídias sociais, especificamente do *facebook*, na intenção de deles me aproximar sem a mediação do clube.

Sem obter respostas, recorri ao auxiliar técnico da equipe profissional na época, Bruno Pivetti, com quem realizei a primeira entrevista em 2014. Foi com Bruno que consegui a indicação e os telefones de alguns jogadores.

Durante a pesquisa, além de conversas informais com os envolvidos no clube e projetos pesquisados, realizei seis entrevistas que foram gravadas e transcritas⁶. Embora a maioria deles não tenham se oposto à divulgação de seus nomes, optou-se por

⁶ Somente Juninho não permitiu a gravação da entrevista e divulgação de seu nome, embora tenha se demonstrado solícito em esclarecer eventuais dúvidas posteriores.

substituir por nomes fictícios inspirados em nomes ou apelidos recorrentes no futebol: Souza, Paulista e Juninho, no caso brasileiro, Martín e Sebastián⁷.

Além dos jogadores, uma entrevista foi realizada com o auxiliar técnico do Audax e outras quatro entrevistas com ex-jogadores – estes aparecem nesta versão da tese com seus nomes reais. Além dessas, outras conversas informais com integrantes da comissão técnica ocorreram durante os treinos acompanhados. No caso do Audax, também houve acompanhamento de partidas em campeonatos.

Um breve perfil dos participantes da pesquisa:

Juninho

Aos 22 anos, o atleta treinava em 2015 com a equipe de jogadores sem contrato do Sindicato de Atletas Profissionais de São Paulo – o Expressão Paulista. Passou por todas as categorias de base do Pão de Açúcar Esporte Clube, onde atuava na posição de volante. Saiu do clube para cursar Educação Física.

Paulista

Também era atleta do Expressão Paulista em 2015, zagueiro de 27 anos. Passou pela base do Nacional (SP) e do Atlético Mineiro, mas a maior parte de sua carreira ocorreu em clubes-empresas, na várzea ou em times de empresários. Trabalha como atendente de telemarketing.

Souza

Volante de 32 anos. Jogou nas categorias de base do Palmeiras e, profissionalmente, no Palmeiras e no Atlético Mineiro. Depois passou por clubes do interior de São Paulo como Marília, Bragantino e Noroeste até chegar ao Audax, onde trabalha desde 2012.

Bruno Pivetti

⁷ Os jogadores famosos na Argentina são mais reconhecidos por seus sobrenomes: Carlos Tevéz, Diego Millito, Juan Sebastián Verón, Sebastián Domínguez, Leonardo Pisculichi, Martín Palermo, Martín Demichelis e outros. No Brasil, muitos jogadores famosos são conhecidos pela composição do nome com o sobrenome ou apelido ou ainda pelo nome acrescido de um apelido que indica o adjetivo gentílico do estado onde o jogador nasceu: Ronaldinho Gaúcho, Juninho Pernambucano, Fred, Gabriel Jesus, Thiago Silva.

Foi Auxiliar técnico da equipe profissional do PAEC/Audax/GO Audax entre 2011 e 2015. No PAEC Bruno atuou como fisiologista, preparador físico e auxiliar técnico das categorias de base de entre 2007 e 2011.

Martín

Atacante de 30 anos que treina junto aos *Jugadores Libres* da *Fundación El Futbolista*. Jogou em vários clubes do interior da Argentina: Claypole, Argentino de Quilmes, Yupanque, Desportivo Armenia (clubes da Primera C e D, quarta e quinta divisão argentinas). Depois foi para o Uruguai, jogou em vários clubes, dentre eles o Montevideo Wanderers e Plaza Colonia, da primeira divisão. Trabalha também como garçon.

Sebastián

Atacante de 31 anos. Jogou no Desportivo Armenia, Yupanque e Platense. Jogou quatro anos e meio na Itália em divisões secundárias e um ano na primeira divisão em Malta. Trabalha como representante de uma marca de roupas.

Com base nos objetivos descritos e no mapeamento de campo, a estrutura da tese se configura como descrita a seguir.

No primeiro capítulo, intitulado “Famosos e anônimos e as tensões entre amadorismos e profissionalismos no futebol brasileiro”, expõem-se análises das modificações ocorridas no futebol brasileiro e nos modos de ser jogador desde a institucionalização do futebol “à moda inglesa”, passando pelas tensões entre amadorismos e profissionalismos, até o auge do investimento no atleta como peça da equipe-máquina.

Nesse sentido, alguns momentos nessa história fornecem pistas sobre essa construção e também sobre a comercialização de jogadores, atravessados por dois eixos-chave que são os deslocamentos das noções de *amadorismo* e *profissionalismo*. A utilização desses dois termos agrupa um conjunto de práticas específicas conforme a época, de forma que falar em jogador amador e jogador profissional no início, no meio ou ao final do século XX, não corresponde a um mesmo conjunto de práticas e tecnologias de poder e, portanto, a um mesmo modo de subjetivação. Atenta-se para as relações entre clubes, jogadores e Estado.

No primeiro momento do primeiro capítulo, expõe-se um modelo de jogo que se convencionou chamar de *Football Association* que se delineia como detentora do saber sobre futebol, na Inglaterra, e reconhecida como o futebol oficial, prática do tempo livre em escolas, clubes e também nas fábricas.

Em um segundo momento, aguçando a curiosidade de estudantes e professores de outras partes do mundo que circulavam pela Europa e estabelecendo relações com a pedagogia como prática disciplinar manter o corpo são e a mente sã, um futebol novidade no Brasil do final do século XIX.

Ainda como prática amadora, o esporte chegava e se espalhava pelo Brasil de diversas formas, por marinheiros que se divertiam nas praias, por estudantes e padres professores que traziam consigo as bolas e regras a moda inglesa, despertando curiosidade e sendo apropriado por vários olhares, em vários pontos do país, mas que se destacavam nas escolas e clubes, ganhando espaços nos jornais através da divulgação das partidas como acontecimentos sociais.

Apesar de não ser prática exclusiva de uma elite de estudantes, é organizado por esses em ligas e campeonatos locais e regionais principalmente. Os jogadores da época eram, antes de tudo, *sportsmen* – homens que praticavam não somente o futebol, mas outros esportes que também eram sinônimo distinção social e promoviam a prática esportiva como um cuidado do corpo, como estratégia pedagógica do controle sobre o corpo.

Em um terceiro momento, operários que organizavam seus times e partidas nas fábricas aonde trabalhavam começam a inscrever os seus times em campeonatos e desafiam os estudantes nas ligas. O futebol nas fábricas era interessante não somente para manter a força e o condicionamento físico do trabalhador, mas também para ocupar o tempo livre e desmobilizar resistências numa época na qual os movimentos operários se intensificavam em meio ao operariado militante. Outra questão importante é a função propagandística que os times das indústrias e do comércio exerciam. Um deslocamento fundamental entre o jogar pelo jogo e jogar para vencer proporciona a inclusão de jogadores nas equipes através de sua eficiência em campo, criando diferenças entre esses jogadores para além do “berço”. O jogador eficiente passa a ser cobiçado, recebendo pequenos regalos para jogar para esse ou aquele clube, fazendo emergir um mercado de jogadores.

Em um quarto momento, as tensões entre aqueles que queriam manter o futebol como uma prática amadora e os que queriam a sua profissionalização. Com o esporte já

profissional em países europeus, sendo amplamente utilizado no fortalecimento dos regimes fascistas e nazistas, alguns brasileiros bons de bola encontram oportunidades para viver disso principalmente na Itália e na Espanha. No Brasil, o futebol que se assume profissional, remunerando seus jogadores, financiado não somente pela indústria, comércio e, em alguns casos, pelo Jogo do Bicho, mas também pelo Estado, na perspectiva de consolidar a imagem de um Estado nacional centralizado e forte que precisava de indivíduos úteis e dóceis para ser construído.

Em um quinto momento, discorre-se sobre a expansão dos negócios FIFA, a estruturação das confederações continentais da modalidade que passam a funcionar como correspondentes desta e também da conformação de um mercado internacional de atletas. Tal expansão ocorre entre os anos 1940 e 1950, resultando na proliferação de campeonatos pelo mundo.

No Brasil, naquele mesmo período, os jogadores começam a ser situados como oficialmente profissionais, num esporte preocupado em manter por perto o crescente público de torcedores, uma vez que a bilheteria era a grande fonte financiadora do espetáculo. Naquela época, embora os jogadores brasileiros circulassem por clubes da América do Sul e da Europa, muitos deles foram considerados indivíduos de “origem duvidosa” e de conduta desinteressante para o mercado internacional. Começa-se a investir no treinamento do atleta que ainda não possuía formação específica.

Esse investimento nos corpos atletas culmina no que será tratado no sexto momento do primeiro capítulo. A rotina de treinamentos modificava cada vez mais no sentido de se transformar os jogadores em soldados, tanto para os embates dentro de campo, quanto na formação e propagação de um Brasil próspero. Assim, tornava-se necessário não somente tratar as moléstias dos “vira-latas”, mas adaptá-los para um jogo mais funcional. Naquele momento, a ideia de uma formação específica para a profissão começa a ser pensada como forma de aprimorar e especializar o funcionamento do atleta como peça de uma equipe-máquina (FLORENZANO, 1998).

Com a ditadura civil-militar, a potencialidade propagandística do futebol, bastante explorada desde a Era Vargas, passa a funcionar como suporte daquele regime, continuando o esporte a ser utilizado na promoção do Estado-nação e também na manutenção de uma rede de colaboradores do regime. É o momento que surgem as primeiras regulamentações específicas sobre o esporte, desvinculadas da educação.

O segundo capítulo é “Futebol e racionalidade neoliberal: da liberdade para empreender-se ao jogador-empresa”. Foca especificamente as principais modificações

no esporte que explicitam a racionalidade neoliberal operando na produção do futebol profissional – suas condições de emergência e características – bem como os investimentos em capital humano que possibilitam a subjetivação jogador-empresa que, ainda que não prescindam do jogador-peça e necessitem do jogador-produto, aparece como efeito do futebol neoliberal. Parte-se da eleição de João Havelange para presidente da FIFA e de outros acontecimentos que aproximam o futebol da lógica empresarial. Com o fim da ditadura e dos grandes subsídios governamentais, os clubes tentam exercer um protagonismo na organização dos campeonatos com o Clube dos Treze. Os jogadores esboçam alguma autonomia no enfrentamento aos clubes em relação à Lei do Passe e que depois se tornam casos jurídicos de exemplos para o mercado de jogadores no Brasil e em países Europeus (Afonsinho, no Brasil, nos anos 1970 e Bosman, na Bélgica, nos anos 1990). Emergem em meio a essa realidade, algumas equipes formadas por jogadores desempregados.

No terceiro capítulo, “A produção de responsabilidade social no futebol profissional” a questão do jogador anônimo é apresentada através do estudo do Pão de Açúcar Esporte Clube e suas várias versões. Situados na cidade de São Paulo, o clube que nasce em 2003 de um projeto social do Grupo Pão de Açúcar, emergindo como efeito do futebol neoliberal.

Percorrendo alguns momentos do clube foi possível levantar pistas sobre como de projeto social o clube gradualmente se institui como exemplo de formação de atletas no “padrão” jogador-empresa e de gestão sustentável no futebol profissional. O Audax se apresenta como alternativa de sucesso – sustentável – ao dispendioso futebol profissional de associação.

O quarto capítulo explora o viés do descarte no futebol profissional. Nesse sentido, serão apresentadas duas equipes que trabalham com jogadores desempregados. A primeira equipe é o Expressão Paulista, mantida pelo Sindicato de Atletas Profissionais do Estado de São Paulo (SAPESP); A segunda é a equipe de *Jogadores Libres*, mantida em Buenos Aires pelo sindicato de jogadores argentinos – *Futbolistas Argentinos Agremiados (FAA)*. Os projetos funcionam como emuladores de clubes, na perspectiva de simular o ambiente mais próximo possível de um clube profissional, mantendo os atletas sem contrato em atividade enquanto esses não se recolocam no mercado. O capítulo também aborda as relações nas peneiras de jogadores, as oportunidades, as relações entre o jogador-empresa, família, empresários e resiliência

no futebol, ser e não ser jogador e o trabalho em outras atividades, o jogar e o torcer para os jogadores e a transição para a aposentadoria.

CAPÍTULO 1 – Famosos, anônimos e as tensões entre amadorismos e profissionalismos no futebol brasileiro

*Jesus queira me livrar de esporte ou de terno
Não deixa eu ir pra o inferno assistir um jogo lá*

[...]

*O futebol no inferno está grande a confusão
Vai ver a melhor de três pra ver quem é campeão*

O time do Satanás ou quadro de Lampião

Deus me livre de eu ir lá

[...]

A torcida do inferno diz que o jogo está perdido

Porque Lúcifer não joga devido tá contundido

E o supervisor concriis anda muito aborrecido

Deus me livre de eu ir lá

O jogo era quarta-feira, porém Lampião não quis

Além disso, ele só faz o que lhe vem o nariz

E por isso o pau cantou na escolha do juiz

Deus me livre de eu ir lá

[...]

A CPI do inferno quis suspender o torneio

Porém a rádio profunda opinou para sorteio

Já dizem que na lotérica vai dar coluna do meio

Deus me livre de eu ir lá

[...]

O goleiro do inferno se chama Dr. Buçú

O beque-central Peitica o volante Papangu

Pra ser o quarto-zagueiro estão procurando tu

[...]

No time do Satanás só joga quem tiver marra

Quando vão bater o pênalti o goleiro sai da barra

Ele mesmo chuta a bola corre e ainda agarra

Deus me livre de eu ir lá

[...]

Querem adiar o jogo para o dia do juízo

Porque quando chover muito a renda dá prejuízo

Pensa ate em transferir o jogo pro paraíso

(Futebol no inferno, Cajú e Castanha)

No futebol profissional de hoje, não há como esquecer as diversas práticas, simultâneas ou não, de chutar objetos mais ou menos esféricos, com ou sem finalidade alguma em qualquer tempo ou ocasião, que já aconteciam antes do reconhecimento da “paternidade” inglesa da modalidade esportiva.

A construção do futebol como esporte relaciona-se com formas mais ou menos universais que circulam pelo planeta no final do século XIX, momento no qual as regras do jogo deixam de ser combinadas em cada partida entre os times e passam a organizar a existência de muitos times e clubes que as reconhecem.

Para problematizar os jogadores anônimos de hoje se faz necessário buscar nesse passado aqueles mecanismos de construção do futebol profissional que continuam presentes ou que indicam algo sobre a forma pelas quais relações e tecnologias de poder se confrontam e criam efeitos de verdade, dentre eles, o próprio futebol profissional e os modos de ser jogador na atualidade.

Dessa maneira, embora não havendo como abrir mão das histórias já contadas, tendo como marco as grandes vitórias ou grandes derrotas – que, muitas vezes, acabam por servir de referencial para modos de operar frente à realidade –, as discontinuidades, os acidentes, o imponderável e o imprevisível são elementos importantes ao se constatar o grande número dos que não estão nas “vitrines” de sucesso de suas carreiras.

Assim, este capítulo tem como referência duas questões: primeiro, a de que jogadores *anônimos* e *famosos* não são antagonistas e tampouco são noções independentes uma da outra, ou seja, suas existências estão intimamente ligadas. Em segundo lugar, de que futebol *profissional* e futebol *amador* se transformam mutuamente, pois, além de marcarem uma diferenciação entre seus jogadores e na organização do esporte, também se diferenciam “em si”, na medida em que, são efeitos das forças em luta em determinado local e tempo.

Nesse sentido, este capítulo abrange certas transformações no futebol, compreendendo a concepção desse esporte e de seus praticantes através das modificações das noções de *amadorismo* e *profissionalismo* como efeito da prática do futebol no Brasil do século XX. Embora utilizados algumas vezes de maneira atemporal, esses termos correspondem a práticas diferentes que se modificam através do tempo, tanto em relação à organização do futebol quanto em relação aos indivíduos jogadores. Entre essas noções de amadorismo e profissionalismo, situam-se anônimos e famosos, nas tecnologias de poder que operam no futebol profissional.

1.1 A *Football Association*: *soccers* e *ruggers* e os primeiros passos do futebol

Segundo Agostino (2002), no início do século XIX a invenção do *football* era apresentada pelos ingleses com a mesma grandiosidade que orgulhavam da obra *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin.

No contexto iluminista, no qual o homem era convocado a operar em si mesmo e nos outros uma modificação no uso da razão, mantendo certa relação com a obediência, a educação física nas escolas inglesas promoviam a busca do corpo disciplinado e são, funcionando também como laboratórios do que costumou-se chamar de esportes modernos.

Contudo, antes do esporte ser incorporado como instrumento pedagógico nas escolas, nem sempre encontrava admiradores por onde passava. Agostino (2002), Alvito (2014) e Mascarenhas (2014) sinalizam que não eram todos que gostavam daquele futebol.

Na Alemanha dos anos de 1870, governada pelo chanceler do *II Reich*, Otto Von Bismarck, o futebol também não era bem-vindo. Bismarck, era militar, foi formador e chefe do exército alemão, e era avesso ao liberalismo inglês. Como unificador do Estado-nação alemão – e, portanto, incentivador do nacionalismo, da cultura e da “raça” específica que o conformaria –, havia nele o temor que o futebol pudesse levar à degeneração, visto algumas vezes, como “doença dos ingleses”, “coisa de macacos desengonçados e desnutridos” (AGOSTINO, 2002, p.29). É possível que a estética do

jogo da época, pouco ordenada dentro de campo, colaborasse para o estranhamento desse e de outros mantenedores da ordem.

O futebol, como um jogo sem regras, ainda na Inglaterra do século XVIII, era criticado por muitos:

Mesmo no seio da classe trabalhadora havia aqueles que consideravam que o jogo era algo promovido pela elite local como um tipo de paternalismo que encorajava os trabalhadores a se comportar de modo pouco respeitável. Sindicalistas de Derby [...] afirmaram que o jogo local era “uma imprudência bárbara e uma suprema estupidez”. A parcela mais bem remunerada da classe trabalhadora, sobretudo, começou a se dedicar a outros lazeres, como a leitura, a dança, os passeios nos parques e a jardinagem. Isso mostra que estava havendo uma mudança na sociedade, no sentido de uma “pacificação dos costumes”, embora as diferenças de comportamento e de valores entre as classes ainda fossem muito significativas (ALVITO, 2014, p.27).

A pacificação do esporte possibilitaria a transformação do futebol em uma estratégia pedagógica poderosa, ocupando e regando o tempo livre dos estudantes e trabalhadores ao passo que exercitava seus corpos para torna-los úteis e dóceis.

Quando o futebol nos moldes ingleses começa a ser praticado no Brasil, no final do século XIX, na Inglaterra a sua prática já estava difundida em vários locais e em diferentes grupos. Estava presente como matéria pedagógica nas escolas, como prática livre nas ruas e como ocupação do tempo livre nas fábricas, seja por industriais ou operários. Clubes voltados para a prática específica do *football* já existiam, e cada um com suas próprias regras. Várias eram estas regras utilizadas para se jogar e quando clubes diferentes se enfrentavam havia uma combinação prévia, nos momentos antes das partidas, sobre como seria o jogo. “Muitas vezes jogavam o primeiro tempo com a regra de Rugby e o segundo com a regra de Cambridge, mais próxima do nosso futebol”. (ALVITO, 2014, p.30). As regras de Rugby propiciavam mais momentos de contato com a bola utilizando as mãos, enquanto as de Cambridge restringia o uso das mãos e de pontapés nas canelas dos adversários.



Figura 1. Pintura de um jogo de *football* anterior à criação *Football Association* (1997) Segundo Agostino (2002), Toledo (2002), Alvito (2014) e Mascarenhas (2014) em 1863, doze⁸ clubes promoveram um encontro na *Freemasons' Tavern*, em Londres, para estabelecer regras comuns para o jogo. Foi nesse encontro que se formou a *Football Association*. Numa reformulação das regras utilizadas na Universidade de Cambridge, a associação instituiu treze regras para o jogo:

1- A extensão do campo deve ser de, no máximo, 200 jardas [182,88 metros], a largura máxima é de 100 jardas [91,44 metros], e o comprimento e a largura devem ser marcados com bandeiras; a meta será definida por dois postes verticais separados por 8 jardas [7,31 metros] de distância, sem qualquer fita ou barras entre eles⁹.

2 - Um sorteio deve ser realizado para definir os gols [definir qual time ocupará cada lado do campo], e o jogo deve ser iniciado por um pontapé no centro do campo por parte do lado que perder o sorteio para a escolha dos gols; o outro lado não pode se aproximar a menos de 10 jardas [9,14 metros] da bola até o pontapé inicial.

3 - Depois que um gol é marcado, o lado perdedor terá o direito ao pontapé inicial, e os dois lados devem trocar de gols [o lado do campo] após cada gol conquistado.

4 - É considerado gol quando a bola passa entre os postes do gol ou sobre o espaço entre os postes (em qualquer altura), não sendo arremessada, batida [com as mãos] ou carregada.

⁸ Os clubes fundadores da *FA*: Sheffield Football Club, Barnes Rugby Football Club, Blackheath Football Club, Blackheath Proprietary School, Charterhouse School, Civil Service Football Club, Crusaders Football Club, Crystal Palace, Forest of Leytonstone, Kensington Proprietary Grammar School, NN Club, Perceval House, Surbiton Football Club.

⁹ As dimensões oficiais do campo atualmente são menores: 68 metros de largura e 105 de comprimento. A distância entre as traves do gol é de 7,32 metros. E outras medidas foram acrescentadas: altura do gol (2,44 metros), grande área, pequena área, arcos do escanteio, círculo central (raio de 9,15 metros), mencionando somente as padronizações relacionadas ao campo de jogo (FIFA, 2011).

5 - Quando a bola estiver em *touch*, o primeiro jogador que a tocar deve jogá-la a partir do ponto em que ela é deixada no solo na direção perpendicular à linha de fronteira [linha lateral], e a bola não estará em jogo até tocar o chão novamente¹⁰.

6 - Quando um jogador chutar a bola, qualquer outro do mesmo time que estiver mais próximo à linha do gol adversário estará fora de jogo e não pode tocar a bola, nem impedir de qualquer forma que outro jogador o faça até que ele esteja em jogo; mas nenhum jogador está fora de jogo quando a bola é chutada de trás da linha do gol¹¹.

7 - No caso de a bola ir para trás da linha do gol, se um jogador no lado a que pertence o gol tiver tocado a bola primeiro, um dos jogadores do seu lado terá direito a um chute livre da linha de meta, no ponto oposto ao local onde a bola deve foi tocada. Se um jogador do lado oposto tocar primeiro a bola, um de seu lado terá direito a um chute livre para o gol de um ponto a 15 jardas [13,71 metros] de fora da linha do gol, no lugar oposto onde a bola foi tocada, ficando o lado oposto em pé na sua linha de gol antes do chute adversário.

8 - Se um jogador faz um *fair catch* [segura a bola chutada pelo time adversário], ele terá direito a um chute livre, desde que ele reclame a jogada fazendo uma marca com o seu calcanhar; e, com a finalidade de obter o chute livre, ele pode andar para trás quanto lhe agradar, e nenhum jogador do lado oposto deve avançar além de sua marca, até que ele chute a bola.

9 - Nenhum jogador poderá correr segurando a bola.

10 - Nem *tripping*¹² nem *hacking*¹³ serão permitidos, e nenhum jogador deve usar as mãos para segurar ou empurrar o adversário.

11 - Um jogador não deve ser autorizado a jogar a bola ou passá-la para outro com as mãos.

12 - Nenhum jogador será autorizado a pegar a bola no chão com as mãos sob qualquer pretexto enquanto a bola estiver em jogo.

13 - A nenhum jogador será permitido o uso de pregos salientes, chapas de ferro, ou guta percha nas solas ou saltos de suas botas. (FOOTBALL ASSOCIATION, 2006, pp.33-59, traduzido pela autora).

¹⁰ Regra que atualmente se aproxima mais do Rugby, na qual a bola só pode ser passada com as mãos para outro jogador para a lateral ou para trás. No *Touch Rugby*, uma modalidade não oficial do esporte, a bola é colocada no chão quando um jogador do time adversário toca o jogador que a carrega.

¹¹ Primeira formulação do impedimento.

¹² Usar a perna para fazer o oponente tropeçar.

¹³ Nome dado à tática de interromper a posse de bola do oponente chutando-lhe a canela.

Entretanto, dentre os próprios associados da *FA*, alguns demoraram a aceitar o conjunto de regras estabelecido como universal. Principalmente as regras que impediam o uso das mãos na bola e a tocar o adversário para interromper as jogadas desagradaram a alguns jogadores de clubes da cidade de Rugby. Em 1871, esses clubes se dissociaram da *FA* e criaram a *Rugby Football Union*. A partir de então, *Association* e *Rugby* seguiram caminhos diferentes¹⁴.

Livrando-se das disputas internas mais acirradas pelo domínio das regras, o futebol da *FA* se difundiu pela Europa e por outros continentes servindo de base para as regras do futebol profissional.

Ainda no século XIX outras regras seriam acordadas: as traves passaram a ter uma altura delimitada, marcada por uma fita que, posteriormente, seria substituída pelo travessão; sem os *ruggers*, os passes para a frente foram permitidos desde que três adversários estivessem entre o receptor e o gol; as bolas não poderiam mais ser pegadas com as mãos no ar até o surgimento da figura do goleiro; o tiro de meta apareceria para resolver a disputa pela bola que saía de campo; um tempo depois, surgiria o escanteio e o goleiro, que passaria a ser o único jogador a colocar a mão na bola durante a partida, restrito à sua própria área; a troca do lado do campo, que acontecia a cada gol marcado, passaria a ocorrer apenas após o intervalo e o tempo de jogo fixado em 90 minutos (STEIN, 2013).

As regras se especificavam conforme as situações nos jogos suscitavam discussões. As faltas, controladas anteriormente pelos capitães das equipes, passam a ser marcadas pelos árbitros. Função essa que começa a ser desempenhada da tribuna e depois adentra ao campo, sendo um para cada equipe (AGOSTINO, 2002). Todas essas mudanças ocorreram antes de 1885, ano em que o futebol tornou-se profissão na Inglaterra.

À medida em que as situações não previstas nas regras aconteciam, na década de 1890, outras modificações ocorreram: redes nos gols, pênaltis e acréscimos; um árbitro a mais em campo, sendo agora um para os dois times e passando os outros dois a atuar como auxiliares; a bola que saía pelas laterais passa a ser do oponente do time que a tocou por último e não mais de quem a alcançasse primeiro (STEIN, 2013).

¹⁴ A palavra *soccer*, tal como o esporte é denominado comumente nos Estados Unidos e no Canadá, é uma gíria inglesa daquela época. Enquanto nas escolas e universidades, as pessoas que jogavam seguindo as regras de *Rugby* ficaram conhecidas como os “*ruggers*”, o pessoal que adotou as regras da *Association* ficou conhecido como os “*soccers*”, no que se acredita ser a abreviação da palavra *association* (RODRIGUES, 2012).

No início dos anos 1900, mais especificações: criaram-se as áreas dentro do campo, áreas que, posteriormente, limitariam as ações dos goleiros com as mãos; estes passam a vestir uniformes que os diferenciam da equipe; o impedimento passa a valer apenas no campo adversário; a lei da vantagem aparece para substituir algumas faltas (STEIN, 2013).

Àquela altura, o futebol da *Association* já havia conquistado a Europa e a América do Sul. Depois dos anos 1920, quando se permitiu o gol de escanteio e também se diminui a quantidade mínima de jogadores que caracterizam o impedimento de três para dois jogadores entre o receptor da bola e o gol, poucas foram as mudanças.

Foram com estas regras que o futebol de referência inglesa chegou ao Brasil. A princípio, principalmente as regras do século XIX se transmitiram oralmente ou através de manuais que descreviam os termos utilizados no jogo e ensinava a executá-los. As demais regras seriam incorporadas na medida em que a FIFA, criada em 1904, passava a aglutinar federações pelo “mundo”.

1.2 *Capitains*, estudantes, padres, marinheiros e infames: primeiros momentos do *Association* no Brasil

O liberalismo [...] como a nova arte de governar formada no século XVIII, implica em seu cerne uma relação de produção/destruição com a liberdade [...]. É necessário, de um lado, produzir a liberdade, mas esse gesto mesmo implica que, de outro lado, se estabeleçam limitações, controles, coerções, obrigações apoiadas em ameaças, etc. (FOUCAULT, 2008, p.87).

No final do século XVIII e início do XIX, o futebol à moda inglesa percorreu o planeta como diversão, experimentação, prática do tempo livre, articulador de resistências, mas, também, como organização do tempo livre do estudante, preparação do corpo para o trabalho e contentor de revoltas.

Como efeito dessa arte de governo citada por Foucault (2008), nessa relação entre produzir liberdades e controles:

O imperialismo inglês evidentemente exportava não apenas uma longa série de produtos industriais e de serviços, mas também fenômenos sociais e culturais que os acompanhavam, mesmo sem premeditação, e

cuja origem inglesa por si só atraía, conferindo-lhes ares de modernidade. Dentre eles, o futebol (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.40).

Relacionado à vinda das indústrias e dos ingleses para o Brasil, o futebol se desenvolve com maior rapidez nas cidades onde elas se estabeleciam, isto é, nas capitais dos estados do país. Assim, nesse primeiro momento da apropriação do futebol como uma tecnologia de poder disciplinar, o esporte mantinha relação com o capital, porém, não havia ainda sido transformado em trabalho e produto – não havia remuneração para jogadores e nem se cobrava para assistir às partidas.

Segundo Mascarenhas (2014), não há como precisar a introdução do futebol por uma única fonte ou via nem no Brasil, muito menos na América Latina.

O futebol penetra no território nacional quase simultaneamente por vários pontos desconectados entre si (mas conectados com o exterior), como incursões independentes no movimento conjunto da difusão (MASCARENHAS, 2014, p.145).

Dessa maneira, ao mesmo tempo em que estudantes retornavam do exterior propagando a prática do futebol moderno e criando seus clubes, marinheiros jogavam o esporte nas praias e padres ensinavam a prática nas escolas.

No caso específico brasileiro, por mais que Charles Miller tenha sido o mais famoso dos precursores da prática do futebol inglês no país, é impossível atribuir a ele a responsabilidade por ter trazido o referido esporte para o Brasil. Outros como Oscar Cox (Rio de Janeiro), Victor Serpa (Belo Horizonte), Guilherme de Aquino Fonseca (Recife), José Ferreira Filho (Salvador)¹⁵ também voltaram para as suas cidades após uma temporada de estudos no exterior trazendo consigo conhecimentos sobre este esporte, além de manuais e equipamentos caros e difíceis de se encontrar na época.

Tal fama advinha do interesse dos jornais em noticiar as atividades de lazer dos filhos das elites locais. Esses jogadores famosos da época eram, geralmente, os donos da bola e os *captains* dos times, e recebiam menções de destaque nas notas de jornais que anunciavam ou comentavam as partidas.

¹⁵ São considerados os fundadores do futebol nessas capitais.



Figura 2. Victor Serpa, com a bola, em meio a um dos primeiros *teams* do *Sport-Club Mineiro*, de *Bello Horizonte* (1904).

A figura do *captain* existe desde a chegada do futebol no Brasil, e costumava ser o indivíduo que melhor dominava as regras do *association* e notadamente alguém que também conhecia as técnicas do jogo e/ou possuía os materiais necessários à partida. Por essas propriedades, possivelmente, eram as pessoas que mais poder exerciam nos clubes, sempre desempenhando algum cargo administrativo, na época, distribuído entre os jogadores. Rocha (2013) encontrou fontes nas quais se mencionam que, antes mesmo de serem jogadores, os *captains* eram também “cartolas”, embora este termo só tenha sido utilizado como sinônimo de dirigentes posteriormente.

O trecho da notícia abaixo informa sobre a cerimônia de premiação de uma corrida de ciclismo, na qual Armando Prado, um desses *captains* que também era dirigente, participou.

O dr. Armando Prado, presidente da Liga Paulista do Football e capitain do Sport-Club Internacional, ofereceu, ao terminar o pareo, uma medalha de prata ao vencedor, em nome do Sport Club Internacional.

Figura 3. Notícia sobre corrida de ciclismo no Veloclube do Rio de Janeiro (1904).

Os primeiros clubes notórios surgem como associação de estudantes. O futebol que aparecia nos jornais, em grande parte, era diversão de estudantes. Nem todos tão famosos como os *capitains*, os donos da bola. Porém, representantes de uma elite econômica e intelectual que compunham o jogo na exaltação dos corpos atléticos, da atitude moderna. Eram, sobretudo, necessários ao funcionamento do jogo e do clube.

Artur era um desses meninos estudantes, filho do então futuro presidente de Minas Gerais e, posteriormente, do Brasil, Artur Bernardes.



Figura 4. Da esquerda para a direita, Artur Bernardes Filho é o terceiro em primeiro plano (2016).

O filho do representante da oligarquia mineira, estudou na Faculdade de Direito de Minas Gerais, como o pai, e foi agricultor, banqueiro e empresário, ocupando posteriormente cargos políticos.

Captains ou não, os jogadores eram *sportsmen*. Homens do esporte da filosofia da mente são para o corpo são, o culto ao corpo, expressão da atitude moderna ou, simplesmente, “o jogador de bigode”, como denominava Rodrigues Filho (2003) os esportistas da turma do Fluminense.

O esporte era prática amadora para todos, embora nem sempre fosse desejável que todos amassem o futebol, pois

o uniforme, o equipamento e o vocabulário específicos do jogo, todos importados da Inglaterra, das chuteiras ao grito de *goal*, eram, antes de tudo, marca de distinção social, expressão do elitismo de seus cavalheirescos praticantes. Pouco importava que em sua própria pátria o *association* não mais tivesse, já havia muito tempo, tais traços aristocráticos: aqui, os *matches*, como se dizia até então, assumiam cada vez mais a forma de uma celebração da sociedade (FRANZINI, 2009, p.118).

O primeiro Campeonato Paulista foi também a primeira competição oficial no Brasil¹⁶. Como de costume, os primeiros campeonatos dessa modalidade eram citadinos e contavam com poucos times. Esse campeonato, por exemplo, foi organizado pelos clubes participantes que também foram os clubes fundadores da Liga Paulista de Futebol¹⁷.

Quanto à organização dos clubes, até mesmo nos mais estruturados é possível notar não haver uma especialização das funções, dentro e fora de campo. O diretor, o tesoureiro, todos eram jogadores e, em outros momentos, tornavam-se espectadores do jogo. Assim como as partidas aconteciam mais pelo interesse em jogar do que por demandas externas aos interesses dos jogadores.

Dentro do espírito amadorista (o chamado *fair play*), [...] a competição era desprezada em favor da prática pacífica e saudável do exercício físico (um fim em si mesmo), e um verdadeiro *sportsman* deveria se dedicar a vários esportes, sem especialização e, logo, sem aprimoramento (MASCARENHAS, 2014, p.122).

¹⁶ Campeonato disputado em fase única entre maio e outubro de 1902. O clube vencedor da competição foi o São Paulo Athletic Club, do *captain* Charles Miller (FUTPEDIA, 2014).

¹⁷ Aos anteriormente citados somam-se: Sport Club Internacional, Sport Club Germânia e Associação Atlética Mackenzie College. Todos *clubes de notas de jornais*.

Embora pudessem se envolver com alguma causa beneficente já nos anos 1900 a entrada de espectadores em algumas dessas “festas”, como eram chamadas algumas vezes as partidas nos jornais, não tinham a importância econômica que os torcedores de hoje tem para os clubes. Na nota de jornal abaixo é possível notar o público esperado para os *matches*.



Figura 5. Nota de jornal anunciando um *match* entre os clubes São Paulo Athletic e Sport Club Internacional (1902).

Desde o início dos anos 1900 era comum pequenas notas nos jornais anunciando *matches* que aconteceriam nos próximos dias, bem como os clubes que se enfrentariam e, muitas vezes, os componentes de cada time. Era também recorrente um pequeno relato posterior sobre os jogos ocorridos, anúncios de eleições de diretorias e de criação de novos clubes. Alguns clubes eram compostos por mais de um *team*, geralmente formado por rapazes mais jovens que se apresentavam antes do *match* principal. Algumas vezes a entrada para as partidas era cobrada, e a arrecadação revertida para alguma instituição de caridade.



Figura 6. Notícia sobre uma visita de Oscar Kox a São Paulo (1903).

No contexto da modernidade urbana capitalista, o futebol se difundia entre as elites “como atividade saudável e capaz de aprimorar a inteligência, o caráter e outros atributos morais” (MASCARENHAS, 2014, p.79). Chegava junto à atitude moderna para romper com o recente passado colonial que transformaria o Brasil em um país “civilizado”. Embora não se possa atribuir aos esportes uma essência disciplinadora, os usos disciplinares dos esportes se fazia presentes no conjunto estratégico da formação do “bom cidadão”. Nesse sentido, missionários e jovens estudantes traziam a promessa de modernidade e progresso através daquela prática “oriunda da ‘boa’ civilização europeia” (Idem).

O esporte do final do século XIX e início do XX trazia consigo, aonde se estabelecia dentre as elites, um aspecto de “regenerador da humanidade” (Idem, p.83) inspirado no neo olimpismo do Barão de Coubertin. Entretanto, cabe ressaltar que assim como o futebol à moda inglesa enfrentou certas desconfianças na Europa, no Brasil não foi diferente. A “europeização civilizadora” (Idem, p.84) conduzida “em parceria com as elites locais, desejosas de cosmopolitismo e modernidade” (Idem, p.84) confrontava-se também com uma sociedade na qual até pouco tempo “o sedentarismo e o recolhimento aos aposentos eram confundidos com *status* de nobreza” (Idem, p.81). Segundo Mascarenhas, as elites brasileiras não aderiram subitamente ao “modismo

européu das práticas esportivas” (Idem, p.75). Outros esportes como o *turf* e o *cricket* faziam mais sucesso que o futebol no país, por serem

uma corporeidade que não ofende os padrões coloniais, pois implica atitude elegante e senhorial do esportista, bem-vestido e comportado, e não produz em seu corpo musculatura que até então era particularidade dos escravos e dos rudes trabalhadores braçais, sendo, assim, um atributo indesejável (Idem, p.81).

Como lembra o autor, muitas das associações esportivas criadas no Brasil no início do século XIX, pertenciam a clubes criados para outras finalidades. A exemplo dos clubes ingleses era prática comum do tempo livre dos ricos encontrar-se nos clubes para ler, conversar, jogar, consumir bebidas alcoólicas. Os esportes demandavam espaços abertos como “praças, parques, praias e terrenos baldios, tornando a atividade visível à comunidade local e, portanto, passível de assimilação” (Idem, p.71).

Além dos estudantes de famílias que compunham as elites de então e que retornavam após um período de estudos no exterior, atribui-se, também, aos padres jesuítas – os professores – a inserção do esporte bretão em seus colégios brasileiros, em tempos nos quais a formação escolar voltava-se para a produção de uma elite intelectual que advinha de uma elite econômica.

Os padres jesuítas ao importar técnicas pedagógicas, traziam também o investimento em educação física para manter o corpo são e a mente sã (GOULART, 2014), mesmo princípio da atitude moderna que era exercido pelos estudantes também do outro lado dos muros da escola.

É claro que durante muito tempo os calouros serviram apenas para marcar a linha lateral. Jogar era privilégio dos veteranos. De qualquer forma, a tática funcionou e aos poucos os diretores conseguiram pacificar um pouco suas escolas. Eram totalmente apoiados pela Igreja, que à época professava a doutrina da “Cristandade Musculosa”, também conhecida por “Corpo são e mente sã”. Cansar os meninos era uma maneira de evitar os pecados (ALVITO, 2014, p.29).

Notava-se naquela época um potencial pedagógico no esporte que serviria de técnica a qual, ao mesmo tempo em que exercitava os corpos, preparando-os para serem úteis, limitava os espaços e as atividades para o tempo livre, e que, no mínimo, mantinha os indivíduos longe da ociosidade. Futebol e disciplina se encontram, então, nesse processo de escolarização do futebol que atravessou o oceano.

Compondo com outras técnicas, regulamentações, práticas e processos, o futebol era útil para exercitar os corpos e ensiná-los a obedecer às regras. Aprendiam a raciocinar e a serem obedientes.

Décadas mais tarde, Foucault (2007) analisaria o poder disciplinar como uma “anatomia política” que através de

uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recordam, se repetem, ou se imitam, apoiam-se uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral (FOUCAULT, 2007, p.119).

No caso específico do poder disciplinar, essa anatomia política

define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (Idem, p.119).

O futebol se desenvolvia como estratégia de transformação da energia da moçada em disciplina que acontecia simultaneamente à objetificação do corpo em uma época na qual predominava o governo sobre os corpos pelo exercício do poder disciplinar.

Porém, a prática do futebol no Brasil do início do século XX não se restringia a uma prática formal. Jogar futebol nunca foi exclusividade de elites brasileiras como se o futebol tivesse se difundido por uma hierarquia, dos ricos para os pobres, das escolas e clubes para as ruas. Segundo Arantes Rodrigues (2006), no ano de 1900, o jornal *O Operário* noticia a existência de um jogo de bola praticado pelos operários italianos com garrafas de cerveja.

Por mais que os materiais utilizados na época fossem importados, caros e de difícil acesso, não eram difíceis de serem improvisados. Era possível jogar descalço e com quantas pessoas estivessem disponíveis, chutando qualquer coisa que rolasse no

chão. Assim, apesar de voltado a uma elite intelectual e econômica, intimamente ligado aos interesses capitalistas, o futebol extrapolava ao domínio desses interesses, sendo praticado por outras pessoas e de outras formas.

Não era raro também observar marinheiros ingleses praticando o esporte nas praias (MASCARENHAS, 2014), observados por olhares curiosos dos locais que, mesmo desconhecendo a existência de uma *Football Association*, se apropriariam do jogo e o jogariam entre si, da maneira que lhes conviessem. Segundo Rodrigues Filho: naqueles primeiros momentos “o branco pobre, o mulato, o preto, estabelecendo a diferença entre o grande e o pequeno clube” (2003, p.73), jogavam em lugares distintos das turmas dos *sportsmen*. Porém, em algumas circunstâncias pudesse ocorrer a mistura.

As duas próximas fotos, também do acervo de Artur Bernardes Filho, mostram marinheiros e presos jogando futebol na colônia penal de Clevelândia, no Amapá, criada pelo governo de Artur Bernardes durante o estado de sítio.



Figura 7. Marinheiros jogam bola na colônia penal de Clevelândia em 1925 (2016).



Figura 8. Presos jogando futebol na colônia penal de Clevelândia em 1925 (2016).

Embora fortemente apropriado por uma elite, seja nas escolas ou fora delas, o futebol também caiu nas graças dos operários, dos infames, dos sem prestígio, dos vagabundos, dos ociosos, e outros que não cabiam nas notas dos grandes jornais, “existências destinadas a passar sem deixar rastros”, como disse um dia Foucault (2012, p.203), sobre a vida dos homens infames.

Todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência enigmáticos – a partir do momento com seu contato instantâneo com o poder (FOUCAULT, 2012, p.203-204).

Os infames do futebol do final do século XIX e início do XX jogavam algo que, para muitos, nem era considerado futebol. Não jogavam com bola oficial e nem calçados apropriados aliás, e nem calçados. Jogavam pelas ruas, em locais próximos de onde residiam ou nas praças das igrejas. Alguns assistiam aos *sportsmen* pendurados nas cercas ou ousando saltar por cima delas para ver o jogo mais de perto. Muitos deles logo morreram, sumiram sem deixar rastros. Alguns desses meninos se tornariam adultos. Alguns outros, antes disso, seriam operários nas fábricas que se instalavam no Brasil.

Naquela época, no Brasil, o futebol ainda não era profissional e sim, diversão organizada, ou simplesmente diversão. Talvez, dentro das práticas consideradas desordem de vadios, esses infames aos olhos das elites locais e jornais adquiriram alguma fama momentânea entre a molecada na rua por sua habilidade em chutar a bola,

driblar, ser goleador. Eram anônimos, uma vez que sem registros; não se desconfiava que a escola também disciplinaria e controlaria o futebol e seus infames.

Os jogadores infames de outrora e o tanto que resta hoje não são comparáveis aos anônimos imprescindíveis ao mercado do futebol. Os anônimos de hoje, embora sem fama, jogam o mesmo jogo conformista dos famosos.

1.3 Industriais e operários: quem sustenta o futebol e quem faz do futebol o seu sustento

Na cidade de São Paulo, a companhia Light and Power se destacou precocemente nesse processo de difusão e popularização do futebol. Já em 1903, presenteava com medalhas importadas os vencedores do campeonato citadino e formou suas próprias equipes entre os funcionários, várias, de acordo com diferentes sessões ou departamentos no interior da empresa, já que esta era grande demais para se resumir a um único clube (MASCARENHAS, 2014, p.96).

Nos anos 1910, muitos eram os times de futebol formados em indústrias. Assim como já ocorria há bastante tempo na Inglaterra e em outros países do continente europeu, algumas fábricas no Brasil também montavam seus times. As regras do esporte cunhavam subjetividades não somente para disciplinar os corpos de estudantes, marinheiros e presos, mas também para entreter funcionários do alto escalão e operários, ao mesmo tempo em que continham possíveis revoltas e exercitavam os corpos de seus empregados em competição colaborativa coletiva com o futebol.

Os times formados no interior da *Gas Company* e da *São Paulo Railway Company*, respectivamente companhia de gás e ferroviária de São Paulo, eram exemplos de clubes de fábrica, que somente aceitavam em seus times funcionários de ascendência inglesa¹⁸, e não incluíam os operários. Eram *sportsmen*, como os estudantes ou o que seria o futuro de alguns deles.

No Rio de Janeiro, capital da república, o *Bangu Athletic Club* também foi um desses clubes. Nascera com o apoio dos diretores da Companhia Progresso Industrial do Brasil, uma fábrica de tecidos situada no bairro que deu nome ao time. Apesar de ser um clube criado por ingleses, o Bangu aceitava indivíduos sem ascendência britânica desde

¹⁸ Os dois times disputaram o que se considera a primeira partida de *Association* no Brasil, em 1895 (CALDAS, 1994; MASCARENHAS, 2014).

a sua criação, em 1904 (CALDAS, 1994; FERREIRA, 2005). No entanto, nos seus primeiros anos, o clube também era exclusivo aos empregados do alto escalão da fábrica. A inclusão de operários só aconteceria posteriormente, com o intuito de completar os times. “O critério de escolha, para isso, obedecia a algumas exigências administrativas na empresa, tais como: desempenho profissional, o tempo de serviço e o comportamento pessoal” (CALDAS, 1994, p.42).

Segundo Rodrigues Filho, é possível observar indícios de que tal inclusão não ocorrera por simples boa vontade da diretoria:

O jogador preto não podia aprender com professor. Só jogando no *The Bangu*, só sendo operário da Companhia Progresso Industrial do Brasil. E assim mesmo um ou outro. O *The Bangu* deixando preto entrar no time, não fazendo questão de cor, de raça, mas não exagerando (2003, p.73).

Agostino afirma que “apesar de separados por todas as barreiras possíveis e imagináveis, trabalho e lazer se completavam, não sendo poucos aqueles que viam o último como uma compensação para os sacrifícios que o primeiro impunha” (2002, p.23).

Assim como nas escolas, os industriais observariam no futebol, mais um modo de disciplinar seus empregados. Principalmente os operários não submetidos ao processo da educação formal. Dentre as vantagens utilitárias do futebol estava ocupar o tempo livre do trabalhador, evitando que gastassem energia com coisas improdutivas e perigosas em relação ao trabalho fabril.

Como no caso da prática esportiva escolar, o futebol nas fábricas mantinha os corpos ocupados em seu tempo de não-produção, aprimorando o condicionamento físico do operário, o que era relevante para manter o corpo produtivo. Embora fosse um esporte ainda muito centrado no esforço individual dos jogadores (MASCARENHAS, 2014; TOLEDO, 2002), também proporcionava a articulação com o trabalho coletivo.

Naquela época de ampliação das indústrias, não raramente, operários se rebelavam contra um sistema de produção baseado na exaustão de suas forças. Ocupar o tempo livre do trabalhador era, principalmente, uma forma de diminuir o tempo e a energia que aquelas pessoas teriam para se ocupar com formas de resistir à exploração do trabalho nas fábricas. Em meio ao intenso movimento sindical do período articulava-se novos meios de controle das camadas populares (MASCARENHAS, 2014). Dessa maneira, antes mesmo do profissionalismo ser adotado no Brasil, ainda que por

mecanismos diferentes, aos industriais da época também interessava que os operários-jogadores só pensassem em produzir e jogar bola. Era uma estratégia potencialmente eficaz, pois se aproveitava do fato que muitos queriam aderir espontaneamente à prática, pelas experimentações do futebol no lazer.

Investindo no futebol, o setor fabril e, em menor escala, o comercial, impulsionaram não somente a formação de times e campeonatos de fábricas, mas também a criação de campos e estádios (MASCARENHAS, 2014). No início do século XX, quando não havia maiores delimitações para o campo e nem um campo específico para futebol era comum que as partidas fossem disputadas em parques, várzeas, terrenos baldios, velódromos, hipódromos e outros espaços.

O parque da fábrica de gelo e cerveja Antarctica Paulista foi criado em 1902 para o lazer de seus funcionários e naquele mesmo ano abrigou o primeiro campeonato organizado pela *Liga Paulista de Foot-Ball*. Abaixo está a fotografia do campo de futebol, vinte e dois anos após sua primeira partida, equipado com traves e redes e com a marcação do campo, da grande e da pequena área, a marca do chute inicial e a do pênalti.



Figura 9. Campo de futebol do Parque Antarctica em 1922 (2014).

Segundo Mascarenhas (2014), alguns desses espaços eram cedidos e ocupados como lazer por um futebol informal, diferente do futebol dos clubes. Um futebol que ocupava o mesmo espaço, porém, era considerado um esporte diferente. Ao contrário do elegante e bem organizado futebol das elites e do futebol patrocinado pelas fábricas,

este era caracterizado pela imprensa da época como desordem de vadios (SÉRGIO RODRIGUES, 2006).

O futebol amador e o futebol informal se distinguiam não somente pela forma de jogar, mas também por seus jogadores. Enquanto no primeiro a especialização e estruturação em torno do intuito da competição eram crescentes, com técnicas e normas cada vez mais específicas, o outro acontecia de forma mais casual, muitas vezes sem a necessidade da criação de um clube. A diferenciação entre esses dois grandes grupos, no entanto, se dava mais pela posição social dos envolvidos no jogo do que pela forma de jogar.

Possivelmente por essa forma de organização do futebol nas fábricas, Agostino (2002, p.27) destaca que “[...] muitos círculos anarquistas e socialistas encararam o jogo como uma mera expressão da manipulação consumista e alienante da burguesia”, visto mais como uma tentativa de ludibriar o operário do que como uma diversão, além de que “levava os trabalhadores a defender o nome da empresa, separando-os e colocando-os em confronto” (ANTUNES, 1992, p.44).

Alguns sindicatos se ocuparam com certo entusiasmo dessa questão. Chamavam-no "esporte burguês"; apontavam os efeitos "maléficos" dos clubes de fábrica, poderoso "ópio" capaz de minar a união e a organização da classe. Mas enquanto estes grupos promoviam acirrados debates quanto à aceitação do futebol, o esporte continuava conquistando adeptos entre os trabalhadores. O gosto pelo futebol crescia independentemente das opiniões do movimento operário e dos sindicatos (ANTUNES, 1992, p.42).

Em sua versão mais disciplinar – praticada nas escolas, clubes e fábricas –, o jogo potencializava lutas as quais se tentava apaziguar na época, mostrado que por mais que se tentasse pacificá-lo, continuaria a persistir o campo de confronto.

O movimento operário logo enxergaria essa potencialidade no futebol, organizando festas nas quais o jogo funcionava como estratégia para a discussão de temas em relação à causa operária, embora em alguns desses encontros pudesse prevalecer o aspecto lúdico da prática (ANTUNES, 1992; FERREIRA, 2005).

No entanto, com o interesse crescente pela prática esportiva, organizar um time na fábrica e participar ou promover competições era, cada vez mais, uma maneira de divulgar a existência dessa fábrica e, conseqüentemente, de seu produto. Por conta do investimento na divulgação dos times, criação de ligas, competições e locais próprios para a prática do futebol, atribui-se ao setor industrial intensa participação na

popularização da prática no Brasil (MASCARENHAS, 2014). Assim, a exploração do potencial propagandístico do futebol transformou o modo como esse esporte e o capital se relacionavam, se transformavam.

Não tardou para que esses jogadores sem ascendência inglesa e posses incomodassem aos “distintos” *sportsmen*. Com a criação das ligas, os clubes começam a oferecer dinheiro, presentes, mimos para esses jogadores operários ou de times de bairro jogarem pelos clubes. Tal oferta somente acontecia aos jogadores nos quais se enxergava algum potencial técnico para a equipe. Porém, o acesso desses jogadores seria somente ao time de futebol; de maneira nenhuma frequentariam a sede social dos clubes, principalmente se fossem negros. Todavia, sair das fábricas para os clubes era uma saída possível do árduo e desvalorizado trabalho fabril.

Operário que jogasse bem futebol, que garantisse um lugar no primeiro time, ia logo para a sala do pano. Trabalho mais leve. O operário-jogador, no dia do treino, recebia um *ticket*. Para apresentar no portão, para poder sair sem perder hora de trabalho. O campo era um prolongamento da sala do pano, quem entrava na sala do pano só via jogador do primeiro time dobrando fazenda. Devagar, para não se cansar. Reservando as suas energias para o treino (RODRIGUES FILHO, 2003, p.84).

Nos próximos anos, os seletos clubes começariam a abrir concessões para jogadores “sem berço”, mas “bons de bola”. A distinção passaria a ser a habilidade. Provavelmente, esses jogadores da sala do pano, não entravam nos times como protagonistas. Não eram famosos, mas compunham a equipe. De forma que, já naquela época, o futebol proporcionava um efeito de ascensão social, pois, os jogadores sem procedência nobre, principalmente os negros, apesar de não poderem frequentar as sedes sociais dos clubes, poderiam provar-se melhores do que a aristocracia naquilo que estes últimos queriam ser bons. No futebol, aquela “gente atrasada” poderia ser melhor que a mocidade estudada.

A entrada desses jogadores não se dava sem conflitos, porém, era facilitada na medida em que vencer e proporcionar melhores espetáculos tornava-se a meta principal do jogo. Com o futebol transformado em um instrumento de propaganda da indústria e do comércio para os espectadores e cada vez mais presente a um público crescente, a seleção e manutenção dos jogadores que propiciavam melhores espetáculos e vitórias também passavam a importar mais aos clubes e às ligas.

Assim, os clubes, que originalmente eram uma associação de indivíduos, por livre associação de cada um e totalmente isenta de interesses materiais, reunindo jovens mobilizados para desfrutar dos benefícios de esporte e da vida associativa, além de conquistar notoriedade e prestígio no restrito circuito das elites, foram paulatinamente se transformando. Tornaram-se entidades dispostas a vencer, mais que jogar ou se exhibir. Isso implicava maior organização, cobrança interna, tensões, exercícios físicos, disciplina tática e, sobretudo, privilegiar os atletas mais competentes, independente da sua cor ou origem social (MASCARENHAS, 2014, p.100-101).

Naquele momento, restava aos *sportsmen* apontar a remuneração como um problema, deslocando o foco da discussão das origens dos jogadores para a forma de ligação com o clube. A dualidade *sportmen* e operários será, aos poucos, suprimida pelo duplo amador e profissional.

Cabe ressaltar que a defesa do amadorismo naquela época se referia mais à conservação de um *status* de nobreza do jogo e de seus jogadores do que à prática de um futebol espontâneo e livre. A defesa do amadorismo não era a defesa de um futebol informal que continuava a existir e a prática do profissionalismo, por sua vez, oficializava a remuneração do jogador, o que colocava em questão a inclusão das pessoas nos clubes através de um mercado.

Na prática, na medida em que industriais e comerciantes se interessavam pela organização de jogos e o público pela sua exibição crescia, mais difícil era manter os critérios sociais e econômicos no recrutamento dos jogadores. Muitos não se importavam em oferecer alguma premiação para atrair um jogador que melhorasse a qualidade do jogo, e, conseqüentemente, do espetáculo.

Para os jogadores mais pobres não havia nenhum impedimento moral em receber uma gratificação, muito pelo contrário. Tais luxos podiam ficar para os jovens abonados da elite. Estes, sim, podiam ficar ofendidos diante da ideia de receber dinheiro para jogar futebol [...]. Antes da instituição do sistema profissional, foram aparecendo mil e uma possibilidades de estabelecer prêmios e salários indiretos – ou mesmo diretos – para os jogadores (AGOSTINO, 2002, p.43).

Assim, a tensão aumenta entre o jogo do culto das elites e sua “profanação” por jogadores operários e infames que, apesar do gosto pelo futebol, não tinham muito a que cultivar naquele ambiente. Como lembra Mascarenhas (2014), apesar de poderem ser melhores em campo e conseguir certas regalias no trabalho por serem jogadores, essa nova condição de vida não os retirava de uma condição subalterna.

Os jogadores do Vasco ficavam em Morais e Silva¹⁹, como alunos de colégio interno. [...] Além da casa, comida, roupa lavada e engomada, o português dava dinheiro aos jogadores de Morais e Silva. Chamava-se esse dinheiro de ‘bicho’ porque, às vezes, era um cachorro, cinco mil réis, outras um coelho, dez mil réis, outras um peru, vinte mil réis, um galo, cinquenta, uma vaca, cem. Não parava aí. Havia vacas de uma, de duas pernas, de acordo com o jogo (RODRIGUES FILHO, 2003, p.122-123).

Rodrigues Filho aponta a existência do “regime de gratificações” (RODRIGUES FILHO, 2003, p.123) anteriores ao estabelecido pelo Vasco, porém, ainda sem receber o nome de *bicho*. Esses jogadores percebendo que estavam sim trabalhando para os times “dos ricos” e não jogando nas mesmas condições que esses meninos das escolas, começaram a querer oficializar a prática do futebol em um trabalho, como já havia sido informalmente transformado. Queriam sair da fábrica, sair da sala do pano.

A força do profissionalismo se evidencia quando o Vasco da Gama ganha o campeonato carioca de 1923 com jogadores operários, alguns negros, na equipe (CALDAS, 1994; AGOSTINO, 2002; RODRIGUES FILHO, 2003; MASCARENHAS, 2014). Ainda assim, jogadores operários e principalmente os negros não eram bem vistos na maioria das equipes.

O Vasco não fazia pretos: para o preto entrar no Vasco tinha de ser já bom jogador. Entre um branco e um preto, os dois jogando a mesma coisa, o Vasco ficava com o branco. O preto era para a necessidade, para ajudar o Vasco a vencer. [...] O que não faltava era português querendo ajudar o Vasco a vencer (RODRIGUES FILHO, 2003, p.).

Dessa maneira, jogadores operários, em especial os negros, entram como bons de bola, mas para compor os times e não para assumir um protagonismo atribuído a alguns deles muitos anos mais tarde. Porém, nesse campo de confronto, muitas forças estavam em movimento. Ainda nos anos 1920, o futebol nas fábricas já impactava na propaganda positiva do time que levava o nome da fábrica na qual o jogador trabalhava, o que provavelmente estimulou alguns industriais a pagar pela participação e/ou desempenho dos jogadores em seus times. Assim, tornou-se prática comum nas fábricas uma remuneração adicional – que algumas vezes chegava ao dobro do salário - para os operários que jogavam nos times, assim como a dispensa de trabalhos mais pesados ou

¹⁹ Rua na qual se localizava o campo do Vasco.

até mesmo chegando a ser o vínculo empregatício apenas uma formalidade para vincular o jogador à empresa (COUTO, 2003; RODRIGUES FILHO, 2003; ANTUNES, 1994). Jogar futebol tornou-se, paulatinamente, uma nova função a ser desempenhada na fábrica, aumentando assim o número de potenciais jogadores.

Os jogadores operários, por sua vez, não viam problema em receber dinheiro ou algum agrado para fazer aquilo que já gostavam e complementarem a renda. O crescimento do público assistente das partidas, que também não se importava em pagar para assistir aos jogos, já indicava que a exclusividade dos elegantes *sportsmen* nas competições não resistiria ao lucro que poderia se extrair dessa mesma gente elegante.

No Museu do Peñarol, clube uruguaio, um jogador chama a atenção dentre os ídolos de todos os tempos em destaque: Isabelino Gradín. Nascido em 1897, o jogador vestiu a camisa do clube aurinegro, campeão em 1918 e 1921, e da Celeste Olímpica, sendo campeão das duas primeiras edições da Copa América, chamada então de Campeonato Sulamericano. Vestiu a camisa da seleção em 1916, 1917 e 1919. Juntamente com Jorge Delgado foram os primeiros jogadores negros a obter repercussão no país. Sua fama de bom jogador chegou ao Brasil após à Copa América.



Figura 10. Isabelino Gradín (2015).

Segundo Rodrigues Filho (2003), após a passagem da seleção Uruguai pelo Brasil na Copa América de 1919, houve uma “praga de Gradíns” por aqui devido a esse

jogador: “todo preto que jogava um pouco de futebol virava um Gradim” (RODRIGUES FILHO, 2003, p.110).

E não foi exagero do autor. Em alguns jornais brasileiros é possível encontrar indícios da presença de alguns deles entre os anos 1920 e 1945. Havia um Gradim no time do Uberaba, em Minas, em São Cristovão, no Rio. Um deles chegou a virar técnico nos anos 1950. Times com mais de um Gradim, identificados como Gradim I e Gradim II, não eram raros. Havia Gradim até em time de basquete e disputando provas de atletismo²⁰.

De quando em quando chegava alguém num grande clube com a novidade de que tinha visto um Gradim. Uns clubes iam ver, outros não iam. Querendo ganhar campeonatos, mas com brancos. Nada de Gradins. E os torcedores fazendo pressão, ‘é um Gradim, parece o Gradim, joga como um Gradim’ (RODRIGUES FILHO, 2003, p.112).

1.4 O jogador profissional: a emergência dos “vira-latas”

Na Inglaterra, embora os amadores tenham aceitado o profissionalismo desde os anos 1880, com a proletarização do jogador e a inserção de elementos básicos da mercantilização no esporte, manteve “a configuração jurídico-institucional dos clubes e do sistema federativo inglês e trataram de isolar o futebol do livre funcionamento das regras do mercado” (PRONI, 2002, p.30), garantindo o controle sobre a prática.

No Brasil, as disputas entre defensores do amadorismo e do profissionalismo se intensificam no final dos anos 1920 com o êxodo de jogadores para o exterior, principalmente para a Espanha e, em especial, para a Itália que seguiam o mesmo exemplo do profissionalismo inglês, denominado por Proni (2002) de “modelo híbrido”.

Enquanto operários se tornavam jogadores, uma parcela de *sportsmen* que não abandonou o futebol passou a dedicar-se a organizar os clubes, ligas e campeonatos, abrindo mão de atuarem como jogadores.

Os clubes brasileiros com certa frequência perdiam jogadores para clubes europeus, principalmente os italianos, que ofereciam quantias incomparáveis às gratificações pagas pelos clubes brasileiros aos seus atletas. Alguns jogadores tentavam

²⁰ O Gradín uruguaio também era velocista.

destinos mais próximos como a Argentina e o Uruguai²¹. E como o jogador no Brasil “não estava legalmente preso a este ou aquele clube [...] isto significava que poderia deixa-lo a qualquer momento. Sem multa, sem passe ou qualquer coisa do gênero” (AGOSTINO, 2002, p.59), o que era um problema para os clubes brasileiros da época.

No caso italiano, desde quando Benito Mussolini chegou ao governo, em 1922,

os fascistas aproveitaram-se de toda força que o espetáculo esportivo podia vir a representar em uma sociedade de massas, conferindo inúmeras possibilidades de ritualização da fidelidade nacional e da legitimação da ordem vigente [...] Na verdade, nos anos iniciais do governo, o *Duce* dera uma maior importância aos denominados esportes de guerra: notadamente, a ginástica, o boxe, a natação, a esgrima e o tiro. Nesse sentido, demoraria algum tempo para que o futebol fosse visto como um esporte plenamente condizente com os mais nobres valores do regime (AGOSTINO, 2002, p.56).

Enquanto isso, em 1928, o presidente da FIFA, o francês Jules Rimet apresenta no congresso da entidade em Amsterdã a ideia de um torneio mundial entre seleções nacionais. A Copa do Mundo não nasceu com muita popularidade²², no entanto, esse desdém mudaria após o primeiro evento. A visibilidade que a realização do torneio dera ao centenário da independência uruguaia, em 1930, despertou o interesse de governantes para o potencial propagandístico da modalidade. O primeiro campeonato mundial entre seleções nacionais consagra o futebol – que já havia descoberto seu potencial propagandístico na indústria – como um excelente instrumento diplomático.

A Itália passa a importar jogadores sulamericanos principalmente os descendentes de italianos (RIAL, 2009; AGOSTINO, 2009). Segundo Rial (2009), os jogadores brancos e descendentes de italianos foram os primeiros a entrar na rota de interesses estrangeiros, e o argentino Julio Libonatti o primeiro a transferir-se para o futebol italiano, em 1925, quando deixou o clube rosarino Newells Old Boys pelo Torino.

Yeso Amalfi (2009, p.28-29), jogador brasileiro que nos anos 1950 faria sucesso na França, comenta em sua biografia sobre o movimento migratório de jogadores:

²¹ Leônidas da Silva jogou, em 1933, no clube uruguaio Peñarol. Domingos da Guia, por sua vez, jogou uma temporada em cada país: entre 1934 e 1935 integrou a equipe do Nacional do Uruguai e, posteriormente, no Boca Juniors da Argentina (1935-1936).

²² Além da seleção inglesa - na época não associada à FIFA - ter recusado o convite, as seleções da Alemanha, Hungria, Suíça e Tchecoslováquia recusaram-se a viajar. E, segundo conta Agostino (2002), o próprio Jules Rimet teria ido à Romênia para “convencer o rei Carol da importância da competição” (AGOSTINO, 2002, p.47).

Somente a partir de 1930 é que esse curioso movimento migratório tomou proporções, levando alguns jogadores nacionais a tentar a sorte em nações estrangeiras. Antes dessa época tivemos um Ari Patusca jogando na Suíça, mas porque lá estava estudando. E um Bianco na Argentina, mas pelo fato de sua presença no país se dever a assuntos particulares. Esses jogadores não podem ser considerados pioneiros da imigração de futebolistas brasileiros. Os irmãos Nininho e Ninão, que em 1930 foram jogar na Lazio de Roma, podem ser, isso sim, considerados os pioneiros do futebol brasileiro. Ambos entusiasmaram-se com a possibilidade de fazer um bom contrato e conseguir sua independência financeira, e foi o que conseguiram, tornando-se famosos jogadores de primeira linha no futebol italiano (AMALFI, 2009, p. 28-29).

No relato de Amalfi, nota-se que o jogador somente considera a imigração de futebolistas quando a mesma é motivada pelo exercício da atividade como profissão.

Nesse fluxo, no início da década de 1930, muitos jogadores sulamericanos tornaram-se profissionais na Europa. Enquanto Nininho e Ninão eram filhos de imigrantes italianos, jogadores do Palestra mineiro, Fausto e Jaguaré, do Vasco da Gama, pouca relação tinham com o velho continente.

Fausto e Jaguaré, que excursionavam pela Europa, não chegaram a retornar ao Brasil com o Vasco, diante de uma proposta do Barcelona (AGOSTINO, 2002). Lopes (1994) afirma que Fausto recebera 30 mil pesetas na contratação, permanecendo no clube entre 1931 e 1932 e depois passando pelo Young Fellows da Suíça e Nacional do Uruguai, antes de retornar ao Vasco em 1934. Jaguaré, por sua vez, após o mesmo período no Barcelona, retornou ao Brasil por um ano, circulando entre alguns clubes de Portugal e França antes de encerrar sua carreira no São Cristovão, do Rio de Janeiro.

Em uma época na qual a imprensa escrita e a rádio eram os principais meios de comunicação, não é possível dizer que esses jogadores fossem anônimos, pois tinham visibilidade local nos campeonatos citadinos que eram os mais importantes e inexistia campeonato nacional.

Retornando ao caso italiano, possivelmente preparando-se para receber a próxima Copa, Benito Mussolini havia prometido ao campeão do campeonato nacional de 1930/1931 a construção de um estádio (LOPES, 1994), fato que pode ter contribuído para a intensificação da procura de jogadores sulamericanos naquele período.

O *Juventus Football Club* conquistou os cinco campeonatos seguintes à promessa de Mussolini, contando com seis jogadores estrangeiros em seu grupo²³.

Apenas em 1931, cerca de 39 jogadores brasileiros haviam sido transferidos para atuar em times italianos, principalmente saídos de São Paulo, onde a imigração tinha deitado raízes mais profundas. Quando um empresário da Lazio desembarcou em São Paulo com os bolsos cheios de dinheiro atrás de jogadores com nomes ou sobrenomes italianos, levou consigo quase todo o time do Corinthians, boa parte do Palestra Itália e outro tanto dos Santos. Um caso que ficaria bastante famoso foi o do ponta-direita corintiano Filó, na verdade Amphilóquio Marques Guarisi. Por sua descendência italiana, o jogador chegou na Itália bem a tempo de ser aproveitado para a seleção italiana em 1934, acabando por se transformar no primeiro brasileiro campeão do mundo. A Argentina também já havia cedido a clubes italianos um bom número de *oriundi* (AGOSTINO, 2002, p.60).

Se a ordem alemã não suportava mais a diferença, o fascismo italiano promovia sua pretensa superioridade captando talentos italianos na América do Sul: no auge do governo fascista italiano, a “pureza” era preocupação central na importação de jogadores sulamericanos, não podendo estes, ainda que descendentes de italianos (*oriundi*), ter em suas fisionomias traços de alguma outra etnia. Lopes (1994) e Agostino (2002) comentam ainda que muitos jogadores naquela época incluíam sobrenomes italianos na identidade para sair do país.

Assim como atualmente muitos meninos alteram a data do nascimento na carteira de identidade para se destacarem em meio aos mais jovens, alterar o sobrenome entre os anos 1920 e 1930, além de possibilitar um contrato melhor, poderia ser uma forma de proteger-se dentro de campo ao se aproximar do estereótipo do homem branco – uma forma de se anonimizar para ser reconhecido.

Aos jogadores negros, no entanto, tal mobilidade entre clubes europeus não era uma opção. Até mesmo para os clubes de fábrica no Brasil

era sempre bom ter mais brancos do que pretos no time. Os pretos muito visados, quase não podendo fazer nada em campo. Tendo de jogar um futebol muito limpo, muito decente, respeitando os brancos. Quando um preto metia o pé num branco era sururu na certa. Todo mundo achando que o preto deveria ser posto para fora de campo. [...] Por isso, muito jogador preto virava dama em campo. Só tirando a

²³ Os argentinos: Renato Cesarini e Raimundo Orsi que jogavam na equipe anteriormente à Copa; e após à Copa foram contratados Eugenio Castellucci, Luis Monti e Juan Maglio. O brasileiro Pedro Sernagiotto – mais conhecido no Brasil como Ministrinho – jogou na Juventus entre os anos de 1931 e 1934.

bola do pé de branco com uma delicadeza que só vendo. Ou então deixando o branco passar (RODRIGUES FILHO, 2003, p.88-89).

Enquanto no Brasil cada vez mais pessoas jogavam futebol, em 1933, a Federação Alemã da modalidade obrigava seus clubes a banir jogadores judeus, não mais abominando o jogo, mas integrando-o como instrumento de propaganda.

Durante a II Guerra Mundial os times de futebol e a seleção alemã continuaram a disputar suas partidas, colaborando para manter a “sensação de normalidade” no país. A função propagandista do nazismo também era desempenhada, anunciando-se durante as partidas as vitórias no campo de batalha, e os locutores “incentivados a narrar os jogos utilizando expressões militares” (AGOSTINO, 2002, p.86). Diferentemente da ginástica, do boxe, da natação, da esgrima e do tiro, o futebol precisava ser associado ao militarismo. Aos radialistas cabia também ocultar as derrotas militares enquanto os ingressos para os jogos baixavam o preço conforme os conflitos armados aumentavam.

No ano de 1933, começaria a construção do *Stadio Mussolini*, em Turim, como parte dos preparativos para a próxima Copa. O estádio também fora o prêmio prometido por Mussolini ao campeão italiano, a *Juventus*.

A propaganda fascista procurou articular a conquista à comemoração dos dez anos de regime. Um dos cartazes promocionais do Mundial apresentava um jogador, com a bola no pé, fazendo a clássica saudação fascista com o braço estendido” (AGOSTINO, 2002, p.57-58).

O cartaz ao qual Agostino se refere teria sido substituído pela versão atualmente mais conhecida:

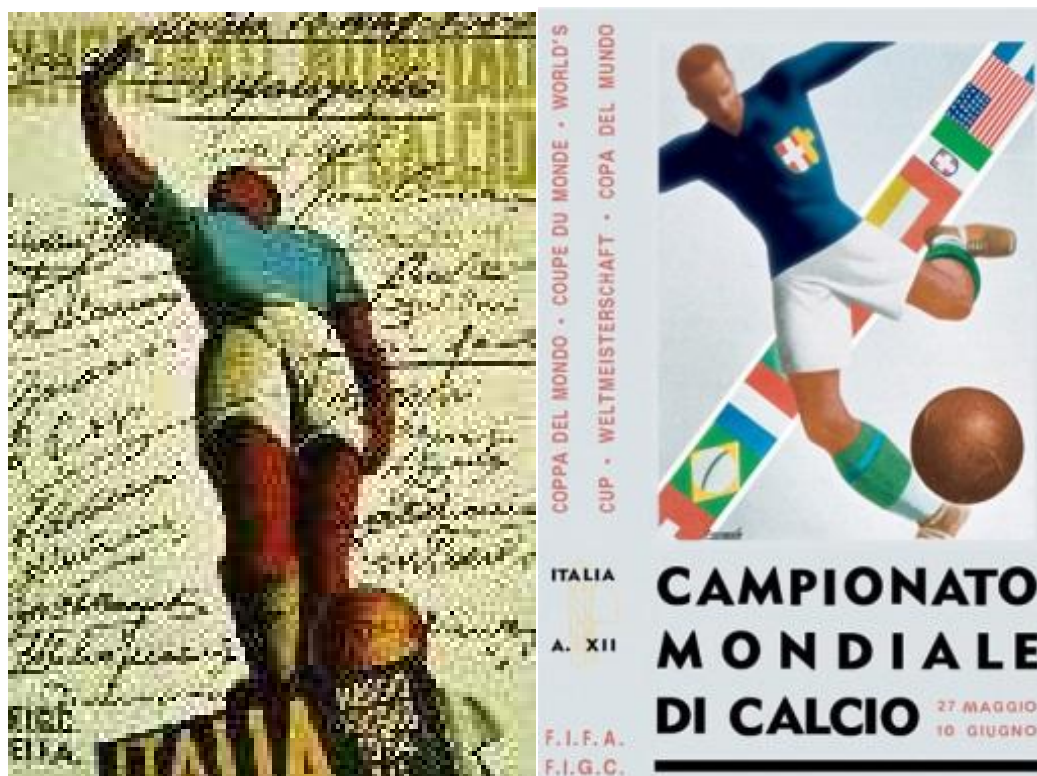


Figura 11. Cartazes da Copa de 1934 (2014).

Em 1934 a seleção italiana sagrou-se campeã. Na medida em que ia se tornando um esporte cada vez mais praticado pelas classes populares, o futebol despertava interesse político também no Brasil. A exemplo dos regimes fascista e nazista, o governo de Getúlio Vargas foi o primeiro a intervir mais sistematicamente na organização do esporte e na construção de grandes estádios no Brasil, em uma época na qual inúmeras eram as dificuldades de se estabelecer um campeonato nacional, pois a distância entre as cidades era ampliada pela dificuldade de comunicação e o alto custo dos deslocamentos.

Nesse sentido, a intervenção estatal foi fundamental para “apoiar e subsidiar economicamente a integração nacional” (MASCARENHAS, 2014, p.137) do futebol, bem como o futebol seria importante para a imagem do Estado que se construía.

A nova ordem política e social implementada pelo Governo Vargas na década de 1930 anunciava um projeto de intervenção pública em várias esferas da vida social, especialmente após a criação do Estado Novo em 1937. O controle dos partidos políticos e dos trabalhadores, assim como as alianças firmadas com diversas instituições sociais, sinalizava a tentativa de se criar uma nação homogênea, um verdadeiro *corpo de brasileiros*, que seguiria os passos ditados magistralmente pelo seu líder (COUTO, 2014, p.38).

Rádio e futebol se articulavam em uma poderosa tecnologia de poder da política que propagandeava o sentimento nacionalista e a eugeniização dos corpos na demanda de modernização da república. Melo (2009), afirma que assim como na Alemanha nazista e na Itália fascista, o futebol também fez parte da agenda política do governo Vargas:

Getúlio utiliza-se de um poderoso órgão de propaganda que se espalha por todos os setores da cultura nacional, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939. Na verdade, a criação do DIP foi o ponto culminante de uma preocupação com a propaganda. Em 1931, menos de um ano após sua chegada ao poder, Getúlio Vargas cria o DOP – Departamento Oficial de Publicidade, vinculado ao Ministério da Justiça. A princípio, o DOP se ocupava basicamente com o rádio e com o fornecimento de informações oficiais à imprensa. É apenas com a criação do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), em abril de 1934, que a propaganda é alçada a um ponto de importância maior. O novo órgão, que substituiu o então extinto DOP, ficou ao encargo de Lourival Fontes, jornalista e escritor sergipano. Manifesto admirador do fascismo italiano. [...] O esporte, em especial o futebol, já despontava no Brasil como um importante elemento de propaganda nacionalista (MELO, 2009, p.47-48).

A popularização do futebol se dava em consonância com a popularização do rádio. Enquanto se postava como o “pai dos pobres” e “patrono da seleção brasileira” na Rádio Nacional (AGOSTINO, 2002, p.142), Vargas nomeou uma de suas filhas, Alzira Vargas, como “madrinha dos jogadores”. Getúlio Vargas Filho passou a presidir a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), e Manoel Vargas Neto, por sua vez, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), respectivamente as federações paulista e carioca da época sempre envolvidas em disputas pelo controle da modalidade no Brasil. Na CBD o presidente era Luiz Aranha, irmão de Oswaldo Aranha, ministro da Fazenda²⁴ (COUTO, 2014). Assim Vargas tecia sua rede de relações no comando do esporte.

A primeira Copa do Mundo de futebol acontece alguns meses após o golpe que levou Getúlio à presidência, quando mesmo os campeonatos estaduais ainda eram muito citadinos devido às dificuldades de comunicação e deslocamento. As competições entre

²⁴ Franco Júnior (2007, p.80) afirma que a CBD curva-se ao profissionalismo “para garantir o posto de entidade máxima do futebol no país”.

seleções estaduais já existiam no Brasil desde 1922, mas somente com a intervenção de Vargas a idealização do Torneio Rio-São Paulo²⁵ foi possível.

A seleção brasileira de 1930 continuava a ter seu domínio disputado entre Rio e São Paulo, mas para primeira Copa somente os fluminenses formaram o plantel.



Figura 12. Seleção Brasileira de 1930 (2014).

Aquela seleção alheia ao restante do país não agradava também aos paulistas que disputavam com os cariocas o controle do selecionado nacional. Na seleção convocada pela CBD no ano da primeira Copa, apenas um paulista foi ao Uruguai - Araken Patusca, do Santos Futebol Clube. A CBD, sem contar ainda com a intervenção conciliadora de Vargas, anunciara que não aceitaria paulistas na comissão técnica. Em contrapartida, a APEA proibiu os jogadores atuantes em São Paulo de compor o selecionado brasileiro (AGOSTINO, 2002). Segundo Franco Júnior (2007), a derrota brasileira ainda na primeira fase da competição foi comemorada pelos torcedores paulistas com um enterro simbólico da CBD no viaduto do Chá.

A julgar pela ausência de notícias sobre a Seleção Brasileira que participou da Copa no Uruguai (MOURA, 2010), naquela época, uma partida de futebol entre Atlético e Palestra era mais importante para os torcedores de *Bello Horizonte*, por exemplo, do que o desempenho dos brasileiros no mundial. Jairo, Said e Mário de

²⁵ O Torneio Rio-São Paulo acontecia desde os anos 1930, embora sem regularidade, passando a ser realizado bianualmente nos anos 1950 e extinto em 1967 com a perspectiva da criação de uma liga nacional de clubes (MASCARENHAS, 2014; FRANCO JÚNIOR, 2007).

Castro – o Trio Maldito do Atlético – possivelmente eram mais famosos na cidade do que os atacantes Theófilo, Preguinho e Araken Patuska, da Seleção de 1930, mobilizando pouco interesse local em relação ao clubístico.



Figura 13. Jairo, Said e Mário de Castro em 1928 (2008).

Não somente em Minas Gerais, mas todos os estados da República dos Estados Unidos do Brasil, exceto Mato Grosso e Goiás²⁶, já organizavam seus campeonatos. A Seleção Brasileira, apesar de ativa em competições desde antes da criação da

²⁶ Considerando a divisão territorial até 1943, a ordem cronológica de criação dos campeonatos estaduais no Brasil: São Paulo (1902), Rio de Janeiro (1904), Bahia (1906), Paraíba (1908), Pará (1908), Amazonas (1914), Paraná (1915), Minas Gerais (1915), Recife (1915), Ceará (1915), Piauí (1916), Espírito Santo (1917), Maranhão (1918), Sergipe (1918), Acre (1919), Rio Grande do Sul (1919), Rio Grande do Norte (1919), Santa Catarina (1924), Alagoas (1927), Mato Grosso (1943), Goiás (1944).

CONMEBOL²⁷, não mobilizava tanto como os jogos locais, acessíveis ao público em geral fora do eixo Rio-São Paulo.

Segundo Agostino (2002), Getúlio Vargas foi incentivador da adoção do profissionalismo nos clubes de futebol nos anos 1930. Além de ter atuado como elemento apaziguador nas disputas entre Rio e São Paulo pelo controle da modalidade, necessário à nacionalização das competições esportivas. Naquela época, o futebol era fonte única de renda de alguns jogadores, embora não recebessem o salário propriamente dito (MASCARENHAS, 2014). A figura do trabalhador, talvez a mais próxima do jogador anônimo que se profissionalizava na época, era central na industrialização do país e na consolidação da unidade nacional.

Em 1933, as ligas e os clubes dominantes no país adotaram o profissionalismo. Como já mencionado, não somente a administração dos clubes, mas principalmente as federações e confederações da modalidade continuavam a ser geridas pelos *sportsmen* (ROCHA, 2013), ainda que em campo o jogo das elites e do proletariado estivesse se misturando. Para a Copa de 1934, dois gaúchos foram convocados em meio a cariocas e paulistas, o que estava longe de expressar a abrangência nacional da seleção²⁸.

Se é possível pensar que esses jogadores fora do eixo Rio-São Paulo tinham a sua fama local maior do que a seleção brasileira poderia lhes conferir, os jogadores dos times de fábrica, que não tinham vez naquela seleção, seriam os anônimos da época.

Após a implantação do Estado Novo, os movimentos de apropriação do esporte pelo governo se converteriam em decretos e leis que extrapolariam os limites do reconhecimento educacional formal da importância dos esportes nas instituições militares. Ainda que de maneira bem menos expressiva desde o período imperial já houvesse tal preocupação, com a Constituição de 1937 se estabelecia a obrigatoriedade da Educação Física nas escolas primárias, normais e secundárias. “Nesse período, no ensino militarizado da Educação Física, predominavam atividades que valorizavam a disciplina e a ordem, e que tinham no corpo seu principal instrumento de disciplinarização” (COUTO, 2014, p.39).

²⁷ A CONMEBOL é a mais antiga das confederações continentais. Foi criada em 1916 com a realização da primeira competição sulamericana entre seleções, posteriormente nominada Copa América.

²⁸ O Brasil foi eliminado nas oitavas-de-final pela Espanha.

No embalo da popularização do futebol, Vargas, acostumado a discursar para grandes públicos no Estádio São Januário²⁹, inaugurou o Estádio Municipal do Pacaembu, em 1940, palco de famosos e anônimos até os dias de hoje. O discurso de Getúlio sintetiza o investimento no disciplinamento dos corpos daquela época, ressaltando a obediência e o serviço à pátria como caminho para melhoria de uma “raça”.

Ao declarar inaugurado este Estádio, sob impressão das entusiásticas e vibrantes aclamações com que fui recebido, não posso deixar de dirigir-vos algumas palavras de vivo e sincero louvor.

Este monumento consagrado à cultura física da mocidade, em pleno coração da capital paulista, é motivo de justo orgulho para todos os brasileiros e autoriza aplaudir merecidamente a administração que o construiu.

As linha sóbrias e belas da sua imponente massa de cimento e ferro, não valem, apenas, como expressão arquitetônica, valem como uma **afirmação da nossa capacidade e do esforço criador do novo regime na execução do seu programa de realizações.**

É ainda, e sobretudo, este monumental campo de jogos desportivos uma obra de **sadio patriotismo, pela sua finalidade de cultura física e educação cívica.**

Agora mesmo assistimos ao desfile de dez mil atletas, em cujas evoluções, havia a **precisão e a disciplina, conjugadas no simbolismo das cores nacionais.** Diante dessa demonstração da mocidade forte e vibrante, **índice eugênico da raça**, - mocidade em que confio e que me faz orgulhoso de ser brasileiro - quero dizer-vos:

Povo de S. Paulo!

Compreendestes perfeitamente que o Estádio do Pacaembu é obra vossa e para ela contribuístes com o vosso esforço e a vossa solidariedade. E compreendestes ainda que este monumento é como um marco da grandeza de São Paulo a serviço do Brasil.

Declaro, assim, inaugurado o Estádio do Pacaembu (VARGAS, 1940, p.267, grifos meus).

O modelo estadonovista de integração da sociedade buscava também a eliminação “dos traços culturais considerados ‘perigosos’ para a formação da nação” (COUTO, 2014, p.47). No futebol do final dos anos 1930, “o ‘jogo de corpo’ ou ‘tranco

²⁹ Na época, São Januário era também conhecido como o “Estádios dos Trabalhadores” (COUTO, 2014, p.45).

legal' era condenado e punido por ser inaceitável a um estilo de jogo caracterizado pela retenção da bola e pela sucessão de dribles” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.80). Era também inaceitável, pois não condizia com a conduta da educação cívica, mencionada por Vargas em seu discurso.

No decreto-lei de 1941, o futebol amador era caracterizado como prática de desportos educativa por excelência que deveria ser fiscalizada pelas entidades desportivas profissionais. Nesse sentido, o futebol de várzea, jogado nas ruas sem tutela ou supervisão não corresponderia ao futebol da cultura cívica.

Em outros contextos que não o profissional, o da educação ou das outras práticas tuteladas, o futebol podia ser entendido como prática violenta. Na imagem abaixo, o jogador da várzea é representado de maneira diferente do jogador amador.



Figura 14. Cartão postal de 1944: “O campeão da várzea num joguinho amistoso” (2014).

Nota-se que certa distinção entre aqueles que praticavam o *association* e os jogadores da várzea permanecia, sendo o jogador profissional de então mais aproximado do discurso amadorista dos *sportsmen* enquanto que ao jogador da várzea, que tampouco jogava profissionalmente, se negava o mesmo *status* em sua prática.

Porém, a popularização do esporte, aproximaria o futebol de várzea do futebol profissional em uma época na qual o futebol nas escolas era parte do empreendimento na construção do cidadão, mas não na formação do jogador profissional. Aliás, não

havia uma formalização dessa concepção para o esporte profissional, de modo que os clubes investiam no treinamento de jogadores que, não raramente, ao serem contratados jovens adultos pelos clubes profissionais, já possuíam longa experiência com a bola, adquirida jogando nas ruas, praias, várzeas e outros lugares. Nos anos 1930 e 1940, apareciam dentre os sócios dos clubes os jogadores não-sócios procedentes do futebol de ruas, várzeas ou fábricas.

Nos anos que se sucederam à profissionalização do esporte, o futebol tornava-se um negócio cada vez mais rentável. Neves (2012) aponta que nos anos 1940 as regras internacionais da FIFA foram adotadas no Brasil, como a suspensão da lei de substituição de jogadores, a extinção da figura do cronometrista, e a adoção dos dois tempos de 45 minutos. Em 1939, a entidade torna obrigatório o uso de números nas camisas (STEIN, 2013), possivelmente por conta das transmissões radiofônicas. Interessante notar que, ao mesmo tempo em que, numerar os jogadores é uma forma de torná-los anônimos, é também uma forma de facilitar com que sejam conhecidos no maior meio de comunicação da época. Com o tempo, os números se tornaram míticos na camisa de habilidosos jogadores e ídolos, de forma que sonhar em ser um grande camisa 10 passou a ser possível.

No ano seguinte, o Conselho Nacional de Desportos (CND) é criado como subdivisão do Ministério da Educação e saúde, “destinado a orientar, fiscalizar e incentivar a prática, dos desportos em todo país” (art. 1, 3.199/1941)³⁰. Cabia ao conselho “rigorosa vigilância” sobre o futebol profissional e também incentivar a prática amadora, considerada como prática educativa. É esse decreto lei que institui os conselhos regionais nos estados onde houvesse mais de três associações esportivas da mesma modalidade, cujos membros eram indicados pelo governo³¹.

As ligas desportivas, de caráter facultativo, eram responsáveis pela organização municipal dos desportos. As associações desportivas, “entidades básicas da organização nacional dos desportos, constituem os centros em que os desportos são ensinados e

³⁰ O CND foi extinto em 1993.

³¹ As já existentes Confederação Brasileira de Desportos (CBD), Confederação Brasileira de Basket-ball, Confederação Brasileira de Pugilismo, Confederação Brasileira de Vela e Motor, Confederação Brasileira de Esgrima, e Confederação Brasileira de Xadrez, foram incorporadas ao CND. Naquela época, a CBD compreendia a regulação das práticas do *foot-ball*, do tênis, do atletismo, do remo, da natação, dos saltos, do *water-polo*, do *volley-ball* e do *hand-ball*, e estava sobre o desígnio desta quaisquer outras atividades esportivas que viessem a se organizar a partir de então (3.199/1941).

praticados” (art.24, 3.199/1941), podendo ser ambas especializadas uma modalidade, ou ecléticas, agregando mais de uma modalidade esportiva.

Foi esse decreto-lei que estabeleceu a relação hierárquica entre CND, CBD, federações estaduais e ligas, centralizando as decisões sobre o futebol na CBD. A centralização prejudicava os clubes e ligas de pouca expressividade, que não se encaixavam no novo sistema, enquanto a CBD proibia a vinculação de mais de uma liga de um mesmo desporto às federações estaduais, bem como de mais de uma federação às confederações nacionais.

A CBD ganhou amplos poderes de atuação, permitindo que as entidades com ela alinhadas obtivessem uma série de privilégios, especialmente no que diz respeito às liberações de verbas para a organização de competições, a construção de estádios e de centros esportivos (COUTO, 2014, p.41).

O investimento privado, no entanto, não desaparecera do meio futebolístico. Desde os anos 1920, nos estádios construídos pelas fábricas as devidas marcas de propaganda apareciam. Ou, mesmo antes disso, os estabelecimentos comerciais publicavam em jornais propagandas ligando seus produtos à figura dos *sportsmen*.

Sport
factor de SAÚDE

FOOT-BALL
ASSOCIATION



Goal-keeper pegando a bola contra o corpo e defendendo-a no chão.

Um meio fazendo passe com o pé direito. Passe curto para trás, com o calcanhar.

Full-back defendendo de cabeça.

Neutralizando um dribble e tomando a bola.

Tanco ao peito, para tomar a bola.

Interceptando a bola com o corpo e com o pé interno do pé.

Uma "puxada", ou shoot para trás.

Shoot rasante, para arrematar.

Posição do pé no passe.

Travando a bola.

Modos de cabecear, para trás e para a frente.

O CAMPO DO JOGO

75 m.

Posição dos jogadores, antes do "kick-off".

O jogo da bola com os pés, conhecido de quasi todos os povos antigos, era praticado na Grecia com uma bexiga de boi. Os soldados romanos alli o aprenderam e, mais tarde, o introduziram na Inglaterra, onde se tornou um jogo popular. Em sua origem, o "Association" confunde-se com o "Rugby", embora menos violento. Ao contrario deste, não é permitido aos jogadores se agarrarem, e só os goal-keepers podem segurar a bola ou tocá-la com os braços.

O foot-ball "Association" teve no Brasil uma acceitação surpreendente: não ha logarejo que não possua o seu campo. A diffusão deste sport entre nós foi rapida e intensa. Rapida e intensa, também, foi a acceitação conquistada por Gillette. Mesmo nas mais longinquas localidades ella é considerada o melhor meio de fazer a barba. Graças á Gillette podem, hoje, milhões de brasileiros barbear-se diariamente em casa, com economia e hygiene. Torne-se V. S., também, um entusiasta de Gillette. Use, sempre, laminas Gillette-Azul.



Gillette

Caixa Postal 1797 - Rio de Janeiro

3A-414

Figura 15. Propaganda da Gillette (1941).

Se até os anos 1920 era possível pensar os *sportsmen* com representantes das elites em sua maioria – sendo *captains* ou anônimos – a propaganda da marca Gillette aproxima os valores associados aos *sportsmen* do homem branco “genérico”, um dos praticantes anônimos do futebol seja este profissional ou não.

No final dos anos 1930, a publicidade se aproximava dos *cracks* que, além do salário e dos *bichos*, contavam, vez ou outra, com mais um a quantia extra pelo uso de seu nome e/ou sua imagem em produtos. Nessa mesma perspectiva, os primeiros garotos-propaganda do futebol começam a aparecer no final dos anos 1930. Leônidas da Silva talvez tenha sido o mais famoso deles.



Figura 16. Propaganda dos cigarros Leônidas dos anos 1940 (2013).

Após o terceiro lugar obtido pela seleção brasileira na Copa de 1938, a Lacta pagou 2 contos de réis ao jogador para criar um chocolate com o seu apelido, Diamante

Negro (AREIAS, 2007; REIS, 2013). Não somente Leônidas, mas o sucesso da seleção naquela Copa traria visibilidade ao jogador brasileiro:

O selecionado composto por jogadores de todas as “raças”, destacou-se por mostrar um futebol alegre e com um variado repertório de dribles, que se contrapôs ao estilo europeu por apresentar uma maneira de jogar em que as qualidades individuais dos atletas pareciam superar os pressupostos coletivos (COUTO, 2014, p.54).

Em pouco tempo, a estética do futebol jogado de forma mais livre, ainda que já integrada à ordem das ligas e confederações, seria reconhecido como elemento de “brasilidade”, sendo a negra responsável crucial pelos fracassos e sucessos (GUEDES, 2002).

A euforia popular em relação à Copa e àquele selecionado brasileiro também viabilizou a ampliação da programação esportiva na rádio, com comentaristas e repórteres de campo auxiliando na cobertura das partidas. Reuniu também mais interessados em investir nas inovações tecnológicas da rádio (COUTO, 2014).

Em 1943 o trabalhador do futebol, elemento fundamental na construção da imagem da nação passa a ter seus interesses regulados pela Consolidação das Leis do Trabalho – CLT (5.452/43). A CLT passaria a reger as relações entre atletas e clubes e o CND organizaria uma estrutura para o esporte no Brasil³².

Dessa maneira, Estado, *association*, industriais, operariado e várzea compunham o futebol profissional jogado no Brasil, sendo cada vez menos elemento de distinção de uma classe para cair na graça daquela parcela da sociedade a ser “civilizada”, necessária ao crescimento industrial do país.

O profissionalismo emerge no Brasil por cinco movimentos que se atravessam: do recuo dos *sportmen* frente às ligas, que passam a aceitar que jogadores sejam pagos; dos jogadores que deixam os gramados para cuidar somente das questões administrativas dos clubes; do potencial de arrecadação junto a um público cada vez maior presente para assistir as partidas; de clubes dispostos a pagar pelo desempenho e/ou participação de jogadores considerados mais habilidosos; e com jogadores dispostos a receber para fazer aquilo que já faziam e já gostavam e que encontravam em países europeus condições para viver do futebol.

³² Em 1947 é criada a Associação dos Jogadores de Futebol que, dois anos depois, seria oficializada como sindicato.

No final dos anos 1940, alguns jogadores faziam sucesso fora do Brasil, como Heleno de Freitas e Yeso Amalfi. Entre 1948 e 1950, Heleno passou pelas equipes do Boca Juniors da Argentina e pelo Junior de Barranquilla da Colômbia (NEVES, 2012), do então recém profissionalizado futebol colombiano (1948). Entre os anos de 1948 e 1951, Amalfi jogou em cinco clubes de países diferentes e em outros três clubes durante os anos 1950, quando se estabeleceu na França (AMALFI, 2009).

Embora ambos famosos, a migração de Yeso foi marcada pelo “bom mocismo”, enquanto Heleno circulava pela “má-fama”, arrumando briga com dirigentes e jogadores, buscando sempre um próximo destino até ser internado em Barbacena. Em comum os dois jogadores colecionavam amores por onde passavam.

Em suas memórias sobre a carreira de um atleta bem-sucedido, comenta sobre o comportamento do jogador brasileiro imigrante:

O mundo inteiro reconheceu o sucesso e a superioridade do futebol brasileiro e seus representantes, e que poderíamos seguir exportando o maior número de elementos para outros centros futebolísticos [...]. Mas, infelizmente, depois de anos de luta, ficou provada uma deficiência exportadora, que ocorreu acima de tudo devido ao pouco espírito de aventura de nossos jogadores na minha época [...] Os jogadores brasileiros na minha época, quando estavam fora do Brasil, com raras exceções, causavam graves problemas, atacados que eram de tantas saudades, tornando-se irrefreáveis. Geralmente todos eles, ao ganharem alguns milhares de dólares a mais, só pensavam em voltar o quanto antes, pouco se importando com os contratos firmados. Esse foi o maior problema que afetou a imigração de jogadores brasileiros para o exterior, na minha época, e que acontece até os dias de hoje (AMALFI, 2009, p.30).

Mas não somente o estranhamento de jogadores à sua nova condição desestabilizava a comercialização de jogadores. Segundo Rial (2009), a Segunda Guerra desarticulou a rede de agenciamento de emigrações de brasileiros para a Itália. Os clubes de descendentes italianos no Brasil foram compelidos a modificar seus nomes para outros que não fizessem alusão à nacionalidade italiana³³ e “a Federação italiana passa a restringir, a partir de 1947, a cinco o número de jogadores provenientes de federações estrangeiras que poderiam atuar em um clube, e a três o número dos quais poderiam ser cidadãos estrangeiros” (RIAL, 2009, p.10).

³³ Esse foi o caso da *Società Sportiva Palestra Itália* de São Paulo e seu homônimo de Minas Gerais, que alteraram seus nomes para Sociedade Esportiva Palmeiras e Cruzeiro Esporte Clube, respectivamente. Outro exemplo é o do *Sport Club Germânia* que passou a se chamar Esporte Clube Pinheiros.

Os sul-americanos que até então obtinham cidadania automática quando migravam para jogar na Itália ou Espanha, como *rimpatriatis* – ou seja, repatriados – passam a ser considerados *oriundis*, categoria que os colocava mais próximos dos estrangeiros do que dos nacionais (RIAL, 2009).

Sendo oficialmente trabalhadores, os jogadores no Brasil, em sua maioria, não mais advinham das famílias mais ricas. Se, de um lado, ídolos brasileiros se destacam nos campos e conseguem certa ascensão econômica, sendo assediados por clubes no Brasil e no exterior, de outro lado, estava longe de ser a mais nobre das profissões:

não havia nada pior para uma família do que ter alguém em casa se engraçando com um jogador de futebol. Era de se matar qualquer pai de desgosto. Os próprios atletas, quando estudavam, ao se apresentarem aos pretensos sogros, escondiam o fato, dizendo a profissão que seguiam. Alguns cursavam faculdades. Não encaravam a bola como meio de vida, mas como esporte. No máximo, como paixão passageira (NEVES, 2012, p.67).

Se certos valores sociais daquelas elites não sucumbiram com o futebol amador, dentro de campo, a disputa por jogadores famosos os tornavam mercadoria valiosa e a busca por talentos aumentava o recrutamento nos grandes clubes da época:

**TRINTA “CRACKS” SUBURBANOS
SERÃO EXPERIMENTADOS NO BANGU’**

Figura 17. Nota de jornal anunciando seleção de “cracks” pelo Bangu Atlético Clube (1940).

A manchete acima se refere à reunião da diretoria do Bangu, onde o então novo presidente do clube, Solon Ribeiro, explicitava seus planos para ampliar seu plantel. O jornal enfatiza a reunião de trinta atletas de destaque do subúrbio que passariam por um treinamento de experiência nos próximos dias que selecionaria 22 atletas em perfeitas condições de jogo, suficientes para montar dois times. O presidente argumentava que os grandes *cracks* que “fazem a delícia dos *fans*” sempre saíram dos subúrbios. E dos anos 1940 em diante, saíam cada vez mais do subúrbio e do interior do país rapazes para os quais ser jogador seria meio de ascensão social.

A partir dos anos 1950, paulatinamente, futebol e disciplina se relacionariam não somente fora de campo, como se ressaltou até o momento, mas também intensamente dentro das quatro linhas.

1.5 Uma nação se constrói transformando “vira-latas” em campeões

O problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: - para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão (RODRIGUES, 1958, p.62-63)

Embora sobrasse habilidade aos atletas brasileiros, faltava um título mundial para coroar o processo de nacionalização e de jogadores preciosos com suas jogadas surpreendentes e espetaculares do edulcorado esporte bretão. “O esporte tinha o status de um eficaz instrumento de aperfeiçoamento da nacionalidade e da raça, capaz de tornar um povo mais forte. No Brasil, a realização de um torneio tão importante tinha a responsabilidade de divulgar o poder do país e de seu povo” (SANTOS, 2005, p.1).

As empresas que já associavam suas marcas ao futebol e aos jogadores, não deixariam a Copa no Brasil³⁴ passar em branco. Couto (2014) observa que, dentre as diversas peças publicitárias que circulavam nos jornais do período, a Antártica, acostumada com a publicidade em meio aos boleiros desde o auge do futebol nas fábricas, assinou um contrato de exclusividade com a seleção uruguaia o qual impedia os jogadores daquela seleção de aparecer em público consumindo outra bebida.

Alguns estádios foram reformados para a ocasião, como foi o caso da Ilha do Retiro, em Recife; o Estádio dos Eucaliptos, em Porto Alegre³⁵; e o Pacaembu que na época completava dez anos de existência. O recém-construído Estádio da Vila

³⁴ Depois dos manuais importados que ensinavam a jogar, e das regras da FIFA incorporadas em 1941, o Brasil, no final desta década, se aproxima novamente da referência europeia. Segundo Santos (2005), para aquela Copa, a FIFA exigira arquibancadas para vinte mil pessoas, alambrados, túneis ligando o vestiário aos gramados, uma cabine de imprensa e outra para autoridades. Além da cobertura escrita através dos jornais impressos, as transmissões das partidas ainda eram exclusividade das emissoras de rádio (PRONI, 2002).

³⁵ Ambos construídos nos anos 1930.

Capanema, em Curitiba, também entrou nos planos da Copa. O Independência e o Maracanã, respectivamente em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, foram construídos especialmente para a ocasião.

Ainda que fossem exigidas vinte mil pessoas como capacidade mínima para os estádios, havia interesse de que esses espaços fossem os maiores possíveis, expressando o desenvolvimento do país e possibilitando arrecadações grandiosas com bilheteria. Por isso, todas as construções e reformas contaram com algum tipo de subsídio público.

Durante aquela Copa, questões relativas à política partidária se faziam notar. Com a redemocratização do sistema, políticos de diversos partidos procuraram de alguma forma associar a sua imagem ao futebol em busca de votos:

Neste sentido, o *Maracanã* era um palanque político extraordinário. Os cinco jogos que a seleção brasileira disputou no estádio acabaram por reunir um público total de 725.570 pessoas. Em plena campanha eleitoral, não surpreende que, em todas as partidas, panfletos pedindo votos circulassem no estádio. [...] Segundo muitos depoimentos – não sem intermináveis controvérsias, como quase tudo que cerca os antecedentes da final Brasil x Uruguai – a mudança da concentração da seleção brasileira, da distante Joá para *São Januário*, região de mais fácil acesso, teria atendido à necessidade de inúmeros políticos, empenhados em promover suas campanhas eleitorais às custas da seleção, posando ao lado dos jogadores. Realidade esta que envolvia o próprio técnico da seleção, Flávio Costa, candidato a vereador pelo PTB (AGOSTINO, 2002, p.148).

Flávio Costa, do Partido Trabalhista Brasileiro, um dos braços partidários criado por Getúlio Vargas, também treinava a equipe do Vasco da Gama naquele estádio. Na véspera da decisão, a delegação brasileira se transfere para São Januário. O técnico alegava que o motivo da repentina mudança era para que os atletas entrassem no clima da final, mas “nas 24 horas que antecederam o jogo ocorreram ali inúmeras romarias de políticos, que faziam discursos e tiravam fotos com os ‘campeões do mundo’, caso de Adhemar de Barros (PSP), governador paulista candidato ao Senado, e Cristiano Machado (PSD – outro braço partidário criado por Getúlio Vargas com o fim do Estado Novo), candidato à presidência” (FRANCO JUNIOR, 2007, p.90).

A tabelinha Rio-São Paulo se repetia na seleção. Além do técnico Flávio Costa, dos 22 jogadores selecionados para a primeira Copa após à II Guerra Mundial, apenas dois jogavam fora do eixo Rio-São Paulo: os gaúchos Nena (zagueiro) e Adãozinho (atacante), do Internacional de Porto Alegre. O também gaúcho Juvenal (defesa) jogava

no Flamengo, Noronha (meio-campo) jogava no São Paulo Futebol Clube, o baiano Maneca (atacante) no Vasco da Gama e o mineiro Bigode (meio-campo) no Flamengo.



Figura 18. Seleção Brasileira de 1950 (2010).

Assim como, a partir dos anos 1930, muitos trabalhadores migravam de várias partes do Brasil para a região centro-sul³⁶, no futebol não foi diferente. Embora somente naquela seleção de 1950 jogadores nascidos fora da região do país começasse a aparecer nas escalões, nos clubes, a presença desses já era notável.

Com a derrota de 1950 na Copa do Mundo, alguns culpados foram escolhidos. Conta-se que um documento secreto da CBD recomendava que “nas próximas escalões da seleção, não fossem convocados jogadores negros, mulatos ou mesmo descendentes de índios, uma vez que a capacidade de lidar com situações adversas destes elementos era notadamente inferior à dos jogadores brancos” (AGOSTINO, 2002, p.151). Sobre eles recaíam as acusações de falta de atributos “raciais”, morais e sentimentais.

O estímulo ao nacionalismo e ao patriotismo empenhados se traduzia, como até hoje, em jogar na seleção brasileira como o ápice do sucesso de um jogador. Entretanto, transferir-se para um clube estrangeiro poderia, obviamente, significar ficar fora dos

³⁶ Nos anos 1950, a região centro-sul correspondia ao que hoje se designa como região sul-sudeste.

planos do técnico. Ao contrário de hoje, não era comum que jogadores sem alguma fama ou times sem destaque saíssem do país.

Retomando os exemplos de Heleno de Freitas e Yeso Amalfi, que chegaram a jogar juntos no Boca Juniors, Heleno, apesar de campeão da Copa Roca de 1945 e da Copa Rio Branco de 1947, não teria muita chance na seleção de 1950 sob o comando de Flávio Costa, com quem se desentendera algumas vezes em sua passagem pelo Vasco. Amalfi, por sua vez, saíra do plano de interesses da seleção após fixar-se na França, onde virou o “*dieu du stade*” jogando por alguns clubes daquele país.

Na Europa apareceu “o mito associado com os futebolistas sul-americanos, construídos com homens de habilidades corporais especiais e qualidades estéticas remarcáveis” (RIAL, 2009, p.6).

No Brasil pós-Copa, especificamente no final de semana seguinte à disputa do quadrangular final, era hora de iniciar os campeonatos estaduais ou retomar os que foram interrompidos para a ocasião. Sem contar com uma competição de abrangência nacional, era comum que os campeonatos estaduais durassem o ano todo. Enquanto os cronistas reverberavam o choro do “maracanazo”, clubes e torcedores comemoravam seus títulos estaduais. Ainda no embalo da Copa, o Torneio Rio-São Paulo retomado naquele ano, tornou-se o primeiro torneio regular entre clubes de estados diferentes, o campeonato mais próximo de uma competição nacional até então.

A inexistência de uma competição nacional de times revelava importantes características do futebol brasileiro do próprio país. De um lado, as federações e os clubes sentiam-se livres e poderosos nos seus feudos estaduais, embora fossem instituições com isenções fiscais e que com frequência desfrutavam de contribuições e de instalações cedidas ou subvencionadas pelos poderes públicos. De outro lado, a organização de uma competição nacional de clubes num país de dimensões continentais requeria planejamento mais eficiente e melhoria do sistema de transportes. Contra todos esses obstáculos, estava a intenção de diversos segmentos sociais da segunda metade da década de 1950 de promover a integração nacional, um dos pilares das propostas de modernização, desenvolvimento e garantia da soberania territorial. O alargamento geográfico do mercado de trabalho registrado a partir de 1930, com crescente fluxo de migrantes para o centro-sul, marcara nova etapa da construção da identidade nacional (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.131).

Se no Brasil, o fracasso da Copa de 1950 abalou a confiança na Seleção – mas não em seu potencial político e econômico –, o sucesso da Copa do Mundo encaminhava a FIFA a pensar em outros produtos. Com a saída do francês Jules Rimet,

substituído pelo belga Rodolphe Seeldrayers que o acompanhara durante vinte e cinco anos como vice-presidente da entidade, a FIFA intensificava seus investimentos em campeonatos. Segundo Proni, o crescimento de países filiados à FIFA “tornava trabalhosa (e cara) a supervisão do futebol internacional” (PRONI, 2002, p.39). As confederações continentais da modalidade surgiam e se fortaleciam na medida em que a diversidade de campeonatos internacionais aumentava, expandindo-se, assim, os negócios da FIFA no período pós-guerra. Surgem a *Union Européene de Football Association* (UEFA), em 1954; *The Asian Football Confederation* (AFC), no mesmo ano; a *Confederation Africaine de Football*, em 1957; *The Confederation of North, Central America and Caribbean Association Football* (CONCACAF), em 1961; e a *Oceania Football Confederation* (OFC), em 1964. Todas criadas em função da organização dos campeonatos que se multiplicavam.

Dessa maneira, vários campeonatos internacionais entre clubes e também entre as seleções nacionais, apareceram entre os anos 1950 e 1960. Antes da *Champions League* ser criada, em 1955, ao menos três competições interclubes já aconteciam na Europa: a Mitropa - *La Coupe de l'Europe Centrale* – extinta em 1992; a Taça Latina, disputada entre França, Itália, Espanha e Portugal entre os anos de 1949 e 1957; e a Taça das Cidades com Feiras, um campeonato interclubes que teve edições entre os anos de 1955 e 1971. Todos esses campeonatos eram organizados de maneira alternada pelas federações nacionais e perderam força gradualmente à medida que a *Champions League* se consolidou. Em 1960, a experiente CONMEBOL estreava a Copa Libertadores da América. No mesmo ano surgem a *UEFA European Nation's Cup* e a Copa Intercontinental que depois de 2005 passou a ser chamada de Copa do Mundo de Clubes da FIFA. Todas elas compoem o calendário das principais competições profissionais até os dias de hoje.

Ainda como efeito da visibilidade que as copas do mundo proporcionavam aos atletas, Proni (2002) indica a configuração do mercado internacional de jogadores:

O maior assédio de equipes estrangeiras sobre jogadores integrantes dos selecionados nacionais, na década de cinquenta, e a decisão de preservar o espírito federativo levaram a FIFA a criar normas internacionais para regulamentar a transferência de atletas entre as federações filiadas (PRONI, 2002, p.40).

No Brasil, Juscelino Kubitschek, com seus “cinquenta anos em cinco”, aproximava ainda mais o Brasil da política liberal estadunidense. “A consolidação de uma sociedade urbano-industrial possibilitou a formação de um mercado consumidor de espetáculo e produtos esportivos direcionados aos diferentes segmentos sociais que se estruturavam nas cidades brasileiras [...] tornando-se o esporte mais “consumido” por todas as classes” (COUTO, 2014, p.74).

Enquanto os negócios do futebol se expandiam, após o insucesso da perseguição ao título mundial gerada pelo vice-campeonato de 1950 e outro “fiasco” na Copa de 1954, pensava-se em estratégias para superar o que se acreditava ser o “subdesenvolvimento” da seleção.

Segundo Franco Junior “o clima de instabilidade gerado após a morte de Vargas era semelhante ao da seleção brasileira após a Copa de 1954” (2007, p.130). Enquanto futebol e política partidária tornavam-se cada vez mais íntimos, a preparação dos jogadores profissionais passava a ser cada vez mais alvo de intervenção, com especialistas de diversas áreas se aproximando do cotidiano dos clubes, bem como na seleção. Os médicos, dentistas e psicólogos foram os primeiros. As avaliações médicas e a preparação física naquela época, apesar de já especializadas e em curso em alguns clubes, não eram práticas predominantes nos treinamentos. Na maioria dos clubes, a função de comandar o exercício físico era desempenhada pelo técnico.

Sobre a rotina dos treinamentos, Ruy Castro (1995) escreve:

Os jogadores treinavam de manhã ou de tarde, nunca em tempo integral. [...] Limitava-se a comandá-los nos exercícios do chamado “Regimento n.7”. Era um programa criado pelo exército francês na primeira guerra, adotado pelo exército brasileiro e usado nas aulas de educação física dos colégios. Consistia em correr, esticar os braços, bater palmas sobre a cabeça, fazer algumas flexões e pular carniça, tudo isso aos gritos de um-dois-três-quatro do preparador. Era mole. Os jogadores faziam aquilo assoviando, aproveitando para bater papo e combinar a saída daquela noite (CASTRO, 1995, p.75).

Ainda nos anos de 1950 os modelos políticos em confronto, o estadunidense e o soviético, além de travarem uma disputa armamentista e aeroespacial, disputavam os avanços no campo da medicina/saúde para, dessa forma, provar a superioridade de um povo sobre o outro. Cumpre lembrar, nesse sentido, que a preparação física e o desenvolvimento da medicina estavam relacionados à necessidade de exércitos fortes, com os militares mais bem preparados fisicamente para resistir às guerras iminentes e

demais conflitos do pós-guerra. Não à toa, que são oriundos das forças armadas os principais exercícios praticados em aulas de Educação Física e na preparação de atletas, como o Regimento Número 07, citado por Castro, como serão os demais preparativos quando voltados para obtenção de melhor rendimento físico no futebol.

Em 1956, João Havelange foi eleito presidente da CBD, substituindo Carlito Rocha, dirigente descendente do estilo amadorista. Havelange, apesar de vir do futebol amador³⁷, convidou Paulo Machado de Carvalho, ex-dirigente do São Paulo Futebol Clube e empresário do ramo da rádio e TV, para chefiar a delegação brasileira que disputaria a Copa na Suécia (FRANCO JÚNIOR, 2007).

Para aquela Copa, pela primeira vez a CDB organizou uma equipe técnica para a preparação dos brasileiros fora de campo. Mantendo a proporção entre jogadores de clubes paulistas e cariocas na escalação, Paulo Machado de Carvalho montou uma comissão para elaborar um plano estratégico que visava identificar e corrigir os erros das Copas anteriores, como “a desobediência ao desenho tático traçado pelos treinadores, a ausência de solidariedade entre os atletas e o excesso de individualismo, traços que eram atribuídos à própria formação sociocultural dos brasileiros” (COUTO, 2014, p.88).

Para corrigir tais “defeitos”,

buscou-se estabelecer um padrão de jogo preocupado com o equilíbrio entre a eficiência defensiva e a ousadia ofensiva; definir um responsável pelo estudo das táticas e deficiências dos adversários; instituir um conjunto de normas disciplinares para os atletas; programar com bastante antecedência as viagens e hospedagens da delegação (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.133).

Tal planejamento recebeu o nome de seu próprio idealizador, Plano Paulo Machado de Carvalho (PMC). O PMC previa o que deveria acontecer ao longo de todos os dias em que a seleção estivesse na Suécia. Um ano antes da competição, o médico da seleção visitara todas as cidades-sede para escolher os hotéis mais adequados. Procurara inclusive saber a previsão de temperatura para os dias e horários nos quais aconteceriam os jogos e planejara a compra de uniformes e chuteiras apropriadas para cada tipo de gramado (FRANCO JUNIOR, 2007). Dois meses antes do início da competição, os

³⁷ Havelange, antes de se formar em direito e tornar-se empresário, foi incentivado pelo pai a não praticar mais o futebol quando este rumava à profissionalização. Dedicou-se a outras modalidades esportivas amadoras até meados dos anos 1950 (HAVELANGE e GRUPO DE ESTUDOS OLÍMPICOS DA USP, 2012).

jogadores convocados foram chamados a se apresentar na Santa Casa de Misericórdia, na cidade do Rio de Janeiro, para passarem por uma série de exames físicos e análises clínicas.



Figura 19. Médicos examinando Garrincha durante os preparativos para a Copa de 1958 (2006).

Assim, “durante uma semana eles foram virados pelo avesso por clínicos, traumatologistas, neurologistas, radiologistas, cardiologistas, dentistas, oftalmologistas, otorrinos e até calistas” (CASTRO, 1995, p.131). Os resultados dos exames impressionaram os doutores pela quantidade de jogadores anêmicos, com problemas crônicos de digestão e circulação, dentes podres, infestação por parasitas, dentre outros.

Quarenta dias antes da Copa a seleção se reuniu para a preparação física no Rio de Janeiro, passando também por Poços de Caldas e Araxá, ambas em Minas Gerais. As duas últimas cidades foram propositalmente escolhidas pela altitude similar à das cidades suecas onde as partidas seriam disputadas. O governo de Juscelino investira

oitenta mil dólares nessa preparação, que também serviria para a CBD arrecadar o dinheiro necessário para custear a ida e a permanência da equipe na Suécia, incluindo-se nesse montante os salários e os *bichos* dos jogadores.

Junto aos grandes *cracks* deveriam estar atletas com disposição, fisicamente bem preparados. Os atletas também deveriam ter formação educacional mínima, embora esse quesito não tenha sido notadamente levado em consideração pela comissão técnica (FREITAS JUNIOR, 2014).

Durante os preparativos para aquela Copa, pela primeira vez, um preparador físico integrou a comissão técnica da seleção. Era Paulo Amaral, do Botafogo. O médico era do Bangu, Hilton Gosling que trouxe para o grupo o dentista Mário Trigo e o supervisor Carlos Nascimento. O psicólogo era João Carvalhaes, do São Paulo F.C. Todos “em sintonia com a cultura política estabelecida para aquela conjuntura [...]; enquanto elite letrada brasileira, buscaram novos padrões de comportamento, de estética e novas referências culturais, tendo por base a modernidade europeia” (FREITAS JUNIOR, 2014, p.11). Portanto, aptos segundo aquela ordem a definir a conduta ideal do atleta. O PMC estabelecia a subordinação do atleta à comissão técnica que o tutelava e controlava seus comportamentos, horários para comer, dormir, treinar, locais permitidos, com quem e em que momento poderiam falar. A sanção ao descumprimento das regras era não participar da Copa.

Freitas Junior (2014) comenta que o supervisor Carlos Nascimento também fazia as vezes de assessor de imprensa para reduzir o contato dos jogadores com jornalistas e representantes de clubes em busca de jogadores em meio aos melhores do mundo. Havia um grande esforço para manter os jogadores no Brasil e para que a Copa e os negócios fossem vistos como coisas distintas. Os jogadores estavam proibidos de participar de propagandas durante a competição.

Nos anos 1950 não era mais possível pensar os jogadores de seleção como anônimos. Contudo, a medicalização no futebol e o estabelecimento oficial de condutas indesejáveis ao jogador, construíam tecnologias importantes para o controle das condutas dos jogadores – anônimos ou não – e, posteriormente para se racionalizar a produção desses em massa nas escolinhas e categorias de base.

Apesar de não ser anônimo, Garrincha pode ser visto como um antiatleta cujo o corpo e as atitudes refutavam os constructos que se fazem visíveis no famoso futebol de seleção, e que serviriam de referência na formação dos anônimos, e no descarte de jogadores como o “alegria do povo”. Segundo Couto (2014), enquanto Belini, capitão

da seleção, branco de olhos claros era comparado na revista Manchete a um mocinho de Hollywood, Pelé e Garrincha se destacavam como ícones da “brasilidade”.

Juntos, Havelange e Paulo Machado de Carvalho implementaram na seleção elementos da gestão empresarial que já se ensaiava em alguns clubes brasileiros, como o São Paulo F.C., no qual Machado de Carvalho fora dirigente durante muitos anos antes de assumir a chefia da seleção. Contudo, Proni (2002) pondera que tanto no Brasil como na Inglaterra, os clubes ainda não se conformavam como empresa, pois:

O futebol-empresa requeria, além da racionalização dos métodos de gestão dos “negócios” do clube, a transformação do espetáculo em atração da programação televisiva (com contratos de transmissão), a implantação de modernas estratégias de marketing, a busca de novos mercados (ou de novas frentes de valorização) e, finalmente, uma nova regulamentação que permitisse a presença de grupos econômicos no comando do esporte. Por outro lado, devemos reconhecer que o modelo híbrido inglês permitia que fossem acomodados os diferentes interesses que passaram a girar em torno da organização de torneios (PRONI, 2002, p.45).

O mesmo autor cita o exemplo de uma empresa italiana de bebidas que pagou trinta mil dólares a cada clube da série A para fazer sua propaganda no entorno do gramado durante o campeonato italiano de 1952/1953. Uma aproximação do futebol com a racionalidade neoliberal, no entanto, somente aconteceria a partir dos anos 1970 na Inglaterra e nos anos 1980 no Brasil, quando interesses empresariais passam a também governar a organização de campeonatos e de clubes. A transmissão dos jogos, ao vivo e a cores passam a ser mais atrativas e abrangentes a um público maior e os clubes desenvolvem planos de marketing visando aumentar o tamanho das torcidas (PRONI, 2002).

Porém, na Copa de 1958, as transmissões televisivas dos jogos já foram realizadas para quase todos os países da Europa, e para outros continentes com atraso de vinte e quatro horas (AGOSTINO, 2002).

Um ano após o mundial, a perspectiva de um campeonato sul-americano de clubes proporciona a realização de uma competição disputada entre clubes campeões estaduais. Assim, em 1959 é criada a Taça Brasil – o primeiro campeonato brasileiro entre clubes³⁸. Segundo Mascarenhas (2014), o objetivo principal da criação do

³⁸ Campeões estaduais do ano de 1958: Bahia (BA), Santos (SP), Vasco (DF/Estado da Guanabara), Grêmio (RS), Sport (PE), Atlético Mineiro (MG), Ceará (CE), Atlético Pranaense (PR), Tuna Luso (PA),

campeonato era selecionar clubes para as duas vagas oferecidas pela CONMEBOL para a Taça Libertadores da América³⁹.

Trinta anos após a aceitação do jogador como profissional, em meio ao título mundial e a criação de mais campeonatos, questões sobre as especificidades dessa profissão emergiam em meio às preparações da Seleção para mais uma Copa do Mundo, sempre um campo de maior visibilidade para o país e os atletas.

À medida que a possibilidade do bicampeonato se aproximava, o futebol se tornava uma questão crucial para o governo brasileiro. Ou melhor, para todas as forças políticas que disputavam o governo. Os três mais importantes partidos do país – PTB, PSD, e UDN –, através de suas mais atuantes lideranças no momento, João Goulart (Presidente da República), Tancredo Neves (Primeiro Ministro) e Carlos Lacerda (Governador da Guanabara), procuraram aproximar-se da seleção. Jango lembrava que ele próprio havia sido jogador de futebol, atuando como volante no *Cruzeiro de São Borja* e no *Internacional*, até uma infecção o afastar dos gramados. Durante a Copa [de 1962], acompanhava os jogos com entusiasmo, procurando evitar que seu interesse pela seleção fosse atacado pelos seus opositores como falta de compromisso com as questões governamentais. Lacerda, por sua vez, trazia à lembrança sua luta pela lei do passe dos jogadores, proposta alguns anos antes, posicionando-se como ‘o regulamentador’ que o esporte precisava para tão importante questão” (AGOSTINO, 2002, p.153).

Segundo a Assessoria de Imprensa do Estado da Guanabara (2014)⁴⁰, Carlos Lacerda implantou em 1963 o Fundo de Garantia do Atleta Profissional (FUGAP)⁴¹, responsável por constituir e administrar um fundo de garantia destinado a assegurar ao jogador de futebol profissional a manutenção da renda durante o período necessário à adaptação do jogador a outra atividade, após a aposentadoria ou durante período de impossibilidade de exercício da profissão, período esse que poderia chegar a um décimo

Rio Branco (ES), Ferroviário (MA), ABC (RN), CSA (AL), Auto Esporte (PB), Hercílio Luz (SC), Manufatora (RJ).

³⁹ De 1960 a 1998, as vagas eram distribuídas igualmente para os países participantes. Em 1999 a quantidade de vagas aumenta e é redistribuída entre os países.

⁴⁰ Em transcrição de áudio.

⁴¹ A diretoria da instituição era formada por jogadores atuantes no Rio: Castilho, então jogador do Fluminense, Nilton Santos, do Botafogo, e Paulinho de Almeida, do Vasco. Todos eles se aposentaram logo após à criação da FUGAP, respectivamente aos 38, 39 e 32 anos de idade.

da duração da carreira do jogador. Os recursos para o fundo advinham de dez por cento abatidos do preço dos ingressos dos estádios.

Sob críticas a respeito da criação da taxa sobre os ingressos, Lacerda argumentava a importância do futebol para a imagem do Brasil no exterior: “o futebol era mais importante para o Brasil do que o Itamaraty, valia por um Ministério de Comércio Exterior, e era o único Ministério do Turismo que o país tivera até então” (Assessoria de Imprensa do Estado da Guanabara, 2014, p.103).

No mesmo documento, a Assessoria relata que Lacerda, quando deputado federal, entre os anos de 1947 e 1955, apresentou um projeto de legislação trabalhista especial para atletas, argumentando que o passe, prática comum ao menos desde os anos 1940, era um remanescente da escravidão, pois “os clubes garantiam sua prosperidade vendendo jogadores como mercadoria” (Assessoria de Imprensa do Estado da Guanabara, 2014, p.107). A transação era feita entre os clubes que, quando muito, repassavam uma parte do dinheiro ao jogador. Quase trinta anos antes da Lei do Passe, o projeto de Lacerda previa que o atleta deveria pagar uma indenização, apenas ao clube que investiu em sua formação, fixada no contrato inicial do jogador, e saldada pelo clube “comprador”. Mas o projeto foi engavetado após sua saída da Assembleia.

A Assessoria de Imprensa também atribui à Lacerda o argumento de que “para ter um jogador campeão era preciso uma série de jogadores medianos e até fracassados” (Assessoria de Imprensa do Estado da Guanabara, 2014, p.103). Próxima da aposentadoria da primeira geração de atletas profissionais após a incorporação do esporte ao aparato estatal através do Departamento de Imprensa e Propaganda e do Conselho Nacional de Desportos, a criação da FUGAP levantava questões sobre o passe, a curta carreira do jogador de futebol e as condições de se ingressar em uma nova ocupação, principalmente por aqueles que não atingiriam notoriedade frente à torcida e aos veículos de comunicação: os anônimos.

A FUGAP oferecia em 1965 uma série de cursos para ex-atletas: primário supletivo, científico, pré-vestibular, química e engenharia, estágio de curso de jornalismo, curso de inglês, de desenho artístico e técnico, de radiotécnica, de contabilidade, de radiotelegrafia, de fotografia, de promoção de vendas e de direção de automóvel. Era a sua maneira de propor como manter produtivas aquelas pessoas velhas demais para jogar bola e ainda jovens para a improdutividade social.

No embalo do desenvolvimentismo, novos estádios começaram a ser construídos no início dos anos 1960. Foi o caso do Morumbi, do Mineirão e do Beira-Rio. A maior

fonte de renda dos clubes ainda era a bilheteria e um estádio grande era visto como benéfico aos clubes de torcidas numerosas (MASCARENHAS, 2014).

O futebol se desenvolvia como um negócio muito particular nos anos 1960, com as receitas fluando de acordo com o desempenho do clube, sem planos de marketing e nem aluguel do estádio para outros usos, dependendo de sócios, de doações e, sobretudo, da bilheteria, “não havia a figura do capitalista empreendedor” (PRONI, 2007, p.43)

Naquele contexto, os clubes pequenos, que não contavam com grandes “padrinhos” e nem torcida numerosa, acabavam em condições rebaixadas para competir profissionalmente, confinando-se ao papel de selecionador de talentos (MASCARENHAS, 2014). Os grandes clubes, por sua vez, distribuíam seus “olheiros” país afora procurando os talentos, em uma época na qual não havia o plano de formação especializada para o jogador.

1.6. O jogador peça e a necessidade de se produzir atletas

O jogador de futebol mantinha-se na condição de artesão que detinha o saber sobre a produção. Não havia como o clube se apropriar desse saber. Esta impossibilidade, por sua vez, assegurava ao jogador uma autonomia dentro da atividade esportiva que certamente opunha obstáculos à dominação (FLORENZANO, 1998, p.102).

As palavras de Florenzano remetem ao início do profissionalismo na Inglaterra do século XIX. Contudo, no caso brasileiro, essa autonomia do jogador dentro de campo pode ser observada até o decorrer dos anos 1950, quando aparecem os primeiros mecanismos de apropriação e controle dos modos de produção do espetáculo dentro de campo através da entrada dos especialistas do esporte nos clubes.

Como afirma o mesmo autor, a militarização do futebol, e o autoritarismo na sociedade brasileira, precedia o golpe de 1964. Porém, esse processo se intensificou no final dos anos 1960, evidenciado já na Copa do Mundo da Inglaterra, em 1966.

Nesta Copa, a seleção ainda não era um projeto do governo militar. O presidente “Castelo Branco não se apresentava em público no momento das transmissões radiofônicas dos jogos, demonstrando um comportamento discreto com relação às

questões esportivas” (COUTO, 2014, p.133), procurando diferenciar-se dos governantes partidários anteriores. O aparente desinteresse do novo governo, no entanto, não intimidava os poderes locais que disputavam a presença do selecionado em suas cidades.

Repleto de jogadores consagrados como Djalma Santos, Bellini, Pelé e Garrincha, o selecionado despertava grande interesse por onde passava. Os políticos locais ‘disputavam’ a presença da delegação em suas cidades, tendo em vista a possibilidade de divulgar o potencial econômico e turístico de suas respectivas localidades. Afinal, a visita da seleção era garantia de visibilidade nos veículos de comunicação (COUTO, 2014, p.131).

Como lembra Proni, “embora o futebol já ensaiasse seus passos na TV e no cinema” (2002, p. 41), jornais impressos e as rádios eram ainda predominantes na cobertura esportiva.

A Copa da Inglaterra foi a primeira a ter os jogos transmitidos ao vivo pela televisão com direito a *replay* das jogadas mais importantes (PRONI, 2002). Foi também a primeira Copa a ter os direitos de transmissão das partidas negociados pela FIFA, tanto no rádio quanto na televisão (RÁDIO GLOBO, 2015). A final entre Inglaterra x Alemanha pôde ser assistida por trinta e seis países e cerca de 400 milhões de telespectadores (AGOSTINO, 2002). A experiente seleção brasileira vencera apenas um jogo, sendo eliminada da competição ainda na primeira fase.

Após conquistar dois mundiais seguidos, a seleção brasileira fazia a sua pior campanha na história até aquele momento. Na cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente na Cinelândia, “ocorreu o enforcamento simbólico da comissão técnica brasileira” (COUTO, 2014, p.137). A derrota suscitou o debate midiático sobre os problemas do futebol brasileiro, como de costume, movimentando interesses juntamente às motivações que se atribuíram ao fracasso da seleção.

Dentre os principais problemas apontados estavam a ausência de condicionamento físico dos atletas, a desorganização na fase preparatória da competição, a excursão para exibições que teria sido desgastante para os jogadores, a convocação apenas três meses antes da competição de um total de 45 jogadores, e as relações políticas de João Havelange na CBD, que incluía atletas no grupo para atender “aos caprichos dos cartolas e dirigentes das federações estaduais, que viam na Seleção

Brasileira a possibilidade de valorizar seus respectivos jogadores” (COUTO, 2014, p.131).

O desligamento de Paulo Machado de Carvalho da CBD no início de 1966 também contribuiu para o clima de descontentamento. A mudança na chefia da delegação após oito anos e dois títulos consecutivos desagradara aos dirigentes paulistas (COUTO, 2014) que perdiam espaço na confederação. Dessa maneira, dirigentes paulistas com o apoio de políticos de vários estados, principalmente os opositoristas do governo de Castelo Branco, queriam João Havelange deposto.

Adversários políticos de Havelange se mobilizaram contra a desorganização do comando técnico. O jornal O Estado de S. Paulo pedia a intervenção do presidente militar na CBD (COUTO, 2014). O deputado Anísio Rocha, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), propôs uma CPI para se investigar as causas da derrota e a utilização dos recursos federais destinados à entidade desportiva (AGOSTINO, 2002; COUTO, 2014).

Nesse clima, os integrantes da CBD pensavam em como montar novamente uma equipe de sucesso. Em 1968, Aimoré Moreira, então técnico da seleção, foi enviado em uma viagem à Europa com o objetivo de estudar a preparação – principalmente a física e a tática – das seleções que estariam na Copa do México, em 1970. “Aimoré procurava reduzir a importância atribuída ao craque” (COUTO, 2014, p.175).

Os craques goleadores e individualistas começavam a perder espaço nos clubes para os jogadores talvez menos habilidosos, mas obedientes e fisicamente bem preparados em um futebol que se pretendia mais objetivo e mais organizado, a ser denominado, posteriormente, de futebol-força ou futebol científico. Naquele novo paradigma “não era o jogador que deveria dirigir a máquina mas, pelo contrário, era ele que devia deixar-se conduzir enquanto máquina natural, mera peça na engrenagem de poder na qual achava-se inserido” (FLORENZANO, 1998, p.100).

Dentro de campo pensava-se na restrição do espaço daqueles que deveriam organizar o ataque ao passo que se valorizava o condicionamento e a força física de cada atleta, possibilitando que ele corresse durante os noventa minutos de partida e protegesse a bola do ataque adversário.

Novamente o jogador passa a ser foco do empreendimento de vários profissionais, encarregados de inscrever naqueles corpos novas tecnologias que os atualizariam nas relações de poder que ganhavam força na época. Se nos preparativos para a Copa da Suécia, em 1958, estava em jogo livrar o jogador de suas mazelas para

que a brasilidade pudesse “aflorar”, numa perspectiva biopolítica higienista, em 1970 o empenho era em livrar-se daquela “brasilidade” natural para que a técnica pudesse ser aperfeiçoada.

Com o trabalho dos especialistas na formação do atleta, jogar bola já não era apenas uma característica de brasilidade, como se costumava dizer e o jogador teria que ser cuidadosamente treinado, nutrido e exercitado para dele se extrair o máximo de sua eficiência esportiva. Não bastava mais a “brasilidade” e os treinos com bola. Era necessária hipertrofia muscular, obediência e também “disciplina na conduta de vida” (FLORENZANO, 1998, p.48).

Desde ao menos 1950 havia a preocupação explícita com a conduta do jogador de futebol representante do Brasil nas Copas fora de campo. Uma série de medidas como o Plano Paulo Machado de Carvalho e a aproximação de especialistas foram ajustes ao traçado da conduta do jogador para que este transmitisse, principalmente para fora do país, uma boa impressão do indivíduo brasileiro. No início dos anos 1970, “tornava-se premente a necessidade de governar a conduta do jogador de futebol, tanto dentro, quanto fora da esfera de atividade profissional” (FLORENZANO, 1998, p.92). “Ordem, disciplina, desenvolvimento e harmonia deveriam ser elementos incorporados ao jogador de futebol” (COUTO, 2014, p.144), pois essa era também a conduta que se impunha à população, através da Doutrina de Segurança Nacional.

A objetivação do futebol tinha como principal meio a construção de uma equipe-máquina, para qual se exigia, para o pleno funcionamento, o jogador-peça, também objetivado (FLORENZANO, 1998). Peças que não fossem indispensáveis, mas substituíveis.

O “governo de jogadores” (FLORENZANO, 1998, p.93) conduzido pelo modelo militar de disciplina aos poucos se empenhava em suprimir as diferenças no futebol. Esse novo paradigma do rendimento instituía a necessidade crescente de se investir na formação do atleta, não apenas da seleção, mas, sobretudo, no cotidiano dos clubes, demandando uma formação específica para a profissão, que preparasse o jogador para ser atleta englobando correções físicas e técnicas, mas também táticas de jogo mais eficientes e condutas apropriadas.

Uma série de práticas sobre o corpo e a vida do jogador começa a ser testada e planejada também nos clubes. Uma carga maior de exercícios físicos, “prescrições morais que desaconselhavam o fumo e a ingestão de álcool, a vida boemia, o ‘excesso’ na atividade sexual, mas que igualmente propugnava a boa aparência, imposição essa

que excluía decerto o uso da barba, dos cabelos longos, das roupas extravagantes, enfim, tudo que infringisse os bons costumes” (FLORENZANO, 1998, p.107).

Aos poucos, na medida em que os clubes criavam mais regras para adequar a conduta dos jogadores ao novo modelo de atleta, algumas punições se tornavam comuns:

como meio de sanção econômica, cada clube implantou, à sua maneira, uma ‘tabela’ de multas que consistia em uma taxa percentual descontada sobre os vencimentos dos jogadores cuja variação acompanhava a gravidade do ‘ato infrator’ [...] Cada clube criava, ao seu modo, formas de punição convenientes à sua política disciplinar (COUTO, 2014, p.190-191).

As punições variavam entre multas em dinheiro, proibir o jogador de treinar e às vezes ser emprestado para algum outro time. Segundo o ex-jogador Afonsinho, em entrevista a Florenzano (1998), pensou-se até em proibir os jogadores de usar carro porque se acidentavam demais.

Como efeito dessa nova maneira de conceber o futebol profissional, o técnico, antes um escalador que também conduzia o treinamento físico, passa a assumir uma postura de comandante dentre os jogadores-soldados. Enquanto se desnaturalizava a chamada essência do jogador brasileiro, o futebol científico que embasava o futebol-força era entendido como uma evolução natural da preparação do atleta e não como efeito das novas relações entre poder e saber no campo esportivo (FLORENZANO, 1998).

O técnico passa a se especializar, frequentando a universidade e os congressos onde se discutem estratégias de preparação dos atletas, relacionadas ao modelo de formação importado da Europa (BELTRÃO, 1974). É neste momento que essas práticas disciplinares e biopolíticas aparecem com maior amplitude no futebol brasileiro operando uma separação distinguível entre o lúdico e a técnica no futebol profissional.

Em decorrência dessa nova racionalidade que permeava o futebol, mais uma vez é remarcada a diferenciação entre futebol profissional e o futebol de várzea, desqualificando o segundo em relação ao primeiro. Se os iniciais movimentos do profissionalismo, nos anos 1940, incluíram a várzea como fonte de recrutamento a introdução do aprendizado formal do futebol, em detrimento do aprendido de forma espontânea, indica que a prática especializada de formação de profissionais começava a se fazer imperativa à produção de novos jogadores.

Através das chamadas escolinhas de futebol, pensava-se o treinamento do jogador observado, medido, alimentado, moldados nas novas concepções de atleta. “O jogador-aluno realizava exercícios físicos, técnicos e táticos, para desenvolver a função e o posicionamento nos sistemas de jogo” (FLORENZANO, 1998, p.41). No final dos anos 1960, técnicos como Zagallo, então no Botafogo, defendiam que jogadores desconhecidos com mais de vinte anos não deveriam ser aceitos no clube (FLORENZANO, 1998).

Dessa maneira, as categorias de base dos clubes tornam-se concomitantemente escolas de formação e fábricas de atletas (DAMO, 2007). Ou seja, os clubes ao mesmo tempo em que preparavam seus trabalhadores forjavam no corpo dos próprios trabalhadores as peças do seu jogo, seus soldados.

O caso de Zico talvez tenha sido a primeira experiência notável, pois de sucesso, de um jogador formado/produzido de maneira especializada em um centro de treinamento de um clube. Zico chegou ao Flamengo em 1967, aos 14 anos. Em Quintino de Bocaiuva, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro onde morava, Zico jogava na rua, num campinho de esquina próximo à sua casa. Era irmão de outros dois jogadores de expressão na época: Antunes, ex-jogador do Fluminense e do América, em vias de se aposentar no Olaria, e Edu, jogador do América e da seleção brasileira.

Antes de estreitar como profissional no Flamengo, Zico passou quatro anos sendo preparado para ser um atleta modelo, quando ganhou o apelido de Galinho de Quintino, em referência ao bairro onde morava.

Zico pode ter sido um dia um menino anônimo que jogava bola na rua do bairro com os irmãos. Porém, na referência do futebol profissional, o atleta pouco teve anonimato, uma vez que saiu da base do clube e apresentado como promessa que se firmou. Caso semelhante a de atletas que surgiram posteriormente como, Neymar e Messi. A maioria das “promessas”, no entanto, acabam caindo no anonimato.

Em 1972, o jornal Gazeta de Alagoas expunha detalhes da experiência de sucesso do Flamengo.

GAZETA DE ALAGOAS - DOMINGO - 4 DE ABRIL DE 1972 - CADerno B

Depois de 11 meses e meio de tratamento.

ANALISA	VALOR	VALOR NORMAL
Temperatura	36,6	36,0 - 37,0
Pulso	80	60 - 100
Pressão	100/60	90 - 120
Respiração	18	12 - 20
Humidade	95	90 - 100
Acidez	7,35	7,35 - 7,45
Proteína	8,5	6,5 - 8,5
Albumina	3,5	3,5 - 5,0
Ureia	1,5	0,8 - 1,5
Creatinina	0,8	0,6 - 1,2
Glucose	100	80 - 120
Cholesterol	200	150 - 250
Hemoglobina	15	12 - 16
Hematócrito	45	40 - 50
Hemograma	4.500	4.000 - 10.000
Plaquetas	150.000	100.000 - 400.000
Coagulante	15	10 - 20
Diagnóstico	85	80 - 90
Quilograma	65	60 - 70

Outro 10 para a história.

Ontem, contra o Olaria.

6 Zico, 4 gol, 6 Zico, 4 gol.

Sem medo de visitantes.

Enfim, o craque de laboratório.

Quase todos os dentes e as amígdalas com focos infecciosos, um quisto sebáceo no rosto, palidez, corpo magro e arqueado, personalidade excessivamente tímida, assim que Zico se apresentou na escolinha do Flamengo em 1969, encaminhado pelo radialista Celso Garcia, seu incentivador. Todas essas deficiências, no entanto, não impediram o estilo superarse toda a falta de estrutura física. Quando era implacavelmente marcado e se defrontava com jogadores violentos e fortes é que Zico sentia dificuldade de mostrar o seu jogo.

Nesta época, preocupava-se muito mais com o físico e com as loucuras de Yustrich e não dava tempo para reparar no potencial daquele garoto de 16 anos e muito menos perder tempo em consultas especializadas que o livrassem dos seus problemas. Por sorte do clube, no entanto, estagiava lá o

zogar cada vez mais e a fazer mais gols) era para nós um estímulo de novos testes e muito trabalho.

Nesta época, o Flamengo esteve a ponto de perder o hoje "Rei Artur" para o Vasco da Gama. Devido ao descrédito de muitos dentro do Flamengo, o Celso Garcia, estava disposto a entregar o Zico aos cuidados do Celso de Souza, que havia ido para o Vasco para ser técnico das divisões inferiores.

Nesta fase foi muito importante a intervenção do saudoso Zé Nogueira, pois foi ele quem conseguiu a permanência do Zico no Flamengo, por solicitação da família. Esta, entretanto, tinha uma exigência, que era a de que conseguíssemos que o Zico almoçasse no Flamengo após os treinos, pois somente assim era possível que ele tivesse tempo de ir ao colégio à tarde. A pedido do Zé, então, providenciei junto ao Departamento de Futebol que o Zico almoçasse no clube.

É até divertido imaginar que o Zico, que hoje vale uma verdadeira fortuna no Flamengo, em meados não tinha orec, ficou no

ção básica para tal tratamento, pois o sacrifício é muito e a vontade fundamental.

O esquema de alimentação seguiu uma soma de 4 essenciais com complementos alimentares. Os horários foram seguidos à risca, o que não é fácil de cumprir com jogador de futebol. O café da manhã era servido às 7 horas. As 10 horas, já no clube, havia complemento, que era dado não só ao Zico mas a outros jogadores. O almoço às 12 horas era no clube ou na casa da família, na praia do Flamengo, e seguia nossa orientação. Às 18 horas, era fornecido outro complemento, às 19 horas, o jantar, já sob os cuidados da D. Mas a nossa orientação; e mais complemento alimentar.

Toda a alimentação se baseou em proporcionalidade rigorosamente enquadrada sob o ponto de vista quantitativo. Fundamentalmente, os alimentos foram todos os tipos, sob a forma de ovos, legumes de todos os tipos, e até mesmo frutas como de galinha.

Figura 20. Zico, o craque de laboratório (1972).



Figura 21. Zico em um aparelho de exercícios no Centro de Treinamento do Flamengo (1972).

Zico se transformava em modelo de jogador da época dentro e fora de campo. Nos clubes a preocupação com o rendimento esportivo do atleta se sofisticava quando os especialistas passam a se preocupar com a produção do jogador de futebol como um tipo específico.

Além de práticas disciplinares, já presentes no futebol escolar desde o século XIX, adentram aos centros de treinamento em decorrência da militarização do futebol profissional, as amplas práticas biopolíticas naquele ambiente, institucionalizando um novo governo destes corpos sadios e disciplinados. Segundo Foucault (1999), a biopolítica possui funções diferentes do poder disciplinar e visa ao controle de uma população em sua duração através de previsões, de estimativas estatísticas, de medições globais (FOUCAULT, 1999, p.293). Agora o controle da população de jogadores de futebol eleva o controle sobre a saúde desses corpos em sua totalidade, acoplada aos dispositivos disciplinares individualizantes. Configura-se um modo específico de caracterização da população jogador de futebol profissional.

Por meio desses mecanismos de regulação, pretende-se estabelecer um padrão para os acontecimentos aleatórios de uma população, com o objetivo de otimizar a sua durabilidade e estabelecer um equilíbrio global.

No futebol, as pesquisas passam a ser desenvolvidas por diversas áreas de conhecimento na tentativa de estabelecer regras gerais de controle de fatores biológicos, tais como peso, desenvolvimento de massa muscular, aumento da resistência cardiovascular, aumento da resistência anaeróbica, da velocidade e da força, avaliação do equilíbrio muscular, da composição corporal, análise de lactacidemia, dentre outros.

Ao mesmo tempo em que movimentações como essas aconteciam nos clubes, o futebol e a educação física passavam a ser consideradas prioridades para os governos militares. Em 1968 é criada a Agencia Especial de Relações Públicas (AERP). Por meio de campanhas publicitárias, “o clima de otimismo atribuído ao *milagre econômico* e percebido principalmente nas camadas medias e nas elites urbanas deveria ser canalizado em prol da construção de uma imagem idealizada do Brasil, cujos componentes pertenciam a um projeto de identidade nacional” (COUTO, 2014, p.152-153). No ano seguinte, com a emenda constitucional nº1 “tornou-se competência da União legislar sobre normas relativas ao desporto” (COUTO, 2014, p.142) e cargos de chefia do CND e CBD passam a ser ocupados por militares.

Entre os governos de Arthur da Costa e Silva (1967 – 1969) e de Emílio Garrastazu Médice (1969 – 1974) os militares tornariam a intervir de maneira mais enfática em relação ao selecionado nacional, de modo que, no início da década de 1970, o futebol tornar-se-ia “um dos elementos mais expressivos da propaganda oficial” (COUTO, 2014, p. 140).

Enquanto isso, João Havelange mantinha-se no comando da CBD. Dez dias antes do AI-5, em uma audiência com o “presidente” Costa e Silva ele e o chefe da delegação brasileira, brigadeiro Jeronimo Bastos, discutiam os rumos da seleção (COUTO, 2014). De lá sairia o novo projeto da Loteria Esportiva com o objetivo de arrecadar recursos para o governo custear os preparativos e a viagem para a Copa do México (PRONI, 2002). Couto (2014) menciona que, naquela mesma reunião, Costa e Silva também havia idealizado a formação de uma seleção brasileira permanente que seria um time oficial do governo, o que não chegou a acontecer.

Pouco mais de um ano antes da competição, em fevereiro de 1969, a escolha de João Saldanha para técnico da seleção, dez anos após sua experiência como técnico do Botafogo, estranhou a muitos. Para além da sua pouca experiência como técnico, havia outras questões:

Os paulistas lamentaram que a CBD tivesse se rendido a um carioca, enquanto os militares mais conservadores também falavam de rendição, só que a um comunista. Em outro plano, jornalistas surpresos e técnicos que cobiçavam o cargo insistiam que Saldanha era bom no microfone, mas treinar uma equipe de futebol, ainda mais como a seleção brasileira, era coisa muito diferente” (AGOSTINO, 2002, p.156).

A estreita relação de Saldanha com o Partido Comunista Brasileiro provocava desconforto “à direita e à esquerda” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.141). Além disso, o jornalista frequentemente se posicionava contra “as relações clientelistas que envolviam a CBD e as federações estaduais de futebol” (COUTO, 2014, p.145). Dois meses após a edição do Ato Institucional 5, a opção pelo jornalista pode ter sido uma estratégia para o governo vigiá-lo de perto, tanto para desviá-lo dos caminhos entre Havelange e a presidência da FIFA.

Com a seleção o técnico conseguiu bons resultados, inclusive a classificação para a Copa de 1970, “aproximando a seleção do homem comum, dos militares e até mesmo de alguns militantes de esquerda” (AGOSTINO, 2002, p.156). Aprovado por

cariocas e paulistas, Saldanha se consolidou no cargo, apesar da desconfiança que inspirava ao governo, sempre vigilante em relação ao técnico e à seleção.

Saldanha não chegou até o México. Em uma viagem pela Europa para conhecer os sistemas táticos adversários, aproveitou o interesse da imprensa em conhecê-lo para falar sobre o que acontecia no Brasil, não somente na seleção (COUTO, 2014). A censura impediu que suas declarações repercutissem no Brasil.

Saldanha foi demitido em 17 de março de 1970, sem maiores explicações, assim como também fora admitido um ano antes. Dez dias após a sua demissão, a Revista Placar publica a “carta aberta ao futebol brasileiro”, escrita por João Saldanha, na qual o jornalista explicitava preocupações com os usos políticos da seleção e as implicações destes na vida do jogador, maior patrimônio do futebol brasileiro.

Após uma polêmica gerada em torno da não escalação de Pelé durante os amistosos de preparação para a Copa, Saldanha sugeria que os jogadores não pudessem disputar mais que 52 partidas ao ano em uma época na qual tanto os jogos amistosos da seleção quanto dos grandes clubes eram grande fonte de renda extra-campeonatos e publicidade das mais eficazes para o regime militar.

Para a Copa do México seria necessário, além da propaganda, investir na melhoria da seleção nacional. Assim como acontecia nos clubes, nos quais já se experimentava alguns preparadores físicos, médicos e psicólogos, novamente a seleção recebe a sua cota de especialistas junto ao novo técnico: Zagallo. De maneira diferente das copas de 1958 e 1962, não houve convite para dentistas e psicólogos. Além do massagista Mário Américo que já compunha a delegação brasileira desde a Copa de 1950, o médico Lídio Toledo e o preparador físico Admildo Chirol integravam a delegação brasileira, chefiados pelo brigadeiro Jerônimo Bastos. Segundo Florenzano (1998) e Couto (2014), a pedido de Chirol, a CBD contratou mais dois preparadores físicos auxiliares: Cláudio Coutinho, formado pela Escola de Educação Física do Exército e em administração de empresa pela UFRJ, e Carlos Alberto Parreira. Também de maneira diferente das copas anteriores, o médico não era o elemento central da comissão técnica na qual o foco de trabalho era eliminar enfermidades dos atletas.

Impunha-se em 1970 outra necessidade: a de se construir o atleta da maneira que se deseja. Nesse sentido, a condição física dos jogadores era preocupação central. Os jogadores e a comissão técnica viajaram ao México com três meses de antecedência para se acostumar com a altitude e desenvolver a preparação física. Como fazia no Botafogo, o preparador físico prescrevia treinamentos individualizados de acordo com

as “necessidades” de cada jogador, avaliadas através do teste de Cooper. Dessa maneira, a exemplo do que acontecia em clubes como o Botafogo, Flamengo, São Cristovão, São Paulo e outros, o futebol e o discurso científico se aproximaram.

Em suma, foi nos anos 1950 que os primeiros especialistas começam a trabalhar nos clubes de futebol e na seleção, porém, é a partir de 1966, que “toda uma mudança de concepção em decorrência da qual a preparação física, embora desde sempre levada em consideração na prática do futebol, passaria a ocupar posição central” (FLORENZANO, 1998, p.26), juntamente à tática desenvolvida pelo técnico-comandante. A militarização da comissão técnica chega à Copa tendo Zagallo como comandante dos jogadores-soldados.

Cabelos cortados ao estilo da caserna, preparação física coordenada por militares, contraditoriamente a este esquema tão rígido a seleção se transformaria, dentro de campo, em paradigma de futebol-arte. A cada vitória, uma aclamação popular que parecia legitimar o regime, com o próprio Médici aparecendo no noticiário da TV fazendo embaixadinhas (AGOSTINO, 2002, p.161).

A ampliação dos campeonatos e do investimento na preparação do atleta aquece também os negócios do mundo da bola. Somado a isso, especificamente no Brasil, o orgulho nacionalista estimulado pela conquista do tricampeonato na Copa do Mundo de 1970 que favorece as intenções governamentais de unificação do país, proposto no plano de integração nacional (1.106/1970), decreto lei promulgado um mês após o final da competição e que dava prosseguimento ao processo de dominação do território brasileiro.

O Campeonato Nacional de Clubes começava no segundo semestre de 1971, substituindo o Torneio Roberto Gomes Pedrosa⁴², compondo o calendário junto às competições estaduais. Segundo Proni (2002, p.144), “o interesse imediato era criar uma fonte adicional de receita e de dividendos políticos”.

Desde o final dos anos 1950, quando o número de campeonatos se expandiu pelo planeta, a CBD empreendeu esforços para instituir um campeonato que colocasse em disputa times de todos os estados do território nacional.

Além de selecionar o clube que participaria da Taça Libertadores da América, entre os anos de 1959 e 1968, a Taça Brasil cumpriria essa função integradora. A

⁴² Nome atribuído em homenagem ao ex-jogador e dirigente do São Paulo Futebol Clube e da Federação Paulista de Futebol.

competição era disputada inicialmente pelos campeões estaduais em sistema eliminatório, sendo os grupos divididos em regiões, disputando entre os fisicamente mais próximos as vagas nas etapas seguintes. Era comum que os clubes de Rio de Janeiro e São Paulo entrarem na competição em sua fase final, privilegiados por serem os estados no controle do futebol no país.

No início dos anos 1960, Mascarenhas (2014) indica uma desvalorização dos campeonatos estaduais em função do crescimento da Taça Brasil, situação que se agravou quando em 1967 o Torneio Rio-São Paulo⁴³ ampliou o número de clubes e estados participantes, transformando-se em um segundo campeonato nacional. Procedeu, primeiramente adicionando clubes dos estados do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e do Paraná. No ano seguinte, já sob a organização da CBD⁴⁴, entraram na competição equipes da Bahia e de Pernambuco. Em 1969, com a extinção da Taça Brasil, a Taça de Prata passa a ser o único campeonato com pretensões nacionais⁴⁵ até 1970, sendo substituído, no ano seguinte, pelo Campeonato Nacional de Clubes.

Nas primeiras edições do Nacional, as equipes eram convidadas a participar da competição pela CBD. O CND, por sua vez, oferecia financiamento das despesas com viagens com recursos da Loteria Esportiva aos clubes convidados que aceitassem participar. Na primeira edição, vinte clubes foram convidados para participar e mais vinte e três para a segunda divisão⁴⁶ do campeonato, na qual predominava a participação de equipes do nordeste do país.

A expansão do futebol pelo território fica expressa no número de clubes participantes da competição nacional que, desde a sua criação em 1971 até a sua primeira reforma em 1979⁴⁷, ano de criação da CBF, aumentou, gradativamente, de vinte clubes para noventa e quatro no último ano. Inicialmente os clubes participantes se concentravam na região centro-sul país, rumando gradativamente para o norte e o

⁴³ Desde 1954 o Torneio Rio-São Paulo passara a se chamar Torneio Roberto Gomes Pedrosa, embora mantivesse a exclusividade dos clubes participantes daquele eixo até o ano 1967. Suas edições eram bienais, e desde a era Vargas tentava se impor como o campeonato de maior importância no país.

⁴⁴ Naquele período a competição altera uma vez mais seu nome, passando a se chamar Taça de Prata.

⁴⁵ Em 2010 a CBF concedeu os títulos de campeão brasileiro aos clubes vencedores dos torneios Roberto Gomes Pedrosa/Taça de Prata entre 1967 e 1970, equiparando a competição ao atual Campeonato Brasileiro.

⁴⁶ Nos anos 1970, somente as duas primeiras edições do campeonato contaram com essa segunda divisão, não existindo ascensão e descenso entre as duas competições.

⁴⁷ A edição de 1979 foi também a de menor público.

nordeste. Segundo Franco Júnior (2007), a ampliação do número de participantes no campeonato se estabilizou entre 1973 e 1975⁴⁸, voltando a disparar em 1976, chegando a quase a triplicar em 1979. No sentido oposto ao aumento do número de clubes, em quase uma década de existência a média de público por partida cai de vinte mil no primeiro ano da competição para nove mil em 1979, junto com o prestígio do regime militar.

Não somente as viagens eram financiadas pelo governo:

na mesma proporção que o futebol ampliava sua abrangência territorial, crescia o interesse dos políticos: *cartolas*, governadores, deputados e prefeitos disputavam abertamente as vagas no Campeonato Brasileiro, os valores das arrecadações e, principalmente as verbas destinadas à construção de estádios (COUTO, 2014, p.165).

Como aponta Mascarenhas (2014), o modelo de estádio “de massa”, com capacidade para mais de sessenta mil pessoas, apesar de favorável aos interesses políticos era também dispendioso, incompatível com a manutenção por clubes de torcida menor e reduzido poder econômico – geralmente fora dos centros urbanos do país – o que, segundo o autor, transformou os estádios mais afastados das metrópoles em “elefantes brancos”, grandiosas construções sem utilidade para a população⁴⁹.

Diversos autores (AGOSTINO, 2002; AREIAS, 2004; FRANCO JÚNIOR, 2007; MASCARENHAS, 2014; COUTO, 2014) apontam que as vagas no campeonato nacional se converteram em moeda de troca por apoio político ao governo militar, sendo o principal critério para a inclusão de clubes no Nacional. A frase “aonde o ARENA vai mal, mais um time no nacional, aonde o ARENA vai bem, mais um time também” era jargão popular da época. Porém, tal inclusão acontecia sem descentralizar o poder

⁴⁸ Segundo o mesmo autor, houve naquele período tentativas de se tornar as partidas mais competitivas. Em 1974, a CBD altera a forma de pontuação no campeonato, atribuindo três pontos às vitórias com diferença de mais de dois gols. Posteriormente, entre 1977 e 1978, a diferença para se alcançar os três pontos passa a ser de 3 ou mais gols.

⁴⁹ Dentre as grandes obras que marcavam o período, como a hidrelétrica de Itaipu e a rodovia Transamazônica, estádios surgiam em vários cantos do país, havendo ou não público para ocupá-lo. Entre os anos de 1965 e 1982 foram inaugurados: o Mineirão (Belo Horizonte), o Arruda (Recife), o Albertão (em Teresina), o Mané Garrincha (Brasília), o Castelão (Fortaleza), o Serra Dourada (Goiânia), o Parque do Sabiá (Uberlândia), o Almeidão (João Pessoa), o Amigão (Campina Grande), o Centenário (Caxias do Sul) e o Estádio do Café (Londrina), JK (Itumbiara-GO), o Mangueirão (Belém), o Boca do Jacaré (Taguatinga-DF), Olímpico Regional (Cascavel-PR), dentre vários outros. Muitos desses estádios, mais conhecidos pelos nomes acima, exibem como nome oficial o de algum governante militar.

político dos clubes nas instâncias decisivas sobre a organização dos campeonatos que continuavam distribuídas entre Rio de Janeiro e São Paulo.

A conformação de um campeonato nacional passava a impressão de democratização do futebol brasileiro com a inclusão de clubes de cidades interioranas no certame. Porém,

aprovada pelo congresso, a lei 6.251, institucionalizando o voto unitário das federações e confederações, impedia que os grandes clubes controlassem o calendário do futebol. O que aparentemente era o estabelecimento de uma prática mais ‘democrática’, na verdade garantiu que as ligas do interior controlassem as federações, permitindo campeonatos cada vez com mais clubes, boa parte deles sem expressão futebolística, mas com razoável expressão eleitoral (AGOSTINO, 2002, p.163).

Com o voto unitário os grandes clubes perdem poder:

Ao mesmo tempo em que procurava acomodar pressões políticas, o formato implantado fortalecia a tradicional estrutura de financiamento dos clubes, sem estimular a incorporação de novos métodos de administração esportiva. Em geral, as equipes continuaram a depender basicamente das arrecadações incertas das bilheterias, da contribuição limitada de seus associados e do dinheiro obtido nas negociações dos passes dos atletas (PRONI, 2002, p.145).

Contudo, o futebol não era apenas veículo de propaganda dos militares, objeto de intervenções para docilizar o jogador e o público. Algumas resistências surgiam em campo e nas arquibancadas.

Se o jogador-soldado, peça da equipe máquina, era o efeito desejado do futebol profissional, as resistências nesse processo seriam categorizadas na figura do jogador-problema na imprensa esportiva e nos clubes. A categoria abarcava uma série de jogadores desviantes do modelo da época.

Entre os anos de 1960 e 1970, alguns jogadores se tornaram notórios explicitando conflitos que se entrelaçavam no futebol daquela época. O primeiro e mais citado talvez tenha sido Afonsinho, jogador profissional entre os anos de 1965 e 1970 no Botafogo e que cresceu sendo inspirado pelos jogadores da geração de 1958⁵⁰. Como jogador profissional de sua época, Afonsinho até se encaixava como peça no esquema de jogo, mas não como jogador-soldado. Uma série de acontecimentos no clube o levou

⁵⁰ “Para mim os meus ‘Santos’ são os jogadores de 1958” (Afonsinho, Museu do Futebol, 2014).

a procurar a justiça desportiva, conseguindo, em 1971, a permissão para desligar-se do Botafogo.

Afonso foi emprestado durante um ano ao Olaria em função de divergências com a diretoria alvinegra, em uma espécie de exílio sancionado pelo clube como punição. Quando retornou ao Botafogo, estava decidido a parar de jogar profissionalmente e se dedicar mais à medicina que cursava paralelamente. Porém, o Botafogo se recusou a demitir o jogador por conta do artifício do passe.

O passe consistia em uma quantia paga ao clube empregador para que este liberasse o atleta para jogar em outro clube. Não é possível precisar desde quando existe, embora em 1920, antes mesmo da profissionalização dos jogadores, a palavra já fosse utilizada nesse intuito no meio futebolístico.

Em 1964, ainda com João Goulart presidente da república, pela primeira vez a venda do passe foi regulamentada por um decreto que, dentre outras disposições, conferia ao jogador 15% do valor da negociação a ser pago pelo clube que cedia o passe do atleta. O decreto 53.820 de 24 de março de 1964 mencionava uma série de considerações que diziam sobre as relações entre clube e jogadores na época:

CONSIDERANDO que o atleta profissional de futebol na maioria das vezes, é cedido pela associação esportiva empregadora a outra congênere, independente de sua aquiescência;

CONSIDERANDO que a associação empregadora geralmente recebe vultosas quantias a título de indenização ou "passe" pela cessão de seus atletas profissionais de futebol, sem que estes participem dos resultados da transação;

CONSIDERANDO que, em virtude do preço proibitivo pedido para sua cessão, é frequente o atleta profissional de futebol ficar vinculado a associação esportiva empregadora contra sua vontade e em desacordo com seus anseios de obter melhor remuneração pelo seu trabalho.

Além de regulamentar o passe, o decreto estipulava recesso obrigatório entre 18 de dezembro e 7 de janeiro para todos os atletas profissionais de futebol; o intervalo de sessenta horas entre as partidas oficiais; o registro obrigatório dos atletas com mais de 16 anos, dentre outras especificações.

Quando Afonso retornou ao Botafogo, as divergências entre o jogador e a diretoria eram cada vez maiores: “[Eu] tinha que ir para algum lugar. Ser concedido, emprestado, dado, alguma coisa...” (Afonso, Museu do Futebol, 2014). Em um

desses embates, foi exigido a Afonsinho que, como os outros jogadores do Botafogo de então, cortasse o cabelo e a barba para treinar. Afonsinho recusou-se. Como relatou o jogador a Florenzano (1998), durante um tempo, ele se apresentava ao clube para treinar e era recusado por manter seus cabelos e barba (cada vez mais) compridos. A situação tornou-se insustentável e o jogador procurou solução na justiça desportiva, conseguindo o passe livre em 1971, que lhe foi negado em primeira instância e depois concedido pelo Tribunal Superior de Justiça Desportiva.

Com o caso Afonsinho a discussão sobre o passe ganhou visibilidade na mídia. No final de 1971, uma matéria na Revista Placar de 17 de dezembro de 1971 abordava o tema. João Saldanha defendia que o passe não era um instrumento equivalente à escravidão: “funciona mais como uma alfândega, um controle para evitar a bagunça na troca, venda ou compra de mercadoria”, mas que necessitava de reestruturação “para evitar aberrações” em seus usos.

Na mesma ocasião, Ronaldo Machado, ex-jogador que também era advogado e juiz em tribunais esportivos, defendia que os problemas dos jogadores eram criados no início da carreira, quando não podiam impor nada e ressaltava a condição dos que se mantinham “miseráveis” na profissão.

Embora ambos defendessem a existência do passe em algum nível, Saldanha apontava para os mecanismos criados pelos clubes para manter o jogador a eles ligado com o mínimo possível até que aquela “peça”, que já assumia certa condição de mercadoria, não fosse mais útil e, portanto, descartável ou agregasse valor suficiente a ponto de valer a pena registrar o contrato do jogador.

Tal condição se manifestava no chamado “contrato de gaveta”, que no futebol remetia a um contrato assinado pelo jogador e pelo clube, mas não registrado na CBD. Situação rotineira em relação aos jogadores com menos de 18 anos de idade, pois permitia aos clubes utilizar até quatro jogadores amadores nas competições, na condição de estagiário⁵¹.

Uma vez que nem todo garoto que jogava futebol tornar-se-ia profissional, os clubes utilizavam esse artifício para testar o jogador até a sua primeira situação limite –

⁵¹ Em palestra no Museu do Futebol, Afonsinho declarou que jogou os dois primeiros anos na equipe profissional do Botafogo sem contrato, nessa condição de estagiário, até os 19 anos de idade (Museu do Futebol).

ao sair da categoria juvenil, aos 17 anos⁵². Para Saldanha, o contrato de gaveta era mais problemático que o passe, chegando a sugerir a proibição aos menores de 18 anos de jogar profissionalmente.

Em outra direção nesse debate, Ronaldo Machado ressaltava os aspectos assistencialistas na relação entre o clube e o jogador:

As primeiras concessões do clube permitem ao garoto humilde, às vezes faminto, o primeiro tratamento médico-dentário, a residência na concentração dos juvenis, a alimentação saudável, a roupa elegante, a amizade com jovens bem situados, os romances com meninas de bom nível (Machado, in: Revista Placar, 17 dez. 1971, p.19)

Nesse sentido, o passe possibilitava a manutenção do “pequeno vencedor que o clube não dispensou, continuando a manter-lhe o ‘status’” (Machado, 1971, p.19), desde que este fosse útil e obediente.

Em 1976 o passe foi instituído como lei federal em uma regulamentação específica para o atleta profissional de futebol. A Lei 6.354 de 1976, mais conhecida como Lei do Passe, incorporou elementos de normatizações e regulamentações anteriores, especificando elementos do contrato de trabalho e algumas características do passe.

A partir de sua promulgação, passava a ser obrigatório constar no contrato a especificação do salário e das gratificações, bem como os critérios para a fixação do passe e condições para dissolução do contrato. Estipulava também a alfabetização e atestado de saúde física e mental como condições para ser empregado em algum clube. Assim como a anuência do atleta para ser emprestado a outro clube. O horário de trabalho, entre treinamentos e partidas ficou determinado em 48 horas semanais, “a bem servir ao adestramento e à exibição do atleta” (art.6, 6.354/1976), não podendo o atleta recusar-se à concentração antes dos jogos quando demandado e nem recusar-se a competir. As concentrações poderiam somar até três dias por semana e ainda serem ampliadas em casos especiais como a de convocação para a seleção brasileira.

Em relação ao passe, adiciona a possibilidade de que o valor repassado ao atleta seja superior aos 15% do decreto 53.820/1964 e inclui a possibilidade de que não haja o repasse ao atleta em demissões por justa causa, ampliando dessa forma as possibilidades tanto de gratificação quanto de punição dos jogadores. O atleta somente poderia

⁵² A categoria de juniores ou sub-20, que hoje compreende os jogadores em idade entre 18 e 20 anos, não existia nos anos 1970.

requerer o passe livre após os 32 anos de idade e 10 anos de serviço a um mesmo clube ou então em caso de extinção da entidade desportiva. Dessa maneira, os jogadores dependiam da vontade do clube para decidir seu destino.

A busca do vencer torna-se mais objetiva acompanhando a proliferação dos campeonatos nacionais e internacionais, entre clubes e entre seleções. Apesar da instrumentalização crescente do corpo do jogador durante aquele período, a sua utilização como produto de valor mercadológico ainda não predominava no futebol brasileiro, majoritariamente financiado pela bilheteria e pelo governo militar através da Loteria Esportiva. Portanto, a ligação moral do jogador de pertencimento ao clube, e ao selecionado nacional acima de tudo, era investimento predominante no corpo-atleta, onde este mais que um produto para o mercado, era um sucesso para a nação.

A incorporação de especialistas ligados não somente à prevenção e cura de lesões ocasionadas pela rotina de treinamentos e competições que se ampliaram ao longo desse tempo, volta-se também para expandir os limites do corpo para sua utilidade esportiva.

Contudo, o futebol transitava para uma atividade dupla de alto rendimento: nas práticas de seus atletas dentro de campo e na arrecadação dos clubes, na medida em que o número de craques, de campeonatos, torcedores aumentavam, e também, com a entrada de investidores privados tornam-se essenciais na moralização e manutenção do futebol profissional, processo que emerge ainda durante a ditadura militar e que se intensifica a partir final dos anos 1980.

São essas modificações na forma de conceber o futebol e o atleta que permitiriam alguns anos mais tarde a especialização do mercado de jogadores. Os jogadores que circulavam pelo Brasil entre a utilidade da peça e a obediência do soldado passariam também a funcionar como produto e empresa.

* * *

Os termos *amadorismo* e *profissionalismo* agrupam um conjunto de práticas específicas conforme a época. Falar em jogador amador e jogador profissional no início, no meio ou ao final do século XX, não corresponde a um mesmo conjunto de práticas e tecnologias de poder e, portanto, a um mesmo modo de subjetivação.

O jogador *sportmen* se metamorfoseou em jogador-soldado, a forma mais acabada do governo sobre os *vagabundos* de rua que praticavam o futebol, os operários

consumidos nas fábricas com seu lazer disciplinar, os primeiros profissionais enclausurados em clubes no Brasil ou eventualmente *vendidos* para o exterior, os expoentes da *brasilidade*. Jogadores mansamente conduzidos a serem famosos, a tentarem a fama, a passarem por ela e acabarem no ostracismo; docilmente dirigidos para comporem a fábrica do futebol. Uma história construída pelas descontinuidades que atraem modos de controle do corpo, relações políticas, funcionamento industrial, comercializações específicas, ilegalismos constantes que gradativamente adquirem legalidades que ajustam o crescimento do futebol como investimento e adequam condutas dos jogadores. Estes em raríssimas exceções contestaram o comando sensivelmente oligárquico combinado com a austeridade do regime civil-militar.

Das modificações ocorridas no futebol brasileiro e nos modos de ser jogador desde a institucionalização do futebol “à moda inglesa”, passando pelas tensões entre amadorismos e profissionalismos, até o auge do investimento no atleta como peça da equipe-máquina, o futebol foi prática do tempo livre e também estratégia pedagógica do controle sobre o corpo, aguçando a curiosidade de estudantes e professores, padres, marinheiros, operários e empresários, *sportsmens*, em escolas, clubes, fábricas, praias, terrenos baldios e quadras. Espelhando e sendo apropriado por vários olhares, em vários pontos do Brasil, fomentando propagandas de governos, de nação e de indústrias.

Nesse meio, um deslocamento fundamental entre o jogar pelo jogo e jogar para vencer propicia a inclusão de jogadores nas equipes através de sua eficiência em campo, criando diferenças entre esses jogadores para além do “berço”. O jogador eficiente passa a ser cobiçado, recebendo pequenos regalos para jogar para esse ou aquele clube, fazendo emergir um mercado de jogadores.

Com o esporte já profissional em países europeus, amplamente utilizado no fortalecimento dos regimes fascistas e nazistas, alguns brasileiros bons de bola encontraram oportunidades para viver disso principalmente na Itália e na Espanha. No Brasil, o futebol que se assume profissional, remunerando seus jogadores, financiado não somente pela indústria, comércio e, em alguns casos, pelo Jogo do Bicho, mas também pelo Estado (com ou sem loterias), pretende consolidar a imagem de um Estado nacional centralizado e forte que precisava de indivíduos úteis e dóceis para ser construído.

De um jogo financiado por meninos ricos, por empresários industriais e comerciantes, pelo Estado e pela bilheteria, a partir dos anos 1970 os organizadores do futebol começariam a se relacionar com outros elementos que se tornariam

indispensáveis ao futebol profissional da atualidade. Enquanto isso, pelas praias, ruas, prisões, escolas joga-se futebol. Não há mais como um infame vir a ser jogador de futebol. Depois de ser incorporado na fábrica do futebol ele será alvo da empresa e do empreendimento de si.

Os anônimos, no passado e no presente, continuam existindo, de confinados e amadores a desconhecidos coadjuvantes no mercado empresarial. Livres de serem soldados, mas disciplinados e monitorados, os jogadores de futebol, que também nasceram pequenos, mas pobres, poderão ser ricos e altos. Não se trata mais de um jogador da elite econômica e cultural como o *sportman* e o *captain*. Agora é um empresário que empreendedora sua existência.

CAPÍTULO 2 – Futebol e racionalidade neoliberal: a liberdade para empreender-se e o jogador-empresa

Jogador de futebol é como motorista de táxi: não pode ficar parado, tem de estar sempre rodando.

Revista Placar, 4 mar. 1983.

Nos anos 1970, as tecnologias de treinamento e o investimento na produção do atleta aumentaram o seu rendimento esportivo e o seu valor como produto; quanto mais o espetáculo se sofisticava, mais profissionais se reuniam à sua volta para cuidar da preparação dos jogos, dos jogadores e do espetáculo.

Interessados em aumentar as chances de vitória dos clubes e, também, seus rendimentos, passou a ser comum preocupações com as condições do corpo do jogador, não somente para minimizar o desgaste físico dos variados treinamentos, mas, principalmente, para agregar aumento de rendimento do jogador como atleta em campo. Esse investimento, também, acarretou, com o passar dos anos, em referência de rendimento do atleta no mercado de jogadores que gradualmente se estruturava.

Mas, para que o jogador chegasse a se tornar um grande negócio, uma série de mudanças, nas maneiras de se organizar o esporte e de pensar a relação entre o jogador e o clube, foram necessárias. Algumas mudanças na legislação esportiva foram fundamentais para que fosse possível pensar o atleta como um investimento econômico, principalmente, no que concerne à posse de seu passe.

Esse capítulo foca alguns acontecimentos do futebol profissional, relacionando-os ao processo de sua atualização à racionalidade neoliberal que começa a aparecer no final dos anos 1960 e se intensifica no final dos anos 1980. Neste período, alguns encontros entre o futebol, gestão empresarial e investidores explicitam o novo entendimento do futebol como atividade econômica.

2.1 Os Investimentos econômicos no futebol nos anos 1970

Em meados dos anos 1960, alguns clubes italianos se transformavam em sociedades privadas por ações, passando a funcionar como empresas de capital aberto⁵³. Exemplo disso foi com a *National American Soccer League* (NASL), em 1968, nos Estados Unidos, como “a primeira liga profissional a implantar uma concepção empresarial moderna de organização esportiva no *soccer*” (PRONI, 2002, p.47). No entanto, a iniciativa estadunidense desagradava à tradicional FIFA, principalmente, por não ser a NASL um membro da entidade⁵⁴.

O empreendedor *soccer* estadunidense reúne um time de famosos e campeões das últimas Copas: equipes da NSL, como o *New York Cosmos*, *Los Angeles Aztecs*, *Fort Lauderdale Striker*, *San Jose Earthquakers*, *Seattle Sounders*, contratam jogadores renomados das últimas Copas, como os brasileiros Pelé e Carlos Alberto Torres; Franz Backenbauer (Alemanha); Johan Crujff (Holanda); Giorgio Chinaglia (Itália); Eusébio (Portugal); Teófilo Cubillas (Peru); George Beste, Gordon Banks, Geoff Hurst, Bobby Moore (Inglaterra).

No Brasil, articulada à política de integração nacional, a construção de estádios e a expansão dos campeonatos continuava a acontecer nos anos 1970 concomitantemente à militarização do futebol profissional. Porém, não eram somente os militares que investiam na modalidade. A conquista do tricampeonato foi explorada de diversas formas. Não somente pela propaganda estatal, mas, também, por marcas que aproximavam cada vez mais seus produtos das imagens dos jogadores.

⁵³ Foi o caso da *Associazione Sportiva Roma*, *Juventus Football Club* e *Cagliari Calcio*.

⁵⁴ A federação reconhecida pela FIFA desde 1913 naquele país é a atual *United States Soccer* (USS). A NASL foi extinta em 1984 em consequência da crescente saída de times no início dos anos 1980, retomando suas atividades no ano de 2011 (NASL, 2015).



Figura 22. Pelé erguendo a taça Jules Rimet ao lado de Médici após a Copa do Mundo de 1970 (2016).



Figura 23. Pelé em propaganda das pilhas Ray-o-vac nos anos 1970 (2016).

Antes mesmo da Copa de 1970⁵⁵, Havelange era questionado pela imprensa sobre seu interesse em ser presidente da FIFA (REVISTA PLACAR, 27. mar. 1970). Durante o período que antecedia à Copa, Havelange evitava falar em interesse pela presidência da entidade, embora já se soubesse que contava com os votos do continente americano e africano, além de alguns europeus e, possivelmente, muitos da Ásia e Oceania, continentes até, então, insatisfeitos com o pouco espaço nos Mundiais anteriores.

As federações da África, Ásia e Oceania contavam com poucas vagas nas eliminatórias das Copas até então realizadas. Tendo disputado para a Copa da Inglaterra apenas uma vaga, isso resultou no boicote de 16 federações da Confederação Africana de Futebol (CAF) à competição, conquistada pela seleção da Coreia do Norte. Em 1970, a CAF foi contemplada com uma vaga, enquanto as federações de Ásia e Oceania continuariam a disputar outra vaga na competição.

Após a Copa do México, a CONMEBOL apresentou João Havelange como candidato à presidência da FIFA para as eleições do ano de 1974. O próprio dirigente afirma ter viajado a oitenta e dois países entre os continentes africano, asiático e, também, da Oceania e da América Central naquele período (HAVELANGE e GRUPO DE ESTUDOS OLÍMPICOS DA USP, 2012), fortalecendo relações com os dirigentes das federações.

Em 1972, Havelange idealizou a Taça Independência, organizada pela CBD reunindo vinte seleções, mas com alguma desconfiança em torno do presidente da confederação. A CBD recebeu a recusa das federações da Alemanha, Inglaterra e Itália, não simpatizantes do dirigente, que afirmavam serem as intenções políticas que moviam a realização da competição maiores que a motivação esportiva (AGOSTINO, 2002).

Após quase vinte anos na CBD – entre 1955 e 1974 –, Havelange foi eleito presidente da entidade máxima do futebol profissional em 1974, com o apoio, principalmente, dos latino-americanos, africanos e asiáticos. Na FIFA, Havelange operaria uma série de modificações, angariando investidores para seus projetos à frente da entidade.

As empresas Adidas e Coca-Cola foram as primeiras a aceitarem propostas de Havelange. A Coca-Cola financiou a FIFA nos Estados Unidos e em outros países onde o futebol ainda não mobilizava multidões. Com as duas empresas, a FIFA empreenderia

⁵⁵ A Copa de 1970 é um tema que merecerá maior atenção futura tendo em vista a uma série de inovações em relação aos materiais e às regras do jogo.

o primeiro campeonato de juniores em 1977, em Túnis, investindo no ano seguinte, oito milhões de dólares na Copa do Mundo da Argentina. Nos anos 1980, as duas empresas tornar-se-iam fornecedoras oficiais das Copas (PRONI, 2002).

A partir da Copa de 1978, as premiações individuais e coletivas proliferaram na competição. Junto à chuteira de ouro⁵⁶, que premiava o artilheiro da competição desde 1930, acrescenta-se a Bola de Ouro, Prata e Bronze aos considerados melhores do campeonato; e o *FIFA Fair Play* – premiação da seleção menos “faltosa”. Nas copas seguintes, outras premiações entrariam em jogo. Em 1990, cria-se o Time das Estrelas, patrocinado pela Mastercard, que elege a seleção da copa; em 1994, surgem premiações para o melhor goleiro e para o time mais espetacular – aquele que encanta o público; e, em 2006, é atribuído, pela primeira vez, o prêmio de melhor jogador jovem, patrocinado pela Gillette⁵⁷.

A expansão dos negócios FIFA, empreendida a partir dos anos 1970, seguia a tendência dos campeonatos nacionais em países onde o elemento bilheteria deixava de ser a maior fonte de receita dos clubes a partir do momento em que as empresas privadas começavam a se convencer ou serem convencidas dos lucros ao investir em clubes e em campeonatos de futebol.

Antes de 1974, o secretário geral da FIFA era capaz de responder às questões cotidianas e, trabalhando em tempo integral num imóvel alugado, era o único assalariado e recebia um ordenado modesto. Em 1997 [último ano de Havelange como presidente], a FIFA contava com grande número de escritórios e imóveis próprios e com dezenas de funcionários; uma secretária trilingue ganhava, em média, US\$ 15 mil por mês, um chefe de departamento cerca de US\$ 25 mil, e o secretário geral US\$ 100 mil (PRONI, 2002, p.49).

Contudo, Havelange não explica, por si, as mudanças no futebol. Convém destacar outros acontecimentos daquele período que auxiliam a visualização de tais mudanças nos anos 1970.

Na segunda metade dos anos 1970, outros elementos do futebol-empresa também surgem na Itália. A RAI, emissora estatal, “passa a transmitir partidas selecionadas uma vez por semana, pagando aos clubes uma cota por transmissão” (PRONI, 2002, p.51). Em 1979, Mazzola tornou-se o primeiro ex-jogador a trabalhar

⁵⁶ A partir de 1982, a premiação passa a ser patrocinada pela Adidas.

⁵⁷ O prêmio de melhor jogador do mundo pela FIFA existe desde 1991 e de 2010 a 2015 aconteceu em parceria com o *Ballon D’Or*, da revista *France Football*, existente desde 1959.

como comentarista para a TV italiana (JACOBS e DUARTE, 2006) e as transmissões televisivas transformavam o futebol em uma referência de propaganda cada vez mais atrativa.

Em termos de esquema tático e estilo de jogo, a novidade foi o *carrossel holandês*, nome atribuído ao esquema tático introduzido e consagrado pela Holanda na Copa de 1974. O esquema apresentava uma movimentação diferente do que se havia até então, por meio da qual, os jogadores, ao trocarem de posicionamento dentro do campo, produziam mais imprevisibilidade ao jogo. Começou-se a valorizar o jogador “polivalente”, cooperativo, que, independentemente de sua função de origem em campo, ajudava na defesa e no ataque (FRANCO JÚNIOR, 2007). O estilo de jogo da seleção holandesa de 1974 é também reconhecido como uma das procedências do *tique-taca* do Barcelona, clube em que alguns daqueles holandeses jogaram posteriormente, como Johan Crujff jogador entre 1973 e 1978, e técnico entre 1988 e 1996.

No Brasil, os grandes subsídios governamentais diretos aos clubes e aos campeonatos começam a decair à medida que se enfraquecia a ditadura civil-militar. Em 1974, Geisel extingue a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), alegando que a propaganda produzida pela agência possuía apelos totalitários que não condiziam com o novo governo (COUTO, 2014). A extinção da AERP marca o afastamento da figura do presidente, do campo futebolístico, no entanto, não redundava em ausência de propaganda do regime. Proni recorda que esse período acompanha o lançamento do II Plano Nacional de Desenvolvimento, “é um momento em que o governo militar tem um projeto claro e ambicioso de modernização da economia e de segmentos da sociedade brasileira” (2002, p.144).

Segundo Mascarenhas, o “processo de falência dos pequenos clubes” (2014, p.157), se inicia também no mesmo período. Sem poder econômico e esportivo nos certames profissionais, muitos clubes pequenos investem na captação e formação dos jogadores, uma vez que eram detentores quase vitalícios de seus passes, e que muitas vezes não passava de federar meninos a espera de algum clube grande interessado em pagar algo por um talento promissor.

No final daquela década, alguns atletas ainda resistiam, à condição de peças as quais se tentava moldar e controlar a equipe-máquina (FLORENZANO, 1998). Foi o caso de Afonsinho, Paulo César Caju, Nando, Reinaldo e outros. Vinte anos antes de o atleta belga Jean-Marc Bosman exigir seu passe ao *Royal Football Club de Liège*, Afonsinho enfrentara o Botafogo com a mesma questão.

No Brasil, em 1982, a Democracia Corinthiana traceja um movimento diferente em relação à divisão do trabalho estabelecida entre dirigentes e jogadores no início do século XX: o domínio e a ação do jogador de futebol fora de campo e seu envolvimento com a organização da equipe e do jogo (FLORENZANO, 2009; FRANCO JÚNIOR, 2007).

Essas mudanças que aconteciam no futebol europeu e no Brasil foram importantes para se entender as alterações nos modos de se produzir verdades no futebol nos anos posteriores e que conduziram à racionalidade neoliberal a ser considerada a forma incontestada de se organizar o futebol profissional no planeta. Era preciso democratizar as relações sociais de trabalho.

Segundo Foucault, “[...] somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2005, p.29). O processo de racionalização da produção do espetáculo futebolístico, das formas de se conceber os clubes e das suas fontes de arrecadação, teve como efeito a transformação de práticas que, atualmente, nos permite enxergar outros efeitos de verdade ou de poder no atleta, diferentes dos descritos por Florenzano (2008) sobre o jogador-peça e por Damo (2007) sobre o jogador-produto⁵⁸.

Há efeitos de verdade que uma sociedade como a sociedade ocidental, e hoje se pode dizer a sociedade mundial, produz a cada instante. Produz-se verdade. Essas produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas produções de verdades, e porque essas produções de verdade têm, elas próprias, efeitos de poder que nos unem, nos atam (FOUCAULT, 2006^a, p. 229).

Essas mudanças também contribuíram em alterações nos modos de se formar/produzir jogadores, de ser jogador e na forma como eles se conduzem no mercado de atletas na atualidade.

⁵⁸ Embora sejam efeitos diferentes, esses são complementares e não excludentes.

2.2 A produção da CBF como elemento moralizador do futebol no Brasil

Durante esse mesmo período, ocorreu a diminuição da ida aos estádios, talvez estimulada pelo duplo recessão econômica e descrédito crescente da ditadura civil-militar que subsidiava clubes como um recurso de manutenção do governo. Aos poucos, a onerosa CBD caía em descrédito também com os governantes da ditadura. Em 1979, para “moralizar” a descreditada instituição, é criada a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Críticas diversas e pressões dos grandes clubes, conjugados ao processo de distensão e abertura política (era ano de anistia), compunham o contexto de fundação da CBF em setembro de 1979. No ano seguinte, como resultado das pressões, o campeonato foi reduzido a quarenta clubes em sua divisão principal, sendo criadas outras duas divisões inferiores (MASCARENHAS, 2014, p.155).⁵⁹

A edição de 7 de setembro de 1979 da Revista Placar publicou entrevista com Giulite Coutinho, presidente do Conselho Nacional de Desportos, falando sobre os rumos da nova entidade, a CBF. A ausência de calendário de competições, o voto unitário das federações, e os craques que saíam do país apareciam como preocupações. As inspirações para as reformas continuavam a ser importadas da Europa.

⁵⁹A Série D foi criada em 2009.

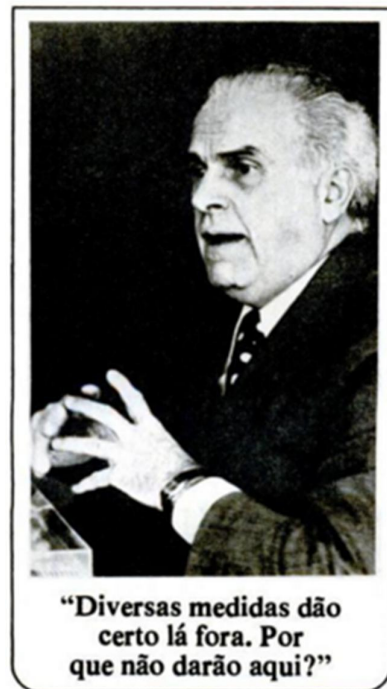


Figura 24. Giulite Coutinho em entrevista para a Revista Placar (1979)

Na mesma edição da revista, um torcedor expressa suas soluções para salvar o futebol brasileiro:

Sou português de Angola, quero opinar nessa campanha em defesa do futebol brasileiro. Penso que um calendário coerente, apenas com uma rodada semanal e com os clubes divididos por duas ou três divisões, como acontece em todo mundo, salvaria o futebol. Em termos financeiros, penso que a solução estaria na propaganda a ser usada nas camisas dos jogadores. Pelo conhecimento que tenho do futebol europeu, isso resolveria (REVISTA PLACAR, 7 set. 1979).

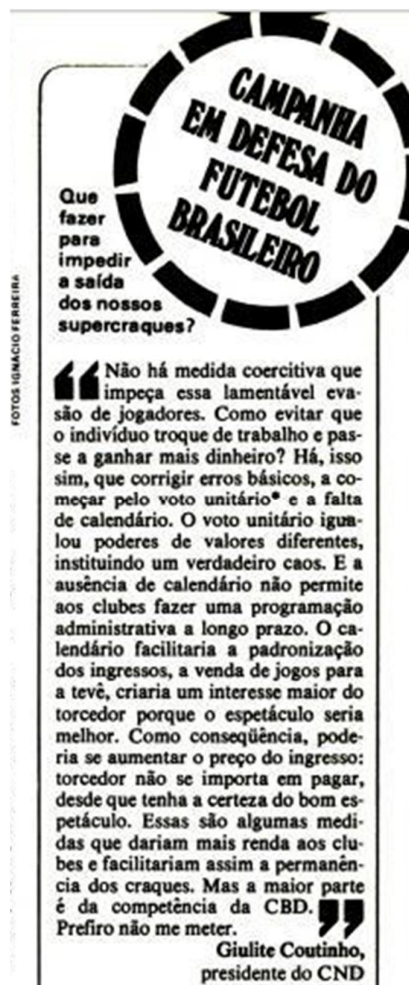


Figura 25. Trecho da entrevista com Giulite Coutinho (1979).

O voto unitário das federações incomodava aos clubes grandes, que se viam minimizados da participação direta nos processos eleitorais, “o colégio eleitoral era formado apenas pelos presidentes das Federações Estaduais, que trocavam o voto por favores pessoais” (FREITAS JUNIOR e HIRATA, 2014). A CBF surge como elemento moralizador da CBD, para regular os gastos da associação e reformular o campeonato nacional que já não dava conta de sustentar a participação de seus 94 clubes (MASCARENHAS, 2014; COUTO, 2014).

O almirante Heleno de Barros Nunes, na época presidente da CBD e da ARENA, foi o responsável pela reforma e continuaria a ser presidente da CBF durante um ano, quando Giulite Coutinho assumiu o cargo. É decretado o fim do voto unitário das federações e com o critério de inclusão por apoio político colocado em segundo plano, os estados ganham pesos distintos na participação de clubes na competição.

A criação da CBF foi uma tentativa de acalmar os dirigentes e reduzir os gastos com o futebol. Porém, a situação financeira dos clubes, que já não arrecadavam tanto com bilheterias como antes, e com expansão das redes de TV, adveio um novo êxodo de jogadores para o recém-formulado mercado europeu. Assim, para manter a viabilidade do campeonato, em 1980, a CBF diminui a quantidade de clubes participantes de 94 para 40, criando divisões inferiores com os outros clubes⁶⁰ (MASCARENHAS, 2014).

2.3 Seleção do passe Livre

Na edição de 30 de abril de 1981, a Revista Placar trazia a história de um time de desempregados do Paraná: “Como se fossem retirantes de alguma seca, eles abandonam suas cidadezinhas e partem em busca de um ponto de referência que lhes garanta pelo menos a esperança de uma colocação” (CORDEIRO, 1981, p.52). foram cinco os clubes que desistiram de disputar a segunda divisão do campeonato paranaense, deixando cerca de 100 jogadores desempregados naquele ano.

Abílio Bezerra, ex administrador do Londrina conta, na reportagem, que começou a ser procurado por jogadores que haviam passado pelo clube e decidiu, junto com o técnico Iran Bittencourt, que eles treinariam no Zerão, um parque da cidade de Londrina, bastava dizer que estavam desempregados.

Diariamente Iran reúne a turma – até semana passada já eram dez – no Zerão e comanda treinos para a manutenção da forma, ao mesmo tempo em que Abílio faz contatos com clubes de cidades vizinhas, tratando amistoso pela cota de 20 mil cruzeiros. Enquanto esperam a chegada de pequenos empresários que os levem para algum clube, eles planejam ratear o dinheiro das cotas, que juntarão ao proveniente de bicos feitos na cidade (CORDEIRO, 198, p.53).

A reportagem aponta como causas do desemprego a diminuição de número de clubes no campeonato, a recusa de jogar a segunda divisão e, também, a tendência dos

⁶⁰Em 1981, estabelecem-se critérios técnicos para a seleção dos times que disputarão os campeonatos, conhecidos como Lei do Acesso. Os times principais colocados nos campeonatos estaduais começam a compor a Taça de Ouro, mantendo a seguinte proporção: seis vagas para os times de São Paulo; cinco para o Rio de Janeiro; duas para Rio Grande do Sul, Paraná, Minas, Goiás, Pernambuco, Ceará e Bahia; e uma vaga para cada campeão estadual dos demais estados da federação.

clubes de formar jogadores em escolinhas. Começava a aparecer uma programática para ocupar jogadores anônimos e descartados.

2.4 A publicidade entra em campo

Segundo Proni, em março de 1981 é incluída, na legislação italiana de esportes profissionais, a autonomia para se constituírem como empresas comerciais sem fins lucrativos “pertencentes a grupos econômicos privados” (2002, p.50), criando, também, uma liga independente da *Federazione Italiana Giuoco Calcio*. Ainda, naquele ano, as marcas dos patrocinadores aparecem estampadas nas camisetas dos times, aumentando consideravelmente a receita dos clubes italianos e de outras equipes europeias.

Os anos 1980 marcam também a transmissão em massa das partidas pela televisão⁶¹, o que amplifica o interesse dos investidores no esporte.

As receitas envolvendo direitos de transmissão tornavam-se uma das principais formas de arrecadação da maioria dos clubes, alimentando um carrossel cada vez mais frenético de novas competições, condicionando os horários dos jogos às exigências da programação [...]. Foi a partir deste momento que também a avalanche da propaganda invadiu todos os espaços do gramado. Da camisa dos jogadores às placas publicitárias. A tendência se acentuaria nos anos seguintes, à medida que todas as zonas geográficas do globo começavam a participar das retransmissões dos jogos das Copas (AGOSTINO, 2002, p.265).

A possibilidade de transmissão para outras localidades impulsionava o uso do estádio como espaço de publicidade e, também, de alguns jogadores na divulgação de produtos diversos em jornais e revistas (PRONI, 2000).

Nesta década, começou o televisionamento direto das partidas de futebol em rede nacional. O espaço publicitário alcança a camisa dos jogadores que passam a ser não somente “garotos propaganda”, mas a vestir a marca que patrocinava o campeonato ou o clube pelo qual jogavam.

No Brasil, a mídia especializada passaria a ter papel fundamental na produção de verdades no futebol a partir dos anos 1990 com a venda dos direitos de transmissão das

⁶¹ Diferente do que é hoje, as transmissões das partidas aconteciam para determinado país ou região. Os campeonatos de países europeus não eram transmitidos para outros continentes.

partidas, por meio da qual, além de meio de comunicação, da produção de notícias, de contribuir com a produção de ídolos e vilões, de visibilidade e invisibilidades, do jogador bom e do ruim, seus interesses também entrariam em jogo na organização do espetáculo, tornando-se dispositivos de produção de verdades.

É também nesse período que, gradualmente, pessoas que “entendem de futebol” começam a ser auxiliadas e/ou substituídas por pessoas que também entendem de mercado.

2.5 O Clube dos Treze e a intensificação do investimento privado no futebol

O Clube dos Treze teve papel fundamental na operação dessa mudança de concepção da organização do espetáculo.

No final dos anos 1980, os clubes, pouco satisfeitos com as reformas da CBF, uma vez que a instituição não conseguia mais sustentá-los e garantir as condições de competitividade almejadas, propõem uma alternativa de organização de campeonato no ano de 1987. Nesse contexto é fundado o Clube dos Treze.

Até o ano de 2008, constava no site do Clube dos Treze “entender e tratar o futebol como atividade econômica” (CLUBE DOS TREZE, 2008, s.p)⁶² transformando-se numa instituição que interpretaria o futebol, primordialmente, em termos econômicos⁶³. A liga se inicia com treze associados: Corinthians, Palmeiras, Santos, São Paulo, Botafogo, Flamengo, Fluminense, Vasco, Grêmio, Internacional, Atlético, Cruzeiro e Bahia. Nota-se que a proporção de clubes por estado, atribuída na Taça Brasil de 1981, se mantinha entre os que se autointitulavam os grandes clubes do futebol brasileiro.

Essa liga⁶⁴ foi fundamental no estreitamento das relações entre futebol e as estratégias de mercado. Até então, a publicidade no meio esportivo era pontual, os

⁶² Nessa época, o Clube dos Treze contava com um site hospedado no domínio da globo.com.

⁶³ Segundo Foucault, um dos efeitos da racionalidade neoliberal é a “possibilidade de reinterpretar em termos econômicos e em termos estritamente econômicos, todo um campo que, até então, podia ser considerado, e era de fato considerado, não-econômico” (FOUCAULT, 2008, p. 302), o que fará emergir em termos de futebol o jogador-empresa.

⁶⁴ Segundo Proni, “uma Liga Esportiva é uma associação nacional de equipes profissionais criada para administrar torneios e defender os interesses comuns de seus membros” (2002, p.51).

jogadores estampavam propagandas de produtos⁶⁵, mas empresas patrocinadoras de clubes e campeonatos inteiros só aparecem no Brasil ao final dos anos 1980.

Frente à declaração da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) sobre a impossibilidade de se organizar a Copa Brasil de 1987⁶⁶, o Clube dos Treze organizou a Copa União, negociando os direitos de transmissão com a Rede Globo (AREIAS, 2008).

Para não perder o controle da modalidade no país, a CBF decidiu organizar o campeonato nacional daquele ano e, a partir de então, uma série de negociações se estabelecem entre as duas instituições. Os dois Campeonatos Brasileiros acontecem: sob o nome oficial de Copa Brasil, os treze disputaram o Módulo Verde da competição⁶⁷ (a Copa União) e os outros clubes, o Modo Amarelo, organizado pela CBF.

Na Copa União de 1987, pela primeira vez, todos os clubes participantes de um campeonato foram patrocinados por uma mesma empresa, novamente a Coca-Cola aparece como investidora no futebol. Desde então, o Clube dos Treze passou a negociar os interesses dos clubes entre a CBF e as redes de teletransmissão, em especial com a Rede Globo, detentora do monopólio das transmissões das partidas e principal financiadora dos campeonatos organizados no Brasil.

A Copa União teve apenas duas edições, ambas com o apoio da CBF. A partir de 1989, a competição passa a ser chamada oficialmente de Campeonato Brasileiro, mantendo a fórmula de sucesso do Clube dos Treze. Por sua vez, a Taça Brasil se transforma em Copa do Brasil. Enquanto o primeiro campeonato entra em sintonia com as tendências do mercado, o segundo preserva “o espírito da integração nacional” (MASCARENHAS, 2014), com 86 equipes e, pelo menos, um participante de cada estado, selecionado por intermédio dos campeonatos estaduais.

O Clube dos Treze assumia papel importante na organização do futebol brasileiro, estabelecendo-se como negociador dos direitos de transmissão das partidas e representando o interesse dos grandes clubes frente a CBF. É a partir dessa pressão dos

⁶⁵ Além dos casos de propaganda do regime militar que lançavam mão, principalmente, da seleção brasileira e de seus jogadores, dentre as empresas privadas houve o caso das pilhas e de outros produtos anunciados por Pelé, e também de cigarros, caixas de fósforo, refrigerantes, motocicletas, videogames dentre outros.

⁶⁶ Um dos vários nomes atribuídos ao Campeonato Brasileiro com o passar dos anos.

⁶⁷ Coritiba, Goiás e Santa Cruz completavam a tabela de participantes da Copa União.

jogadores e dos clubes, que começa a se pensar legislações para reduzir o controle do Estado e da CBF sobre o esporte.

Dessa maneira, “uma nova economia do futebol emergiu a partir da década de 1980, e nela a receita principal dos clubes deixou de ser a afluência maciça de indivíduos de baixa renda aos estádios. Opulentos contratos de transmissão televisiva e patrocínios de marcas passaram a definir a economia dos clubes” (MASCARENHAS, 2014, p.217). A criação do *pay-per-view*, nos anos 1990 (PRONI, 2002), incrementaria ainda mais os negócios do futebol⁶⁸ que passa a investir também nos *torcedores de sofá* e de bares de todo o planeta.

“A introdução de grandes patrocinadores e o advento da receita proveniente das transmissões dos jogos (outrora gratuitas) modificou radicalmente a economia do futebol, na qual os ingressos nos estádios deixaram de ser a principal fonte de rendimentos dos clubes e federações” (GAFFNEY e MASCARENHAS, 2004, p.7).

Esses elementos colaboravam com a estruturação de um mercado de jogadores alimentado à medida que se investiam em jogadores e campeonatos, atualmente os dois principais produtos do futebol.

Dessa maneira, no futebol profissional brasileiro observam-se, ao menos desde os anos 1970, indícios da atualização da organização da modalidade à racionalidade neoliberal. Presencia-se a “[...] juridificação do mundo que deve ser pensada em termos de organização de um mercado” (FOUCAULT, 2008, p.77).

A razão governamental, em sua forma moderna, na forma que se estabelece no início do século XVIII, essa razão governamental que tem por característica fundamental a busca do seu princípio de autolimitação, é uma razão que funciona com base no interesse. [...] é um jogo complexo entre os interesses individuais e coletivos, a utilidade social e o benefício econômico, entre o equilíbrio de mercado e o regime de poder público, é um jogo complexo entre direitos fundamentais e independência dos governados. O governo, em todo caso o governo nessa nova razão governamental, é algo que manipula interesses (FOUCAULT, 2008, p.61).

Foi a partir dos anos 1980 que a modalidade passa a ser empreendida como uma atividade econômica no Brasil, havendo uma sofisticação no comércio do espetáculo futebolístico, dos materiais esportivos e dos jogadores. É também desta década, com a

⁶⁸ O serviço de *pay-per-view* no Brasil se inicia no ano de 1997.

abertura do mercado europeu, que um novo êxodo de jogadores é impulsionado pela busca de atletas estrangeiros já consagrados. Entre 1980 e 1985, Paulo Roberto Falcão jogou na Roma, e Zico, entre 1983 e 1985, na Udinese. A figura do empresário/procurador/agente começa a aparecer.

Essa relação se intensifica em meados dos anos 1990 quando a Lei Bosman inaugura o passe livre na Europa, ampliando a mobilidade dos jogadores e priorizando a eficiência esportiva e econômica sem fronteiras (PRONI, 2002; MASCARENHAS, 2014; BOSMAN e PANENKA, 2015).

Até os anos 1990 a Europa era, frequentemente, para os jogadores consagrados, e somente para eles, a última escala antes da aposentadoria do atleta. A partir dos anos 2000, ela se torna um dos primeiros destinos de famosos e anônimos. O ex-jogador Alex comenta: “o que mudou da minha época para hoje é que eu queria jogar no Coritiba [...]. A mesma bola que eu jogava na rua, eu queria jogar no Coutto Pereira [...] e hoje em dia, com 14, 15 anos, os jogadores já falam em transferência” (SOUZA e LANCE!, 2013).

Esses jovens jogadores que saem anônimos do Brasil não vão jogar no Real Madrid ou no Barcelona e, muitas vezes, não vão para as primeiras divisões dos principais campeonatos da Europa. Mas sim para as terceiras, quartas divisões, em campeonatos que têm o status de amador, embora sejam complementares e deem acesso às divisões profissionais.

Segundo Greco, citando o caso argentino, até a década de 1980 e início dos 1990, “um futebolista podia fazer 100 gols na B, mas para o grande público era um absoluto desconhecido. E, claro, também o era para os treinadores e os dirigentes das equipes que militavam na Primeira” (GRECO, 2014, p.32). Atualmente, muitos jogadores preferem estar entre os primeiros da segunda divisão a ficar entre os últimos da primeira divisão. Melhor ser “cabeça de rato a rabo de leão” (GRECO, 2014, p.40).

Dessa maneira, esses atletas começam a circular jovens por mercados estranhos aos olhos dos torcedores brasileiros e argentinos, mas onde costumam se destacar tecnicamente e obter fama local. Segundo Jacobs e Duarte, no ano de 2005, 289 dos 804 jogadores transferidos para fora do Brasil foram “para países exóticos em termos futebolísticos ou sem tanta tradição de receber brasileiros.” (JACOBS e DUARTE, 2006, p.14), como Vietnã, Indonésia e Moldávia.

Na Argentina, Greco (2014) descreve movimentação semelhante:

Até a década de 1990, os mercados estrangeiros para os jogadores argentinos estavam limitados a cinco ou seis países europeus (Espanha, Itália, França, Portugal, alguns clubes da Alemanha e outros poucos da Inglaterra), México, Chile, Colômbia e em menor medida Brasil e Uruguai. Para completar, com o limite de estrangeiros nas ligas da Europa, as chances de emigrar eram muito menores do que na atualidade, já que os clubes estrangeiros apostavam em jogadores consagrados e que garantiam um nível adequado. Por isso o torneio local era forte e muitos clubes podiam manter durante vários anos as suas figuras, até que finalmente deveriam vendê-las” (GRECO, 2014, p.44-45).

Tanto no Brasil quanto na Argentina, há nos anos 2000, a diminuição da distância entre uma série A e série B. Principalmente, por conta da visibilidade atraída pelos campeonatos do segundo escalão com a queda de “grandes” nos anos 1990 e 2000. Para os grandes, ficou mais fácil descender. Não raramente, no caso do Campeonato Brasileiro, a competição para não cair para a Série B é tão acirrada quanto para ser campeão da Série A. Para os pequenos, no entanto, subir continua difícil sem um grande investidor que financie seu planejamento.

2.6 Jean-Marc

Nos anos 1980, o meio-campista Jean-Marc era visto como grande promessa do clube *Standard de Liège*, clube pelo qual jogou durante cinco anos, chegando a ser capitão da seleção de juniores da Bélgica. Segundo ele relata, em sua juventude era comparado a Enzo Scifo, então jogador da seleção de seu país.

Na Bélgica, até o final da década de 1980, Jean-Marc desenvolvia o que se costuma chamar de carreira de sucesso, transferindo-se em 1988 para o *Royal Football Club de Liège*, clube também da primeira divisão⁶⁹. Ao final de sua segunda temporada pelo clube, durante a renovação de seu contrato, Jean-Marc entra em um impasse com o *RFC Liège* que propunha redução em mais da metade de seu salário.

Diante disso, o jogador começa a planejar a saída do clube para a segunda divisão do futebol francês. O novo contratante seria o *Union Sportive du Littoral de Dunkerque*, porém, o clube francês não aceita pagar o valor do passe do jogador

⁶⁹ Atualmente, o *RFC Liège* disputa a terceira divisão do campeonato belga.

estipulado pelo *RFC Liège*, deixando Jean-Marc em situação semelhante à de Afonsinho nos anos 1970, sem poder jogar pelo belga e nem pelo francês.

Em 1990, aos 26 anos, Jean-Marc Bosman inicia uma ação judicial contra o Liège, a Federação Belga de Futebol e a UEFA que deixaria o seu sobrenome famoso para além das fronteiras de seu país. Após uma série de processos e recursos entre o atleta e as entidades gestoras do futebol, o caso Bosman terminou com decisão favorável ao jogador⁷⁰ que conseguiu a liberdade para negociar o seu passe com outros clubes aos 31 anos⁷¹, com base na ilegalidade do sistema de transferências do futebol europeu que prendia os jogadores aos clubes, mesmo sem consenso, e da limitação do número de jogadores estrangeiros pertencentes à União Europeia entre os clubes do continente: “[...] Até o meu caso, as equipes somente podiam escalar até três jogadores da União Europeia, mas depois da vitória do caso os jogadores puderam circular livremente” (BOSMAN e PANENKA, 2015, p.31).

A vitória nos tribunais foi um bom negócio para os jogadores que estavam na mesma situação de Bosman, para seus advogados e também para os clubes, que foram beneficiados pela maior circulação de jogadores. O caso Bosman virou referência para as transformações que ocorreriam no mercado de jogadores nos anos 1990. Contudo, na leitura do atleta, o seu caso, que deveria conferir autonomia aos jogadores, teve boas intenções, mas foi deturpado e mal utilizado: hoje “pouco chega ao jogador, muito aos clubes e há muita lavagem de dinheiro” (BOSMAN e PANENKA, 2015, p.33).

O atleta recebeu, na época, um milhão de euros de indenização, dos quais pagou 33% de impostos e 30% para os advogados, restando-lhe, apenas, segundo afirma, atualmente, uma casa (BOSMAN e PANENKA, 2015).

No ano de 2015, em entrevista à revista espanhola Panenka, Jean-Marc Bosman fala sobre o pouco que lhe restou dos tempos de jogador profissional.

Vivendo exclusivamente do futebol, o atleta conta que, desde o início dos cinco anos de processo, enfrentou dificuldades para se empregar, sentindo-se boicotado pelos clubes: “[...] quando alguém ataca a FIFA, a UEFA e a federação belga, logo procura trabalho e não encontra” (BOSMAN, 2015, p.30), conclui.

⁷⁰ O passe livre foi concedido a Bosman no mesmo ano do início do processo, porém, o clube Belga entrou com recurso e o atleta foi novamente impedido de jogar por outros clubes, iniciando, dessa maneira, uma série de processos e recursos em várias instâncias.

⁷¹ Jean-Marc jogou em alguns clubes como amador durante esse tempo.

Na Bélgica pude jogar na terceira divisão, ainda que o presidente do clube tenha deixado claro que me aceitavam porque lhes saía grátis. Acabei jogando como amador. Mas já com 26 anos, quando comecei o processo, minha carreira começou a morrer. FIFPro e o sindicato francês me ajudaram a conseguir um contrato com o *Saint Quentin*, mas faliu durante o ano e fiquei livre. Então me dirigi a outros clubes da segunda divisão francesa, ao *Estrasburgo* e algum outro. Mas o processo estava aberto. Os clubes diziam “é um bom jogador, mas é nossa quinta ou sexta opção” (BOSMAN e PANENKA, 2015, p.32).

Após mais algumas tentativas em clubes franceses de pouca expressão, Bosman acabou conseguindo emprego em *Isla de la Reunión*, território francês no oceano índico, onde, certamente, Bosman era um anônimo antes de virar jogador local.

A liberdade para se empreender, conquistada por Bosman, levou-o à aposentadoria, como jogador, logo após o encerramento da ação judicial. Até os 50 anos, o atleta recebia um seguro desemprego do CPAS – Centros Públicos de Ajuda Social da Bélgica – que lhe foi cortado sob a alegação de que Jean-Marc não procurava no mínimo cinco empregos mensais.

Atualmente, Bosman tem dois filhos de 5 e 7 anos aos quais paga uma pensão alimentícia de 200 euros. A FIFPro o ajuda financeiramente quando necessita, e o ex-atleta mantém, com o sindicato de jogadores, uma relação de negócios eventuais conforme seus interesses se cruzem com os da união de jogadores.

“O poder, creio eu, deve ser analisado como uma coisa que circula, ou melhor, como uma coisa que só funciona em cadeia. [...] O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários. Em outras palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles” (FOUCAULT, 2005, p.35)

A história de Jean-Marc com o futebol, além de ser um marco nas relações de poder entre jogadores, clubes e outras instituições, explicita esse lugar fluido do anonimato.

Ao final da entrevista à Panenka, o jornalista – também anônimo – pergunta ao ex-jogador:

— Você continua acompanhando o futebol? [Panenka]

— Às vezes. [Bosman]

— Mas você ainda gosta? [Panenka]

— Não muito. Às vezes vejo uma partida para me distrair, alguma final ou alguma partida da seleção belga, que tem jogadores jovens nas grandes ligas. Mas não corro atrás de futebol, faz parte do passado” [Bosman]. (BOSMAN e PANENKA, 2015, p.33).

2.7 Campeonatos

A atualização do futebol profissional ao jogo do neoliberalismo, também, expande o número de campeonatos oficiais da modalidade.

Na temporada de 1992-1993, a Copa dos Campeões da Europa se transforma em Liga dos Campeões da Europa, alterando o formato da competição de jogos eliminatórios adicionando mais confrontos anteriores às etapas de confronto direto (MASCARENHAS, 2014). Esse modelo de campeonato, que valoriza a disputa de todos contra todos, torna-se tendência na Europa nos anos 1990.

No Brasil, a valorização de torneios internacionais entre clubes e seleções de base organizados pela CBF/FIFA é notória a partir do final dos anos 2000. Eles não somente mantêm os jovens jogadores ativos e estimulados a competir, mas, também, e, principalmente, para a sua exposição aos clubes e agentes. Mais do que títulos, os clubes necessitam das competições de base para expor suas “promessas”. Considerando apenas a categoria sub-20, além dos campeonatos estaduais, a Copa São Paulo de Futebol Júnior (1969) e Taça Belo Horizonte de Futebol Júnior⁷² (1985) são as competições mais antigas da modalidade, de grande importância para os clubes. Em nível internacional, há o Campeonato Sul-Americano de Futebol sub-20 (1954), Copa do Mundo FIFA sub-20 (1977), além de vários outros campeonatos promovidos por empresas sem periodicidade determinada. No Brasil, a partir de meados dos anos 2000, a CBF criou novos campeonatos para a modalidade: a Copa Rio Grande do Sul de Futebol sub-20 (2006), a Copa do Brasil sub-20 (2012) e o Campeonato Brasileiro (2015). O estabelecimento de campeonatos com periodicidade anual fortalece a circulação dos juniores anônimos que irão compor grande exército de reserva desse mercado.

⁷² Desde a edição de 2015, a Taça BH passou a ser disputada pela categoria sub-17. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/mg/futebol/noticia/2015/03/taca-bh-de-futebol-passa-ser-sub-17-e-tera-clubes-estrangeiros-em-2015.html>. Acesso em: 12 de abril de 2016.

Em 1997, o torneio Rio-São Paulo (extinto em 1966, “quando se esboçou o movimento precursor do campeonato nacional”) é reativado para responder a uma demanda dos clubes insatisfeitos com a renda do campeonato brasileiro. (MASCARENHAS, 2014, p.188). Outros torneios regionais são reativados quando a CONMEBOL amplia as vagas na Taça Libertadores⁷³. A saber: Copa Centro-Oeste (1999-2002) e Copa Sul (1999), substituída pela Copa Sul-Minas (2000 a 2002), Copa Norte (1997 a 2002) e Copa do Nordeste⁷⁴. Os campeões desses torneios regionais – e também alguns vices – disputavam a quarta vaga brasileira da Taça Libertadores por intermédio da Copa dos Campeões.

Todos os campeonatos regionais param de acontecer em decorrência da alteração do formato do Campeonato Brasileiro para o modelo de pontos corridos⁷⁵, formato em que todos os clubes jogam duas vezes entre si em partidas de turno e retorno, e o campeão é definido pela soma de pontos ao final do campeonato. Alguns deles retornam, posteriormente, com a intenção principal de propiciar aos clubes que não tinham calendário de competições além do campeonato estadual estar ativos durante pelo menos um período de seis meses.

O formato de pontos corridos privilegia os clubes mais bem estruturados financeiramente e fisicamente, enquanto no sistema eliminatório, era possível que um clube mais fraco ocasionalmente ganhasse. Contudo, o sistema eliminatório deixa sem competição os eliminados logo no início da competição (MASCARENHAS, 2014).

⁷³Entre 1999 e 2000, a quantidade de vagas na Libertadores aumenta de 21 para 32 e é redistribuída entre as federações filiadas à CONMEBOL. “[...] dentro do espírito comercial de expansão dos certames internacionais, valorizados pelas redes de TV” (MASCARENHAS, 2014, p.181). A competição também anexa o México ao seu certame em 1999. Até 1999, cada país participava com dois clubes. A partir de 2000, Brasil e Argentina participaram com quatro vagas; Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru e Uruguai com três vagas; México e Venezuela permaneceriam com duas vagas cada.

⁷⁴ Assim como a Copa Rio-São Paulo, alguns desses outros torneios regionais tiveram edições anteriores de periodicidade inconstante.

⁷⁵ A Copa do Nordeste volta a ser disputada em 2013 e a Copa Norte no ano seguinte.

2.8 Lei Zico, Lei Pelé e a liberdade de mercado no Brasil

Enquanto Bosman virava notícia, nos anos 1990, dois ex-jogadores com alguma iniciação nos negócios do futebol tornam-se importantes aliados na reformulação das regulamentações do esporte no Brasil. Primeiro, Zico e, posteriormente, Pelé, ambos ministros dos esportes nos governos de Fernando Collor de Melo e Fernando Henrique Cardoso, respectivamente.

A Lei Zico (8.672/93) foi uma primeira tentativa de atualização da legislação sobre o esporte à racionalidade neoliberal, propondo a extinção da Lei do Passe (6.354/76), que posicionava o jogador como uma propriedade do clube empregador, a profissionalização da gerência dos clubes e a promoção de alterações no sistema eleitoral da CBF.

A Lei Zico não obteve eficácia quanto à liberação do passe e extinção da CBF. O forte Clube dos Treze forte pressionava contra o fim do passe, visto como garantia de retorno do investimento na formação dos jogadores.

A aprovação do fim do passe e da profissionalização da gestão dos clubes veio com a Lei Pelé (9.615/98) que passou a ser a principal legislação sobre os esportes. O jogador de futebol apenas hipoteticamente obteve o controle sobre a venda de seu trabalho.

A Lei Pelé é a legislação que, entre outras modificações no posicionamento do esporte como atividade profissional, revoga o artigo 13 da Lei do Passe⁷⁶ (6.354/76), até então, reguladora responsável da negociação do trabalho do jogador. Segundo o artigo 11 da referida lei de 1976, entendia-se “por passe a importância devida por um empregador a outro, pela cessão do atleta durante a vigência do contrato ou depois de seu término” (6.364/76). O atleta somente teria o “passe livre” ao completar trinta e dois anos de idade e dez anos de serviço efetivo em seu último clube, concomitantemente.

Embora a prática da negociação do jogador pelo clube empregador conotasse tons de subordinação na relação entre o jogador e o clube, Florenzano (1998) ressalva que havia o consentimento do jogador em se sujeitar a essa prática para jogar profissionalmente. Era essa condição do passe propiciava, assim, o uso mercadológico do atleta.

⁷⁶ “Art. 13. Na cessão do atleta, poderá o empregador cedente exigir do empregador cessionário o pagamento do passe estipulado de acordo com as normas desportivas pertinentes” (6.364/76).

Com a revogação da lei, o atleta passou a ser o negociador direto do seu contrato com o clube. Porém, foi somente em 2000 que apareceu redigida a norma regulamentadora na Lei Pelé: “Art. 38. Qualquer cessão ou transferência de atleta profissional ou não profissional depende de sua formal e expressa anuência”. No entanto, anuência não é sinônimo de decisão, o que torna questionável a autonomia do jogador nessas relações que se estabelecem no mercado futebolístico, mesmo porque essa relação não se restringe apenas aos interesses do futebolista e do clube empregador, ambos são porta-vozes de interesses múltiplos de familiares, agentes e outros investidores que fazem do jogador o seu negócio.

O direito, é preciso examiná-lo, creio eu, não sob o aspecto de uma legitimidade a ser fixada, mas sob o aspecto dos procedimentos de sujeição que ele põe em prática (FOUCAULT, 2005, p.32).

E no futebol não será diferente no momento do que foi no passado: as regras mudam, o jogo muda.

Em meio a essa importante liberdade de mercado para os jogadores, um investidor constata a possibilidade de uma oferta de serviço. É ao agente ou empresário responsável por negociar contratos para os jogadores em clubes que atuam em competições profissionais da modalidade, que a maioria dos jogadores que busca o sucesso no futebol profissional delega tal exercício de poder de decisão.

É especificamente pelo entendimento do jogador, e da vida de modo geral, como um produto, que muitos jovens tornam-se objeto de empreendimento de suas famílias na busca do sonho de ser jogador de futebol. Mesmo antes do ingresso de um menino nas categorias de base de um clube, não é incomum os pais transferirem a responsabilidade legal por seus filhos aos agentes que, desde então, gerenciam a vida desse aspirante a atleta. Segundo Proni (2000) e Damo (2007), os agentes ou empresários, como são denominados no meio futebolístico, começaram a circundar os gramados brasileiros nos anos 1980 e hoje são quase indispensáveis.

No ambiente futebolístico, a racionalidade neoliberal abre espaço para o governo dos empresários que passam a gerenciar a carreira (e as vidas) dos atletas. Vendem-lhes, em primeiro lugar, a possibilidade da realização do sonho; depois, os convencem de que são incapazes de gerir carreiras ou apostam em uma falta de habilidade e de interesse desses jogadores de comercializar o próprio passe; quando conseguem a confiança de seus futuros clientes, oferecem uma gama de materiais e serviços: planejamento de cada

carreira de forma personalizada; assessoria jurídica; assessoria financeira; assessoria fiscal; assessoria de imprensa; assessoria de imagem, entre vários outros, de modo que, em torno do jogador configura-se um *staff* próprio (DAMO, 2007).

O empresário aparece simultaneamente como redimensionamento da função do “olheiro”, como um mediador de liberdades e gerente de oportunidades para o atleta.

“À diferença do restante da entourage, cuja aproximação dos futebolistas ocorre à medida que estes ascendem economicamente, os bons agentes, aqueles cujos negócios são lucrativos, antecipam-se ao sucesso. Esta é a condição para que eles estabeleçam o vínculo moral de que necessitam para mais tarde convertê-lo em vínculo legal, um contrato de imagem ou uma procuração qualquer, que lhes renderá dividendos proporcionais ao sucesso dos futebolistas” (DAMO, 2007, p.322).

Assim, ao contrário do que faz supor uma leitura rápida da Lei Pelé, os jogadores continuam sendo vendidos. A principal mudança é que o negócio está centralizado no jogador, caracterizado, simultaneamente, como produto e produtor direto do espetáculo futebolístico. Essa mudança é crucial para o entendimento do jogador como um empreendedor responsável por conduzir-se nesse mercado e que, para fazê-lo com êxito, deve acumular *capital humano*.

Segundo Foucault (2008), a racionalidade neoliberal se exerce por meio da leitura, por intermédio de uma grade econômica, de áreas antes consideradas não econômicas como o campo social e o comportamento humano.

Em *Nascimento da Biopolítica*, Foucault analisa o deslocamento da noção de *trabalho* como venda de uma quantidade de *tempo e força* em troca de remuneração, para a noção neoliberal do indivíduo como “sujeito econômico ativo” (FOUCAULT, 2008: 308), portador de um *capital humano* que deve ser gerenciado, no sentido da expansão constante de seus *potenciais*, o que ampliará a sua possibilidade de renda. Tal capital é composto por elementos inatos e adquiridos desde a infância por intermédio dos investimentos em saúde, alimentação, afetividade, sociabilidade, entre outros. Dessa maneira, dimensões não quantificáveis da vida passam a ser entendidas como investimento.

Os componentes inatos são o “equipamento genético” (Idem, p.314) que nasce com o indivíduo, mas que também é aprimorável. No caso do futebolista, a estatura é entendida como um capital humano inato que, a partir da mensuração do quanto o

jovem jogador pode atingir de tamanho, é possível investir em tratamentos que o levem a atingir certa altura.

Quanto aos elementos adquiridos, são os investimentos educacionais que não se restringem ao aprendizado escolar e profissional, mas incluem também o tempo gasto (investido) em afeto, tempo que os pais passam com os filhos e os estímulos sensoriais que lhes oferecem, em atividades culturais, em brincar, em cuidados médicos e psicológicos, nas possibilidades de mobilidade que o indivíduo possui, entre outros. Muitos desses elementos, os quais antes eram dispensáveis para ser jogador ou que se dizia que os jogadores de futebol seriam desprovidos, hoje são essenciais para que este se conduza com chances de uma melhor remuneração no mercado.

A mobilidade é um componente importante para o capital humano do jogador profissional, pois melhora as suas chances de conseguir produzir renda. Foucault (2008) situa que, na economia neoliberal, a migração tem por função:

Obter uma melhoria da posição, da remuneração, [...] A migração é um investimento, o migrante é um investidor. Ele empresário de si mesmo, que faz um certo número de despesas de investimento, para obter certa melhoria. A mobilidade de uma população e a capacidade que ela tem de fazer opções de mobilidade, que são opções de investimento para obter uma melhoria na renda, [...] permite analisar todos esses comportamentos em termos de empreendimento individual, de empreendimento de si mesmo com investimentos e renda (FOUCAULT, 2008, p.317).

A migração diz das possibilidades de exposição do atleta no mercado e das chances de deixar de ser anônimo. Os jovens jogadores que circulam anônimos não raramente são oferecidos aos clubes pela posição em campo e ano de seu nascimento. Gabriel Jesus, por exemplo, em algum momento, deve ter sido um *atacante nove sete* (pois nascido em 1997), como se referem profissionais da comissão técnica e empresários aos jogadores.

Todos esses componentes integrarão uma competência-máquina de produzir renda. O conjunto de capital humano específico para que um atleta se insira no futebol profissional, se aproxima, também do que Damo, com base em Pierre Bourdieu, descreve como *capital futebolístico*:

“o conceito de capital futebolístico, como modalidade específica de capital exigida dos atletas profissionais, foi concebida a partir da influência bourdiana, como uma constelação de atributos que permitem a alguém inserir-se legitimamente num dado campo social

[...] os capitais futebolísticos são os atributos que garantem o acesso de um menino a um centro de formação, o que inclui desde o conhecimento do talento – por agentes autorizados pelos clubes e não por um observador qualquer – até os vínculos com agentes/empresários, passando pela percepção dos limites e possibilidades de movimentação no campo profissional [...]. Em sentido restrito, referindo-se aos atributos propriamente corporais de um indivíduo, os capitais futebolísticos perfazem um leque amplo e variado de disposições físicas, psíquicas e sociais que extrapolam, significativamente, a dimensão técnica e, sobretudo, uma dada dimensão em particular, muito valorizada pelo senso comum, associada ao controle da bola – malabarismos, floreios, etc” (2007, p.112).

O conceito elaborado pelo autor expressa o acúmulo de capital humano desejado para um futebolista ser reconhecido como profissional. Além disso, expressa a conversão do indivíduo em valor de mercado, tal como indica Foucault (2008) nas sociedades onde a racionalidade neoliberal se exerce. É o valor econômico embutido no corpo e em atividades tidas até então como não-econômicas.

A Lei Pelé centraliza no jogador o poder de decidir por qual clube jogar, configurando-o como um *empreendedor*, detentor de um *capital humano* que se lança no mercado em busca do sucesso profissional. Mais do que o gerenciamento da força de trabalho, as mudanças apontadas indicam a delimitação da vida do jogador pelo mercado que deve acumular *capital humano* para poder conduzir-se ao sucesso pessoal e governar suas condutas.

Dessa maneira, o anonimato nem sempre está ligado ao fracasso do empreendimento. Não são vidas excluídas, mas sim as vidas desejáveis por se incluírem no sistema de produção dos modos de se fazer futebol e de ser jogador na atualidade.

A revista Fut!, de 25 de dezembro de 2010, anunciava Hernanes como “a cara do novo craque brasileiro”. Apesar de não ser mais anônimo, Hernanes era uma das referências do jogador esforçado, que não consome bebidas alcoólicas e é obediente e temente a Deus – “dono de um futebol prático e efetivo” (MIRANDA e AFFONSO, 2010, p.29).

Esse é o padrão atualmente esperado por profissionais e especialistas de jogador desejável – embora não seja o único possível. É um modelo esperado para o jogador neoliberal empreendedor de si, que pode ser visto não somente em Hernanes ou em outros famosos, mas também e principalmente entre os mais anônimos, o que supõem variadas modulações.

As novas formas de se conduzir o futebol profissional exigem agora não somente a transformação dos jogadores em empreendedores, mas também a transformação dos clubes em empresas. Com isso, durante os anos 2000, proliferou do empresariamento de jogadores e de novos clubes criados para cuidar de sua formação. O investimento não se restringe ao aprimoramento da técnica do jogador, mas em produzir modos de vida desejáveis ao mercado.

Dessa maneira, a exemplo do que havia acontecido com a Lei Bosman em 1995, que liberou o passe do atleta europeu, a Lei Pelé impulsionou o aumento do salário de jogadores e das transferências no Brasil e no mercado internacional em conexão com o mercado de empresas e transmissões midiáticas.

Nos clubes, os especialistas envolvidos na formação/produção de jogadores – preparadores físicos, de goleiros, médicos, nutricionistas, fisioterapeutas, dentistas, psicólogos e outros – aprimoram e adaptam o jogador enquanto capital humano aos interesses do clube, conforme às exigências da produção do espetáculo futebolístico.

A pequena ou grande empresa jogador constitui em torno de si um staff ou entourage de interessados no aprimoramento do atleta. Além dos familiares e amigos: assessores de imprensa, advogados, médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, *personal trainers* e outros *personals* que oferecerão serviços sob medida para atender aos interesses do atleta, também conforme às exigências da produção do espetáculo futebolístico.

Esse *staff* se reúne motivado pela possibilidade de comercialização de direitos do atleta e dos clubes, a saber:

Direito de Transmissão

É o preço comercializado por cada clube, relativo à transmissão das partidas em que o clube participa⁷⁷. No artigo 42 da Lei Pelé, esse direito “consiste na prerrogativa exclusiva de negociar, autorizar ou proibir a captação, a fixação, a emissão, a transmissão, a retransmissão ou a reprodução de imagens, por qualquer meio ou processo, de espetáculo desportivo de que participem (Redação dada pela Lei nº 12.395, de 2011)”.

⁷⁷ Até a sua dissolução em 2011, o Clube dos Treze negociava esse valor com as emissoras de televisão.

Direito de Arena

Do montante negociado entre o clube e a emissora, 5% devem ser distribuídos entre os atletas que participaram da partida e apareceram na televisão⁷⁸. A mediação desse pagamento é feita pelos sindicatos⁷⁹.

Direito Federativo

O direito federativo é substitutivo do “passe”, mas também assim chamado atualmente. Na legislação ele não consta, mas está relacionado ao vínculo desportivo do atleta que somente um clube registrado em alguma federação pode possuir.

É o que possibilita ao clube chamar um jogador de seu, de registrá-lo nas federações e de usufruir o atleta em competições. Esse direito somente pode ser comercializado entre clubes e possui duração determinada, ligada ao vínculo empregatício – daí a diferença em relação ao antigo passe que não findava ao término do contrato do jogador com o clube. Na Lei do Passe, o clube que adquiria o direito federativo do jogador só o perderia em caso de desistência ou se concordasse em vendê-lo a outro clube. Esse direito não pode ser dividido, mas pode ser cedido provisoriamente a outro clube, como o caso do empréstimo de jogadores.

Cláusula Indenizatória

Prevista pela Lei Pelé, a cláusula indenizatória é obrigatória nos contratos entre jogadores e clubes. É o que estipula o valor da multa de rescisão de contrato de um atleta. Pode ser até duas mil vezes maior que a média salarial do atleta nas transferências nacionais e não possui limite de valores para as transferências internacionais. No caso de rescisão de contrato por parte do atleta, os casos mais comuns, o novo clube empregador é considerado “solidário” pela lei no pagamento desse valor.

⁷⁸ Na primeira redação da lei, esse valor correspondia a 20% do total recebido pelo clube.

⁷⁹ Porém, esse valor nem sempre foi pago pelos clubes aos atletas. Uma medida judicial iniciada pelos sindicatos de SP, RJ, RS e MG pleiteia o pagamento retroativo desse direito aos jogadores desde o ano 1990. Os clubes defendem que o direito de arena seria deles e que os atletas já recebem o valor no direito de imagem. Alguns clubes até mesmo inserem cláusulas no contrato de seus jogadores, demandando que eles renunciem o direito de arena previsto na legislação. Os sindicatos argumentam que direito de arena e direito de imagem possuem “naturezas” diferentes, sendo o primeiro um direito trabalhista do atleta, e o segundo um direito civil. (SINDICATO DOS ATLETAS PROFISSIONAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2015).

Contrato por produtividade

Nessa modalidade de contrato, o atleta recebe bonificações conforme o desempenho esportivo (por títulos, gols, vitórias, etc.) que costumam ser acompanhados pela redução do salário e/ou do direito de imagem pago ao atleta pelo clube.

Direitos Econômicos

Pode ser comercialização entre o jogador e outras pessoas jurídicas e/ou físicas e pode ser dividido entre várias pessoas e/ou empresas. É expresso em termos de porcentagem. Ele só existe na transferência, ou seja, seus detentores nada recebem enquanto o jogador não for negociado com outro clube. Geralmente, diz respeito à porcentagem que clubes, familiares, empresários e empresas gestoras de carreiras têm sobre a venda dos jogadores⁸⁰.

Direito de Imagem

O direito de imagem é um direito civil e corresponde a valores pagos aos atletas para explorar a sua imagem, associando-a a outros produtos ou a marcas.

De 1998 a 2015, o atleta com salário atrasado por mais de três meses poderia rescindir o contrato com o clube e transferir-se para outra entidade de prática desportiva. A partir de 2015, essa regra passou a valer também para os direitos de imagem em atraso.

Art. 87-A. O direito ao uso da imagem do atleta pode ser por ele cedido ou explorado, mediante ajuste contratual de natureza civil e com fixação de direitos, deveres e condições inconfundíveis com o contrato especial de trabalho desportivo (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

Parágrafo único. Quando houver, por parte do atleta, a cessão de direitos ao uso de sua imagem para a entidade de prática desportiva detentora do contrato especial de trabalho desportivo, o valor correspondente ao uso da imagem não poderá ultrapassar 40% (quarenta por cento) da remuneração total paga ao atleta, composta pela soma do salário e dos valores pagos pelo direito ao uso da imagem (Incluído pela Lei nº 13.155, de 2015).

É comum essa ser subsidiada por marcas patrocinadoras do clube ou diretamente do jogador, confundindo-se, frequentemente, com o salário deste último. Também não é

⁸⁰ O “jogador fatiado” ou “jogador pizza”, como denominado pela mídia especializada, surge da negociação desse direito.

raro, contratualmente, atribuir-se um alto valor a esse direito com redução do preço do salário assinado na carteira de trabalho. Por intermédio dessa prática o clube empregador, conseqüentemente, diminui o valor dos encargos trabalhistas.

Quanto maior o valor da imagem do jogador, maiores as possibilidades de se aumentar o valor dos direitos econômicos, da cláusula indenizatória e do salário propriamente dito. Por conta disso, os jogadores famosos conseguem obter em alguns poucos casos – comparado ao total de jogadores que não desfrutam a mesma situação –, uma renda mensal de valores impensáveis para outras profissões. Quanto mais *visível* for o jogador no mercado, maiores as chances de se conseguir um contrato de altos valores.

Entretanto, no Brasil, a maioria recebe até R\$1.000,00 de salário.

Ate R\$ 1.000	23.238	82,40%
R\$ 1.000,01 ATE R\$ 5.000,00	3.859	13,68%
R\$ 5.000,01 ATE R\$ 10.000,00	381	1,35%
R\$ 10.000,01 ATE R\$ 50.000,00	499	1,77%
R\$ 50.000,01 ATE R\$ 100.000,00	112	0,40%
R\$ 100.000,01 ATE R\$ 200.000,00	78	0,28%
R\$ 200.000,01 ATE R\$ 500.000,00	35	0,12%
ACIMA DE R\$ 500.000,01	1	00,0%

Tabela: média de salários dos jogadores atuantes no Brasil em 2015.

Fonte: CBF, 2016.

Regulado pelo próprio mercado e pela exposição midiática do jogador, a renda do atleta atinge montantes inimagináveis para qualquer outro trabalhador assalariado. Quanto maior o prestígio de um jogador e sua exposição midiática, maior é a valorização e a sua procura pelas empresas que vislumbrarão aí uma boa oportunidade de investimento. A maioria, no entanto, fora desse circuito de visibilidade, nunca recebeu proposta de contrato de imagem e não vê seus direitos convertidos em renda.

2.9 Os anônimos e a circulação de jogadores

De maneira geral, notam-se dois movimentos na circulação de jogadores que se conectam com base no valor de sua imagem: a circulação impulsionada pelo valor alto da imagem do jogador (positiva). É o caso não somente do famoso, mas também das “promessas” – jogadores novos que se destacam em um clube ou campeonato e, por isso, são impulsionados no mercado pela probabilidade, pela aposta de um bom contrato porvir.

Há também a circulação produzida pela dispensa, pelo *descarte*, pelos que persistem apesar das adversidades, também como os demais, sendo *resilientes*⁸¹. Esse segundo circuito é o lugar, embora não único, do jogador anônimo. São jogadores que saem das categorias de base e somem no mercado, mas que ali estão para dinamizá-lo. Essa segunda forma de condução no mercado se intensifica no futebol neoliberal, uma vez que desligar-se de um clube torna-se mais simples.

O que se denomina aqui de jogador anônimo? Uma série de fluxos/atravesamentos podem-no definir. Os jogadores, aqui considerados anônimos, não são os jogadores da várzea. Diferentes também dos jogadores celebridades, geralmente, atuam em clubes considerados pequenos quanto ao número de torcedores, títulos, expressividade e de anos em atividade. São aqueles de valor de imagem baixo ou inexistente, que não circulam ou passam despercebidos nas grandes *vitrines* do futebol nacional e/ou mundial, são os que complementam sua renda com outras atividades por não conseguirem viver apenas do que ganham com o futebol profissional, atuando na várzea, como auxiliar de preparadores físicos, operadores de telemarketing, motoboys. Enfim, os que circulam entre ser e não ser jogador de futebol profissional, entre empreender-se ou não nesse mercado, sem ser escolhido.

No início, no meio ou no final da carreira, há, inevitavelmente, entre os anônimos, essa circulação entre o ser e o não ser: muitos recém-saídos das categorias de base, outros já saídos há algum tempo, mas que permanecem circulando em clubes e campeonatos de pouca repercussão midiática, e, ainda, aqueles que, após um período de breve fama, seguem no mercado, retornando a esse segundo circuito enquanto se preparam para exercer outras atividades. O mercado faz circular, produz visibilidades,

⁸¹Sobre a relação entre o descarte de jogadores e a conduta resiliente, ver capítulo 4.

define condutas, situa o bom produto. E o jogador empreendedor de si deve neste mercado organizar sua pequena, média ou grande empresa.

Quanto à rede dos aposentados, há os que são comentaristas esportivos, técnicos, políticos, consultores/conferencistas, administradores de negócios construídos durante a carreira, agentes de jogadores. Outros fazem curso de educação física para tentar se estabelecer no futebol profissional desempenhando outras atividades.

Por abarcar um grupo heterogêneo de jogadores que vai desde o jovem recém-saído das categorias de base até os mais experientes já em vias de se aposentar e que podem, em algum momento, ter saído desse circuito do anonimato, pensa-se o jogador anônimo como um território existencial, um momento na vida do atleta, um espaço que todo jogador já ocupou um dia e que alguns muitos ocuparão até o apito final de sua vida, até voltarem a ser jogadores nas quadras alugadas nos finais de semana ou nos times de várzea. O jogador também contribui com as mais variadas territorializações no espaço do mercado neoliberal transterritorializado, ou seja, não há mais para o jogador um território onde obedece um soberano.

No caso específico do jogador de futebol, o *homo oeconomicus* neoliberal descrito por Michel Foucault (2008a) encontra, no jogador celebridade, a referência do ápice de seu sucesso na prática de empreender-se. O jogador anônimo, por sua vez, ocupa o lugar de um suposto fracasso e, simultaneamente, de um possível sucesso relativo e limitado de seu empreendimento, mas que, igualmente, movimenta esse mercado.

Enfim, por mais que se tente mapear esses momentos da vida desses indivíduos, não há como universalizá-los. Cada um tem suas histórias, particularidades, percorrem seus próprios caminhos nesse mapa. Caminhos que se cruzam a todo tempo aqui e ali e que não são traçados apenas por esses jogadores, com base, quer em sua habilidade, quer no seu assujeitamento.

Sem a mesma expressão midiática que faz dos clubes tradicionais grandes *vitrines* que favorecem a utilização da imagem do jogador como um de seus capitais mais rentáveis, os pequenos clubes investem na produção de atletas-produtos para os grandes, esperando, em uma transação futura, lucrar com a venda do jogador como clube formador mesmo portando boa experiência.

Outras vezes, os jogadores desses clubes formadores são incorporados a preços reduzidos para usufruir a finalidade de fomentar, tecnicamente, o equilíbrio da equipe. Nesse sentido, a também possível liderança está incluída, acrescenta-se, ainda, os que

ficaram entre o anonimato e os portadores de currículo profissional secundário. Estes últimos também têm a função de fortificar e preparar a subjetividade ascensional ou estagnada dos mais novos e promissores. Todos funcionam para a produção do jogador-produto.

CAPÍTULO 3 – A produção de responsabilidade social e do descarte no futebol profissional

“A nossa cultura fala muito de talento [...], ele tem uma habilidade específica, pode ser chamada de talento, não vejo problema nenhum, não gosto muito, mas não vejo problema nenhum. Agora, o que ele precisa para realmente ser um talento? O que é ser um talento? Será que ser um talento é ele ter habilidade, saber driblar, fazer vários tipos de gols e tal? É isso? Isso basta? Isso é necessário? Essa é uma discussão que a gente tem que levantar. Então, na nossa visão do Botafogo [...] a gente tem talento a ser captado, ou seja, o menino que demonstrou em algum momento que tem uma habilidade específica para jogar futebol, a gente capta esse atleta, então o colocamos dentro do nosso processo [...]. É um processo de desenvolvimento, de aprendizagem, né? Ele não sabe. Ele não nasceu sabendo, ele tem uma habilidade para. [...]. Existem clubes que trabalham muito mais com seleção outros clubes que trabalham mais com o desenvolvimento [de atletas] e eu acho que a grande questão é a gente equalizar essa pergunta aí, fazer que a gente desenvolva os dois, porque a gente tem uma responsabilidade social por trás disso. O Medina⁸² falou uma coisa que eu acredito demais, que a gente já conversa, o futebol talvez seja o instrumento de principal transformação social no nosso país, pela cultura que a gente tem, pela força que o futebol tem, desde que a gente nasce, [...] é um grande instrumento de transformação. Então se a gente tem o interesse através do futebol a gente tem como desenvolver o interesse nesses atletas. Porque o que a gente faz hoje na maioria dos clubes ainda, e eu me incluo, é descarte. E aí é descarte de sonho, é descarte de um indivíduo porque é uma família por trás, então a gente tem que ter uma responsabilidade nisso. E eu não sei se a gente está tendo essa responsabilidade. Eu, particularmente, acho que ainda não. A gente ainda está começando a ter essa preocupação, mas eu acho que a gente precisa dar mais luz a esse ponto”.

Eduardo Freeland.

Essas palavras são do gerente geral das categorias de base do Botafogo de Futebol e Regatas em palestra sobre a formação do atleta, no Museu do Futebol⁸³. Nelas, nota-se uma recente preocupação sobre categorias de base com a forma como jogadores são formados/produzidos no Brasil.

⁸² Eduardo Freeland se refere a João Paulo Medina, criador da Universidade do Futebol, instituição que se dedica a pesquisa e a formação de profissionais na área de gestão específica para esse esporte. O grupo surgiu no ano de 2003, como centro universitário virtual, e reúne pesquisadores de variadas áreas com possibilidade de ligação com o futebol, entendendo esse esporte como “atividade econômica e importante manifestação de nosso patrimônio cultural nas dimensões socioeducativas e no alto rendimento” (UNIVERSIDADE DO FUTEBOL, 2017).

⁸³ MUSEU DO FUTEBOL. A formação integral do atleta. 10 ago. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cDe6yrrEhh4&feature=youtu.be&utm_campaign=gt5_palestra_-_eduardo_freeland&utm_medium=email&utm_source=RD+Station. Acesso em 15 de outubro 2015.

Segundo Damo (2007, p.99), para esses jogadores, “as possibilidades de reconversão dos capitais futebolísticos são restritas, visto que os investimentos são demasiadamente especializados para servirem ao que quer que seja para além do futebol”. Essa afirmação diz respeito a um modelo de formação/produção de jogadores que apesar de muito comum, é muito criticado e não é referência nas categorias de base atuais.

Em meio à chamada escassez de novos talentos de referência, os clubes que visam lucrar no competitivo mercado de jogadores, constatam que não basta mais investir somente no aprimoramento da técnica do atleta. É também necessário investir em produção de modos de vida desejáveis ao mercado, principalmente ao mercado europeu, exigindo outras qualificações para além das físicas e técnicas como domínio de línguas estrangeiras e habilidades para lidar com os meios de comunicação (DANTAS, 2011), ou simplesmente adequá-los ao mercado secundário ou outras ocupações para os que não se consolidam no mercado.

Os atletas que se profissionalizam, mas não têm acesso a esses grandes clubes, convivem mais próximos à fronteira entre ser e não ser profissional. São anônimos em relação àqueles que se projetam nas grandes vitrines, mas colaboradores para a competitividade no mercado, embora recebendo bem menos do que o esperado por seus conhecimentos especializados e sua curta carreira.

O jogador deve empenhar-se em aprimorar não somente sua técnica, mas também sua conduta e tudo que contribua para formá-lo enquanto capital humano desejável no mercado, seja no futebol ou em outra profissão.

Por parte do Ministério Público, em função do Estatuto da Criança e do Adolescente (8.069/90), há uma preocupação recente com o “descarte” desses jogadores sem um redirecionamento de suas produtividades para outras atividades. Nesse sentido, é possível notar uma preocupação dos clubes formadores em preparar também esses jovens para a possibilidade de não serem escolhidos no mercado (DANTAS, 2011). Dessa maneira, cresce a demanda por formação de jogadores com *responsabilidade social*⁸⁴ no Brasil.

Em meio a essa perspectiva, o Audax talvez tenha sido o primeiro clube-empresa brasileiro criado não somente para produzir jogadores, mas também visando o

⁸⁴ A responsabilidade social empresarial é parte da estratégia para o desenvolvimento sustentável que, junto ao desenvolvimento econômico, visam diminuir a pobreza e promover a conservação do meio ambiente através de ações com as comunidades locais (INSTITUTO ETHOS e ABIP, 2016).

aproveitamento daqueles que de uma maneira ou de outra não são absorvidos pelo mercado da bola, reunindo, a princípio, anônimos.

3.1. Pão de Açúcar Esporte Clube: metamorfoses de um projeto social

*“Uma oportunidade para garotos que driblam as dificuldades para se tornarem craques na vida”⁸⁵
Abílio Diniz*

Em plena intensificação das relações mercadológicas no futebol e do “boom” do êxodo de jogadores brasileiros para a Europa, surge em 1985 um projeto social da empresa da indústria alimentícia, o Grupo Pão de Açúcar. O programa que visava proporcionar a prática esportiva para crianças de idade entre sete e quatorze anos não nasce tendo o futebol como modalidade de maior interesse e sim o atletismo. A ideia de criar um projeto com foco no futebol surgiu em 2003, quando o Pão de Açúcar organizou um campeonato de futebol, a partir do qual selecionou jogadores para compor as categorias de base de um clube ainda sem equipe profissional.

O Pão de Açúcar Esporte Clube – também conhecido pela sigla PAEC – foi um dos primeiros clubes-empresa no país, ainda no ano de 2003, quando uma primeira alteração na Lei Pelé⁸⁶ permitiu aos clubes brasileiros se constituírem enquanto sociedade empresarial limitada, assumindo, assim, a característica de entidade com fins lucrativos em suas práticas. O PAEC surge como projeto social do Grupo Pão de Açúcar (GPA) com o objetivo de formar craques dentro de campo e talentos para outros mercados. Assim, o diferencial do empreendimento, segundo a filosofia da própria empresa, era que, para além de formar “atletas para os gramados”, formava “cidadãos para a sociedade” (AUDAX, 2011, s.p).

⁸⁵ AUDAX. Formação Danilo Silva Audax-SP [vídeo]. 30 ago 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1WRYj8KERNM>. Acesso em 28 de janeiro de 2016.

⁸⁶ Segundo o parágrafo 9º do artigo 27: “é facultado às entidades desportivas profissionais constituírem-se regularmente em sociedade empresária, segundo um dos tipos regulados nos artigos. 1.039 a 1.092 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil” (10.672/03).



Figura 26. Escudo do Pão de Açúcar Esporte Clube (2016).

A proposta de criar um clube de futebol foi do empresário Abílio Diniz⁸⁷, então presidente do grupo supracitado, e Carlos Brunoro, ex-atleta de vôlei e empresário do meio esportivo. Concomitantemente à formação/produção de jogadores para o mercado futebolístico, o clube buscava alcançar a elite dos campeonatos da modalidade, ascendendo, em sete anos, da série B à série A1 do Campeonato Paulista⁸⁸, experimentando também a Série C do Campeonato Brasileiro em 2014 por meio de parceria com o Guaratinguetá Futebol Ltda.

Desde 2014, o clube se mantém na série A do Campeonato Paulista e continuava a disputar a Copa Paulista até 2015. Em 2016, o clube torna-se vice-campeão do Paulista e garante vaga na série D do Campeonato Brasileiro.

Entre 2003 e 2016, o clube passou por modificações, sendo possível identificar ao menos quatro momentos ao longo da sua existência que indicam formas diferentes, porém complementares, de se fazer futebol no Brasil.

O primeiro momento é o da formação das categorias de base do clube como projeto social no interior do que o GPA chama de “iniciativas de responsabilidade socioambiental e qualidade de vida” (GPA, 2013), funcionando como negócio social.

O segundo momento é marcado pela formação da equipe profissional e mudança de nome para Audax Esporte Clube. Apesar de continuar a existir como projeto social tal como antes, o clube muda sua estratégia de captação de jogadores e também aponta para uma postura diferente em relação ao mercado com a conquista de um público torcedor, uma vez que também vinha ascendendo no Campeonato Paulista.

⁸⁷ Abílio Diniz frequentemente conecta sua imagem de empresário com a de atleta amador, afirmando-se como amante e incentivador do esporte como bem-estar e qualidade de vida. Em seu blog pessoal o empresário escreve frequentemente sobre esporte e liderança empresarial. Além disso, Diniz é são-paulino e, desde sua saída do GPA, vem aparecendo na mídia como figura cada vez mais influente na diretoria do clube pelo qual torce. <http://abiliodiniz.com.br>.

⁸⁸ O Campeonato Paulista possui 4 divisões: Série A1, Série A2, Série A3 e Série B.

O terceiro momento decorre de mudanças políticas no GPA, quando o grupo francês Casino passa a controlar as ações do grupo e decide vender o Audax, passando o clube para Mário Teixeira – dono do Grêmio Esportivo Osasco e de parte do Grêmio Barueri. Naquele momento, o clube deixava de se caracterizar como um projeto social para ser um produto rentável.

O quarto e último momento acontece com o empréstimo dos jogadores e da comissão técnica do clube – agora Grêmio Osasco Audax Esporte Clube (GO Audax) – para o Guaratinguetá Futebol Ltda, clube que participou com a equipe da Série C do Campeonato Brasileiro. E posteriormente, em parceria com o Oeste, da Série B.

Percorrendo esses quatro momentos é possível delinear esse projeto social, no qual o clube gradualmente se institui como exemplo de gestão sustentável no futebol profissional e de formação de jogadores, capacitando-os para se gerirem e serem geridos no mercado como empresas, explicitando, nesse processo, subjetividades que se constroem enquanto o atleta circula no mercado profissional.

3.1.1. SuperCopa CompreBem: a peneira corporativa

O processo de captação de jogadores é comumente denominado no meio futebolístico de peneira, nome que sugere a ação de peneirar jogadores, separando as preciosidades. Tal qual em um garimpo, o que não é retido na peneira é devolvido ao ambiente como dejetos. Assim, muitos dos meninos que se submetem a essa experiência não são integrados aos clubes e continuam a circular no mercado, buscando uma peneira menos fina ou um garimpeiro com olhos de lince.

Via de regra, os testes são o primeiro contato desses meninos com a realidade do futebol profissional, na qual constatam, apesar de saberem que o espaço é para poucos. Uns continuarão durante muito tempo insistindo em inserir-se em algum clube. Muitos outros, principalmente os que se dedicam aos estudos, às vezes cedo escolhem (ou suas famílias escolhem por eles) não insistir mais. Outros, ao contrário, por insistência da família, nunca chegarão a se questionar se querem ou não ser jogadores nesta roda-viva.

Retornando ao caso específico do PAEC, para dar início às atividades do projeto era necessário atrair os participantes. Naquela ocasião, o encarregado pela seleção de jogadores foi Fernando Solleiro, Diretor de Recursos Humanos do Pão de Açúcar⁸⁹,

⁸⁹ Em 2014 Solleiro foi nomeado Diretor do Departamento de Administração da Federação Paulista de Futebol. Desde 2015 é Diretor do Departamento de Finanças da mesma instituição.

que, posteriormente, viria a ser presidente do PAEC/Audax, entre os anos de 2004 e 2013. O método adotado foi a realização de um campeonato que concomitantemente era uma ação promocional na rede de supermercados CompreBem.

Segundo consta em uma minuta de venda de debêntures (dívidas) do grupo, elaborada em 2007⁹⁰, o CompreBem foi uma das redes de supermercados do GPA que tinha como plano de ação de marketing “buscar uma aproximação com os consumidores, participando do cotidiano da comunidade. Para isso, foram desenvolvidas ações com resultados expressivos de imagem para as marcas” (GPA, 2007, p.119).

No período entre os anos de 2003 e 2004, os supermercados Barateiro passaram por uma série de reformulações com o objetivo de torná-la mais rentável, incluindo a mudança da marca para CompreBem. Em informe anual aos acionistas o GPA (2003) se explicava que:

“O nome Barateiro é uma forte marca entre os segmentos de consumidores de média e baixa renda. Assim, decidimos manter esta rede de supermercados para atender a estes segmentos. O formato CompreBem Barateiro⁹¹ serve para fortalecer e expandir nossa presença no mercado brasileiro. Os supermercados CompreBem Barateiro oferecem um grande volume de produtos básicos e uma grande quantidade de marcas, a baixos preços. As lojas Barateiro destinam-se a consumidores brasileiros das classes C e D, os quais possuem uma renda anual menor que R\$ 24.000, e que representam aproximadamente 76% da população brasileira. Desta forma, as lojas Barateiro estão localizadas em bairros de baixa renda, em comparação às lojas do Pão de Açúcar. Geralmente, as lojas Barateiro oferecem mais produtos com preços competitivos do que as lojas Pão de Açúcar e não possuem áreas especializadas” (GPA, 2003, p.43).

Uma vez determinado o público consumidor alvo do supermercado foi adotada uma série de medidas para aumentar o lucro com essa bandeira, reduzindo os custos e também aproximando a marca ao consumidor. Até mesmo o nome CompreBem foi uma escolha feita por votação entre os frequentadores do supermercado (GPA, 2003).

⁹⁰ GRUPO PÃO DE AÇÚCAR. Prospecto Definitivo da Distribuição Pública de Debêntures Simples da 6ª Emissão. 03 maio 2007. Disponível em: http://www.gpari.com.br/arquivos/GPA_Prospecto_20070502_port.pdf. Acesso em: 29 de janeiro de 2016.

⁹¹ MARKETING BEST. De Barateiro a Comprebem: mais que uma mudança de nome, um novo conceito. 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WRpyidOUMms>. Acesso em: 29 de janeiro de 2016.

Naquela mesma época, os programas Reciclapão, Jardineiros do Bem e outras iniciativas no sentido de diminuir os custos com a rede de supermercados foram implementadas e descritas no informe supracitado como “esforço de educação ambiental” (GPA, 2003, p.73) de seus funcionários e das comunidades locais.

O próprio grupo ainda explicita que:

“Ações ambientalmente responsáveis também podem gerar oportunidades de negócio. Atualmente, todas as lojas do Grupo Pão de Açúcar reciclam a maior parte dos resíduos que possuem valor de mercado, tais como papelão, plásticos e madeiras provenientes de embalagens de mercadorias. O lixo orgânico – frutas, verduras e legumes –, por sua vez, começou a ser transformado em adubo orgânico, a partir de uma parceria com a empresa Solorgânico. Com o lixo de 25 lojas da rede Pão de Açúcar de São Paulo, já foi produzido um estoque de 380 toneladas de adubo, que, em breve, será embalado e vendido como ECOVIDA – adubo orgânico, em toda a rede Pão de Açúcar e Extra, de São Paulo. Outro modelo para potencializar a interação entre o ambiental e o social é o programa Jardineiros do Bem. Em parceria com o projeto Crer-Ser, da Secretaria do Verde e Meio Ambiente do município de São Paulo, o projeto une a conservação de praças públicas e áreas verdes com a capacitação profissional de jovens em jardinagem. Além de oferecer bolsas-auxílio (de transporte, alimentação, material e alimentação) aos alunos, o CompreBem Barateiro também contratou seis desses jovens para trabalharem como jardineiros. Eles atuam nas lojas e também nas praças adotadas pela rede” (GPA, 2003, p.73).

Além de selecionar meninos para o projeto, a realização da Supercopa se convertem em promoção da imagem das marcas CompreBem e Sendas⁹², recém-adquiridas pelo grupo, respectivamente nos anos de 1998 e 2004.

Nos informes anuais dos anos posteriores (GPA 2004, 2005 e 2006) não era somente a Supercopa que crescia, com mais patrocinadores⁹³. Vários outros projetos/ações passavam a aparecer nesses relatórios, incluindo o patrocínio a outros clubes, classificados como iniciativas que apresentavam “resultados expressivos de imagem para as marcas”:

⁹² Os supermercados CompreBem e Sendas empregavam estratégias comuns de mercado. A partir do ano de 2004 o mesmo projeto foi desenvolvido no supermercado Sendas, no estado do Rio de Janeiro, dando origem ao Sendas Esporte Clube – atual Audax Rio de Janeiro Esporte Clube - na cidade de São João do Meriti.

⁹³ Ao longo de suas quatro edições, a SuperCopa CompreBem contou com o patrocínio de marcas como: Sorriso, Minalba, Bic e Pilão.

“Na Sendas, após 16 anos, foi realizada a tradicional festa de chegada do Papai Noel, que reuniu mais de 50 mil clientes na Apoteose (RJ). Já a bandeira CompreBem foi patrocinadora master da Festa do Peão de Barretos (SP), que completou 50 anos em 2005. Em linha com a diretriz corporativa, que busca incentivar a prática de esporte, tiveram continuidade os programas SuperCopa CompreBem (SP) e SuperCopa Sendas (RJ), que contaram com a participação de 144 garotos. A novidade do ano foi o lançamento do patrocínio de times de base como o Juventus, em São Paulo e o Guarani, no Rio de Janeiro” (GPA, 2005, p.73).

A equipe profissional do Juventus daquele ano também contou com o patrocínio da marca:



Figura 27. Camisa de goleiro do Juventus de 2005 com patrocínios do CompreBem e Pão de Açúcar (2016).

Em pesquisa de mercado, realizada no ano de 2001, um dos principais problemas apontados era a falta de credibilidade do antigo supermercado Barateiro, visto pelos consumidores como “sujo”, “de baixa qualidade” e “focado somente em preço” (MARKETING BEST, 2005). O futebol, junto às outras ações que aproximavam a marca do cotidiano de seus clientes, estimulava os consumidores a se sentirem participantes dos processos de melhoria do supermercado.

Dessa maneira, a Supercopa estava inserida em um conjunto amplo de ações dirigidas à otimização das atividades do supermercado através do estreitamento das relações com o público consumidor, produzindo diminuição dos custos cotidianos da empresa e divulgação da nova marca, na medida em que engajava o consumidor e aumentava o lucro advindo da rede de supermercados.

O investimento do GPA nessas práticas encontra consonância com o *capitalismo sustentável*. Segundo Passetti (2013), a sustentabilidade transforma o capitalismo em sua utopia. É o presente e a solução para o futuro aos danos causados pelo próprio capitalismo. Um capitalismo em busca do *melhor para todos*⁹⁴, no qual está em jogo também a regulação da população e dos seus ambientes.

Nesse sentido, se estabelece uma *ecopolítica* na qual o governo da população, característico da biopolítica como descrita por Foucault, é deslocado para o governo “*com* cada população para que viva agrupada, móvel, *resiliente*, participativa, em função de cada um, de seu agrupamento e da conservação do planeta” (PASSETTI, 2013, p.13, grifos do autor). Mercado, ambiente, empresas e participação do capital humano passam a ser decisivos no sentido de redução de vulnerabilidades, melhoria de qualidade de vida, gestor da comunidade, decisões democratizadas e incentivo à inovar e à conduta resiliente.

A primeira Supercopa CompreBem foi a realizada em São Paulo – na capital e nas cidades de Guarulhos, Cubatão, Mogi das Cruzes e Santo André – entre os meses de julho de 2003 e janeiro de 2004. A competição foi o início da seleção de atletas para o clube. Em vários supermercados da cidade foram montados estandes para a inscrição de apenas jovens do sexo masculino de idade entre 13 e 16 anos, os quais participariam do torneio que recrutaria os jogadores que formariam a base de um time até então sem categoria profissional.

Para envolver e cativar os garotos e a comunidade foram utilizados os principais recursos de comunicação integrada, envolvendo propaganda, ações no ponto de venda, mala-direta, promoção esportiva, merchandising, incentivo, internet e assessoria de imprensa. A organização envolveu desde a atração e motivação dos garotos com blitz em escolas, decoração de lojas e colocação de urnas, regulamentos, ações de endomarketing para envolver os funcionários; assessoria de imprensa e a internet para manter torcida e atletas motivados; criação e produção de uniformes dos atletas, técnicos e de todo o *staff*; criação, produção e colocação de todo o material de merchandising dos patrocinadores nos uniformes, materiais de divulgação, campo e blitz (J.COCCO SPORT MARKETING, 2016, s.p).

⁹⁴ Slogan do movimento Bom Senso FC: *Por um futebol melhor para todos*. Disponível em: <http://www.bomsensofc.org.br/> >. Acesso em 10 de março de 2016.

O jogador Cafú foi o “padrinho” da primeira edição do campeonato, espelhando o modelo de jogador de sucesso advindo da periferia de São Paulo. Afinal, Cafú é o capitão “100% Jardim Irene⁹⁵” da seleção brasileira campeã da Copa do Mundo de 2002⁹⁶.



Figura 28. Cafú levantando a taça da Copa do Mundo de 2002 após escrever “100% Jardim Irene” a caneta em sua camisa (2016).

No ano seguinte à Copa, milhares de garotos que viram Cafú e companhia campeões do mundo, encontravam em algum supermercado perto de casa a oportunidade de tornar-se um “craque nos campos e na vida”⁹⁷.

Segundo declarado por Fernando Solleiro⁹⁸, era esperado um total 2,3 mil inscrições que acabou se transformando em 72 mil. Após uma primeira triagem, que

⁹⁵ Jardim Irene é o nome do bairro, em São Paulo, onde nasceu o atleta.

⁹⁶ Sobre Cafú e o Jardim Irene, ver: GUEDES, Simoni. Projetos sociais esportivos e as novas trajetórias dos atletas profissionais. In: Anpocs - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 30º, 2006, Caxambú. Encontro Anual da ANPOCS, Anpocs - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Congresso, Anpocs - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2006. Disponível em: http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=3558&Itemid=232. Acesso em: 12 de março de 2016.

⁹⁷ A frase era o *slogan* da campanha publicitária da edição do ano de 2005 do torneio: “a chance do seu filho de virar um craque nos campos e na vida”. Disponível em: <http://weventos.com.br>. Acesso em: 29 de janeiro de 2016.

⁹⁸ Isto É Dinheiro. Campo dos sonhos do Pão de Açúcar: Líder do varejo monta time de futebol para dar oportunidade de carreira a meninos carentes. Disponível em: http://www.terra.com.br/istoedinheiro-temp/especiais/empresas_dobem/pao_acucar.htm. Acesso em: 30 de janeiro 2016.

levava em consideração critério físicos e de desempenho escolar, algumas equipes foram formadas. Os times levavam o nome da região na qual a filial do supermercado estava localizada e eram reformulados por região e cidade conforme passavam as etapas.



Figura 29: Equipes de Guarulhos na SuperCopa CompreBem 2003 (2016).

Dentre os jogadores que fizeram parte daquela geração de atletas do PAEC, estava Juninho, que atualmente treina com o time de jogadores sem contrato do Sindicato de Atletas Profissionais do Estado de São Paulo (SAPESP). Passando por todas as equipes da base do clube (sub-15, sub-17 e sub-20) entre os anos de 2004 e 2011, soube da peneira no supermercado próximo à sua casa. Conforme ele relatou em entrevista, para fazer a inscrição era necessário apresentar exame médico, certidão de nascimento e boletim escolar, além de estar acompanhado por um adulto que seria seu responsável.

De parte dos organizadores da SuperCopa, a estratégia de captação de jogadores era descrita como inovadora e mais justa que as peneiras convencionais, uma vez que cada menino passaria por vários processos avaliativos antes de ser integrado ao clube ou ser expelido por este. Na visão dos gestores, a peneira inovadora denotaria um descarte mais consciente dos atletas e seria mais democrática:

Desde a sua primeira edição, em 2003, a J.Cocco apostou na democratização e na sofisticação da tradicional peneira. Normalmente, os “boleiros” têm raríssimas oportunidades de se apresentar. Numa seleção tradicional, além do talento, é preciso contar com a sorte porque o craque só tem alguns minutos para pegar na bola e convencer algum “olheiro”. Nesse programa de inclusão social, o garoto foi avaliado durante uma temporada de seis meses, a começar pelo ato de inscrição e pré-seleção até seu desempenho físico, técnico e seu

comportamento nos estudos e na sociedade (J.COCCO SPORT MARKETING, 2016, s.p).

Os meninos inscritos foram avaliados por uma equipe durante quatro meses e 172 atletas foram selecionados para passar o último mês de testes no CT do clube, construído no Bairro do Morumbi, em São Paulo, durante o desenrolar do torneio.

Com área total de 51 mil metros quadrados, o centro de treinamento [...] oferece tecnologia de ponta aos garotos. São quatro campos de futebol com medidas oficiais e outro campo society; piscina aquecida para recuperação física e treinamento; arquibancada para 900 pessoas; campo de areia; campo de fundamentos; academia completa; ambulatório; fisioterapia; sala de projeção; sala de estudos; sala de inglês; etc (AUDAX, 2012, s.p)

Em 2004 foi inaugurado o CT do projeto que abrigou, inicialmente, os 172 jogadores selecionados⁹⁹. Esses meninos passaram por mais um mês de testes para a seleção dos jogadores que compuseram as primeiras equipes sub-15 e sub-17 do clube.

Dessa maneira, não somente durante o torneio, mas durante o desenvolvimento do projeto, o clube afirmava “proporcionar às jovens revelações todas as condições para alcançarem sucesso na carreira” (AUDAX, 2012, s.p¹⁰⁰). Naqueles momentos iniciais, o CT já funcionava como um clube profissional, com técnicos, auxiliares, preparadores físicos e de goleiro, e fisioterapeutas. Dos atletas encaminhados ao CT, 72 faziam parte do projeto.

Para aqueles que não seriam selecionados, o GPA abria vagas¹⁰¹ em sua escola de varejo, para posteriormente serem integrados em outras funções nos empreendimentos do grupo. Em outras palavras, ser “craque na vida” também poderia ser sair do processo seletivo empregado como jogador de futebol, gerente de varejo ou sacoleiro de supermercado. Assim era realizada a seleção dos jogadores do clube até o ano de 2006.

A prática de produzir empregos, simultaneamente à apresentação da formação do empregado como um projeto social, aproxima-se do que se chama no meio empresarial de Negócios Sociais ou Negócios Inclusivos que se baseia na produção de

⁹⁹ Em 2005 foram 144 destaques e em 2006 mais 240 meninos selecionados para essa etapa (GPA, 2006, p.125).

¹⁰⁰ Disponível em: <http://www.audaxsp.com.br/conheca-o-projeto> . Acesso em 10 de junho de 2013.

¹⁰¹ Cem vagas por edição da Supercopa.

lucro através da produção de trabalhadores e diminuição da pobreza. Para Teodósio e Comini:

Negócios Inclusivos é um termo adotado para explicar as organizações que visam solucionar problemas sociais com eficiência e sustentabilidade financeira. Pode-se dizer que Negócios Inclusivos são aqueles voltados à geração de oportunidades de emprego e renda para grupos com baixa mobilidade no mercado de trabalho, dentro dos padrões do chamado “trabalho decente” e de forma auto-sustentável, estabelecendo relações com organizações empresariais privadas tradicionais na condição de fornecedores ou distribuidores de seus produtos ou serviços [...]. Essa análise revela que perspectivas, riscos e idealizações semelhantes às presentes na teorização sobre Negócios Inclusivos também podem ser encontrados entre indivíduos envolvidos na gestão de projetos de responsabilidade social empresarial, mesmo que para eles essa denominação seja uma novidade (2012, p.410).

Apesar do GPA apresentar o Pão de Açúcar Esporte Clube como um “programa de inclusão sócio-recreativa” (GPA, 2007, p.164), desde sua concepção o clube já era planejado com base em referências do esporte de alto rendimento. Mais especificamente, reproduzindo práticas do futebol profissional jogado por homens.

Antes de ser uma inclusão “sócio-recreativa”, era uma inclusão mercadológica – primeiramente do supermercado e, posteriormente, dos meninos do projeto, seja no futebol ou no varejo. Inclusão como aprendizes em um mercado e não como crianças em uma atividade de lazer.

Ainda no ano de 2004 a equipe do PAEC participou do campeonato paulista sub-15 e sub-17, adentrando ao circuito do futebol profissional de base nos primeiros momentos de sua existência. Inicialmente o clube contava apenas com essas categorias. Em 2006, quando os primeiros jogadores do projeto completavam 18 anos, o clube criou a categoria sub-20. Essa categoria, também conhecida com Junior ou Juniores é a fase na qual o atleta começa a experimentar e ser experimentado em competições da categoria profissional. Nos clubes que possuem CTs separados para a base e o time profissional, essa categoria costuma treinar no mesmo CT que os atletas mais velhos.

Juninho orgulha-se de ter conquistado o Campeonato Paulista sub-15, em 2007, disputando a final no Morumbi e ganhando do São Paulo Futebol clube que na época contava com Casemiro e Lucas, duas pratas da casa que posteriormente renderiam juntos 49 milhões de euros¹⁰² ao clube.

¹⁰² O atacante Lucas foi negociado por 43 milhões de euros em 2012, enquanto Casemiro, que jogava na posição de volante, saiu do São Paulo por 6 milhões no ano seguinte (GLOBOESPORTE, 2012 E 2013).

Embora já funcionasse de maneira semelhante a esses clubes e disputasse as principais competições da Federação Paulista de Futebol para as categorias de base, o PAEC não contava com um time profissional. Em 2005, o GPA já relatava ter alguns jogadores emprestados e até transferidos para outros clubes, como informou Souza durante a entrevista. O PAEC fez um acordo com o Clube Atlético Juventus para experimentar seus atletas na Série A do Campeonato Paulista de 2006.

O oitavo lugar conquistado naquela competição, ficando a frente de clubes como a Ponte Preta e a Portuguesa, indicava que o investimento em uma categoria profissional não seria tão insólito quanto poderia parecer. Enquanto isso, a SuperCopa CompreBem realizava sua quarta e última edição.

E aí uma boa leva dos jogadores que passaram nessas peneiras continua com a gente até os dias atuais. Então, eu entrei lá em 2007, tem jogador que foi subindo comigo até chegar ao profissional. Então a gente conhece meio de cor e salteado os jogadores, né? E aí no projeto do Pão de Açúcar e Audax, a gente tinha um departamento de captação de jogadores muito bem estruturado, com profissionais gabaritados para isso, e as avaliações eram feitas nas cidades, por meio de viagens, e também tinha um campo de treinamento para fazer avaliações de jogadores. Aí a indicação de jogadores para executar a avaliação chegava de diversos modos: indicações de amigos, de treinadores, indicações variadas que chegavam até os captadores, aí os captadores faziam inicialmente o processo de avaliação e seleção dos jogadores, esses jogadores tinham uma semana para treinar junto da categoria da sua faixa etária e a partir disso o treinador optava por ficar ou não com os jogadores [Bruno Pivetti¹⁰³, Auxiliar Técnico do Grêmio Osasco Audax, jun. 2014].

Como indica Pivetti, em 2007 a estratégia de captação de jogadores foi alterada, coincidindo com a criação da equipe profissional¹⁰⁴. A mudança indicava um novo momento do clube. Se anteriormente o discurso da seleção de meninos para um projeto

¹⁰³ Bruno Pivetti trabalhou no PAEC/Audax/GO Audax entre os anos de 2007 e 2014. Entre 2007 e 2008 realizou estágio em todas as categorias de base do clube nas áreas de preparação física e fisiologia, embora seu objetivo fosse trabalhar na área técnica e tática. Em 2008, assumiu a preparação física e fisiologia das equipes sub-13, sub-14 e sub-15 no Audax em SP e no RJ. Em 2010, foi preparador físico da equipe sub-20 ao passo que migrava para a área técnica. Entre 2012 e 2014, foi auxiliar técnico da equipe profissional. Em 2015 Bruno foi contratado para a função de técnico da equipe sub-19 do Atlético Paranaense e, em 2016, passou a ser auxiliar técnico da equipe profissional do mesmo clube.

¹⁰⁴ Em 2007 o Pão de Açúcar Esporte Clube monta sua equipe profissional e começa a participar de torneios organizados pela Federação Paulista de Futebol como a série B do Campeonato Paulista. No ano seguinte a equipe conquista o primeiro campeonato e em 2009 foi vice disputando a série A3. Sexto colocado na série A2 em 2010, o Pão de Açúcar Esporte Clube passa a se chamar Audax São Paulo Esporte Clube em 2011, conquistando o décimo e o quinto lugar nas edições seguintes. Com a terceira colocação na série A2 em 2013 o clube conseguiu a vaga na Série A1, respectivamente.

social apontava uma peneira mais justa, segundo o olhar dos gestores, com o fim da SuperCopa as peneiras do PAEC passaram a operar como comumente ocorre em clubes tradicionais.

Esse deslocamento no método de captação de jogadores não implicava, no entanto, perda da chancela do projeto social do clube, mas evidenciava o propósito de sua existência presente de forma embrionária desde sua idealização.

No antigo *site* do Audax (2012), o clube, mesmo tempos depois da extinção da SuperCopa, afirmava existir para criar novas oportunidades e impedir que talentos fossem desperdiçados por falta de incentivo. Até o ano de 2012 o clube estimava que 70 jovens atletas selecionados em peneiras que chegavam a ter cerca de 30 mil participantes.

Uma vez selecionados pelo clube, os jovens passavam por avaliações médicas, eram matriculados em escola local, com acompanhamento de seu desempenho, e recebiam orientação sobre saúde, cidadania, higiene e alimentação (AUDAX, 2011b). Os atletas ainda recebiam vale-transporte, refeições, assistência médica e odontológica e bolsa auxílio no valor de um salário mínimo, segundo informado por Juninho.

A maior parte dos atletas morava no espaço próprio do CT:

Quando a gente estava lá no Morumbi, no Real Parque no Morumbi, a maior parte dos jogadores da base, principalmente os que eram de fora, que em equipes de base eles são a maioria, eles ficavam todos alojados dentro do CT, tinha vaga lá para 60 jogadores e a gente alojava a partir dos 14, por baixo dos 14 por lei você não pode alojar os jogadores. Então a partir do sub-15 esses jogadores eram alojados no CT. A medida que eles iam progredindo na carreira, a gente tinha um flat em frente ao CT onde eles começavam a viver. A gente tinha diversos apartamentos alocados para este fim [Bruno Pivetti, Auxiliar Técnico do Grêmio Osasco Audax, jun. 2014].

Dessa maneira, o PAEC/Audax propagandeava o diferencial de seu clube-empresa-formador: um processo de seleção mais justo, um mesmo estilo de jogo desenvolvido desde a base, e, sobretudo, uma formação ampla que não produzia apenas o jogador-peça para reproduzir sua função em campo, mas produzia também cidadãos para a sociedade.

3.1.2. Paulinho e Juninho: o investimento em capital humano e o clube-empresa efeito da racionalidade neoliberal

Foucault afirma que os economistas neoliberais foram os primeiros a pensar o trabalhador como “sujeito econômico ativo” (2008, p.308), que produz determinado fluxo de renda conforme desempenha competências em um mercado.

Tais competências, pensadas como inatas, herdadas ou adquiridas, são entendidas como “um capital praticamente indissociável de quem o detém” (FOUCAULT, 2008, p.308), um capital humano que pode ser convertido em renda. Dessa maneira, a racionalidade neoliberal opera uma economia feita de unidades-empresa” (FOUCAULT, 2008, p.310).

Como um dos efeitos do encontro do futebol com a racionalidade neoliberal, um clube como o PAEC não pensava a construção de seu trabalhador-jogador como instrumento passivo, do qual se extraía uma força de trabalho útil. Antes os pensava como sujeitos ativos no processo de aquisição de capacidades, ainda que carentes de oportunidades para desenvolvê-las na concorrência.

Nessa perspectiva, o jogador é um sujeito que precisa adquirir/aprimorar competências para produzir fluxos de renda para ele e para o clube. Quanto maior for o investimento em capital humano, maiores serão as chances de produzir fluxos de renda. Porém, para que isso aconteça, é preciso também que o atleta saiba se movimentar no mercado. Dessa maneira emerge o jogador-empresa como efeito dessa racionalidade.



Figura 30. Propaganda do PAEC e Sendas Esporte Clube (2010).

Na propaganda acima, lê-se em letras pequenas:

Se um time é feito de conquistas, os times do Grupo Pão de Açúcar têm muitas vitórias para comemorar. Nos campos e na história de vida de centenas de garotos que participaram e ainda participam do projeto social que oferece toda a assistência necessária para eles se tornarem jogadores profissionais. Dos nossos times e de grandes times no Brasil e no exterior. Você também pode torcer por esses meninos (REVISTA COMPETIR, 2010, s.p.).

O anúncio estampa a imagem de José Paulo Bezerra Maciel Júnior – mais conhecido como Paulinho – o caso de jogador-empresa mais bem-sucedido do Pão de Açúcar Esporte Clube. Na época da publicação, Paulinho havia sido recém-negociado com o Corinthians, mas desde quando saiu das categorias de base, entre 2006 e 2009, circulava pelo leste europeu. Em 2009, aos 21 anos, o jogador retornou ao Brasil como profissional, emprestado ao Bragantino. Segundo a mídia especializada, o jogador

tornou-se interesse do Corinthians após uma partida entre os dois clubes¹⁰⁵. Paulinho era até então um anônimo como tantos outros que saem jovens de clubes no Brasil e circulam anônimos pelo planeta.

No Corinthians, Paulinho fez sucesso e em 2013 foi transferido para o Tottenham, da Inglaterra, por cerca de R\$53 milhões¹⁰⁶, divididos entre Corinthians e Audax.

Enquanto Paulinho circulava pelo leste europeu, Juninho, quatro anos mais novo, seguia no PAEC. Ao contrário do primeiro atleta, Juninho passou por todas as categorias de base do PAEC – entre os anos de 2005 e 2011 – sem ter experiência em outros clubes. Durante esse período, jogou como zagueiro, algumas vezes como lateral direito e, por último, como meia de contensão (volante).

O atleta sofreu duas lesões durante aquele período que o deixaram um tempo afastado dos gramados. Ao retornar, sentia que havia perdido seu espaço. Durante o tempo que permaneceu no clube, não conseguiu se fixar em nenhuma posição, sendo utilizado conforme a necessidade da equipe. Se, de um lado, a experiência polivalente nos posicionamentos em campo tornava o atleta estratégico para o grupo, de outro lado, a falta de especialização tornava-o desinteressante no mercado.

O Audax gerenciava a carreira de todos seus jogadores que eram relocados dentro do clube ou em outros empreendimentos do GPA, conforme a avaliação da comissão técnica e dos gestores. Assim como todo clube formador¹⁰⁷, o Audax tinha direito a assinar o primeiro contrato com o atleta, passando, a ter direitos econômicos sobre sua eventual negociação com outro clube.

O investimento em educação e cidadania (capital humano) feito corpos e mentes desses meninos seria retornável em valores possivelmente maiores em uma eventual transferência do atleta. Nas palavras do jogador Juninho, muitas vezes o clube

¹⁰⁵ AGENCIA ESTADO. Corinthians confirma a contratação do volante Paulinho. **Estadão**. (Caderno Esportes Futebol). 16 abr. 2010. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,corinthians-confirma-a-contratacao-do-volante-paulinho,539318>. Acesso em: 10 de março de 2016.

¹⁰⁶ FERRARI, Carlos Augusto. Corinthians acerta venda do volante Paulinho para o Tottenham. 22 jun. 2013. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2013/06/corinthians-acerta-venda-do-volante-paulinho-para-o-tottenham.html>. Acesso em 10 de março de 2016.

¹⁰⁷ Segundo o artigo 29 da Lei Pelé (9.616/98): “Art. 29. A entidade de prática desportiva formadora do atleta terá o direito de assinar com ele, a partir de 16 (dezesesseis) anos de idade, o primeiro contrato especial de trabalho desportivo, cujo prazo não poderá ser superior a 5 (cinco) anos (Redação dada pela Lei nº 12.395, de 2011)”.

“profissionalizava o atleta para não perder” os direitos econômicos sobre ele, caso abrisse mão do contrato.

No caso de Juninho, após um período de inconstâncias no rendimento esportivo devido às lesões e a outras situações¹⁰⁸, o clube decidiu dar rumos diferentes à sua formação. Aos 19 anos, após a eliminação da equipe sub-20 do PAEC ainda na primeira fase do Campeonato Paulista, o atleta recebeu uma proposta de estágio na área de preparação física com a condição de cursar Educação Física, recebendo para isso uma bolsa do GPA.

Vale ressaltar que, no centro de formação do PAEC – aonde o clube formava/produzia não somente jogadores para seus times, mas principalmente para transações comerciais no mercado da bola –, incentivava-se os jovens nos quais não se enxergava potencialidade para a prática futebolística a especializarem-se em outras áreas que garantissem a sustentabilidade da equipe de futebol, arcando com as despesas dessa formação e retornando para ser preparador de goleiro, preparador físico ou assumindo alguma outra função no próprio clube.

Bruno cita outros exemplos que considerava destaques:

O maior deles foi o Wagner Cavalcante, que era um goleiro nascido em 1987, e aí não conseguiu dar um salto para o profissional e aí inicialmente ele foi aproveitado no clube como preparador de goleiro. Agora, para aproveitar essa oportunidade ele teve que fazer faculdade, custeada toda pelo GPA, e aí acabou fazendo faculdade de Educação Física, se formou, depois fez um MBA em gestão em marketing esportivo pela Trevisan Escola de Negócios e acabou conquistando a vaga de supervisor das categorias de base. Então foi assim, o maior dos exemplos dessa responsabilidade social do projeto em oferecer uma outra oportunidade quando o jovem não seria capaz de aproveitar uma eventual oportunidade jogando futebol. Teve também o Edson que também era goleiro e não foi aproveitado como goleiro e passou a ser treinador de goleiro, passou a fazer faculdade; teve o Rodrigo que era um zagueiro, com 1,92m, e aí depois terminou inicialmente como roupeiro e depois passou a ser supervisor das categorias de base, também conquistou um plano de carreira bem legal, uma oportunidade de carreira muito boa. E alguns outros exemplos, mas os que merecem maior destaque são esses três. E até para nós, assim, quando a gente era estimulado a continuar os estudos. Então assim, eu me formei em bacharelado em esporte na USP em 2007, em 2008 eu ingressei numa especialização em fisiologia do exercício pelo SESP/Unifesp, então eles custearam parte da minha pós-graduação e depois eu tive também um MBA em gestão e marketing esportivo também custeado por eles, com 100% de bolsa. Então assim, era um projeto bem preocupado com a questão de formação não só dos

¹⁰⁸ Juninho mencionou durante a entrevista que problemas com uma antiga namorada contribuíram para sua desestabilização nos treinos e nos jogos.

jogadores, como também dos profissionais [Bruno Pivetti, Auxiliar Técnico do Grêmio Osasco Audax, jun. 2014].

Em sua estratégia de responsabilidade social, o clube produzia empregados para si próprio, seja para o PAEC/Audax – e, posteriormente, lucrando milhões com um ou outro jogador que se destacaram no mercado mundial – ou para outros empreendimentos do GPA, tendo como matéria prima as pessoas consideradas em situação de vulnerabilidade social, recicladas nos moldes de um capitalismo sustentável. A responsabilidade social era a responsabilidade de formar sujeitos ativos no mercado, o jogador empresa, *homo oeconomicus* neoliberal do futebol.

Essa dupla-mensagem – somos um projeto social e também um clube-empresa, distante de ser uma contradição no clube, seria o que durante toda sua existência reforçaria sua credibilidade como clube-formador e demarcaria a diferença do produto atleta-PAEC/Audax dos atletas criados no modelo do jogador-peça e sem responsabilidade social, ou seja, sem investir em capital humano e sem compromisso com seu descarte.

Nesse sentido, os clubes-empresa são entendidos na racionalidade neoliberal como modelo ideal de se formar/produzir e comercializar jogadores, bem como de se fazer futebol profissional no Brasil, pois ainda que poucos sejam os clubes constituídos como empresa no país, mesmo as associações sem fins lucrativos se pautam no modelo empresarial em sua gestão.

Enquanto projeto do GPA, o PAEC possuía elementos de um negócio inclusivo na medida em que era economicamente viável, pois os patrocínios, os empréstimos e vendas de jogadores sustentavam o clube; e como projeto social, é voltado para a parcela mais pobre da população, possibilitando a inserção desses no mercado de bens e serviços – como no caso de Juninho.

3.1.3. De PAEC a Audax

O Audax São Paulo Esporte Clube em São Paulo garante aos atletas um ambiente do mais alto nível em condições de trabalho, com o objetivo único de alcançar aquilo que é necessário para transformar e criar um atleta de futebol de qualidade [...]. Desde o primeiro momento do planejamento, quando o conceito começou a tomar forma, este projeto indicou claramente à importância e a necessidade de inserir nossas equipes no cenário do futebol profissional (AUDAX, 2011b, s.p).

Segundo Scharf (2009), a marca como elemento mercadológico tem por função identificar a origem de um produto, diferenciando os bens de um fabricante dos bens de outros, possibilitando com isso a identificação visual e a hierarquização dos produtos pelo elemento qualidade.

No entanto, a marca não é apenas um nome ou uma imagem. Ela é a conexão da empresa com o consumidor e agrega em si também um capital, um valor que aumenta na medida em que se investe em ações para estreitar o relacionamento da empresa com o consumidor, gerando também um aumento no valor do produto. Ao gerenciamento desse processo se dá o nome de *branding*¹⁰⁹ - um conjunto de ações que visam transformar a marca em uma marca forte (SCHARF, 2009).

Em 2007, o PAEC criou sua equipe profissional. Para um clube que começa a disputar os campeonatos profissionais em 2007, a ascensão no campeonato paulista foi rápida. Porém, no caminho para estar entre os grandes de São Paulo, a quase ausência de torcedores não tornava o PAEC atrativo aos investidores que buscavam tornar visíveis suas marcas através do futebol. Tampouco estar atrelado ao nome de um supermercado tornava o clube promissor na divulgação de sua própria marca no meio futebolístico. Essa questão parecia incomodar os gestores do clube e poderia se tornar um problema caso o PAEC alcançasse a Série A1, da qual já se aproximava havia alguns anos.

Em diversos momentos, Abílio Diniz dizia que o objetivo do clube, nas arquivancadas, era fazer do Audax o segundo time do coração de todo paulistano. A frase se repetia entre os gestores do clube também por seus atletas. A conquista de torcedores era também a expectativa da formação de um consumidor fidelizado.

A mudança do nome para Audax é indicada pelo clube como uma tentativa de desvincular a marca da indústria alimentícia do time que, além de pouco atrativo na conquista de torcedores, criava dificuldades para a exposição da equipe nos meios de comunicação.

Os grandes veículos de comunicação, detentores dos direitos de transmissão dos principais campeonatos, dificilmente citam o nome de empresas que não lhes pagam para isso, razão pela qual o Pão de Açúcar era sempre chamado de PAEC nas transmissões televisivas da Copinha.

¹⁰⁹ Derivado do termo *marca*, em inglês: *brand*.

Essa desvinculação da imagem da empresa clube da marca Pão de Açúcar teve início antes mesmo da mudança do nome que a evidencia. Em 2010 o clube alterou seu patrocínio máster – aquele o qual paga a maior cota ao clube e tem sua marca estampada na região do peito na camisa – de Pão de Açúcar para Extra¹¹⁰, outra marca do GPA que no ano anterior havia começado a patrocinar a seleção brasileira.

Com a alteração do nome veio a redefinição da identidade visual do clube. O novo escudo manteve as montanhas¹¹¹, porém em tamanho menor, assumindo o nome Audax em destaque tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro.



Figura 31. Escudo do Audax-SP (2013).

Além do escudo, um hino em ritmo de rock foi pensado para o clube, encomendado a uma agência de publicidade, com o intuito de aproximar o time da juventude¹¹².

“Quando o Audax entra em campo
 Vai com determinação
 Buscando a vitória
 Não teme a ninguém
 Jogando com garra e união
 Fera na escola
 Não pisa na bola
 Audax, formando campeões

¹¹⁰ O contrato com a CBF durou até o início de 2015.

¹¹¹ As montanhas fazem referência ao Pão de Açúcar, ponto turístico do Rio de Janeiro que dá nome à empresa.

¹¹² SIMON, Luis Augusto. Times-empresa usam de hino com Stones a regalias para captar torcedores. UOL Esporte. 21 mar. 2013. Disponível em: <http://noticias.bol.uol.com.br/esporte/2013/03/21/times-empresa-usam-de-hino-com-stones-a-regalias-para-captar-torcedores.jhtm>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2016.

Valente guerreiro
Faz tremer o chão
Audax, em nosso coração”

Também criaram uma mascote – o Garoto Audacioso – um menino de mochila nas costas que veste o uniforme do time, sempre presente nos jogos.



Figura 32. Garoto Audacioso no jogo entre Audax e Portuguesa, no estádio Nicolau Alayon, Série A2 do Campeonato Paulista (2013).

O lema “bom de bola, bom na escola” continuava a aparecer como distinção do Audax para os outros clubes, indicando também a consonância entre o jogador que o clube queria e as condutas esperadas de um jogador estrangeiro no mercado europeu.

Nos jogos do Audax também era comum a presença de crianças de escolinhas de futebol, que através de uma parceria com o clube levavam os pequenos jogadores aos jogos da equipe profissional.



Imagens: Meninos de uma escolinha de futebol na torcida do Audax.

Fonte: Acervo da autora.

Apesar dos esforços, a torcida continuava quase inexistente a não ser pela presença de pessoas mais próximas aos jogadores e à comissão técnica de maneira geral: namoradas, esposas, filhos, irmãos, jogadores das categorias de base do clube, funcionários do clube e dos supermercados do grupo, empresários, dentre outros. Predominava a relação das pessoas que assistiam às partidas com as pessoas que trabalhavam no Audax e não com o clube em si; são pessoas que já estão ou estarão em outras arquibancadas amanhã conforme a mudança de emprego de um jogador ou de outros funcionários. Torcedores dos jogadores, mas também de seu empreendimento.



Figura 33. Público no jogo entre Audax e Rio Claro, série A2 do Campeonato Paulista 2013, estádio Nicolau Alayon (2013).

Somava-se a essa questão da torcida as disputas de campeonatos também pouco expressivos midiaticamente, formando o circuito complementar ao futebol de elite que agregam profissionais atraindo os que não encontram espaço nas primeiras divisões dos campeonatos estaduais e nacionais.

Por não ter um estádio em condições de sediar campeonatos profissionais, o clube alugou por um tempo o estádio do Juventus, na Rua Javari. Em 2012 o clube passa a disputar seus jogos no campo do Nacional, na Barra Funda.



Figura 34. Estádio Nicolau Alayon, pertencente ao Nacional Atlético Clube (2013).

Em 2013, o clube seguia a sua meta de alcançar uma vaga na série A1 do Campeonato Paulista. O campeonato contou com uma primeira fase na qual todos os vinte clubes participantes disputaram entre si as oito vagas para a fase semifinal do campeonato. O Audax terminou aquela fase em primeiro lugar na competição. A semifinal, por sua vez, foi disputada em jogos de turno e retorno em dois grupos de quatro clubes. Apenas o primeiro colocado de cada grupo disputou a fase final, mas a importância dessa fase estava para além do resultado da competição.

Quase todo campeonato de futebol profissional possui, além da sua finalidade em si mesma, outros objetivos que também servem para manter a competitividade entre

os participantes. Objetivos coletivos, como a conquista de vagas para outros campeonatos, e também individuais, como a artilharia do campeonato que premia os goleadores e aumenta o currículo de conquistas dos jogadores.

No caso da série A2, está em jogo para o clube, em primeiro lugar, a possibilidade de ser campeão. Mas na semifinal também está em jogo vagas para a série A1, o grupo de elite do futebol paulista. Dessa maneira, no ano de 2013, mesmo sem a possibilidade de disputar a final, já garantida pela equipe do Rio Claro, o Audax jogava com o Red Bull Brasil, outro clube-empresa, uma partida muito disputada valendo a última vaga do grupo para a primeira divisão.



Figura 35. Momento do jogo entre Audax e Red Bull Brasil (2013)



Figura 36. Técnico Fernando Diniz passando instruções do alambrado após ser expulso no jogo entre Audax e Red Bull (2013).

Em menos de dez anos de existência, o clube chega, em 2014, à primeira divisão do Campeonato Paulista, alcançando as metas propostas em sua programática. Se nas arquibancadas o retorno do investimento na marca ainda era pouco visível, dentro de campo a empresa Audax alcançava a sua meta maior no campeonato.



Figura 37. Comemoração do acesso à Série A1 após o jogo entre Audax e Red Bull (2013).

Em maio de 2013, surge para o clube uma nova perspectiva de expansão dos negócios. Uma vitrine maior que possibilitaria ao clube, no mínimo, uma arrecadação maior com o direito de transmissão, uma vez que a Rede Globo é a detentora dos direitos de transmissão da Série A1 do Campeonato Paulista. A possibilidade também de aumentar o público, pois agora estaria sendo visto não apenas por seu pequeno grupo, mas por rivais de peso em número de torcedores. Somado a isso, especulações em torno da transferência do jogador Paulinho, era a promessa do retorno de seu produto mais valorizado.

A transferência de Paulinho só se concretizaria em setembro daquele ano, mas, enquanto isso não ocorria, o jogador continuava a visibilizar a formação do PAEC/Audax.

3.2. Gremio Osasco Audax: o “DNA” do projeto e o estilo de jogo

A ascensão do Audax no calendário das competições profissionais ganha outros atravessamentos quando em maio de 2013 o grupo francês Casino, que detém a maioria das ações do Grupo Pão de Açúcar, desde 2012, decide se desfazer do clube, a contragosto de Abílio Diniz. O empresário defendia a manutenção do clube que havia conquistado o título de campeão da Série A2 do Campeonato Paulista em 2013, e, com isso, ascenderia à Série A1 no ano seguinte. Em seu blog e redes sociais, Diniz lamentava a possibilidade da venda do clube argumentando ser “um projeto vitorioso com uma

história única¹¹³”. Enquanto isso, o grupo francês argumentava que os gastos com o clube eram muito altos e que não eram especialistas em negócios do futebol¹¹⁴ para dar continuidade ao projeto.

Em setembro de 2013 a venda do Audax foi anunciada. Mário Teixeira, dono de 50% do Grêmio Esportivo Osasco, conselheiro do Banco Bradesco e investidor do Grêmio Barueri, foi quem adquiriu o clube.

A venda do Audax foi anunciada com desconfiança e pesar pela mídia esportiva. Alguns colunistas lamentavam o fim do projeto e sua transformação em mais um clube-empresa sem o projeto social desenvolvido pelo GPA. O jogador Paulinho, então no Corinthians, também manifestou seu descontentamento em relação à venda na época. A parceria com a escola de varejo do GPA não se manteve, bem como as bolsas de estudo em universidades, mas os novos gestores não abriram mão do “DNA” do clube e sua formação sustentável, embora o nome dos idealizadores do projeto não circulasse mais no discurso dos empregados do clube.

Se a existência ou a produção esportiva do clube parecia em um primeiro momento ameaçada pela venda, o Audax, agora Grêmio Osasco Audax Esporte Clube, seguiu seu caminho no futebol profissional.

Pouco mais de um ano após a negociação, entrevistei o jogador Souza e perguntei como havia sido informada a venda do clube:

Lembro-me bem que nós ficamos assim, meio que surpresos, porque era tão sonhado um acesso, foi-se planejado tanto, organizado tanto, através do Thiago, do Brunoro, idealizaram esse projeto de ter o time na primeira divisão. E assim que a gente conseguiu esse acesso, veio essa triste notícia que o clube seria vendido, estaria à disposição de alguém, de algum empresário, sei lá, de uma empresa que quisesse dar continuidade ao projeto. E até então tivemos uma reunião, falaram que quem tinha contrato eles continuariam honrando. No caso foi o Osasco através do seu Mario Teixeira, mas assim, para todos ficou aquele ar de insegurança, sem saber o que vai ser do futuro. Depois para os mais jovens também, né, principalmente os jogadores da base, por serem bem acolhidos, por gostarem demais do clube, já ter se familiarizado lá. [...] Era como se fosse uma galinha protegendo os pintinhos, né? Era essa a reação do Audax com os meninos. E de repente veio a situação do Osasco. Lógico que a gente sabia que seria um choque, que as mudanças seriam bruscas, né, até mesmo porque havia muita diferença entre os projetos, os planos

¹¹³ Disponível em: <http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/casino-pode-vender-time-de-futebol-do-gpa-fundado-por-abilio>. Acesso em 10 de junho de. 2013.

¹¹⁴ Disponível em: <http://negociosdoesporte.blogosfera.uol.com.br/2013/05/23/casino-diz-nao-ter-conhecimento-para-tocar-audax/>. Acesso em 10 de junho de. 2013.

do Osasco, como clube, e do Audax como era, né? Até também em termos de infraestrutura, de campos de treinamento. A gente continuou treinando no CT do próprio Audax até que se encontrasse um lugar adequado para fazer a mudança. Se não me engano deram um prazo até novembro, mais ou menos, do ano passado [2013] para que houvesse essa mudança para o Osasco, mas foi um clima de muita apreensão e de dúvida no ar. [Souza, 32 anos, jogador do Grêmio Osasco Audax].

Enquanto os gestores foram imediatamente substituídos¹¹⁵, a comissão técnica e os jogadores foram mantidos. A nova gestão do clube manteve todos os profissionais da equipe principal do Audax, bem como de suas categorias de base, transferindo o centro de treinamento de São Paulo para Osasco, onde atualmente disputa suas partidas no Estádio Municipal Professor José Liberatti, mais conhecido como Estádio do Rochdale. Entre 2014 e 2015 construíram também um CT na Vila Yolanda. E os jogadores da base, que ficavam alojados no Morumbi, foram todos transferidos para Osasco. As metas do GO Audax continuavam na direção das que existiam anteriormente: disputar e manter-se na série A1 do Paulista e inserir-se, de alguma forma, no circuito do Campeonato Brasileiro.

Os novos gestores despertavam desconfiança nos funcionários que continuavam no clube:

A gente fica nessa incerteza do Osasco porque tudo fica na mão de uma pessoa que tem dinheiro mais é torcedor. A gente não sabe até que ponto essa paixão do Senhor Mário Teixeira vai. Já um senhor de idade, né? A gente não sabe se pode acontecer alguma coisa e o filho dê continuidade, a família não. Então a gente não sabe. A gente não tem certeza de nada. Hoje ele tá lá, é o carro chefe, é o que paga. Hoje se ele saísse o clube morreria. De onde o Osasco vai conseguir recurso para se manter? [Souza, 32 anos, jogador do Grêmio Osasco Audax].

Abílio Diniz e Felipe Solleiro foram substituídos por Mário Teixeira e Marcos André Batista Santos, o Vampeta, jogador de futebol bastante famoso e que passou pelo Corinthians e seleção brasileira. Apesar de também empresarial, a equipe de Mário Teixeira não inspirava tanta confiança quanto a de Abílio Diniz. A explicação para isso talvez estivesse no “DNA”:

E assim, o que eu vejo na atual administração é um esforço muito grande para tentar manter o DNA do projeto. Com o cunho social, de auxílio e tal. É obvio que todo processo de transição demanda um certo tempo até

¹¹⁵ Os antigos gestores rapidamente se recolocaram no mercado em clubes-empresas e também nos não-empresas, e até mesmo na Federação Paulista de Futebol.

as coisas se organizarem de uma maneira adequada. Então a gente ainda, eu considero que nós estamos ainda no processo de transição, mas eu vejo um esforço muito grande da presente diretoria em manter o que funcionava muito bem lá no Audax, até por meio da manutenção da comissão técnica principalmente do profissional, eu acho que isso tem grandes chances de dar certo, do selo de qualidade Audax continuar [Bruno Pivetti, Auxiliar Técnico do Grêmio Osasco Audax, jun. 2014].

Apesar de não se constituir mais como um projeto social, houve um esforço dos gestores em manter o que no projeto tornava o jogador do Audax confiável no mercado: o “DNA” do jogador-empresa – a responsabilidade social revestindo o capital humano.

É porque o Audax se tornou referência de jogadores. O Audax, desde o Pão de Açúcar, ele todo ano saía jogadores para grandes times. Isso já em categorias de base. Se não me engano só nesse ano quando foi a venda do clube saíram mais de trinta jogadores para grandes clubes do Brasil. E se percebe que todo mundo vê que são jogadores de boa qualidade técnica, que tiveram boa base, né? Isso foi um legado que o Audax deu a esses jogadores, o Pão de Açúcar, né? Contratar profissionais que trabalhassem bem essa parte técnica de campo de futebol; são jogadores muito diferenciados e por isso esse olhar diferente para os jogadores do Audax. Que hoje o Osasco está tentando seguir o projeto, trouxe alguns treinadores, que eram do Audax, e vê se dá continuidade também nessa forma de formar jogadores [Souza, 32 anos, jogador do Grêmio Osasco Audax].

A filosofia de não formar somente um atleta, mas também um cidadão permanece. Não mais na forma de projeto social, mas em outras ações. O GO Audax continuou a investir na formação de bons atletas e bons cidadãos. Em 2015, os atletas das categorias de base participaram do curso *Craques nas Finanças*, um curso de 5 horas, em parceria com a Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços (ABECS), voltado para administração da vida financeira do atleta.

Outras ações que também agregam valor à marca foram desenvolvidas. Em parceria com o Corinthians, o GO Audax montou um time de futebol jogado por mulheres, Corinthians Osasco Audax, para disputar o Campeonato Brasileiro 2016. Além disso, sediou competição internacional de futebol de amputados.

Se no produto jogador o diferencial aparecia como efeito dos investimentos em capital humano, na equipe, esse investimento se convertia no elemento “estilo de jogo”. O técnico, Fernando Diniz, está no clube desde 2013¹¹⁶ e aponta como elemento de

¹¹⁶ No segundo semestre de 2015 o técnico transferiu-se por dois meses para o Paraná Clube, pelo qual disputou a Série B do Campeonato Brasileiro.

sucesso de sua equipe a liberdade para executar o que pensa e o olhar para os jogadores como pessoas e não peças (DINIZ, 2016).

Em novembro de 2015, o clube recebeu a visita do técnico do *Niger Tornados FC* pelo Programa de Treinadores BFuT¹¹⁷. No mês seguinte, empresários chineses visitaram o CT da Vila Yolanda em busca de parceria para intercâmbio entre Brasil, China, Rússia e Índia, propondo levar atletas para Jining, na China, para que os jogadores de lá possam aprender o estilo Audax (TV Audax, 2015a).

Souza relata que o interesse do clube em manter o que dava certo em termos de rendimento esportivo:

Dos mais novos e é uma coisa assim que o próprio Mário Teixeira que é o mandatário do clube, ele se encantou com isso, né? Com essa maneira diferente do Audax jogar, que ele quer adotar esse estilo. Estilo do Audax. Uma maneira diferente de se jogar. E a gente hoje é um alvo de críticas, né? Que a gente fala que abusa, que é um time que toca com muita... que tem muita posse de bola, mas não agride tanto. Mas é um time que tá propondo uma maneira diferente de jogar. Tá fazendo hoje o que muitos fora fazem. Então, tá tentando. No entanto somos também muito elogiados por estar correndo esse risco. A gente quer mudar o futebol. O futebol hoje não é mais o futebol de 1970, 1980. Hoje o preparo físico, sabe, é diferente, sabe, a intensidade é diferente. Então você precisa arrumar jeitos de se sobressair ao adversário. Então é isso. Então, se você não quer mudar, vai ficar essa coisa na rotina. Essa coisa feia que eu falo [Souza, 32 anos, jogador do Grêmio Osasco Audax].

Como mencionado, além da responsabilidade social, outro elemento do clube que sobreviveu à mudança de dono foi o “estilo Audax”. Apesar de não agradar parte da torcida de início, o *slogan* “estilo Audax” aparece frequentemente na fala de gestores, jogadores e outros funcionários do clube, exaltado como inovação e seu grande diferencial coletivo.

Então eu vejo que muita coisa surgiu no Pão de Açúcar, foi um projeto de vanguarda. Eu lembro quando eu assumi o cargo de preparador físico, fisiologista e auxiliar técnico lá no PAEC, eu lembro que bem no começo, nos campeonatos de base, todas as equipes marcavam individual. Foi o PAEC que passou a inserir a marcação zona no cenário do futebol de base paulista, a questão mais coletiva do jogo, a participação dos atacantes no momento defensivo de jogo, a participação dos atacantes na marcação. A instituição de um modelo de jogo forte desde do sub-15 até o sub-20 e que depois a gente conseguiu estender até

¹¹⁷ O técnico comenta que Brasil e Nigéria tem maneiras semelhantes de jogar e que a diferença é a “velocidade mental”, pois os brasileiros são mais táticos que os nigerianos. Comenta ainda que no Brasil há um investimento em jovens talentos, enquanto em seu país não há uma preocupação com as categorias de base. Quer levar o modelo de estrutura do Audax para os times Nigerianos (TV AUDAX, 2016).

o profissional, então o processo de transição dos jogadores entre as categorias era facilitado, todos sabiam o que deveria ser cumprido em cada função. Então, assim, foi um projeto de vanguarda em todas as áreas. As áreas administrativas, as áreas técnicas, as áreas de preparação física e fisiologia, eu acho que a gente conseguiu trazer muitas inovações para o futebol brasileiro. [Bruno Pivetti, Auxiliar Técnico do Grêmio Osasco Audax, jun. 2014].

Embora o estilo Audax seja parecido com o que as pessoas associam ao futebol espanhol, principalmente ao Barcelona, o técnico Fernando Diniz afirma que seu time é diferente. Diniz não vê no futebol espanhol muita variação. Em sua filosofia de jogo é importante movimentar-se sempre: “para cada um que pega na bola existe cinco, seis ou sete se movimentando”, afirmou o treinador em entrevista coletiva. Para Diniz, “a tática existe para que os jogadores se sintam livres e criativos dentro de jogo” (TV Audax, 2015b).

3.3. Grêmio Osasco Audax e Guaratinguetá Ltda: gerenciando participações em campeonatos

O primeiro jogo do GO Audax na cidade de Osasco foi no Campeonato Paulista de 2014, contra a Portuguesa.



Figura 38. Banner anunciando o jogo nas imediações do trem em Osasco (2014).

Além dos torcedores familiares, um outro público aparecia naquela ocasião: os torcedores da cidade. Enquanto alguns rejeitavam o Audax, outros compareciam, ainda

que com suas críticas, para ver o clube estreiar na sua nova casa, o Estádio Municipal Prefeito José Liberatti (ou Estádio do Rochdale).



Figura 39. Estádio Municipal Prefeito José Liberatti (2014).

A cor azul da empresa Pão de Açúcar dava lugar ao vermelho do Grêmio Esportivo Osasco (GEO) e da bandeira da cidade de Osasco, vermelha e verde. A diferenciação entre os clubes era notada na permanência do amarelo no uniforme do GO Audax.



Figura 40: Jogador comemorando gol com os torcedores no jogo entre GO Audax x Portuguesa (2014).

Para Bruno Pivetti a torcida acolheu bem o clube, muito em função do modelo de jogo:

a gente fez apresentações, no campo de Rochedale, memoráveis. Contra a Portuguesa nós ganhamos de 4 a 2. Ganhamos do Bragantino de 1 a 0. Saiu gol de jogada ensaiada, saiu gol de tudo quanto é maneira. Então deu Esporte Espetacular, o programa do Neto convidando os jogadores e o Fernando Diniz para participar, gerou um retorno de mídia interessante para o clube e para a cidade. Consequentemente a cidade se aproveitou também desse retorno de mídia gerado pelo time. Então eu acho que essas grandes apresentações fizeram com que a torcida abraçasse o clube [Bruno Pivetti, Auxiliar Técnico do Grêmio Osasco Audax, jun. 2014].

Em relação à nova torcida, o jogador Souza acrescentou outros elementos. Audax e GEO tinham uma história de rivalidade anterior à aquisição do clube por Mário Teixeira. História essa que envolveu disputas desde na época do PAEC, na série A3 e na série A2 do Campeonato Paulista, e também na Copa Paulista¹¹⁸

A gente não tinha nenhuma relação com a cidade. Levaram o time para lá. E eles [os torcedores] queriam na verdade que o time da cidade os representassem na primeira divisão. Eu não sei se foi passado para esses jogadores do GEO que eles jogariam a primeira divisão. Porque a gente até então não tinha definição nenhuma. Nós tínhamos contrato a ser cumprido, mas não nos dava garantia que a gente jogaria também a primeira divisão, o Audax. Foi um processo bem difícil [Souza, 32 anos, jogador do Grêmio Osasco Audax].

Na ocasião da venda do Audax, em setembro de 2013, a equipe estava em meio à disputa da Copa Paulista a qual também era disputada pelo GEO. No início de novembro daquele ano acontecia a semifinal do torneio entre as duas equipes:

Criou-se um clima de rivalidade porque o Audax era um time que já tinha a vaga garantida no Paulista do ano que vem [2014], e os jogadores do GEO ficaram naquela indefinição: será que nós vamos ficar para o ano que vem ou esses jogadores que vão? O que vai acontecer? Então virou praticamente uma guerra. Os dois jogos tiveram muitas provocações e foi até para a disputa de pênaltis. Nós conseguimos passar. Então, até por parte da torcida do Osasco nós não fomos bem aceitos [Souza, 32 anos, jogador do Grêmio Osasco Audax].

¹¹⁸ A Copa Paulista é um torneio realizado pela Federação Paulista de Futebol no segundo semestre do ano. Além de preencher o calendário de clubes que não disputam o Campeonato Brasileiro ou de equipes reservas, premia com vagas em outros campeonatos de maior expressão. A edição de 2013, por exemplo, garantiu ao campeão uma vaga na Copa do Brasil do ano seguinte.

No entanto, nem GEO e nem GO Audax conseguiram o título que os levaria à Copa do Brasil de 2014.

Confesso que depois desse jogo da Copa Paulista, da forma como eles foram eliminados, a torcida não aceitou bem. Porque era o time da cidade que eles gostavam, então eles não aceitavam esse Audax. Era um rival, aquela coisa de rival, e até pela maneira diferente que a gente tem de jogar, sabe? E então quando nós fomos estreiar em casa, né? Em Osasco, a torcida não entendia o que a gente fazia, né? Que era o toque para o goleiro. A equipe que mantém a posse de bola mesmo que não atacasse a todo momento, e a gente ouvia alguns gritos: “ah, o nosso time é o Osasco, não é o Audax”. Então o clima não era bom, a gente não tinha o respaldo de torcida, mas isso aí foi um trabalho que a gente conseguiu no decorrer do campeonato mudar essa situação. Ainda não é 100%, mas hoje a gente pode dizer que boa parte da cidade aprendeu a gostar do Osasco Audax. [Souza, 32 anos, jogador do Grêmio Osasco Audax].

A décima primeira colocação no Campeonato Paulista de 2014 não conferia nenhuma premiação direta ao GO Audax. Porém, para um clube que estreava na Série A, manter-se nela era também uma conquista.

Em 2014, após jogar o Campeonato Paulista, toda a equipe principal do Audax foi emprestada a outro clube-empresa de São Paulo, o Guaratinguetá Futebol Ltda. A equipe disputou a série C do Campeonato Brasileiro, existindo a possibilidade da incorporação desse terceiro clube ao “Grupo Osasco”, caso o desempenho no campeonato fosse satisfatório.

Eles fizeram uma parceria com o Guaratinguetá FC justamente para oferecer uma competição de um nível bem competitivo e justamente assim, numa estratégia de conseguir manter os jogadores e a comissão técnica para formar uma espinha dorsal ainda mais forte, para chegar no Paulistão do ano que vem [2015] com força total. Nosso objetivo atualmente então é subir da Série C para a Série B, e o ano que vem a gente ter o Paulistão e a Série B para disputar [Bruno Pivetti, Auxiliar Técnico do Grêmio Osasco Audax, jun. 2014].

No entanto, a equipe terminou em quinto lugar em seu grupo, não se classificando para a segunda fase do campeonato¹¹⁹.

Não ter competições para disputar após o término dos campeonatos estaduais (geralmente entre os meses de abril e maio) é situação comum em clubes que não disputam alguma divisão do Campeonato Brasileiro.

¹¹⁹ Na Série C os quatro primeiros do grupo A e do grupo B disputam a segunda fase da competição.

Diante da ausência de calendário para o restante do ano, muitos clubes dispensam seus jogadores durante esse período ou então os “emprestam” a outros clubes, com o intuito de livrar-se dos salários a serem pagos no período de “improdutividade” do atleta, simultaneamente, mantendo-os em atividade.

No caso do GO Audax, a equipe completa foi emprestada ao Guaratinguetá Ltda, sendo remunerada pelo empregador de origem. Com a 11ª colocação no Campeonato Paulista de 2014 o clube teria direito a vaga na Copa Paulista daquele ano, da qual abriu mão para disputar um campeonato cuja premiação poderia ser fixar-se no circuito do Campeonato Brasileiro, através de uma das quatro possíveis vagas na Série B. A Copa Paulista garantiria uma vaga na Copa do Brasil do próximo ano, apenas ao vencedor, não garantindo nenhuma perspectiva a mais.

Além disso, como mencionou o auxiliar técnico do clube, havia uma espécie de preferência de compra garantida a Mário Teixeira, caso a vaga na Série B fosse conquistada, explicitando uma vez mais a política de ascensão e visibilidade do clube e da expansão dos negócios do futebol praticada pelo “grupo Osasco”.

Se anteriormente à sua venda o clube funcionava como um negócio social, que se baseia na produção de lucro através da produção de trabalhadores e diminuição da pobreza, atualmente, além de tentar manter essa característica, o clube se aproxima do sistema de franquias, muito comum em outros esportes nos Estados Unidos, no qual os clubes são itinerantes. Essa prática permite que clubes inteiros sejam comprados e migrem de cidades.

Na época que entrevistei Souza, o time do GO Audax estava de volta a Osasco havia dois meses. Perguntei como foi a experiência de jogar no Guaratinguetá nessa condição de equipe itinerante:

Foi uma situação horrível. Porque, como eu falei, no começo [sobre Osasco], na mudança, foi uma coisa assim, que a torcida detestou. Mais uma vez o time, os jogadores, não tinham identificação nenhuma com a cidade, muito menos com a torcida de lá [Souza, 32 anos, jogador do GO Audax].

Uma vez mais a falta de identificação com a torcida local e o conflito com os jogadores empregados no “novo” clube foram mencionados por Souza:

“[...] chegar lá, de encontrar já um grupo de jogadores que também nem sabiam que estavam fazendo essa parceria, foram pegos de surpresa. Porque até então eles estavam treinando para jogar a Série C [do

Campeonato Brasileiro de 2014] e aí a gente oficializou a situação faltando dez dias para iniciar o campeonato no domingo e na sexta-feira inscreveram os jogadores do Audax, do Osasco Audax. Então você imagina, você chegar lá naquele clima horrível. “Ah, esse pessoal vem aí, não tem identificação nenhuma e vai embora”. Realmente. Era uma passagem que a gente ia até lá e não tinha identificação nenhuma. Nem com a torcida e nem com a cidade. Mas nem por isso a gente deixou de honrar a camisa do time [...]. Nós fomos para um lugar onde se instalava uma crise financeira também. Já não passavam por um momento bom, os jogadores não conseguiram o objetivo que era o acesso para a segunda divisão do Paulista, pra série A1, e muitos jogadores com salários atrasados. E muitos jogadores que não entenderam a situação: “Ah, tem dinheiro para trazer um time, mas não tem dinheiro para pagar a gente”. Ficou uma história muito mal contada nos bastidores. E os primeiros a chegar no clube fomos nós, jogadores, que não sabíamos de nada. Só sabíamos simplesmente que íamos jogar a Série C e pronto [Souza, 32 anos, jogador do Grêmio Osasco Audax].

Souza ainda aponta a Série C como um caminho necessário para se estabelecer em um circuito de maior visibilidade no futebol brasileiro, porém, a estrutura do campeonato não oferece boas condições de jogo aos atletas. Os próprios jogos são considerados pelo jogador menos competitivos do que os da Série A do Paulista.

E o estilo né? De jogo é diferente, né? De serie C para um campeonato Paulista, os jogos são mais disputados, a arbitragem não é tão boa, a estrutura, fator campo não é tão bom, as viagens são mais longas e são de ônibus, o desgaste é maior, entendeu? É tudo mais difícil [...]. O [nosso] estilo de jogo favorece que a gente realmente tenha um campo bom de se jogar, né? Que é um time de toque. E, infelizmente, o gramado de Guaratinguetá não era dos melhores. E isso dificultava muito pra gente. Então nas nossas partidas a gente até tentava fazer alguma coisa diferente, mas o gramado não dava [Souza, 32 anos, jogador do Grêmio Osasco Audax].

Apesar de ser um campeonato estadual, a série A do Campeonato Paulista, por ser mais visível no mercado, traz impactos positivos imediatos para o clube do que a série C do Campeonato Brasileiro.

Olha, em termos assim de visibilidade, assim, no cenário brasileiro, jogar a série C é muito mais importante. Que um acesso te leva à série B, mas eu acho que em termos assim de... como vou falar... você não joga contra grande, numa série C, né? No Paulista você enfrenta um Palmeiras, você enfrenta um Corinthians, acho que o poder de mídia é muito maior do que na Série C um ou outro jogo que é televisionado. No Paulista já todos os jogos são televisionados. Tem pay per view, e canais assim abertos [Souza, 32 anos, jogador do Grêmio Osasco Audax].

Além do estilo de jogo ser considerado incompatível com as condições do gramado dos clubes que disputam a Série C, seria também, segundo Souza, incompatível com o próprio formato do campeonato.

Pela qualidade do nosso time, todos nós esperávamos subir com o Guaratinguetá. Mas foi um campeonato que a gente estava disputando pela primeira vez e nós não tínhamos um entendimento de série C. Nós jogamos praticamente como jogamos o Paulista.

Todos os jogos nossos a gente precisava ganhar e muitas vezes eles se utilizaram da [seguinte] tática: vamos defender e jogar por uma bola. E vários jogos nós perdemos assim. Nós atacávamos, saíamos para fazer o gol. Eles ficavam “fechadinhos” e em uma bola parada resolviam o jogo, sabe? Nós não entendemos o campeonato, chegamos ainda na última rodada, com chances de chegar ao quadrangular e ficamos fora por causa de um ponto, entendeu? Porque empatamos um jogo em casa contra o Juventude, fizemos um a zero, e eles se defendendo, se defendendo, e no final conseguiram fazer, aos 47, um gol de bola parada. Acho que esse foi o maior erro nosso. E a gente até se revolta com isso. Porque todos os técnicos elogiavam o nosso time, a maneira de jogar, falavam que fizemos o melhor time do campeonato. “Mas infelizmente o campeonato talvez não seja o adequado para vocês disputarem”. Eu acho que hoje o nosso time, ele disputaria uma série B, uma série A tranquilamente, do Brasileiro, sabe? Com muito mais qualidade, do que uma série C, até uma Copa Paulista. Em nível de condições, de estrutura, de gramado e as condições que esses campeonatos menores dão. O perfil de jogo. Do estilo, é muito mais do que até que... a gente fala que o estilo de jogo do Fernando [Diniz] é até baseado bem em europeu do que em brasileiro. Que hoje nenhuma equipe do Brasil se dispõe a fazer o que ele faz. Ou por receio ou por incompetência mesmo de tentar ousar. Medo. Então, é uma coisa assim que se assemelha muito. Tão até falando que seria o “tique-taca” do Barcelona, do Campeonato Paulista, né? Se assemelha muito. Então eu creio assim que seria muito mais fácil disputar uma divisão maior, assim, sabe, porque... Mas vai ter que passar por esse processo, vai ter que aprender, entendeu? Se ano que vem a gente disputar, conseguir a classificação da Série D, a gente vai ter que jogar a Série D, aprender a jogar. Saber além de jogar como a gente joga, mas em determinados momentos entender mais como o adversário joga. Porque todos, tirando os times grandes, daqui de São Paulo, são os únicos que vão fazer pressão e que se arriscam mais contra a gente, todos os outros jogam atrás da linha do meio campo para se defender [Souza, 32 anos, jogador do Grêmio Osasco Audax].

Em relação à incompatibilidade entre o Estilo Audax com a fórmula da Série A, Bruno expressou pensamento semelhante ao de Souza:

Apesar de a gente ser um clube pequeno, um clube em formação, gerou uma aceitação legal na mídia, até mesmo pela instituição do amor e ódio. Porque o ser humano naturalmente é muito resistente a mudanças, então quando aparece algo novo, o ser humano que é propenso e aceita melhor

as mudanças, começa a amar, de paixão, começa a torcer. Já o ser humano mais pessimista, mas acomodado, começa a torcer contra: “quem são esses caras que vão desdizer aquilo que eu aprendi em toda a minha vida?”. Até os comentaristas, muitos comentaristas, principalmente os velhos. Assim, nada contra velho, mas os caras mais acomodados, “pô, quem são esses caras, arrogantes que querem jogar com a bola contra o Palmeiras, contra o Santos, contra o São Paulo...”. E aí teve muito comentarista que quando a gente tomou 4 a 0 do São Paulo que vibrou, né? Só que não analisou o que foi o jogo. O jogo tava 0 x 0, a gente com maior posse de bola quando a gente teve um homem expulso, e isso, na minha opinião foi um fator determinante para explicar o que aconteceu no jogo. Óbvio que o São Paulo teve o seu mérito, nós tivemos muito demérito nessa partida, mas por meio de uma partida você não pode todo um modelo que deu certo durante o campeonato inteiro. Haja vista que nós disputamos a classificação até a última rodada. A fórmula do campeonato, eu acredito, nos prejudicou um pouco. Porque nós fizemos 23 pontos, por exemplo e não classificamos, a Penapolense fez 18 e classificou. Então para mim foi uma grande judiação o fato da gente não ter se classificado. Mas acredito que foi um grande campeonato. [Bruno Pivetti, Auxiliar Técnico do Grêmio Osasco Audax, jun. 2014].

Para Souza e Bruno, o estilo de jogo do Audax combina mais com o formato de campeonato onde todos jogam contra todos e o vencedor é definido pela soma de pontos ao final, conhecido como “pontos corridos”, tal qual acontece atualmente nas séries A e B do Campeonato Brasileiro.

Em um retrospecto recente do clube no Campeonato Paulista pode-se notar que, a equipe consegue boas colocações nas fases dos campeonatos onde todos se enfrentam, mas acabam não indo longe nas fases eliminatórias.

O formato de pontos corridos é também considerado mais *justo* por muitos no futebol atual, pois premia por regularidade, por planejamento, pela distribuição moderada do desempenho esportivo. Supostamente, os imprevistos e os acasos das partidas têm menos peso nos resultados finais dos torneios nesse tipo de campeonato. É por esses motivos também que esse é o formato privilegiado do futebol neoliberal.

Em 2016, o GO Audax conseguiu a segunda colocação na Série A do Campeonato Paulista. Jogadores que antes saíam do clube para outros não tão visíveis no grande mercado (Bragantino, Ponte Preta, Boa Esporte Clube, Juventus) passam a integrar o plantel de clubes renomados: Palmeiras, Botafogo e São Paulo.

Após a parceria com o Guaratinguetá, o GO Audax estabeleceu outras semelhantes com o mesmo objetivo: ocupar colocações cada vez maiores em campeonatos cada vez mais visíveis no mercado.

Dessa maneira, disputou a Série D do Campeonato Brasileiro de 2016 como GO Audax e, simultaneamente, jogou a Série B do Campeonato Brasileiro do mesmo ano, em parceria com o Oeste Futebol Clube, de Itápolis, interior de São Paulo.

Na Série D, contando com uma equipe formada com os não aproveitados na Série B (entre jogadores e comissão técnica do Audax e do Oeste), foi eliminada na primeira fase da competição. Na Série B, o Oeste não foi rebaixado pela diferença de um ponto acima do Joinville, último a cair para a Série C em 2016.

3.4. Quem desloca tem preferência

Exemplo do que se afirmava como modelo de administração moderna no futebol brasileiro atual, o PAEC foi um clube que além de profissional já surge como empresa, dirigido por gestores especializados. Por sua origem recente e desligada da tradição da maioria dos clubes, era uma equipe que mantinha o mercado de jogadores aquecido, revelando jogadores pertencentes ao grupo que podiam trazer lucro em suas negociações e possibilitar novos investimentos em produzir jogadores que suportam o futebol profissional.

Embora o Audax tenha sido um caso único no Brasil, este vai ao encontro do que se tem como tendência no futebol profissional em termos de preocupação com a qualidade de seu “produto primário”, o jogador, que, além de bom desenvolvimento motor e de suas habilidades individuais tem que ter também inteligência tática para saber ler o jogo e movimentar-se dentro de campo. Jogadores inteligentes e obedientes, bons de bola e bons na escola, que além de se movimentar em campo também sabem se movimentar no mercado. Alguns desses jogadores, talvez sim, serão famosos, mas muitos continuarão circulando anônimos seja na América, na Europa ou na Ásia, como jogadores competentes, bem formados, resilientes, dispostos à inovação.

O Audax, como um fornecedor sem *grife* para pequenos e grandes foi modelo de sucesso de gestão e formação. Embora tenha sido uma experiência exclusiva, seus jogadores têm confiabilidade no mercado e o estilo de jogo consagrado por ser uma versão brasileira e mais modesta do Barcelona.

Percorrendo esses momentos do clube foi possível delinear como de projeto social o clube gradualmente se institui como exemplo de formação de atletas no “padrão” jogador-empresa e de gestão sustentável no futebol profissional. O Audax se

apresenta como alternativa de sucesso – sustentável – ao dispendioso futebol profissional de associação.

CAPÍTULO 4 – Gestão do “descarte” de jogadores no Brasil e na Argentina

*Como bate batucada
Beto bate bola
Beto é o bom da molecada
E vai fazendo escola
Tira de letra a pelada
Com bola de meia
Disse adeus à namorada
A lua é bola cheia
A cigana viu azar
Mas Beto não deu bola
E aceitou a proteção
Do primeiro cartola
Nas manchetes de jornal
Bebeto entrou de sola
- Extra !
- O novo craque nacional
- É o Beto Bom de bola
(...)
Quando bate a nostalgia
Bate noite escura
Mãos no bolso e a cabeça
Baixa, sem procura
Beto vai chutando pedra
Cheio de amargura
Num terreno tão baldio
O quanto a vida é dura
Onde outrora foi seu campo
De uma aurora pura
Chão batido pé descalço
Mas sem desventura
Contusão, esquecimento*

Glória não perdura
 (...)

Homem não chora
por fim da glória
Dá seu recado
enquanto durar sua história.
 (Beto, bom de bola, Sérgio Ricardo, 1967)

Ainda que, no âmbito do torcer, a rivalidade entre Brasil e Argentina seja muitas vezes mencionada, principalmente pela mídia especializada, em relação ao espetáculo esportivo, ambos os países guardam muitas semelhanças e complementaridades quanto à maneira como formam/produzem jogadores.

Com base no discurso de uma paixão que não se compra e nem se vende, muita coisa se faz comprar e se faz vender (ALABARCES, 2014). Dentre essas “coisas” estão os jogadores, como afirmava Damo (2007) em sua pesquisa sobre a formação/produção dos futebolistas: "poucos são os espaços sociais que, na atualidade, convertem, sem restrições éticas, pessoas em coisas, como no futebol" (DAMO, 2007, p.68).

Tanto no Brasil quanto na Argentina, notadamente o futebol é aclamado como elemento de uma cultura popular que se transforma em um negócio rentável com base na comercialização de jogadores, clubes e campeonatos.

Se o sucesso da “brasilidade” no futebol durante um tempo foi o constructo do mito das três raças (brancos, índios e negros) na qual o negro era tido como “responsável pela forma ‘espontânea’ de usar o corpo em *dribles*, *malandragem*, *jogo de cintura*, sem qualquer esforço ou aprendizagem” (GUEDES, 2002, p.15), o sucesso da “criollización” do futebol argentino estava no sangue europeu e na “terra: dos pampas argentinos, generosa, fértil e produtora de vacas e jogadores habilidosos”. (ALABARCES, 2014, p.37), como se referia o jornalista argentino Eduardo Lorenzo, mais conhecido como Borocotó, a respeito dos jogadores do início do século XX. Afirmção semelhante à de Nelson Rodrigues em uma de suas crônicas após a Copa de 1970, na qual dizia que “as vacas premiadas somos nós¹²⁰”.

¹²⁰ “Os entendidos viviam atribuindo aos jogadores europeus uma saúde de vaca premiada. Os brasileiros não subiam três degraus de uma escada sem dispnéia pré-agônica. E vem a copa e demonstra, inversamente, que a saúde, a resistência, a vitalidade, estão com a gente. E a famosa burríssima velocidade? Só os europeus sabiam correr, e o brasileiro levava meia hora para ir de uma esquina a outra esquina. Mentira, tudo mentira. Nós corremos muito mais. Apenas a nossa velocidade é mais inteligente e menos obtusa. Mas eu queria um favor dos entendidos, ou seja: que admitissem a forma física dos nossos jogadores. E lançassem um manifesto, proclamando: As vacas premiadas somos nós!” (RODRIGUES, 1994, p.157).

Guedes sinaliza que, no processo de naturalização desses estilos, “na forma pela qual são compreendidas as habilidades e capacidades valorizadas como ‘produto’, aí sim, reificado, de um povo e uma história, é que são registradas as clivagens maiores entre o modelo argentino e o modelo brasileiro” (GUEDES, 2002, p.14).

Por mais que o saber científico tenha diferenciado as vacas dos jogadores na segunda metade do século XX, algo desse pensamento essencialista permanece nos dias atuais. Embora o discurso da técnica e do treinamento seja predominante: “o futebol latino-americano se constrói sobre um narcisismo exacerbado, que precisa comprovar que olhar nos mostra o espelho: e o espelho deve ser a Europa”. (ALABARCES, 2014, p.48).

Ambos os países exportam, não somente jogadores, mas, também, esses estilos de jogar e de torcer que ganharam fama pelo mundo e que se tornaram referência na América Latina.

O mercado europeu¹²¹, o consumidor de jogadores mais cobiçado por atletas, clubes e empresários do ramo, é entendido como o ápice da carreira de sucesso de qualquer jogador. Mas, de certa forma, Brasil e Argentina também são para a América Latina o que a Europa é para os dois países.

Tratando-se da circulação de jogadores, o Brasil também é para a Argentina um destino alternativo para os que não encontram ainda, ou jamais encontrarão lugar em um clube europeu. Somente no ano de 2016, 24 atletas argentinos jogaram a Série A do Campeonato Brasileiro, número correspondente a cerca de um terço dos atletas estrangeiros em atividade no campeonato em dezembro de 2016.

Embora alguns craques do passado tenham jogado em clubes argentinos, atualmente, é raro um jogador brasileiro passar por lá. No período de setembro de 2014 a junho de 2015, durante a pesquisa na Argentina, tive notícias de apenas um brasileiro, jogando em uma liga do interior, na província de Jujuy, norte da Argentina. Os jogadores para os quais perguntei se já haviam jogado com brasileiros, lembravam de situações onde jogaram com estes, mas em outros países:

¹²¹ O mercado europeu é compreendido, principalmente, por ser formado pelos países da Espanha, Inglaterra, Itália, Portugal e França. Os países do Leste Europeu compõem um mercado secundário, que, embora financeiramente possa se equiparar ao primeiro, possui um status diferente, um tanto abaixo quanto ao nível técnico.

Hay uno que se vestía muy parecido a Neymar y que después fue a China, creo. Pero no sé donde jugó en Brasil [Sebastián, 31 años, Jugadores Libres]¹²².

Contudo, este capítulo prioriza os momentos nos quais esses jogadores – brasileiros e argentinos – encontram-se no limite entre ser e não mais ser jogador de futebol: as situações de desemprego no anonimato circunstancial.

Para tal, apresento algumas considerações sobre os jogadores desempregados e a relação destes com a prática do descarte de jogadores e seus efeitos na circulação no mercado de atletas¹²³. O estudo da equipe do Expressão Paulista (do Sindicato de Atletas Profissionais do Estado de São Paulo – SAPESP) e da equipe *Jugadores Libres* do sindicato de atletas profissionais da Argentina (*Futbolistas Argentinos Agremiados*– FAA) teve como objetivo analisar o papel destas organizações na gestão desse descarte de jogadores e suas contribuições na produção/circulação do jogador-empresa.

Estabelecer-se no mercado de atletas, seja no Brasil ou na Argentina, pressupõe uma série de experiências e procedimentos que jovens jogadores vivenciam até não serem mais tão jovens assim.

4.1. Sobre peneiras, oportunidades e “panelinhas”

Ao contrário do que pode parecer nas entrevistas que jogadores concedem a grandes meios de comunicação e nas redes sociais, muitas vezes instruídos por assessorias de comunicação, eles jogadores têm suas reflexões próprias sobre como se empreendem nesse mercado.

Dentre os jogadores entrevistados¹²⁴, embora já distantes das categorias de base, a temática da peneira foi recorrente durante as conversas como ou onde tudo começa. Afinal, todos passaram por uma, este primeiro contato do atleta com o futebol profissional, e processo de seleção preferido dos clubes nas categorias de base.

¹²² Na transcrição das entrevistas realizadas com os jogadores argentinos, optei por manter a língua espanhola para que a sonoridade e as intenções dos depoentes não fossem alteradas.

¹²³ Embora a temática central deste capítulo sejam os jogadores desempregados, alguns trechos da entrevista do jogador Souza, do Audax, também compõem a escrita no que contribuem com suas impressões sobre o início e o fim da carreira dos jogadores.

¹²⁴ Neste capítulo, aparecem as entrevistas realizadas com cinco jogadores: Paulista e Juninho (Expressão Paulista), Sebastián e Martín [Jugadores Libres], e Souza [Grêmio Osasco Audax].

As experiências, no entanto, foram distintas. Os argentinos Sebastián e Martín, nos anos 1990, começaram jogando em clubes de bairro da região onde nasceram. O primeiro, logo, foi para a Itália, e o segundo, para outros clubes da quarta divisão argentina. No caso dos brasileiros, Souza, o mais velho, passou por esse processo em meados dos anos 1990, jogando todas as categorias de base no Palmeiras. Paulista passou rapidamente pelas categorias de base do Atlético Mineiro no início dos anos 2000 e, depois, esteve em clubes paulistas de menor visibilidade nacional. Juninho, o mais novo, percorreu todas as categorias de base do Pão de Açúcar Esporte Clube em meados dos anos 2000¹²⁵.

Apesar de todos terem iniciado suas carreiras em São Paulo, importante centro econômico do futebol brasileiro, as gerações e visibilidade proporcionada pelos clubes nos quais passaram os diferem.

Paulista enxerga a atual forma de recrutamento de atletas como um processo que se tornou burocrático:

antigamente os caras, para achar um jogador, eles só iam numa comunidade aí e já achavam rapidinho. Hoje não está sendo mais assim. Hoje está até um processo burocrático para o cara conseguir fazer uma peneira num time aí, né? Aqui em São Paulo, principalmente, é uma burocracia. O cara que já jogou, já tem [DVD]... o cara da comunidade, que nunca jogou, como é que o cara vai pedir o vídeo do cara?! É brincadeira! Então, hoje, tá bem complicado o cara ter uma oportunidade para poder tentar seguir a carreira de profissional [Paulista, 27 anos, Expressão Paulista].

Para um jogador desconhecido, o DVD¹²⁶ é uma das formas de contato com a oportunidade.

É questão de as pessoas enxergarem que, querendo ou não, no Brasil a gente tem muita desigualdade. Eles têm que olhar para isso. Não tem como um jogador que é da comunidade ter jogado numa escolinha. Já jogou numa escolinha, já tem o DVD, às vezes o cara não tem nem condições de comprar... condição de ir para o clube, comprar passagem para ir para o clube [Paulista, 27 anos, Expressão Paulista].

Muitas vezes é por meio dessa insuficiência de recursos materiais e organização programática que os agentes ou empresários entram como gestor de oportunidades e se constitui como um segundo financiador – depois da família – desse pequeno empreendimento

¹²⁵ A série de documentários *Futebol* (1998), de João Moreira Salles e Arthur Fontes retrata o início, meio e o fim da carreira de jogador de futebol nos anos 1990. Naquela época, estimava-se que a cada 1000 jogadores que passavam por peneiras nas categorias de base 2 ou 3 eram aproveitados.

¹²⁶ Embora esse produto seja considerado imprescindível, a expressão “jogador contratado por DVD” é comumente utilizada por torcedores para se referir aos jogadores que não são considerados habilidosos.

que é o jovem jogador anônimo. Para bater à porta de um clube, não basta mais ter um par de chuteiras. Paulista fala, então, sobre as dificuldades para conseguir se ingressar nas categorias de base de algum clube e da importância das escolinhas nesse processo.

Então, no meu caso, a minha mãe, ela pagou uma escolinha durante dois anos com uma puta dificuldade. Não foi fácil para ela não. Tanto que eu falo para ela assim: “Ô véia, tudo bem, não foi fácil. Mas foi bom a senhora ter feito o que a senhora fez, o sacrifício que a senhora fez porque a senhora viu o homem que eu me tornei hoje”. Mas tem gente que não consegue. Principalmente da turma de onde eu venho, tem muita família que não consegue pagar uma escolinha para o filho, entendeu? E, assim, talvez o moleque tendo uma oportunidade, ele consegue desenvolver, consegue ter uma evolução e tal para buscar ser um atleta profissional. É questão de oportunidade [Paulista, 27 anos, Expressão Paulista].

A oportunidade é outro termo que frequentemente é mencionado nos três últimos trechos da entrevista de Paulista. Advinda de contatos de clubes anteriores, de jogadores ou ex-jogadores, de olheiros, muitas vezes atribuída a uma procedência divina, pois são raros os jogadores que não são profundamente religiosos, a oportunidade é o instante, em muitos casos, que separa o ser do não ser jogador, e é também o que os fez/faz quase jogadores.

Ao falar sobre essas portas de entrada, outro jogador, Souza comenta sobre as dificuldades para se manter nas equipes de base durante aqueles finais anos 1990.

É difícil porque, eu lembro, que, eu vou falar assim, valores, na época era ajuda de custo do Palmeiras. O infantil ganhava, se eu não me engano, 100 reais [salário mínimo da época que Souza estava nas categorias de base], o sub-17, 250 reais, e no sub-20, 300 reais, né? E toda semana chegava dez jogadores, testes, né? E você falava assim: “poxa, se eu vacilar, ou se eu der um mole, outro vai entrar no meu lugar”, para você entrar num clube grande a porta é muito estreita, né? E aquilo é o que você conseguiu, então, você agarra com unhas e dentes. Muitas das vezes eu era contra porque existiam as panelinhas, né? Que a gente falava, que se juntavam alguns jogadores falavam assim: “olha, não vai entrar no grupo...” ou não tocava a bola quando o menino estava em teste. E eu não formava com aquilo porque... eu até uma vez briguei com alguns, porque eu falei assim: “pô, mas vocês foram testes um dia, vocês passaram pelo mesmo processo, por que você não pode tocar a bola? Se ele for bom, ele vai ficar, basta ele testar, testa com ele”. Você não tem esse direito de atrapalhar um sonho, de não tocar uma bola... e isso acontecia assim, descaradamente, entendeu? Já fazia: “olha não vai entrar ninguém no nosso time”. E era uma coisa errada. Às vezes eu era taxado: “o Souza ajuda todo mundo, o Souza não sei o quê...”, por não concordar com isso [Souza, 32 anos, Grêmio Osasco Audax].

Além dos entraves citados anteriormente por Paulista, Souza acrescenta a competitividade entre os atletas como dificuldade a ser enfrentada para se estabelecer em um

clube. Na Argentina, os jogadores também citaram a competitividade entre os atletas de um mesmo clube como uma das particularidades da profissão, como expressa Sebastián:

Bueno, es un ambiente muy competitivo, donde, muchas veces, uno se desilusiona por la competencia. No pense que tiene amigos. Y por ahí sus amigos no son tan amigos. Muchas veces hay mucho de eso [Sebastián, 31 años, Jugadores Libres].

Apesar de o futebol ser um esporte coletivo, os jogadores anunciam, em suas entrevistas, o elemento da competitividade entre os atletas que, nos momentos iniciais da carreira e durante os testes, é uma das diferenças marcantes entre jogar bola por diversão e fazer da atividade profissão. Depois, a preponderância desta individualidade estará submetida ao planejamento tático, de técnicos ou equipe de gestores do time em função do “coletivo”, podendo ou não facilitar individualidades na partida e/ou na relação entre os jogadores produzindo lideranças valorizadas. É raro um jogador de técnica apurada (com a excessão do goleiro) ser o capitão do time; enquanto o líder no grupo, em sintonia com a equipe técnica será o provável capitão do time.

Para os que conseguem se manter dentro dos jogos de interesses nas categorias de base, seja de um clube considerado grande ou pequeno, conseguir um contrato profissional entre os 18 e 20 anos não é garantido.

A eminência de ser dispensado está presente para os jovens futebolistas que driblam as incertezas de conseguir ou não ficar ricos, ou uma vida considerada mais ou menos estável, diante do “rodar” que a profissão exige entre o interesse de um clube e outro, de um empresário e outro e de sua família.

4.2. A família e os primeiros (ou segundos) empresários

*Na minha rua tem um neguinho que joga futebol o dia inteiro
A mãe é lavadeira, o pai é um bêbado. O que ele vai ser quando crescer?
(Wander Wildner, Rato de Porão, 1997)*

A mãe nem sempre é lavadeira e o pai nem sempre, um bêbado. Mas outro tópico muito abordado pelos jogadores sobre o início da carreira é a relação do jovem jogador com a família.

Não é só a cobrança dos clubes hoje em dia que atrapalham, é muito mais... a carga já está dentro de casa. Aquela pressão. Isso que eu tenho percebido

também [...] Assim, além do sonho, hoje expandiu, né? Assim, posso dizer que além do sonho do garoto, né, de ser jogador, hoje se tornou um sonho familiar. Hoje os pais, muitos forçam, né? “Não, meu filho, você tem que ser um Neymar...”. Você vê muitas vezes acompanhando jogos de times de base, sabe? Os pais lá naquela torcida. E, às vezes, até cobrando muito mais do que os meninos podem carregar nas costas. É uma pressão enorme já de casa, de... “ah meu filho, você perdeu aquele gol, você não podia ter perdido aquele gol, você tem que ser assim. O Neymar não faz isso, o Messi não faz isso...”. Quando na verdade os meninos deveriam estar inicialmente brincando. Lógico que com uma responsabilidade, mas aproveitando aquele momento. Porque não é certeza aos 15 anos de ser um jogador profissional com 20, então deixa ele aproveitar. Então, você está colocando muita responsabilidade nesses garotos e com isso está se perdendo um pouco da essência, aquela beleza, a magia do futebol. Está sendo uma coisa meio por gol, tipo máquinas mesmo, sabe? [Souza, 32 anos, Grêmio Osasco Audax].

Souza anuncia a questão do empresariamento do atleta pela família e do investimento em seus corpos como capital humano. Seja colocando o menino em escolinhas, atitude da mãe de Paulista, ou jogando em clubes amadores – no caso de Juninho, ou em clubes de bairro, com Martín e Sebastián, a família chamada estruturada é a primeira a apostar nas chances de sucesso do menino como jogador.

No estudo de Palmiéri (2015) sobre futebolistas de categorias de base o autor diz que seus interlocutores não costumavam falar abertamente em projetos, mas que essa noção era explicada a partir do “sonho”, do “vingar”, do “chegar”. “Parece que os jogadores exercem tanto um papel central na condução de suas carreiras, como também estão em posição de sujeição nas relações travadas com familiares mais próximos, dirigentes, treinadores, colegas e, um pouco mais raro, agentes” (PALMIÉRI, 2015, p.43-44)

Especificamente segundo Juninho, ainda na creche, aos quatro anos de idade, uma professora aconselhou a família a dar condições para que o menino pudesse tornar-se jogador. Aos seis anos, Juninho participou de um processo de seleção em um clube amador e foi feito “sócio”, em uma modalidade chamada “sócio-amigo”, que não lhe conferia o direito a utilizar a sede social, com o intuito de jogar futebol em campeonatos da categoria de sua idade¹²⁷. O atleta conta que, aos dez anos, o pai o levou em uma visita guiada ao estádio Morumbi – do São Paulo Futebol Clube, e o incentivou a correr gramado adentro, contrariando as instruções de quem os guiava pelo estádio. O pai e o menino foram expulsos da visita, mas, naquele momento, conta Juninho, ele e o pai decidiram pela profissão de jogador.

Paulista contou histórias não tão felizes sobre esses momentos prévios ao futebol como profissão. O jogador negro, nascido na periferia de São Paulo, remete, então, à própria

¹²⁷Embora se trate de um clube amador, Juninho contou que recebia do clube a isenção da cota de sócio, ajuda de custo e vale transporte para treinar.

experiência, falando sobre as dificuldades para ir e voltar sozinho da escolinha onde treinava antes de se ingressar nas categorias de base:

na época eu passava por baixo [da catraca do ônibus], né? Passei por muitas dificuldades também quando era novo. Os caras não gostavam. Eu parava no ponto, assim, na época, pivetão, estava com o uniforme todo sujo e tal, eu dava o sinal e os caras passavam direto. Passavam direto, não estavam nem aí. E outra coisa: quando eu pedia para passar por baixo, muitos não deixavam. E outra: quando passava, tinha cobrador que metia o pé na sua cara, entendeu? E eu, moleque, era medroso pra caramba, não falava nada. Passava e deixava... [Paulista, 27 anos, Expressão Paulista].

Situações de desrespeito e abuso não faltam nesse meio. As frequentemente citadas, que todos viram acontecer, mas pela qual nenhum dos entrevistados afirma ter passado, são as situações de assédio sexual.

E uma das coisas assim que muito acontecia, não sei se acontece hoje, era o assédio de pessoas que vinham, sabe, para dar dinheiro para os jogadores, para sair com eles, entendeu? Isso, na época, eu achava a coisa mais nojenta. Paravam vários senhores de carro, sabe? E, como eu te falei, imagina, o menino ganha 250 reais com 17 anos, como é que ele vai aparecer com um tênis de 300? [...] Talvez hoje o que eu conto aqui, até em termos que eu contei desses assédios de pessoas, acontecem também na Colômbia, no Uruguai, na Argentina... de serem iludidos pelos empresários, de iludirem família, de levarem jogadores para um lugar e, na verdade, é outra coisa... de comprarem jogadores com casa, com carro, família e tirarem tudo... essas coisa eu creio que deve ser igual em todos os lugares [Souza, 32 anos, Grêmio Osasco Audax].

Superar os abusos, as situações de desrespeito e as adversidades, faz parte desse jogo. E o esporte profissional, ainda que recheado dessas situações, é visto, também, como lugar privilegiado do desenvolvimento da boa conduta, o que é muito enfatizado pela mídia em função de como um jogador se transforma em capital humano, em empreendedor de si, em uma empresa que gera empregos. Em um trecho de sua entrevista, Paulista comenta sobre outro caminho escolhido por aqueles que, em sua comunidade, não gostam de praticar esportes:

Aí, hoje, eu vejo muito... muitos moleques desses aí tomando caminhos diferentes, né?... hoje, eu vejo que eles estão tomando um caminho mais fácil, vamos se dizer assim, que é o caminho das drogas, né? Para conseguir ter um tênis, para conseguir ter uma moto... porque, hoje, lá onde eu moro só tem as molecadas cheias de moto... moleque de 14 anos, 16 anos, tudo andando de moto, os caras que não se interessam pelo esporte. Não precisa ser necessariamente futebol, mas acho que o esporte em si, acho que ajuda muito, entendeu? E ninguém se interessa. Então é complicado. Porque diz:

“Ah, não, para se tornar um jogador profissional, um fera, não, o cara tem que ter dinheiro”. A cabeça deles lá é assim. Tem que ter dinheiro, mas eu, sinceramente, pelas experiências que eu tive, o dinheiro realmente dá um empurrãozinho em certas coisas, mas chega um momento em que você tem que mostrar o talento, senão você não vai, cara [Paulista, 27 anos, Expressão Paulista].

Tão importante quanto saber gerir a vida financeira do jogador é saber se governar nesse mercado. As questões trazidas por Souza e Paulista explicitam ser preciso saber administrar a habilidade conforme as oportunidades e os interesses dos envolvidos nesse empreendimento: família, jogador, empresário, clube, patrocinadores.

O empresário muitas vezes é criador e gestor de oportunidades. Em um determinado momento da entrevista, Paulista começa a falar sobre um senhor, Oscar, que, por vezes, em sua fala, se confundia com o nome de um clube¹²⁸. Tentando entender quem era Oscar, perguntei ao jogador: “o Oscar também tinha um clube ou ele empresariava vocês? Como era essa relação?”.

O Oscar¹²⁹, ele é agente FIFA...

Então, o centro de treinamento dele lá, além de trabalhar a gente para tentar vender para fora do país, ele também trazia... fazia intercâmbio com o pessoal do Japão, da China, da Coreia. Aliás, da Coreia e do Japão. A gente ia para lá e eles aprendiam a jogar aqui também, a treinar também. E era bem interessante, a gente fazia amistosos [...]. Os clubes como Palmeiras, Corinthians, faziam pré-temporada lá... São Caetano, a Ponte Preta... a gente fazia amistosos com eles lá e era bem interessante, bem disputado. Então, foi uma experiência boa lá também, né? [Paulista, 27 anos, Expressão Paulista].

Em 2013, o clube cobrava duzentos reais aos jogadores que participavam de testes no Brasilis, oferecendo um pacote de serviços que inclui hospedagem e alimentação. Os atletas aprovados pagavam dois mil reais por mês para participar do “Programa de Formação com Autoinvestimento” do clube. Paulista, no entanto, não participou desse programa (REVISTA PLACAR, 2013, p.21)

Damo define os agentes/empresários como “investidores no mercado de ações futuras. De algum modo, todos são, desde os próprios meninos, seus familiares, os formadores, os

¹²⁸ Paulista afirmou, em um determinado período de sua carreira, estar no Brasilis Futebol Clube e, por vezes, se referia ao mesmo clube como “o Oscar”.

¹²⁹ Oscar Bernardi foi zagueiro da seleção brasileira entre os anos 1978 e 1986.

dirigentes dos clubes” (2007, p.329). Paulista jogou pelo Brasilis¹³⁰ como profissional, mas, não raramente, clubes como os de Oscar, também conhecidos pelo termo clubes de empresário, não possuem essa categoria, focando apenas na revelação de “talentos” da base.

Embora figura muito presente no meio futebolístico, os jogadores entrevistados dizem não ter contrato fixo com algum empresário, mas, sim, estabelecer relações pontuais, conforme a necessidade de emprego, com um mediador ou outro, como Oscar, que os ajude a encontrar oportunidades. Paulista comenta que foi “no Oscar” que “as coisas começaram a surgir”:

Começou a oportunidade para voltar para o Atlético, também para o Cruzeiro, mas foram mais especulações. E o Éder viu que eu estava num nível legal e acabou conversando comigo e falando: “Olha, tem um amigo que é do interior de São Paulo, Águas de Lindóia, e ele tem um time que joga a segunda divisão do Campeonato Paulista. Você aceita ir pra lá?”. Eu disse: “aceito...”. Era um time profissional, né? E eu estava no segundo ano de juniores. E, na época, eu acho que dei um azar porque foi no mesmo ano que eles mudaram o campeonato [o regulamento] da Copa Paulista. Eles mudaram a idade, era para ser sub-20 e eles colocaram para sub-18. E aí, então, isso fechou bastantes portas para a gente naquela época do juniores. Então, essa parte foi bem ruim, e aí, como eu acabei aceitando, eu vim para o Oscar, também um time muito bom da época, e, também, tem uma puta estrutura também, bem legal. O Oscar me acolheu muito bem. Foi o primeiro time no qual me profissionalizei e disputei dois campeonatos para eles lá. E em seguida, a gente encerrou o campeonato e eu acabei não renovando porque ele não queria mais mexer com jogador profissional, até então. E aí, eu acabei indo para o Arco Suzano. Arco Suzano também é na capital de São Paulo [Paulista, 27 anos, Expressão Paulista].

Martín também expressa sua relação com os empresários:

Voy intentando me conectar con alguno o con otro, pero no tengo una persona que maneja mi, quisieras mucho pero en la realidad es que nunca encontré alguien de confianza o lo que sea como para confiarme y firmar. Y nunca se me presentó, siempre busqué porque sí [Martín, 29 anos, Jugadores Libres].

Mais ou menos presentes em cada trajetória de jogadores, a figura do empresário é importante na gestão do “descarte” de jogadores, quando não como gestores de suas carreiras, como gestor de oportunidades para os jogadores sem emprego.

¹³⁰ O site do Brasilis Futebol Clube está disponível em: <http://www.brasilisfc.com.br/>. Acesso em 16 de janeiro de 2017.

4.3. A produção de descarte no futebol profissional

A palavra descarte é comumente utilizada para referir-se ao ato de jogar algo fora, de desfazer-se de algum objeto. Essa palavra também tem sido utilizada na mídia esportiva especializada¹³¹, por sindicatos¹³² e até mesmo por profissionais do esporte¹³³, para situar a dispensa de jogadores pelos clubes.

Da parte dos clubes, a preocupação, relativamente recente, com o descarte de jogadores torna-se sutilmente visível no discurso de profissionais que trabalham na base, principalmente, dentre os psicólogos que lidam em seu cotidiano não somente com o rendimento esportivo do atleta, mas também com o preparo deste para ser dispensado do clube (DANTAS, 2011).

Essa preocupação vai ao encontro de práticas do capitalismo sustentável, nas quais o descarte consciente é também uma questão. No futebol profissional, a questão da sustentabilidade, além de aparecer nas campanhas que estimulam a reciclagem de alguns materiais¹³⁴ e outras formas de convocação dos torcedores a se responsabilizarem por um mundo melhor e junto ao clube, também aparece dentre as “novas” formas de se conceber a produção/formação de jogadores, como explicita o gerente das categorias de base do Botafogo de Futebol e Regatas:

Porque o que a gente faz hoje na maioria dos clubes ainda, e eu me incluo, é descarte. E aí é descarte de sonho, é descarte de um indivíduo porque é uma

¹³¹ É possível encontrar alguns exemplos desses usos pela mídia especializada nas seguintes reportagens: “Thiago Silva e Jefferson são descartados por Dunga após reclamações públicas”. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2016/03/03/apos-reclamacoes-thiago-silva-e-jefferson-sobram-com-dunga-na-selecao.htm>. Acesso em 16 de janeiro de 2017; “Manchester United pode arrecadar 92 milhões de euros em descarte de quatro jogadores”. Disponível em http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-internacional/2016/07/16/noticia_futebol_internacional.339747/manchester-united-pode-arrecadar-92-milhoes-de-euros-em-descarte-de-quatro-jogadores.shtml. Acesso em 16 de janeiro de 2017; “Botafogo está de olho em descartados do Corinthians para ampliar 'parceria'”. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2015/05/19/botafogo-esta-de-olho-em-descartados-do-corinthians-para-ampliar-parceria.htm>. Acesso em 16 de janeiro de 2017; “Base valorizada, craques descartados: grupo do Bota respeitará orçamento”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2015/01/base-valorizada-craques-descartados-grupo-do-bota-respeitara-orcamento.html>. Acesso em 16 de janeiro de 2017.

¹³² “Sindicato define desemprego no futebol como “descarte de homens”. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2015/07/sindicato-define-desemprego-no-futebol-como-descarte-de-homens-4794569.html>. Acesso em 17 de janeiro de 2017.

¹³³ “Minha percepção sobre o futebol”. Disponível em: <http://industriabase.com/2016/06/17/minha-percepcao-sobre-o-futebol/>. Acesso em: 16 de janeiro de 2017.

¹³⁴ É possível encontrar exemplos dessa prática em alguns clubes. O Grêmio Osasco Audax promove campanhas de trocas de garrafas pet por ingressos e de doação de sangue.

família por trás, então a gente tem que ter uma responsabilidade nisso. E eu não sei se a gente está tendo essa responsabilidade. Eu, particularmente, acho que ainda não. A gente ainda está começando a ter essa preocupação, mas eu acho que a gente precisa dar mais luz a esse ponto” (Eduardo Freeland in: MUSEU DO FUTEBOL, 2015).

Como destacou o gestor do clube alvinegro, atualmente, não “pega bem” no mercado da bola, e principalmente no mercado internacional, o simples descarte de jogadores, sem “responsabilidade social”.

Tanto no Brasil quanto na Argentina, a quantidade de atletas que saem das categorias de base por ano ultrapassa a capacidade de absorção pelo mercado. No entanto, muitos continuam circulando entre os clubes, ou por fora deles, em tentativas de se estabelecer como jogador. Nesse discurso da sustentabilidade, os clubes são convocados a se responsabilizar pelo dano causado àqueles jogadores que produz e descarta. Nessa perspectiva, o caso do Pão de Açúcar Esporte Clube, clube gestado dentro as “iniciativas de responsabilidade socioambiental e qualidade de vida” (GPA, 2013) do Grupo Pão de Açúcar, deve ser lembrado como uma das formas de transformar esse descarte em capital humano, funcionando como negócio social e empregabilidade.

De maneira geral, notam-se dois movimentos na circulação de jogadores que se conectam a partir do valor de sua imagem: um movimento impulsionado pelo alto valor da imagem do jogador (positiva). Esse é o caso não somente dos jogadores famosos, mas, também, das “promessas” (jogadores novos que se destacam em um clube ou campeonato e que são impulsionados, no mercado, pela probabilidade, pela aposta de um bom contrato porvir). Há também outro movimento em relação à circulação dos jogadores, produzido pela dispensa, pelo descarte, pelos que persistem na profissão apesar das adversidades, e que marca mais profundamente como a direção de suas condutas os tornaram resilientes. Este último circuito destino, embora não único, do jogador anônimo. Jogadores que saem das categorias de base e que, se para as lentes dos grandes meios de comunicação somem no mercado, continuam a alimentar esse mercado. O jogador deve ser resiliente: saber se conduzir diante das adversidades, tornando-se adaptável às circunstâncias difíceis. Segundo Oliveira (2013), a resiliência se atrela à sustentabilidade e ao empreendedorismo, refazendo o lugar da vítima em negociador. É o suportar violências, dores, sofrimentos, sendo flexível e melhorando sua conduta esperada para ser incluído, enfim, saber manejar.

E, assim, eu acho que no futebol o mais interessante é que, apesar das dificuldades que existem, são as amizades, né? E o dia-a-dia do treinamento, a cobrança de você ter que se preparar para jogar a partida ali importante. Então

acho que o futebol, cara, oferece muita coisa boa em termos de superação, de dedicação, eu aprendi muito isso no futebol. Até porque eu vim da comunidade, de família mais simples e..., então, eu acho que no futebol eu encontrei muito isso: dedicação, vontade, acreditar sempre [Paulista, 27 anos, Expressão Paulista].

No futebol profissional, a resiliência é esperada como natural, a ser suportada para se alcançar o sucesso. Que a sua busca seja eterna enquanto seu corpo e sua inteligência forem úteis! No caso do jogador desempregado, à sua conduta resiliente é acrescida a recomendação relativa à prevenção de degradação para continuar sempre pronto a servir. A conduta resiliente inibe resistir, revoltar-se contra as situações de sujeição às quais deve se submeter na busca de seu sonho empreendedor. A sustentabilidade, a resiliência e a prevenção à degradação (que incluiu as contusões, a boa conduta, os relacionamentos gerais dentro do clube e na sua comunidade) situam o empreendedorismo no qual se encontra capturado o aspirante a jogador de futebol profissional e o disponível a qualquer momento para o descarte. E ele sabe o que dele se espera, além de família, religião e obediência. Esteja ele dentro ou fora das “panelinhas”.

Eu, infelizmente, tive minhas lesões nos momentos errados aí da carreira e acabei perdendo a oportunidade. Mas isso não me impediu de... eu pegar e desanimar e desistir, voltar pra casa e... eu sei que eu tenho a condição, eu consegui, e segui até onde eu pude, apesar de que eu quero ainda voltar, mas não aqui no Brasil, eu quero voltar pra fora do país. Mas o cara que tem um talento, o cara que é dedicado, tem muita força de vontade, o cara consegue sim, mesmo saindo da comunidade o cara consegue jogar, consegue ser atleta profissional. Tanto que você conhece um monte aí que tem hoje tem um nome aí no futebol e saiu da comunidade. Então, não é... é porque infelizmente hoje tá meio complicado mesmo. Então eu não acredito que “ah, só tem que ter dinheiro para você chegar...”. Não. Acho que se o cara tem talento, tem dedicação e tem força de vontade para passar pelos obstáculos que aparecem, o cara consegue tranquilo. [Paulista, 27 anos, Expressão Paulista].

No projeto Expressão Paulista, conheci Miura, psicólogo, na época (2015), recém-contratado da equipe. De todos os profissionais ali envolvidos, o discurso do psicólogo talvez seja o que mais ajusta à visão do jogador como capital humano, empreendedor de si no mercado. Durante algumas conversas, Miura dizia que “os atletas chegam com discurso de perdedor”, que “se o atleta está aqui no projeto, é porque lhe falta algo”, “Muitos jogadores aqui não têm condições de serem profissionais”, “Tem que se fazer ser querido [pelos clubes]”.

O jogador desempregado é convocado a estar sempre ocupado, em movimento. Cabe-lhe o aprimoramento constantemente de sua técnica e inteligência de jogo, e empreender-se nesse competitivo mercado em busca da oportunidade¹³⁵.

4.4. Circulação e instabilidade

Embora siga as mesmas regras da FIFA e seja associada a esta, a organização do futebol profissional no Brasil e na Argentina possui suas diferenças.

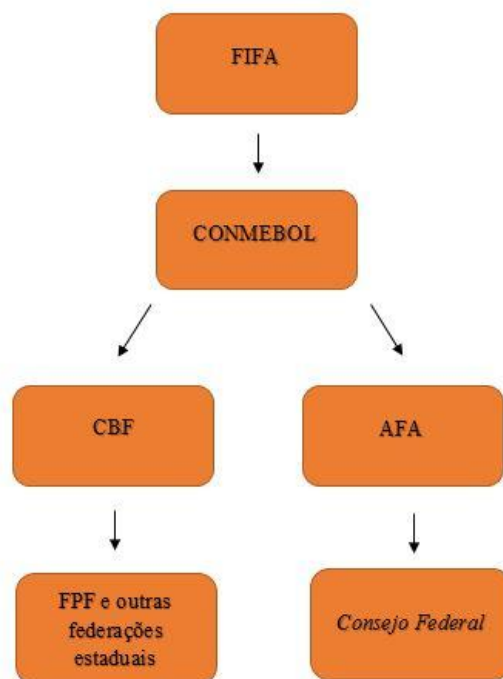


Figura 41. Organograma das instituições que organizam o futebol profissional no Brasil e na Argentina (2017).

No Brasil, cada estado possui uma federação ligada à CBF, responsável por organizar os campeonatos estaduais e pelo registro dos atletas atuantes nos clubes. Muitas federações

¹³⁵No caso dos jogadores reconhecidos como habilidosos, cuja imagem vale muito, nem sempre é preciso estar pronto a servir. Nos clubes que os empregam há técnica, tempo, espaço, materiais e especialistas que os adaptarão e tornarão aptos conforme as necessidades.

organizam também campeonatos amadores, embora eles não mantenham relações diretas com os campeonatos profissionais.

A CBF, por sua vez, é responsável pelo selecionado nacional das categorias de base até o profissional – e também da seleção feminina –, pelas competições nacionais e regionais.

Quadro 1 – Duração dos campeonatos organizados pela FPF e pela CBF em 2016.

Campeonatos 2016	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
FPF												
Série A1												
Série A2												
Série A3												
Série B												
Copa Paulista												
CBF												
Série A												
Série B												
Série C												
Série D												
Copa do Brasil												
Copa do Nordeste												
Copa Verde												

Fonte: Elaborado pela autora.

Os campeonatos com cores iguais são excludentes entre si para os clubes, embora os jogadores possam, eventualmente, participar de mais de um deles no mesmo ano. Os campeonatos estaduais e as copas regionais acontecem no primeiro semestre do ano, enquanto os campeonatos nacionais e a Copa Paulista, no segundo semestre.

No caso argentino, as competições nacionais e regionais profissionais são organizadas pela AFA, a responsável direta pela organização das competições nacionais e da região metropolitana de Buenos Aires. Os campeonatos regionais do interior do país são organizados

pelo *Consejo Federal*, órgão que aglutina 210 ligas, com um total de 3.000 clubes afiliados e cerca de 400.000 jogadores (AFA, 2016¹³⁶).

Quadro 2 – Duração dos campeonatos organizados pela AFA e pelo Consejo Federal na temporada 2016/2017.

Campeonatos 2016	Meses do ano	Duração	Clubes	Vínculo com a AFA	Região	Divisão
AFA						
Primera Division	26 de agosto de 2016 – 28 maio 2017	10 meses	30 (cada um com 20 jogadores)	Direto	Todo o país	Primeira
Primera B Nacional	27 de agosto 2016 - 17 de junho 2017	11 meses	23 (cada um com 20 jogadores)	Direto	Todo o país	Segunda
Copa Argentina	30 de janeiro 2016 – dezembro 2016	12 meses	75	Misto	Todo o país	Única
Primera B metropolitana						
Primera B metropolitana	26 de agosto 2016 – 27 de maio 2017	10 meses	19	Direto	Grande Buenos Aires	Terceira
Primera C						
Primera C	26 de agosto 2016 – 27 de maio 2017	10 meses	20		Grande Buenos Aires	Quarta
Primera D						
Primera D	28 de agosto 2016 – 27 de maio 2017	10 meses	16		Grande Buenos Aires	Quinta
Consejo Federal						
Torneio Federal A						
Torneio Federal A	4 de setembro 2016 – 5 de fevereiro 2017	6 meses	43	Indireto	Interior	Terceira
Torneio Federal B						
Torneio Federal B	12 de agosto 2016 - 18 de	5 meses	129	Indireto	Interior	Quarta

¹³⁶AFA. Consejo Federal. Disponível em: <http://www.afa.org.ar/institucional/consejo-federal.php>. Acesso em 21 de novembro de 2016.

	dezembro de 2016					
Torneio Federal C	24 de janeiro 2016 – 15 e maio 2016	5 meses	269/128	Indireto	Interior	Quinta

Fonte: Elaborado pela autora.

Além da *Primera División* e da *Primera División B Nacional*, no início de cada ano, os clubes profissionais da primeira divisão disputam o *Torneo de Verano*, competição amistosa organizada pela AFA, funcionando como uma espécie de pré-temporada para os clubes que excursionam por algumas das principais cidades do interior do país (Mendoza, Córdoba, Mar del Plata). Tal como a Copa do Brasil, a Copa Argentina é disputada por clubes das diferentes divisões de todo o país, totalizando 75 equipes participantes.

Os torneios do interior (federais) são mais regionalizados e divididos por zonas, bem como o metropolitano. Já a primeira divisão A e B comportam clubes de todo o país, embora haja uma concentração de clubes de Buenos Aires. Tanto os torneios metropolitanos quanto os do interior dão acesso aos torneios nacionais.

Embora a Série B e a Primera B Nacional sejam competições menos valorizadas pelos acostumados a disputar a primeira divisão, em ambos os países, a segunda divisão está longe de ser o campeonato de menor visibilidade e investimento. Sobre o caso argentino, Greco diz que “aquele jogador da divisão de acesso que podia superar 300 partidas, meter 150 gols, ser ídolo e não chegar à Primeira Divisão, já é parte do passado” (2014, p.47).

Os campeonatos regionais não são disputados por clubes que estão na *Primera A* e *B*, têm uma duração maior que os estaduais brasileiros. Um clube argentino disputa no máximo três competições por temporada, e a eliminatória dos torneios do interior faz com que os clubes desclassificados saem nas fases iniciais não joguem por um período de até dez meses.

No Brasil, um clube pode chegar a disputar até cinco competições por ano. Segundo informações levantadas pelo Bom Senso FC¹³⁷ (2013), existem 641 clubes profissionais no Brasil disputando alguma divisão de campeonatos estaduais. Desses, apenas 101 disputam também alguma série do Campeonato Brasileiro, e 540 clubes estão fora dessa competição. Cerca de 85% dos clubes que disputam competições profissionais no Brasil não possuem calendário anual de competições; 31% dos jogadores do estado de São Paulo ficam desempregados após o término das séries A1, A2 e A3 do Campeonato Paulista. São

¹³⁷ O Bom Senso FC é um movimento de jogadores criado em 2013 que discute, principalmente, as condições de trabalho dos jogadores no futebol brasileiro. Para mais informações, acesse: <http://www.bomsensofc.org.br/>.

aproximadamente 12 mil atletas desempregados após o fim dos estaduais. Em 2015, “Dos 60 times que jogaram as três primeiras divisões do Estado no primeiro semestre, apenas 33 continuaram com o seu departamento profissional ativo na segunda metade do ano. Destes, 14 disputam uma das quatro divisões do Campeonato Brasileiro” (COSENZO e VALENTE, 2015, s.p).

Como já havia apontado o Bom Senso FC, enquanto alguns são sobrecarregados com competições, outros não têm calendário para se manter ativos durante o ano todo. No caso argentino, embora haja calendário para as divisões inferiores, isso não impede que os clubes passem meses sem disputar uma competição oficial, dado o sistema eliminatório que deixa de fora vários clubes já na primeira rodada de muitos campeonatos.

No Brasil, muitos jogadores assinam contratos com duração entre três e seis meses no início da temporada, desempenhando outras atividades no restante do ano. Muitos jogam também nos campeonatos de várzea e/ou circulam por outros clubes em campeonatos regionais ou outras divisões dos campeonatos estaduais¹³⁸.

Essa preocupação foi expressa por Paulista:

eu acho que esses campeonatos estaduais estão acabando. Tá muito curto, não está tendo tempo... por exemplo, tem time que tem calendário para o ano inteiro. Um clube que joga campeonato estadual, depois o nacional, aí consegue manter o atleta num ritmo legal. Agora, os times que não tem? Por exemplo, joga o campeonato estadual e fica mais seis meses para jogar o outro campeonato estadual no outro ano ainda. Eu sei que envolve dinheiro, né? Tem que ter uma condição para poder manter o time. Não é fácil manter um time hoje [Paulista, 27 anos, Expressão Paulista].

A questão de formar mais que o mercado absorve está relacionado à falta de competições para a maioria dos clubes se manterem ativos o ano todo, deixando o jogador, em muitos casos, dentre os anônimos, sabendo que há hora marcada para ficar sem emprego e sem perspectiva de conseguir um clube que o empregue. Conseqüentemente, esses jogadores circulam mais e estão mais propensos à sua degradação como capital humano futebolístico.

A racionalidade neoliberal produz um mercado de disponibilidades e de descartes jamais imaginado. Ao mesmo tempo em que instiga a produção de jogadores baseada na elasticidade do mercado globalizado, produz um exército de reserva de capital humano volumoso a ser absorvido em *n* ocupações, desde que cada um apresente uma conduta desejável. Não se trata mais do futebol com base no *talento*, mas na capacidade de produzir

¹³⁸ Em São Paulo, é possível que um atleta jogue a Série A1, A2 ou A3 e, posteriormente, participe da Série B do Campeonato Paulista.

sujeitos resilientes para jogarem, esperarem uma suposta oportunidade no futebol, ou em qualquer ocupação na qual demonstre sua adaptabilidade. O futebol não é mais como a fábrica que produzia força de trabalho e sindicalizados resistentes ou ajustados, a empresa quer mais do que *talento* e o sindicato nada mais é do que um alojamento provisório, em função do empreendimento.

A circulação é também vivida pelos jogadores famosos, é valorizada como experiência pelos jogadores de carreiras de sucesso, ou seja, de grande visibilidade, como o estudado por Rial (2008), os clubes, as federações e as mídias. Nas relações com os clubes e o empreendedorismo, não se faz mais pertinente o sindicato para além das formalidades jurídicas esperadas.

Martín também expressa a sensação de instabilidade – vivida por uns mais e outros menos – como uma das peculiaridades da profissão de jogador no caso argentino:

Yo recalco sobretodo, sobre la vida de jugador de futbol, la inestabilidad. La inestabilidad. Un jugador de futbol, primero, puede pasar de la noche a la mañana, de tener todo, de estar barbaro, a no tener nada y estar sin laburo, de vivir 6 meses en cada lugar. Como en mi caso, como fue el caso de varios, que pasan 6 meses acá, 6 meses allá, otro día hablava con un compañero e estaba... y había vivido en el año pasado en La Barria, en Mendoza, y ahora está viviendo en Mar del Plata. Y es un año y medio. Que clase de laburo te dá esa inestabilidad? De no saber donde vás a vivir, entre, no sé, dos meses. Arrancas en una temporada que no llega a ser un año y no sabes donde vas a vivir la seguinte. Sin hablar que los contratos son cortos [Martín, 29 anos, Jugadores Libres].

Na Argentina, não há um período mínimo de contrato estabelecido, como os três meses previstos no caso brasileiro. De contrato em contrato, e, muitas vezes, exercitando outras atividades enquanto estão sem clube, esses jogadores circulam não somente por cidades e países, mas, também, entre ser e não ser jogador no redemoinho de dúvidas sobre continuar ou não na profissão.

Duas perguntas destinadas aos entrevistados remetem ao início de suas experiências com o futebol: “Qual é a sua história com o futebol?” e “Como começou a jogar profissionalmente?”¹³⁹. Apesar de serem duas questões distintas, não raramente os entrevistados começavam a narrar a sequência dos clubes pelos quais passaram na vida como resposta para ambas, e por essas trajetórias, é possível vislumbrar os fluxos da circulação desses jogadores pelo Brasil e pela Argentina.

¹³⁹ Ver anexo B.

No Brasil, há uma intensa migração de jogadores em início de carreira para as regiões sul e sudeste do país que, durante suas carreiras, os espalham para outras regiões e países. Na Argentina, a circulação mais intensa começa com os jogadores já mais velhos, na idade de se tornarem profissionais, pois a mudança de clubes ainda na base é menor. A concentração de clubes grandes está na região sudeste do país, principalmente na Capital Federal.

4.5. Visibilidades e invisibilidades

Além de jogarem menos durante uma temporada, outra questão colocada pelos futebolistas é a do não cumprimento dos contratos.

E a falta de respeito com o atleta, porque querendo ou não a gente vive do futebol, a gente vive daquilo. Então, se a pessoa faz um acordo com você dizendo que vai pagar aquele salário e chega na data e não paga. Por exemplo, pô, tenho compromisso com cartão de crédito, com a minha família. Para quem é casado: com a mulher e com os filhos. Então acaba ficando uma situação bem ruim. Eu conheço muitos atletas que hoje são ex-atletas por causa da situação de não receber salário, de contrato curto, de não ter uma estabilidade. Hoje, tem muitos jogadores que desistem porque não tem estabilidade. Que correm atrás de um lugar que tem estabilidade para o cara poder sobreviver. E o futebol não está dando essa condição, entendeu? [Paulista, 27 anos, Expressão Paulista].

Hoje, não dá certo jogar mais por amor. Tem que se ter um planejamento, tem que ter uma organização, senão não vai... não adianta me oferecerem um salário alto se eu não vou receber. Então, é uma coisa assim que, hoje, o jogador pensa muito e mais do que muitos preferem, “ah, eu vou, mas por visibilidade, eu vou disputar uma série C”, num Vila Nova de Goiás que todo mundo sabe que é um clube que tem dificuldades financeiras, os caras vão lá, “ah, eu vou arriscar, eu sei que não vou receber, mas em compensação eu vou ter uma oportunidade de mostrar meu trabalho...”. E aí é difícil. Poucos, acho, têm condições de fazer isso. A maioria, não. E, acaba, mesmo, esses poucos que têm condições sendo sugados pelo clima, porque o futebol não é individual, é um esporte coletivo. Você recebe, muitas vezes você é emprestado para um clube maior, para outro time. O seu salário está em dia. Mas e o do resto? Aí você faz um gol, mas aí, se o zagueiro não fizer o dele (risos), não vai adiantar nada. Enquanto os clubes brasileiros não se estruturarem, não mudarem essa política de salários, sabe? Exorbitantes, sabe? Fazer um planejamento, começarem a reduzir. A tendência é que mais clubes aí venham... sabe... a ter um descenso, a aumentar dívida porque é impossível você pagar 900 mil reais, 800 mil reais, mesmo que sejam poucos jogadores, é absurdo. Aí, se você pegar uma folha salarial e olhar, do Fluminense, do Inter, você monta várias equipes de Série B e de Série A.

Essas oportunidades que aparecem são avaliadas não somente pelo valor do salário, mas, também, pela abrangência da visibilidade que o contrato proporciona. Outra questão recorrente na vida desses jogadores que estão menos expostos nas grandes *vitrines* do futebol, é que, geralmente, não possuem contratos de imagem¹⁴⁰, o que reduz bastante a sua renda e, também, a sua visibilidade potencial no mercado.

A importância da visibilidade é posta em destaque no comentário da preleção do técnico do clube Atlético Rio, terceira divisão do Campeonato Carioca, no curta metragem *Boias-frias do futebol*, quando diz: “a pior coisa do mundo [para um jogador] é estar no anonimato”, ora :“é a vitória que traz a visibilidade”.

Por vezes, o jogador precisa decidir pela escolha macabra: receber o salário ou jogar em um campeonato que lhe dê visibilidade para outros clubes que possam se interessar por ele e remunerá-lo satisfatoriamente. É, principalmente, nesse cálculo entre a remuneração e a visibilidade que esses jogadores, no anonimato, baseiam suas escolhas por um clube. Algumas vezes, optam, também, por desempenhar outras atividades complementares enquanto não aparece uma oportunidade satisfatória.

Sobre as diferenças salariais entre jogadores mais e menos visíveis no mercado, Souza comenta a importância de os clubes trabalharem com um teto salarial:

O importante é isso, acho que é os clubes se organizarem, né? E falar: “Olha, eu gostaria muito de contar com você, mas eu posso pagar isso. É isso que eu posso pagar e ponto”. Acho que a partir do momento que os clubes começarem a fazer isso, o futebol vai começar a caminhar novamente. “Eu sei que você ganha isso, mas eu só te pago isso”. Vai obrigar os jogadores a seguir uma margem, a reduzirem, a entrarem naquela forma, e os clubes têm esse poder, mas não fazem. Mas preferem, por causa do resultado, se excederem em dívidas, sabe? Do que eles têm de capital, para dar uma resposta para o torcedor, para dar resposta para a imprensa, do que se juntarem, se unirem e falarem: “Olha, nós vamos trabalhar só com essa faixa”. Essa que é a ilusão do futebol. Que é essa ilusão do futebol que todos têm, sabe? Todo mundo acha que vai ganhar igual ao Ronaldinho, igual ao Neymar, igual ao Fred. Não é. A grande maioria, sabe? Ganha muito pouco [Souza, 32 anos, Grêmio Osasco Audax].

Essa ilusão a qual se refere Souza é também a de que, do dia para a noite, a oportunidade milionária baterá à porta do jogador. Porém, dificilmente um jogador da categoria profissional sairá de um clube da quarta divisão do Campeonato Paulista e conseguirá se empregar, diretamente, em um clube da primeira divisão do Brasileiro. Nesse trajeto, que não é linear, há o processo de construção de visibilidades, no final, ele também

¹⁴⁰No caso dos jogadores dos grandes clubes, os contratos de imagem são a maior parte de sua renda.

poderá se deparar com as novas formas de contrato envolvendo a *produtividade* do jogador como capital humano, que contempla os prêmios meritocráticos relativos às metas alcançadas. A ilusão do salário alto, agora está redimensionada pelas metas a serem atingidas.

[Com 20 anos], eu estava no Oscar – Brasilis Futebol Clube. E lá eu estava muito bem, inclusive tanto na parte física quanto técnica também, só que eu estava jogando na quarta divisão. Hoje a quarta divisão [Série B do Campeonato Paulista], infelizmente, não tem muita visibilidade. O cara pode jogar o campeonato inteiro, se ele não subir o time, ele não aparece em nada nesse campeonato aí. Então é mais para manter a forma mesmo, para dizer que está em atividade, na minha opinião. [Paulista, 27 anos, Expressão Paulista].

4.6. Desempregados, livres, sem contrato, fora de contrato

No Brasil, a profissão de jogador de futebol é regulamentada pela Lei Pelé e pela CLT. Na Argentina, não há uma lei nacional; o que regula a profissão de “futebolista” é o *Convenio Colectivo de Trabajo* N°557/2009, uma atualização do antigo Convenio (N°430/75) negociado entre *Futbolistas Argentinos Agremiados*¹⁴¹ (FAA) e a *Asociación del Fútbol Argentino*¹⁴² (AFA) e, também, a *Ley de Contrato de Trabajo* (20744/1976).

Diferentemente da Lei Pelé, que regula todo o desporto profissional e não profissional no Brasil, o Convenio Coletivo de Trabajo regula especificamente a profissão de jogador de futebol, considerando como *futbolista profesional* aquele que “se obrigue por tempo determinado a jogar futebol integrando equipes de uma entidade desportiva que participe de torneios profissionais, em troca de uma remuneração” (Art. 2)¹⁴³.

Um contrato entre o clube e o jogador prevê sempre a anuência da AFA e da FAA. Durante o ato do registro de um jogador por um clube, a entrega do contrato à AFA, e as quatro vias no prazo de dez dias, se não o fizer o jogador pode se considerar “*libre de contratación*¹⁴⁴” (art.3/3) ou “*en libertad de contratación*¹⁴⁵” (art.4). Na Lei Pelé, essa

¹⁴¹ Disponível em: <http://www.agremiados.com.ar/>. Acesso em 05 de janeiro de 2017.

¹⁴² Disponível em: <http://www.afa.com.ar/>. Acesso em 05 de janeiro de 2017.

¹⁴³ No Brasil, segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), os atletas profissionais de futebol (código 3771-10) pertencem ao grande grupo dos atletas profissionais (código 3771), compreendido como aqueles que “tomam parte como profissionais em competições e provas esportivas. Participam, individualmente ou coletivamente, de competições esportivas, em caráter profissional (CBO, 2010, p.677). Ainda segundo a CBO, os profissionais desse grupo não necessitam de escolaridade formal para trabalhar.

¹⁴⁴ “livre de contratação”.

condição do atleta aparece indicada como “passe livre” ou “livre para transferir-se”; na mídia especializada, costumam ser chamados de “sem clube” quando saem de um clube grande, e “desempregados” quando saem de um clube pequeno. Nas equipes de jogadores desempregados dos sindicatos, eles são chamados de “jogadores sem contrato”. Em inglês, os sindicatos usam a expressão “*out of contract players*” que pode ser traduzida como “jogadores fora de contrato”.

Sem contrato, livres de contrato ou fora de contrato, todas essas designações são utilizadas para nomear a situação de jogadores que não exercem momentaneamente a função de jogador em um clube profissional. Contudo, isso não significa que esses atletas estejam sem uma ocupação ou sem desenvolver uma atividade remunerada. Porém, se o atleta pretende manter-se trabalhando como jogador, ele não pode apenas esperar a oportunidade ou sair batendo nas portas dos clubes. Há uma série de cuidados com o corpo aos quais ele precisa estar atento durante o período sem clube.

No convênio coletivo de trabalho argentino, estão expressas 11 obrigações do futebolista (557/09, art. 17, §2), das quais três são relevantes para se entender essa “necessidade” de manter-se ativo mesmo sem emprego:

- 1) “Manter e aperfeiçoar suas atitudes e condições psicossomáticas para o desempenho da atividade”;
- 2) “Jogar com vontade e eficiência, pondo na ação o máximo de suas energias e toda a sua habilidade como futebolista”;
- 3) “A ajustar seu regime de vida às suas obrigações”.

A Lei Pelé, por sua vez, explicita apenas três deveres do atleta profissional (Art.35), das quais, duas se remetem a esse mesmo ponto:

I - participar dos jogos, treinos, estágios e outras sessões preparatórias de competições com a aplicação e **dedicação correspondentes às suas condições psicofísicas e técnicas** (grifos meus);

II - preservar as condições físicas que lhes permitam participar das competições desportivas, submetendo-se aos exames médicos e tratamentos clínicos necessários à prática desportiva.

¹⁴⁵ “em liberdade de contratação”.

Nos dois casos, mais explicitamente no convênio argentino, há a ordem de que o jogador deve ajustar sua vida ao seu trabalho. É sabido que, nos contratos entre os clubes e os jogadores, não raramente, são adicionadas cláusulas referentes a penalizações por conduta que coloque em risco o corpo do atleta e/ou a imagem do clube.

Essas condições são vistas pelos jogadores como sacrifícios necessários para se manter na profissão.

Pero, bueno, y después como decia[...] hay que sacrificar muchas cosas, porque cuando todos despejan vos trabajas, el sábado, el domingo, que es el día que la gente vai el descansa. Es su trabajo, trabajas toda la semana para eso. Tiene que cuidarse de su alimentación, en las salidas... Pierdes muchas cosas, yo en cuatros años y medio estuve afuera, uno pierde el día con la familia, con amigos, se pierde [...]. Se pierde en unas cosas y se gana otras. En la verdad es un mundo que te tienes que gustar, tienes que tener pasión si non no te vá a gustar [Sebastián, 31 anos, Jugadores Libres].

Martín também cita *la pasión* como componente imprescindível para ser jogador.

Estas haciendo un trabajo donde es muy vocacional, es puro sentimiento, después, puede tener la suerte o no de vivir muy bien o muy mal, sobretodo porque estás trabajando en algo que te da pasión, eso que para mí es lo mas importante, creo que en todo aquilo que trabajas se hace con pasión es mucho mas gratificante que cualquier otra cosa. Después, las cosas que vives, tienes horas diárias, hace un juego... la gente, no se, para alquilar en un fin de semana cualquier una canchita de cualquier lado están alquiladas, tiene que poner plata, por acá se hace todos los días y te pagan, eso es... están pagando para hacer un juego que vos juegas de chiquito y es lo que más te gusta. Esa es una realidad, después tiene muchísimas realidades, pero, bueno, es una elección [Martín, 29 anos, Jugadores Libres].

O atleta ressalta, como vantagem de seu trabalho, poder jogar futebol todos os dias e ainda ser pago para isso, embora expresse que essa não é a realidade de todos. Sebastián também fala sobre os prazeres de ser jogador:

pero también hay cosas muy buenas: el tema de jugar, que alguien se juega contento o más como desempeñas vos, puedes ser feliz alguien por ter hecho un gol, e como es un momento en que la gente vá a divertirse, a ver un partido, y que a uno se le puede dar esa alegría o tristeza, [...]. Eso es una experiencia que es increíble. La pasión que genera el futbol, que genera poder estar adentro del fútbol es impagable, no le encontré en otras actividades [Sebastián, 31 anos, Jugadores Libres].

Sebastián cita poder fazer os outros felizes como ponto positivo da profissão. Paulista também fala um pouco sobre as emoções:

Assim, o futebol, como eu te falei, Marina, para mim, independentemente se, aoje, eu estou desempregado, o jogador, o cara que é o jogador, o cara sabe. O cara, poxa... você tá dentro de campo, ali, jogando com tantas pessoas no estádio, aí, você disputando um campeonato bem interessante... só a gente que é jogador sabe a emoção que a gente sente. Então, nessa parte aí eu sou muito feliz. As coisas foram do jeito que Deus permitiu, entendeu? Eu tenho que agradecer a Deus todos os dias, né? Porque sou muito grato por ele ter me dado essa oportunidade de viver o futebol, porque é uma profissão maravilhosa. Difícil, mas maravilhosa [Paulista, 27 anos, Expressão Paulista].

Paixão de jogador para saciar a paixão do torcedor e a felicidade de ambos. A paixão no incontível da vitória para o torcedor e o jogador. O grande sonho de ser campeão. E o sonho do jogador, diferente do torcedor, de fazer o que deseja e quer. Trabalha para o que quer, ainda que ele e o torcedor estejam funcionando como capital humano. Com ou sem racionalidade neoliberal, o futebol ainda é a grande paixão de brasileiros e argentinos, e um grande negócio lucrativo para FIFA, federações, clubes, empresários e jogadores empreendedores de sucesso. O futebol se joga praticamente com as mesmas regras, poucas e conhecidas de todos; acontece nos estádios para uma massa de torcedores, atualmente, restrita à renda do torcedor nas imperativas e caras arenas; envolve especialistas de variadas áreas de saber por dentro e por fora do clube; valiosíssimas transmissões televisivas globais; programas esportivos; programáticas e jogos eletrônicos; marcas esportivas; bebidas alcóolicas ou não; um expansivo mercado em que se exige *protagonismos* de atletas resilientes e amor obediente pelo clube que o emprega. Torcedores sócios de clubes, torcedores vestindo uniformes de clubes, crianças, jovens, mulheres e homens tomados pela paixão em 90 minutos (mais os acréscimos) de partida, em muitos jogos, taças, troféus, títulos, só para a felicidade de ser campeão ou se preparar para a próxima temporada. A felicidade do mercado, entretanto, não é parelha à paixão; ela é calculada e lucrativa; a do torcedor é apenas uma sensação; e a do jogador comum, a de apenas permanecer jogando, contratado ou em busca de um contrato. E todos marcam seus gols!

4.6.1. Emuladores de clubes: equipes de jogadores sem contrato

O mercado exige do jogador desempregado a mesma conduta e cuidados do corpo que ele teria trabalhando em um clube. Mas os jogadores não fazem isso porque assim está escrito na lei, o fazem porque sabem que sem isso as chances de voltar a jogar diminuem. Em suma,

o desemprego é sempre eminente, mas estar desocupado é algo raro para quem quer manter-se na profissão.

No início dos anos 1970, Afonsinho conta que, durante o seu enfrentamento com a diretoria do Botafogo, que não o deixava jogar e nem liberava seu passe por questões políticas, o preparador físico do clube na época lhe emprestou uma bola e alguns cones para que continuasse a treinar. Ele continuou a treinar no Rio Vermelho durante o tempo que esteve com seu passe preso ao Botafogo; treinando sozinho até conseguir a liberação de seu passe¹⁴⁶.

No ano de 2015, para não perder o preparo físico durante um período de desemprego¹⁴⁷, após ser despedido do Flamengo, o goleiro Luiz Felipe Ventura dos Santos, mais conhecido como Felipe, possuía um *staff* próprio, contratado para mantê-lo treinado e em forma, de maneira similar aos treinamentos do clube, para assumir prontamente a sua posição em alguma oportunidade de emprego. Naquele período, o goleiro contratou um técnico particular com auxiliares para treinos técnicos e físicos, quatro horas por dia, fazendo dieta e reeducação alimentar, chegando a estar mais em forma durante seu período sem clube do que quando atuava pelo Flamengo, segundo afirmou o preparador físico em reportagem.

Na época de Afonsinho, o preparo físico já era importante, embora o ritmo e as referências de jogo do futebol fossem outros. De Afonsinho até Felipe, a valorização e o investimento no preparo físico dentro dos clubes se intensificaram, assim como a necessidade de dedicação exclusiva ao futebol pelo aumento da competitividade. Afonsinho cursava medicina na UFRJ paralelamente à carreira de jogador de futebol de “clube grande”, algo distante da situação de Felipe, jogador com dedicação exclusiva e condições de se manter em treinamento de alto rendimento mesmo sem emprego.

No entanto, a realidade de Felipe é uma exceção se comparada à da maioria dos jogadores da atualidade, que circulam mais entre os clubes e fora deles, em contratos de três meses, jogando no mesmo ano na segunda e na terceira divisão de campeonatos locais e em campeonatos de várzea. Alguns jogadores nessa situação de desemprego sazonal recorrem às equipes de jogadores sem contrato, mantidas por sindicatos de atletas que oferecem treinamentos para jogadores profissionais.

¹⁴⁶ Afonso Celso Garcia Reis, mesa “Engajamento, democracia e bom senso”, II Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol, Museu do Futebol, São Paulo, 2014.

¹⁴⁷ Felipe passou cinco meses sem clube naquele ano, até ser contratado pelo Figueirense (Globoesporte.com, 2015).

No Brasil, há 18 sindicatos filiados à FENAPAF (Federação Nacional dos Atletas Profissionais de Futebol¹⁴⁸). Desses, ao menos cinco possuem projetos como o Expressão Paulista – equipe de jogadores desempregados do SAPESP (Sindicato de Atletas Profissionais do Estado de São Paulo). No caso argentino, a FAA é a única representante dos jogadores argentinos, com uma única equipe de jogadores chamados de livres, em Buenos Aires. A FENAPAF e a FAA são filiadas à FIFPro América, divisão continental ligada a FIFPro¹⁴⁹, a união mundial de jogadores profissionais.

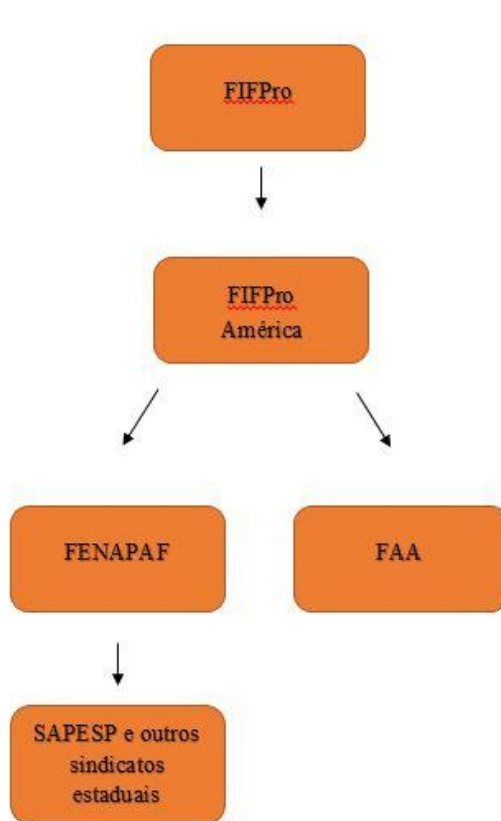


Figura 42: Organograma dos sindicatos de jogadores de futebol profissional no Brasil e na Argentina (2017).

A FIFPro é a organização que reúne os sindicatos de jogadores de futebol do planeta. Sua sede se localiza em Hoofddorf, na Holanda. Foi criada em 1965 com a intenção de se tornar um sindicato mundial de jogadores. Atualmente, representa mais de 65.000 jogadores, entre homens e mulheres (FIFPRO, 2013, s.p), dentre os seus 58 países membros. Conforme consta nos estatutos da entidade (FIFPro, 2007), as atividades da FIFPro são financiadas

¹⁴⁸ Criada em 2001 pelos sindicatos de atletas de SP, RJ, MG, RS, PE

¹⁴⁹ *Fédération internationale des Associations de Footballeurs Professionnels*. Disponível em: <https://www.fifpro.org>. Acesso em: 05 de janeiro de 2017.

principalmente por cota paga pelos sindicatos a ela associados, doações, eventos e partidas organizados pela entidade, e por parte da renda da Copa do Mundo FIFA e da Eurocopa (UEFA).

O primeiro registro feito pela FIFPro desse tipo de assistência de treinamento foi em 1985 no futebol italiano. Os primeiros campeonatos entre sindicatos começaram em 2004, após a experiência da organização de uma competição amistosa pelo sindicato alemão com os sindicatos da Bélgica, da França e da Holanda. A experiência redundou no primeiro torneio FIFPro em 2005, “a showcase event for out of contract players¹⁵⁰” (FIFPro, 2017). O evento foi organizado também na França, com a participação de três sindicatos além do francês: o da Inglaterra, o da Holanda e o de Portugal. Segundo a união mundial de jogadores, esses torneios objetivam que os jogadores fora de contrato exponham seu preparo físico e seu talento para um público de técnicos e clubes em um esforço para continuar a carreira de jogador profissional.

Ao final dos anos 2000, sindicatos de jogadores de vários países da América do Sul começam a aderir à prática. No Brasil, o Expressão Paulista, do Sindicato dos Atletas Profissionais de São Paulo, funciona desde 2006.

De maneira geral essas equipes, tanto no Brasil quanto na Argentina, oferecem, ao futebolista sem contrato, espaço e materiais para que continuem treinando enquanto não se reinserem no mercado de trabalho, simulando as condições de treinamento de um clube, pois mantidas com a arrecadação do próprio sindicato¹⁵¹.

Esses projetos têm como premissa manter atletas sem contrato profissional ativos na profissão para que possam responder prontamente a uma possível demanda de trabalho ou, como aponta uma reportagem de 2013, “deixam os jogadores prontos para o momento em que o mercado autorizar sua entrada em campo” (GONÇALO JUNIOR, 2013, E5). O mercado, nesse sentido, funciona como árbitro na circulação desses jogadores pelo planeta.

A equipe da SAPESP existe desde 2005. Funcionou, inicialmente, no Parque da Aclimação, posteriormente, no ABC Paulista e, desde 2012, acontece no campo da Associação Esportiva Mooquem, no bairro da Penha, Zona Leste de São Paulo.

¹⁵⁰ “um evento de referências para jogadores fora de contrato”.

¹⁵¹ As principais fontes de arrecadação da SAPESP são as contribuições dos associados, juros de títulos e depósitos e doações (SAPESP, 2013). No caso argentino, os clubes são responsáveis por recolher dos atletas e repassar a cota sindical à FAA. Além disso, a AFA deve organizar duas partidas anuais da seleção nacional – convocada com jogadores locais, desde que as datas não entrem em conflito com os interesses da instituição – em benefício do sindicato (557/2009).



Figura 43. Jogadores do Expressão Paulista em treinamento no campo do Mooquem (2015).

Já a equipe de *Jugadores Libres*, realiza seus treinamentos em um dos campos da *Armada Argentina*, na cidade de *Vicente López*, município da grande Buenos Aires.



Figura 44. Entrada do campo de esportes da Armada Argentina (2015).

Ambos os projetos funcionam como espaço de passagem de atletas que buscam manter-se em atividade, conservando o corpo preparado para servir a um clube, enquanto

encontra-se em período sem contrato profissional entre as incertezas sobre seguir ou não na profissão.

Entre o **desemprego** e a **desocupação**, há esses clubes que mantêm os jogadores ocupados, sem remuneração, para que estejam sempre aptos a serem negociados. Conectam-se à visibilidade exigida pelo mercado, são constitutivos desse mercado neoliberal.

4.6.2. Expressão Paulista e *Jogadores Libres*

Tal qual um clube profissional, a Equipe do Expressão Paulista possui uma comissão técnica que, em 2015, contava com o técnico Gerson Caçapa, o preparador físico Agnaldo da Silva Mota, o Guina, o preparador de goleiros Júlio Cesar Bonfim¹⁵², o fisioterapeuta e massagista Cícero da Silva e o psicólogo Ricardo Miura.

Todos os integrantes tiveram algum envolvimento anterior com o futebol, como jogadores, entre os anos 1980 e 1990. Guina jogou no Sport Club Corinthians e no Sport Clube do Recife, Júlio Cesar foi goleiro no Corinthians e no Londrina Esporte, e Caçapa, ex-volante no Palmeiras e na Série B italiana. Todos buscaram dar continuidade às suas carreiras no futebol quando já não puderam mais estar em campo como jogadores. No final de 2015, Caçapa foi convidado a ser técnico por um time na Itália, e foi substituído por Guina. Júlio Cesar, que parou de jogar por causa de uma contusão na mão, disse nunca ter imaginado, em sua época de jogador, que o Guina, um dia, se tornaria preparador físico.

Os treinamentos, no Expressão, acontecem às terças, quartas e sextas, intercalando treinamentos físicos e técnicos preparados pela equipe, simulando, na medida das possibilidades, a rotina de um clube profissional. A equipe mantém o grupo com um número de 30 a 40 atletas participantes.

Para se ingressar no projeto, o atleta precisa comprovar seu vínculo empregatício com algum clube pelo período mínimo de seis meses e estar sem contrato por no máximo um ano; apresentar atestado médico que o libere para praticar atividades físicas de alto rendimento; ser sócio da SAPESP (isento de anuidade).

No início de sua participação, o atleta recebe um kit de uniforme emprestado, pelo qual um cheque caução no valor de custo do material é depositado ao sindicato. Embora o projeto coloque regras à participação dos jogadores, visando ao compromisso deles com os treinamentos, na prática, algumas dessas condições são difíceis de serem mantidas, como

¹⁵² Conselheiro fiscal da SAPESP e preparador de goleiros no Expressão Paulista.

expressa Júlio César: “Isso aqui não é alto rendimento. Não dá para exigir demais dos atletas porque eles têm que fazer outras coisas”. Para a comissão técnica, o ritmo também é outro: “hoje eu ganho metade do que ganhava [no Audax], mas levo minha filha no colégio. Não tem pressão por resultado, pois é o sindicato que mantém [a equipe]” [Júlio César Bonfim, 49 anos, preparador de goleiros do Expressão Paulista].

No campo do Mooquem, os jogadores se trocam no vestiário, colocam o uniforme e assinam uma lista de presença. Alguns tomam lanche e batem papo entre eles e com os integrantes da comissão técnica. Em campo, recebem as instruções do treinamento.



Figura 45. Jogadores do Expressão Paulista recebem instruções no início do treino (2015).

O treino acaba ao meio dia e de lá, muitos dos jogadores vão cumprir outras atividades. Juninho vai para a faculdade em Santo Amaro, onde cursa educação física. Paulista, trabalha à tarde em uma empresa onde é atendente de telemarketing. Nos dias nos quais não está no projeto, ele treina em uma academia do lado da empresa, no bairro da Sé.

De manhã, segunda, quarta e sexta eu vou treinar no Expresso, aí eu saio de lá, venho para o centro, almoço, treino na academia quando dá tempo, né? Aí três horas eu entro para trabalhar e saio nove horas da noite, entendeu? Porque, assim, como eu gosto muito do futebol e têm algumas pessoas que ainda pedem para eu manter a forma física, porque pode aparecer alguma coisa interessante, eu tô me cuidando.

Porque eu não sei, né, vai saber... se aparecer alguma coisa... porque eu tô procurando alguma coisa agora fora do país, né? Sei que não é fácil, mas eu tô tentando ver aí se consigo alguma coisa fora do país. Para ver se eu consigo voltar a jogar mesmo, conseguir dar uma sequência legal aí. Porque o que falta para mim também é dar sequência. De ter não só seis meses, mas um ano no clube. Acho que a sequência hoje no futebol é importantíssima. Se o cara consegue dar uma sequência, ele consegue desenvolver um bom futebol, as coisas acontecem. É tudo assim também, rápido [Paulista, 27 anos, Expressão Paulista].

Além de preparação física e técnica, os atletas que compõem essa equipe recebem orientação profissional e acompanhamento jurídico em processos futuros de contratação. O sindicato disponibiliza um banco de currículos em seu site¹⁵³ com informações sobre atletas inscritos, contendo informações como: peso, altura, naturalidade, posição, fotos, clubes, títulos, vídeos, último clube pelo qual atuou profissionalmente e data de término do último contrato, nome e apelido.

Júlio Cesar argumenta que não é comum os clubes procurarem pelos jogadores no projeto, “o que acontece é algum conhecido que esteja trabalhando num determinado clube, acaba nos sondando sobre algum jogador ou posição que o clube precise, ou se tem algum jogador que se enquadre em sua carência ou necessidade, e alguns olheiros/empresário que sempre aparecem para dar uma olhada ou saber sobre jogos-treino para acompanharem”.

Segundo Júlio Cesar Bonfim, os clubes não costumam procurar os jogadores na sede da SAPESP ou no local de treinamento, mas, assim, nos momentos de competição quando há uma maior visibilidade dos atletas no mercado, uma vez que não dispõem dos grandes meios de comunicação para exibi-los.

4.6.3. Competições

Como parte do treinamento, o sindicato realiza jogos amistosos com equipes de clubes profissionais (Santo André, categorias de base da Portuguesa, Grêmio Esportivo Mauaense) para que os atletas possam manter-se competitivos e, também, como forma de expô-los ao mercado local. Por vezes, após esses jogos, acontece de algum atleta sair empregado pelo clube adversário.

¹⁵³ Disponível em: <http://www.sindicatodeatletas.com.br/jogadores> . Acesso em 06 de janeiro de 2017.

Nesse sentido, os sindicatos também participam de campeonatos de maneira similar às federações da modalidade, com o intuito de “exibir” os desempregados para empresários e “olheiros” de várias partes do mundo.

Em 2013, os jogadores do Expressão participaram dos Jogos Simulatórios Copa 2014, campeonato criado com o objetivo de “Avaliação do Impacto Fisiológico da Sobrecarga Térmica em Jogadores de Futebol Profissional”. Essa avaliação teve como objetivo subsidiar o argumento do sindicato contra jogos disputados em horários de incidência solar mais forte. Os atletas excursionaram por Manaus, Fortaleza, Brasília e São Paulo, em jogos sem público espectador.

Desde 2011, a FIFPro América realiza um campeonato anual de jogadores sem contrato. Na Europa, o mesmo evento acontece desde 2005¹⁵⁴. Segundo o sindicato peruano de jogadores, organizador do evento em 2013, o campeonato “Vem ganhando prestígio e cada vez se torna mais atrativo para os jogadores” (SIFUP, 2012, s.p). Rinaldo Martorelli, goleiro aposentado¹⁵⁵, é presidente da SAPESP, FENAPAF e da FIFPro América.

Por ocasião do III Torneio de jogadores livres¹⁵⁶, em 2013, Martorelli ressaltou:

É um mérito enorme da FIFPro a organização desses campeonatos, porque, não somente se preocupam com o tema da proteção dos direitos dos futebolistas, como [estes], ao participar [do torneio] podem mostrar suas condições para, assim, lograr um contrato de trabalho, já que a maior felicidade de um futebolista é poder estar em campo (Rinaldo Martorelli, SAFAP, 2013, s.p).

O título de campeão, embora desejável em qualquer campeonato, no caso das competições organizadas pelos sindicatos, é um objetivo secundário. Da mesma forma que na SuperCopa CompreBem, o alvo principal dos jogadores era conseguir integrar-se ao Pão de Açúcar Esporte Clube, no caso dos desempregados, o objetivo principal é sair da competição com uma boa oportunidade em algum clube. Porém, ao contrário do que acontecia na seleção dos garotos do Audax, o objetivo não é conseguir uma vaga em um projeto social, mas, sim, sair de um deles.

¹⁵⁴ O FIFPro América dá direito a uma vaga no Mundial de jogadores sem contrato.

¹⁵⁵Rinaldo Martorelli: goleiro nos anos 1980 e 1990 atuou em clubes como o Palmeiras, Náutico, Portuguesa, Taubaté, São Caetano e Esporte Clube Pelotas.

¹⁵⁶ No Brasil, o termo “jogadores sem contrato” é mais usado quando os sindicatos se referem aos desempregados. Porém, o termo jogadores livres – tal como na Argentina – é amplamente utilizado nos nomes das competições da FIFPro América. Tal liberdade, no entanto, diz respeito apenas aos assujeitamentos do atleta nesse mercado futebolístico.

Os jogadores vão ao torneio em busca de um contrato ou, no mínimo, de uma visibilidade mais ampla no mercado, tendo em vista que os principais espectadores, e não torcedores, da competição são agentes, dirigentes, olheiros, treinadores e outros integrantes de comandos técnicos que têm dentre suas funções descobrir talentos, selecionar jogadores para compor as equipes nos clubes profissionais nos quais trabalham, por intermédio de jogos amistosos e campeonatos específicos esperam ser mostrados e competitivos.

O Torneio FIFPro América talvez nem seja o mais importante deles, pois em muitos desses amistosos com clubes de menor expressão midiática e, algumas vezes, com os de maior exposição midiática, os jogadores acabam contratados pelo oponente. Interessante notar que, ao menos no caso brasileiro, os jogadores não estão interessados em qualquer clube, ficando muitos deles à espera de um contrato no exterior ou de algum clube que lhe apresente garantias de cumprir o pagamento do contrato, o que não raramente acontece.

E, acho que, hoje, com 27 anos eu estou desanimado a jogar no Brasil. Porque infelizmente aqui... claro, estou sem mercado, mas também futebol é assim: do nada você está jogando um campeonato amador aí que nem eu jogo, todo sábado e domingo, né? eu jogo, então, querendo ou não, as pessoas estão vendo, né? E eu querendo ou não, aparece uma proposta ou outra, né? Só que, vamos supor que apareça uma aí, eu não sei. Se for aqui em São Paulo, ou se for aqui no Brasil, eu não sei se eu me interesso a voltar a jogar porque não tá dando mais pra jogar. Não está dando mais pra jogar aqui, porque, acho porque tá muito desrespeito [...] Então, eu ainda tenho esperança de aparecer alguma coisa para fora do País. Aqui, em São Paulo, se aparecer, eu não estou muito animado não. Mas... eu ainda tenho fé que pode acontecer alguma coisa. Por isso que eu me cuido, por isso que eu vou lá para o Expresso. [...] E eu sigo aqui a minha vida, depois que eu termino lá, venho para cá e faço o meu trabalho. Para não ter problema de ficar sem dinheiro, né? Acho que é importante também [Paulista, 27 anos, Expressão Paulista].

Os sindicatos do Peru e Chile estimam que cerca de metade dos jogadores que participam do evento encontram um novo clube (SIFUP, 2015). No Torneio FIFPro América de 2013, no qual o Brasil foi 4º colocado, cerca de duzentos empresários de vários países foram assistir às partidas (GONÇALO JUNIOR, 2013, E5).

As competições internacionais podem funcionar como diferencial no currículo dos jogadores. No torneio de 2013, um jogador alcançou a página de alguns jornais por ter voltado do Peru contratado. Ao final do torneio, o jogador brasileiro Ramon, na época com 22 anos, a despeito do quarto lugar alcançado com a equipe, ganhou o prêmio de jogador mais valioso da competição (SAFAP, 2013b).



Figura 46. Ramon recebendo o prêmio de jogador mais valioso do torneio (2013).

Na ocasião, Ramon recebeu propostas de clubes peruanos e foi contratado pelo Esporte Clube Primavera, localizado em Itaiatuba, no estado de São Paulo. Que disputava a Série B, a quinta divisão do Campeonato Paulista.

O torneio FIFPro América de 2015 produziu um guia para os assistentes acompanharem a competição (FIFPRO AMÉRICA, 2015). O guia contava com a programação das partidas, equipes participantes (SP, RJ, SC, RS, RN, CE) com informações básicas dos atletas (nome, nascimento, altura e último clube) e da comissão técnica. E o Hino Nacional na abertura.

Nesse guia, há um espaço com um campo desenhado para anotar a formação dos jogadores em campo, em cada partida, para que os assistentes possam acompanhar e identificar os jogadores pelo posicionamento em campo e fazer as suas anotações.



Figura 47. Espaço para anotar o esquema tático de cada equipe em cada jogo (2015).

Nessa seleção, os jogadores são identificados pelo país e número, sem nomes. Algo não muito comum em guias de campeonatos convencionais que, geralmente, apresentam jogador por jogador identificados por nome e número. O guia ressaltava como ponto forte do plantel carioca, a equipe brasileira daquele ano, a sua força física que sobressaia diante das demais equipes.

Até a edição de 2015, em cada ano, uma equipe de um sindicato representava o Brasil levando a sua delegação. Em dezembro de 2015, a FENAPAF realizou o I Torneio de Jogadores Livres para selecionar a equipe que jogaria o campeonato da FIFPro América no início de 2016, na Costa Rica. O campeonato aconteceu na cidade de Itu, interior de São Paulo, em um Resort. A equipe da SAPESP venceu a do sindicato do Ceará nos pênaltis, mas Juninho não participou desta competição, pois as datas coincidiam com suas provas finais na faculdade.

Foram convidados, para o evento, representantes de todas as séries do Campeonato Brasileiro e o até, então, técnico da seleção brasileira, Dunga, que não compareceu.

Com base nesse torneio, uma seleção foi formada para a competição internacional, sete atletas de São Paulo, seis do Ceará e cinco do Rio de Janeiro (os três primeiros colocados do torneio), mais um atleta do Rio Grande do Sul e outro do Rio Grande do Norte.

No Expressão, Júlio Cesar Bonfim, que também faz as estatísticas dos times, afirma que a rotatividade de jogadores na equipe é grande e que, assim deve ser, devido ao caráter

temporário do projeto. Segundo ele, cerca de 50 atletas passam pela equipe por ano, dos quais, alguns atletas acabam retornando.

Dos jogadores que conheci no projeto, alguns se empregaram em clubes na região metropolitana e no interior de São Paulo, e outros saíram para jogar no Marrocos, na Polônia e na China, e em divisões inferiores na Espanha. São atletas vindos, em sua maioria, de São Paulo (Osasco, Barueri, Taboão da Serra, etc) e do grande ABC (Diadema, São Bernardo do Campo, Mauá e São Caetano). Júlio recorda-se de apenas três jogadores de fora da capital. Como o prazo máximo para permanecer no projeto é de um ano, para voltar a participar dos treinamentos o atleta precisa ter se recolocado no mercado antes.

Até o final de 2015, também era cinquenta o número de atletas “recolocados no mercado” desde o início do projeto (em 2015, dez atletas se empregaram). Em geral, a recolocação desses atletas se dá em circuitos menos nobres em relação ao espetáculo futebolístico, como as séries A2, A3 e B do Campeonato Paulista, primeira/segunda divisão de outros estados, como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Amazonas, Ceará, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Interessante notar que à exceção de Rio de Janeiro e Minas Gerais, os outros estados mesmo não estando no centro econômico do espetáculo, são fundamentais na manutenção da circulação desses jogadores.

Quanto ao público do Expressão, assemelha-se ao do Audax da época do Pão de Açúcar, porém sem o investimento em cativar esse “torcedor”, estimulado pelo *branding* da marca do grande grupo da indústria alimentícia. São empresários, olheiros, familiares, sobretudo os pais, mas, também, as mães. Esse público nem sempre está nas arquibancadas torcendo, mas ao redor do campo, observando atentamente os seus filhos. À exceção do projeto da FAA na Argentina, essa era uma cena comum durante os treinos.

Em uma visita ao treinamento do Expressão, um desses pais despertou comentários da comissão técnica. Era o pai de Lucas Lopes Esídio, o Ferrugem, lateral esquerdo, de 22 anos. À beira do campo, distante de onde ocorriam as atividades, o pai se aproxima da pesquisadora e começa a assuntar. Pensou primeiro que se tratava de uma jornalista e, depois, começou a contar os seus projetos para o filho. Ferrugem estava então com vinte anos e tinha um filho de quatro. O pai, professor aposentado do ensino público, contava com Ferrugem para “melhorar de vida”.

Fomos interrompidos pelo psicólogo do projeto que queria relatar mais sobre os atletas. Enquanto isso, o pai de Ferrugem inicia um “trote” ao redor do gramado. Nisso,

Guina, o preparador físico, comenta: “esse aí – se referindo a Ferrugem – o pai quer ser mais jogador do que ele”. E o pai continua correndo ao redor do campo.



Figura 48. Pai de Ferrugem observa o treinamento (2015).

Caçapa inicia uma pequena discussão com o pai, reclamando sobre as ausências de Ferrugem nos dias de treinamento físico, que o pai julga desnecessário, pois tem aparelhos para isso no prédio onde moram. Em 2016, após cerca de seis meses sem contrato, Ferrugem retornou ao Guaratinguetá, mesmo clube do qual havia saído em 2015, transferindo-se para o *Club Lemos* no meio do ano para a temporada 2016/2017 da *Segunda Autonómica*, campeonato regional da Galícia, equivalente à 7ª divisão do campeonato espanhol.

Mas nem todos ali estão por conta do projeto, como no caso de Ferrugem. Muitos fazem “bicos” durante o período da tarde, após o treino, para se manter enquanto aguardam propostas de clubes. Alguns acabam deixando o projeto para procurar emprego em outros mercados.

Esses contatos entre jogadores e ex-jogadores alimentam esse circuito, de forma que, não somente circulam entre si em decorrência de uma rejeição, como, também contam com certa colaboração entre eles. São jogadores, ex-jogadores e técnicos que se encontram pela vida entre um emprego e outro. “Mesmo clubes que parecem muito distantes podem se aproximar por conta de seus atletas. As movimentações são várias e intensas, em muitas direções, configurando-se um emaranhado de vidas que se entrecruzam desde cedo” (PALMIÉRE, 2015, p.142-143).

Souza do Audax comenta que foi parar no clube por indicação de Paulinho, quando este já estava no Corinthians. Os dois tinham jogado um tempo juntos no Bragantino. O

interesse do Audax por Souza ocorreu por ser um volante experiente, e com o objetivo de torná-lo uma referência para os atletas mais novos, pois tinha experiência em grandes clubes.

Em termos de posicionamento em campo, no Expressão predominam os laterais, volantes e zagueiros. Estes têm mais mercado, proporcional com os esquemas táticos modernos e mais defensivos, embora sejam os menos procurados na equipe.

Na equipe de Jugadores Libres da FAA, cerca de 1200 jogadores já passaram pelo projeto. Destes, estima-se que 35% saíram empregados em clubes dos torneios federais A e B e da Primera B Metropolitana, como Defensores de Belgrano, Acassuso, Deportivo Armenio e vários clubes do exterior (Vietnã, Indonésia, Singapura, entre outros). A maioria dos atletas que lá aportam vêm da Capital Federal ou da Grande Buenos Aires, permanecendo cerca de seis meses treinando na equipe.

Há um equilíbrio entre os posicionamentos em campo. Da mesma forma que no caso paulistano, o técnico e o preparador físico são ex-jogadores. Sebastián conheceu a equipe na primeira vez que voltou da Itália sem clube.

Havia vuelto de Itália y no tenía adonde entrenar, estaba acá havia unos dos meses más o menos, y, bueno, me apresenté, me aceptaron, me dejaron entrenar, y cada vez que volvía entrenava con ellos y la última vez que ya volvi para quedarme empezé a entrenar de nuevo [Sebastián, 31 anos, Jugadores Libres].

Martín conheceu a equipe em um amistoso do qual participou quando jogava pelo Deportivo Armenio.

Hace un año, estuve averiguando porque cuando havia estado en Armenio, un amistoso que habíamos hecho y me acordé. Yo en ese momento había vuelto de Uruguay y hacia dos, tres meses que ya no hacia nada, digamos, y yo tenía que seguir jugando. Empezé a averiguar como seria la forma y me acordé que había jugado un partido con el Gremio y averigué...[Martín, 29 anos, Jugadores Libres].

Da mesma forma que no caso brasileiro, em se tratando do Expressão, Paulista e Juninho consideram-no como um lugar de espera da boa oportunidade. Na Argentina, Martín e Sebastián já tiveram mais de uma passagem pela equipe *Jugadores Libres* e recorrem sempre a ela toda vez que ficam sem clube. Enquanto houver a esperança de um contrato que os remunere bem, os jogadores não dispensam os treinos.



Figura 49. Equipe *Jugadores Libres* durante treinamento (2015).

No caso argentino, as exigências para treinar no clube são similares:

solo tiene que ser jugadores profesionales y tienen que estar libres. Esas son las condiciones para poder entrenar ahí... después, la idea es no estar mucho tiempo ahí, desde que te brinden en entriamiento para que esteas en competencia y cuando surja un equipo que te há interesado, puedas partir. Se hacen partidos amistosos con equipos para poder estar junto a equipos profesionales y todo. Y as veces algunos jugadores pasan en estos equipos [Sebastián, 31 anos, Jugadores Libres].

A rotina de treinamentos é diária, de 2^a a 6^a, das 9 às 12. Não há partidas aos sábados e domingos.

Hacemos praticamente lo que se hace en cualquier equipo, pero con la diferencia que no somos un equipo, no competimos, no tenemos la competencia que tiene un equipo profesional [Sebastián, 31 anos, Jugadores Libres].

A competição a qual Sebastián se refere é a entre equipes. Porém, esses jogadores estão sempre competindo uns contra os outros ou consigo mesmos por um contrato no jogo do futebol neoliberal.

Es algo como le decía, a veces no sabes donde vas a vivir, en que ciudad o en que país también. Uno que tiene familia por ahí tiene que ser aun trabajador [Martín, 29 anos, Jugadores Libres].

Semelhante ao caso brasileiro, os jogadores desempenham outras atividades para se manter. Martin treina de manhã, à tarde, fica com as filhas e trabalha à noite em um bar.

Hablando de mi rutina en si yo, bueno, yo tengo que trabajar también. Entonces, bueno, me levanto a la mañana resuelvo quien cuida mis hijas en este momento y vengo a entrenar. Bueno, entreno y normalmente por hoy estoy haciendo un horario diferente de que hacía, entonces entreno por la mañana, vuelvo a casa, veo a mi familia y a la tarde me voy, tipo 6 de la tarde, me voy a trabajar y vuelvo dos y media, una de la noche [Martín, 29 años, Jugadores Libres].

Dos jogadores entrevistados, Martin foi o que transpareceu, em seus discursos, menos reconhecer jogar futebol como um trabalho. Todos se referem ao futebol como trabalho, mas sempre há momentos em que dizem que além de jogar futebol têm de trabalhar.

Fora de campo, os sindicatos prestam outras assistências específicas a esses jogadores:

tienen la parte de cobertura médica, tienen también, además brindan muchos cursos. Por ejemplo: hay chicos que non terminan el colegio e los ayudan a terminar el colegio. Tienen becas para estudiar en la universidad, hacen cursos... nosotros ahora en miércoles tenemos un curso de RCP – Reanimación Cardiopulmonar [primeiros socorros]. Es para que se cale alguien, se carece de un paracardiaco o algo. Socorro, seria [Sebastián, 31 años, Jugadores Libres].

Esses cursos abrangem tanto temáticas úteis aos jogadores para se manter em condições de ser empregado (nutrição, primeiros socorros), quanto para gerenciar sua carreira (gestão financeira, confecção de vídeos, oratória desportiva, curso de línguas), e, também, visando à preparação do atleta para outros mercados (instrutor de futebol, colégio, universidade).

No caso argentino, são oferecidos cursos de línguas e bolsas de estudos para completar o ensino médio ou ainda uma carreira universitária, além de palestras e oficinas para se aprender um novo ofício ou aprimorar o jogador como capital humano para o mercado da bola.

4.7. Jogar e torcer

Jogadores, ex-jogadores, empregado, desempregado, pensando ou não em parar, antes de serem atletas, todos eles foram torcedores/*hinchas*. Perguntei aos entrevistados o que mudou para eles como torcedor depois que passaram a jogar profissionalmente.

A dimensão do torcer também sofre mudanças. Todos os jogadores entrevistados disseram que se tornar profissional alterou a forma como enxergam o futebol da perspectiva de torcedores. Porém, ainda que a especialização técnica e tática do esporte redimensione a relação do jogador com o torcer, esta ainda permanece como parte da vida do jogador.

- Bueno, creo que antes de ser jugador que sos hincha... [Marina]
 — Si, seguro, si, si [Sebastián]
 — De cuál club? [Marina]
 — De Boca, soy hincha de Boca [Sebastián]
 — Y lo que cambió para vos como hincha, cuando pasó a jugar profesionalmente? [Marina]
 — Bueno, cuando uno empieza a jugar el fútbol y ve el fútbol de otra manera, estando/sendo jugador, existen muchos jugadores que van cambiando de club también, entiende también que la pasión del hincha no tiene nada que ver con la pasión de futbolista. Es una cosa totalmente distinta. Uno quiere que la hinchada... no se, a uno le encantarias jugar siempre por el club que fue hincha, pero muchas veces eso no pasa porque la vida te lleva a recorrer a otras otros clubes, otros caminos. Y uno se va siendo también hincha de todos los clubes donde estuvo. De eso le va depender de como se va uno, de como es tratado y todo. Pero ya pasa de ser hincha te pasa a un según plan. Uno analiza más al fútbol... pelo menos en mi caso. Trato de ver el futbol como un deporte y no como sendo fanatico de una hinchada. Eso creo que me cambió. Antes era muy hincha de Boca, ahora soy hincha de Boca, si, sigo siendo hincha de Boca pero no con la misma visión, no miro al futbol de la misma forma que lo miraba antes. Analizo otras cosas ahora. Obviamente la hinchada y todo es... la de Boca, sobretodo, es importantísima. Y es una fiesta, no sé se te tocó a ir a ver algún partido [Sebastián, 31 anos, Jugadores Libres].

Esse olhar analítico também foi mencionado por Martín:

lo miras más objetivamente y vee al futbol de forma más “neutra”, digamos, se puede decir. El hincha puede decir. El hincha no le reconoce. No se, se el equipo ganó está tudo barbaro, el jugador jugó bien, se el equipo perdió fue un desastre. Básicamente es ese el pensamiento. Lo mismo se pasa a un jugador. Se hace un gol es el mejor que hay, y se no, es un burro. Como que uno le gana vida más objetiva en este sentido. Conoces la vida de los jugadores y del equipo y [...] entonces sabes que también hay otras cuestiones. Sabe que jugador es un trabajo, y que lo pasa lo mismo, que hay otros intereses, después tiene que cuidar, que no es tan fácil, que hay un montón de cosas [Martín, 29 anos, Jugadores Libres].

Nessa confrontação das expectativas do menino jogador com o mercado do futebol profissional, muito do aspecto lúdico, fortemente presente na prática do futebol nas ruas e nas escolas, perde-se em meio às responsabilidades e aos desafios da profissão. Ainda assim, Martín e Sebastián dizem que são *hinchas* com entusiasmo e relatam que gostam de assistir aos jogos de futebol dos times para os quais torcem.

Si. Si, si, si. A mi me gusta. Yo soy un apasionado pero hay tenido mucho compañero que no. Que llegan en la casa y no veen ni la final de la Champions League [Martín, 29 anos, Jugadores Libres].

Dentre os brasileiros, assistir a jogos por prazer nem sempre significa assistir a partidas do time para o qual torce. No caso de Souza, que não se declarou torcedor, incomodou até mesmo assistir a jogos de qualquer equipe brasileira.

É, porque, hoje, você vê assim, sabe, você vê jogadores de qualidade se limitando a se desfazer da bola. Fazendo aquele jogo feio, horrível, virando praticamente um robô, e o técnico tirando essa liberdade de os jogadores ousarem. Mas esse é um assunto que rende muito, entendeu? Que vai ser difícil você quebrar, porque até mesmo por esses treinadores, hoje, até mesmo, se você for olhar, dos principais clubes aí, já estão na base dos 60 anos, aquelas coisas bem tradicionais, é coisa que eu acho que já tá meio que ultrapassado. Acho que deveria ter mais paciência, né? Para esses técnicos como o Marcelo Oliveira do Cruzeiro que é uma aposta, que veio do Coritiba, deixa ele lá trabalhar, sabe? Vamos ver o que vai acontecer. E deu coisa boa. Agora não pode você apostar num treinador novo e dá três meses de trabalho, dois meses e mandar o cara embora. Não tem continuidade. Aí não adianta você contratar aquele renomado, porque ele vai chegar lá, o que ele vai fazer? Vai jogar pelo resultado. Burocraticamente certinho, mas vai ser esse jogo feio. Acho que faltava dar mais oportunidade. Tem tantos treinadores novos que buscam conhecimento fora, sabe? Estão mais abertos a aprender, a ter essas coisas, do que esse pessoal aí, sabe? Esse da antiga que eu acho que ainda fica fazendo esse jogo feio que eu falo. Então eu não tenho muita paciência assim pra ver jogo não, fico inconformado por essa questão [Souza, 32 anos, Grêmio Osasco Audax].

Apesar de não ser jogador e trabalhar como auxiliar técnico, Bruno Pivetti também contou uma história interessante sobre essa relação com o torcer após começar a trabalhar com o esporte de alto rendimento. Segundo ele, essa relação

muda completamente. Eu sempre fui assim, eu comecei a trabalhar com futebol, na verdade, eu sempre digo, assim, que não fui eu que escolhi o futebol, foi o futebol que me escolheu. Porque eu, assim, eu nasci numa família numerosa e toda ela aficionada por futebol. Então eu, assim, eu nasci na cidade de Campinas e lá tem uma rivalidade monstruosa entre Guarani e Ponte Preta. E por minha família ser muito numerosa, ela é muito dividida entre bugrinos e pontepretanos. E meu pai, meus irmãos, meus avós paternos, todos eles são bugrinos fanáticos. Então eu vou em campo de futebol desde os cinco anos de idade e sempre fui confrontado com essa questão da rivalidade. Então, sempre em reuniões familiares eram os pontepretanos enchendo o saco dos bugrinos e os bugrinos enchendo o saco dos pontepretanos, e como é uma família, como eu já disse, muito numerosa, tinham campeonatos da família e tal. Então, eu sempre joguei futebol por lazer, cheguei a jogar futebol no Guarani, mas mais no campeonato interno, social, do clube. E também participava dos campeonatos da minha família porque, realmente, assim, minha avó teve dezenove filhos, para você ter uma

noção. Então, eu tenho mais de cem primos em Campinas. Então, assim, isso sempre foi muito aflorado desde os cinco anos de idade. Para o bom e para o ruim. Obrigou todo mundo a ser bem fanático para um dos dois clubes. E aí quando eu ingressei no futebol, quando eu me vi no sub-17, indo assistir jogos do Guarani como espião, pelo PAEC enfrentar o Guarani na próxima rodada, a paixão pelo clube se foi. Eu gosto até hoje, mas a paixão se foi. Me considero bugrino até hoje, gosto muito do Guarani, mas não sou... aliás, não foi a paixão que se foi, foi o fanatismo. E não tem como você ser fanático porque você se apega tanto ao seu cotidiano... porque assim, qualquer função profissional, se você está mal na sua empresa, você sabe e os funcionários, no máximo é externado à sua família. Quando você está mal no futebol todo mundo fica sabendo. Todo mundo fica te cobrando. Então, assim, é uma pressão muito forte. Eu costumo dizer que só trabalha no futebol quem realmente é muito competitivo. Eu sempre fui muito competitivo, então, a pior pressão que eu julgo é aquela que eu exerço sobre mim mesmo. Já tem a pressão interna e mais a pressão externa, acaba sendo insuportável. Então, realmente, quem se propõe a trabalhar com futebol, vive do resultado. E é realmente assim, você perdeu, você é um lixo, não presta e merece a morte. E se você ganhou, para mim, o que eu sinto mais nas vitórias é alívio, não é nem felicidade, é alívio. Uma atenuação da pressão que eu naturalmente já imponho sobre mim mesmo. Então, assim, sempre as equipes do Diniz¹⁵⁷ a gente costuma dizer que demora umas três, quatro rodadas pra engrenar, depois que engrena ela vai embora, porque é o modelo de jogo é distinto, até a gente achar os onze jogadores titulares, vamos dizer assim, até achar os onze jogadores dispostos a terem coragem para executar o modelo de jogo, demanda um certo tempo. E agora a gente estava pressionado, e na quinta rodada da competição nós pegamos o Guarani. E aí ganhamos de cinco a um, e cada gol eu vibrava como se fosse uma criança. Depois, eu liguei para o meu pai e ele disse: “Pô, seu palhaço! Você nunca me liga e me liga agora para tirar sarro do Guarani...” e tal. Então, assim, a paixão, o fanatismo eu deixo agora para a minha família. Agora, a gente que se propõe a trabalhar, perde quase que todo o fanatismo [Bruno Pivetti, auxiliar técnico Audax].

Se, dentre os jogadores argentinos, há uma menor preocupação em ocultar o clube pelo qual torcem, dentre os brasileiros, expor sua filiação clubística parece denotar certa falta de compromisso com o esporte como profissão.

4.8. Aposentadoria

Todos estão prestes a concluir em algum momento:

porque el fútbol termina, la verdad termina. Y para que después del futbol llegue a ver a una solución [Sebastián, 31 anos, Jugadores Libres].

Bueno, yo siempre tuvo que trabajar. En otra época estudiava también. Estudiava veterinaria, pero, bueno, por cuestiones del futbol, tuve que dejar. Y poco tienes elección también, porque... havia hecho como tres años pero no me llenava. [...] En realidad, a mi yo estoy ya en una edad que me

¹⁵⁷ Técnico do Audax.

gustaria saber lo que seguir o como seguir, o estudiar algo porque me interesa [...]. En la realidad es que as veces cuesta saber una vocación diferente. En el futbol, si, me encantaría seguir de alguna forma. Sobre todo entrenando y no de otra forma quizás [Martín, 29 anos, Jugadores Libres].

Aos 29 anos, Martín não gostaria de ser garçon depois de parar de jogar bola profissionalmente. Sebastián, aos 31, se prepara para esse momento, por dispor de mais tempo: “a mi paso dos años que volvi de afuera y con el tema de la vinoteca y todo no era lo que más me gustava y empieze con el tema de la ropa y me estoy muy enganchado, pero eso también es personal. No es fácil la vida de jugador de futbol...”[Sebastián, 31 anos, *Jugadores Libres*].

No entanto, entre os jogadores brasileiros pesquisados, Paulista, com 27, está tranquilo quanto à aposentadoria, enquanto Juninho, aos 22 anos, prepara-se para ser educador físico.

Juninho, atleta formado no PAEC e que, posteriormente, treinou no Expressão Paulista, começou a fazer o curso de Educação Física em uma faculdade em São Paulo (FMA) onde atletas renomados estudaram – Juninho citou os casos de Lais da ginástica e Maurren Maggi, do salto com vara. Porém, ao ser dispensado pelo clube, ele precisou se transferir para uma faculdade de mensalidades mais baratas (UNIP), pois não conseguiria pagar a anterior sem a bolsa do PAEC.

Dispensado do PAEC, Juninho continuou a priorizar o futebol como atividade econômica. Jogou durante um tempo no Jacutinga Atlético Clube (MG) e parou os estudos. Aos 22 anos, decidiu parar de priorizar o futebol. Retomou os estudos, dessa vez em uma terceira faculdade, a Unitalo, pois ficou com receio de não conseguir profissionalizar-se. “tenho amigos de 25 anos que não conseguiram se profissionalizar”.

Para voltar a jogar profissionalmente, Juninho aguarda uma proposta “realmente muito boa”, dentro ou fora do país. Enquanto isso, o atleta vai terminando seu curso, trabalhando como *personal trainer*, apitando jogos aos fins de semana e, eventualmente, jogando em campeonatos de várzea ou em jogos de “amigos de fulano”¹⁵⁸.

A várzea, semiprofissionalizada, é um “bico” frequente. Paulista, que trabalha em uma empresa como atendente de telemarketing, comentou que chega a receber 500 reais por uma partida.. Sebastián possui uma loja de vinhos e diz se descobrindo no ramo de venda de roupas. Martín é garçon em um bar durante a noite. Somente Souza, no Grêmio Osasco Audax, vive exclusivamente do futebol.

¹⁵⁸ Jogos amistosos nos quais jogadores famosos convidam amigos para disputar uma partida, geralmente com fins beneficentes.

A relação dos quatro jogadores com as outras atividades que desempenham é diferente. Para Paulista e Martín, o que desempenham é provisório, para não ficarem sem dinheiro; para Juninho e Sebastián, são vistas como uma alternativa ou transição para a aposentadoria como jogador.

[Volvi de Itália porque] yo tenía 29 años (hace dos años, si) y estaba de novio con una relación a distancia. No era muy fácil y decidí volver, después estando acá mi lastimé mi rodilla, pasaran un par de cosas cunado quería volver. Y ya fue haciendo otras cosas paralelas al fútbol, para salir soltando un poco. Ya tengo 31 yo, entonces.... [Sebastián, 31 anos, Jugadores Libres].

Ahora, bueno, volvi de Malta y pusimos una vinoteca (para venta de vinos) en el centro. A una cuadra del Obelisco y ahora arraqué con una marca de ropa y estoy muy dedicado a eso. La vinoteca queremos venderla, así que ya me estoy mirando eso, pero mientras entreno ahí con los jugadores libres y viendo. Se sale algo muy bueno me iria de nuevo, si? Sino... Ya estoy en momento para ir soltando [Sebastián, 31 anos, Jugadores Libres].

Dois dias após a entrevista com Sebastián, durante o período de treinamento da equipe argentina, o técnico Carlos Barísio me informou que o jogador havia decidido parar de treinar e a se dedicar integralmente aos outros projetos.

4.9. Desempregados, sim. Desocupados, nunca!

Ser ou não ser jogador de futebol não é apenas uma questão de empregabilidade. Envolve paixões, desejos, interesses, apostas e projetos, não somente do atleta, mas, também, daqueles que viabilizam as oportunidades da realização desse “sonho”, família, empresários, investidores.

Envolve, também, sempre estar em busca de oportunidades: circular. Circular na instabilidade do mercado flexível que não favorece àqueles que não têm um nome, ou melhor, uma marca que lhes garanta uma confiabilidade como jogador¹⁵⁹. Em vários momentos durante essa circulação, alguns jogadores se denominam ou são denominados desempregados, situação que os levando-os a circular mais e mais.

¹⁵⁹ Quanto mais forte a marca, menos suscetíveis estão os jogadores aos testes nos processos de seleção nos clubes.

No caso dos jogadores que passam pela situação do anonimato, uma circulação intensa é motivada por rejeições dos clubes pelos quais passaram, nem sempre porque o trabalho não os agradou, mas por não terem como manter os jogadores que empregam.

Mas circular não é sair batendo de porta em porta, pessoalmente, à procura de um clube que os empregue. É se empreender nesse mercado, buscando a “boa oportunidade”, e se aprimorar como capital humano para estar em condições de aproveitá-la quando aparecer. É construir visibilidades para que, a oportunidade de empregar-se e sair do anonimato, apareça.

Esse anonimato é produzido por certa invisibilidade para o torcedor, para a mídia especializada, mas não para o mercado. Para isso, em um mercado tão competitivo, é importante se ocupar, mantendo-se ativo, esportivamente produtivo, sempre em condições de jogo ou de emprego. É preciso permanecer resiliente.

Em meio a essa realidade, as equipes de jogadores sem contrato (fora de contrato, livres, desempregados) colaboram com a gestão do descarte de jogadores, propiciando a estes o sonho do aprimoramento de seu capital humano e, principalmente, mantendo-os fisicamente em forma, tecnicamente preparados e, quando possível, competitivos e visíveis em um mercado no qual a imagem do atleta é um elemento fundamental na composição da renda do jogador, o que separa os “grandes” dos “pequenos” jogadores-empresa.

Nesse manejo do descarte de jogadores, as equipes de desempregados funcionam como emuladores de clubes, um simulador que funciona de forma complementar ao preparo do jogador profissional para mantê-lo apto a responder uma demanda de mercado. Complementam a modelagem e a modulação dos atletas, funcionando de maneira colaborativa com os clubes.

Mas, ao contrário do que possa sugerir, esses desempregados não topam qualquer coisa para se empregar. Muitos desempenham outras atividades remuneradas, sejam provisórias ou no intuito de transitar para outros mercados e abandonar a carreira de jogador, e não aceitam qualquer proposta para jogar. Contudo, por vezes, aceitam jogar em troca de visibilidade possível.

Enquanto buscam produzir visibilidades por meio desses descartes, eles jogam e torcem para que apareça uma oportunidade de emprego para sair do anonimato. Bastante conformados.

Considerações Finais

De jogador do Rosário Central a técnico da seleção argentina, César Luis Menotti costumava dizer que o futebol se joga como se vive. Que vidas são produzidas no jogar o futebol profissional da atualidade?

Os jogadores anônimos e famosos, de ontem e de hoje, estudantes, marinheiros, operários e outros, dizem algo sobre o seu tempo, sobre modos de subjetivação produzidos no tempo em que viveram, sobre formas de se governar as vidas em suas épocas.

No Brasil e na Argentina nunca foram poucos os meninos¹⁶⁰ que sonharam e sonham em ser jogador de futebol, jogador profissional. Talvez ninguém sonhe em ser jogador de várzea ou peladeiro de fim de semana, isso porque, geralmente, já o são.

Muitos meninos, depois de grandes, quase chegam a ser jogadores. Outros muitos transitarão entre esse *quase* e o *ser*. Alguns – poucos, como sabemos... – serão, durante algum tempo, jogadores. Alguns serão reconhecidos nas ruas, outros anônimos inclusive nos campos, sem o nome na camisa que os identifique para o público. E hoje em dia, nem mais o número mítico na camisa, para sentir-se famoso por instantes, vale algo.

A saída do jogador das categorias de base rumo ao mercado profissional e a atualização da regulamentação do esporte à lógica neoliberal demarcam, dentro das várias formas possíveis de fazer/jogar futebol, as diferenças sociais entre o modelo hegemônico de jogador da atualidade – representado pelos famosos – e os jogadores anônimos – que diz das outras inúmeras possibilidades de ser jogador e de se produzir futebol. Todo mundo tem seus minutos de jogador, seja na rua, na escola ou em algum clube. Os de fama pouquíssimos terão.

Mesmo anônimos, os jogadores tem a possibilidade de ser celebridades locais; com ou sem almejar voos maiores, estão atravessados pelos mesmos discursos da racionalidade neoliberal.

Durante o processo de formação, o atleta adquirirá novos capitais futebolísticos e aprimorará os que possui. Desde as categorias de base, a rotina de um atleta passa pela educação e manutenção do corpo apto ao alto desempenho esportivo.

Quanto maior a estrutura do clube, maior costuma ser a quantidade de envolvidos no treinamento do atleta para se manter no nível alto de competitividade exigida. A competição não se dá somente entre os clubes em um campeonato, mas também entre os atletas e, até

¹⁶⁰ Também sonham as meninas, embora sejam menos estimuladas a isso, via de regra.

mesmo em um mesmo clube em que constantemente competem por uma mesma posição em campo que os mantenham visíveis no mercado e ativos profissionalmente.

Produzindo mais atletas do que o mercado consegue absorver, os clubes estimulam o desenvolvimento das competências individuais, posicionando os atletas no jogo das metas e do desempenho do futebol neoliberal. Competindo entre si, quer seja pela mesma posição em campo ou pela titularidade, os jogadores são veladamente boicotados por técnicos e “panelinhas” que também prejudicam intencionalmente a outros que miram alcançar visibilidades.

Para obter visibilidades mais amplas e consistentes, algumas vezes lhes é solicitado investir dinheiro na carreira. Algumas vezes de forma lícita, desde cedo, pagando escolinhas de futebol e centros de treinamento (empresas) para o aprimoramento como atleta, ou de forma ilícita, pagando selecionadores para participar de peneiras ou por vagas em clubes ou mesmo por uma titularidade em campo. É preciso estar sempre procurando formas de acontecer no mercado, que não distingua legal de ilegal.

Viver de jogar bola não é, na maioria das vezes, sinônimo de uma vida de prazeres sem fim, como os grandes meios midiáticos vendem aos potenciais jovens pobres futebolistas. Tais jovens são instruídos por diversos especialistas – preparadores físicos, fisiologistas, médicos, nutricionistas e psicólogos, dentre outros – a seguirem dietas específicas, condutas desejáveis. Mesmo sem seguir as instruções à risca, estão constantemente sob a ameaça de que ferir as normas pode leva-los a ser produtos obsoletos. O disciplinamento do corpo atleta, enfim, não se restringe aos treinamentos no clube, mas também a uma série de cuidados extra campo e extra clube que concorrem na manutenção do corpo apto a competir.

O jogador pode ficar desempregado, mas se pretende continuar na profissão não deve permanecer parado por muito tempo. Mesmo os jogadores mais ou menos famosos devem prestar contas em suas mídias sociais sobre como cuidam de seu corpo e o que fazem durante as férias para se manter em forma.

Como é sabido, quase todos os jogadores que se profissionalizam não terão a renda mensal de jogadores como Messi e Neymar – os exemplos de maior sucesso no empreendimento. Alguns trabalharão durante três a seis meses e depois deixarão de ser jogadores empregados, desempenhando outras atividades ou então sendo *freelancers* em campeonatos de várzea, contratados por um número determinado de partidas, sendo remunerados por jogo. Muitos ainda trabalharão simultaneamente em outras atividades para complementar a renda – são e serão também garçons, preparadores de goleiros, modelos, office-boys, peixeiros ou pequenos empreendedores em outros ramos, como bofes, cafetões.

Os atletas profissionais, sem acesso aos grandes clubes, convivem mais próximos à fronteira entre ser e não ser profissional e se veem constantemente refazendo essa escolha. Eles jogadores circulam mais no mercado, assinam contratos de menor duração e contam com menos garantias de que esses contratos sejam cumpridos. Por diversas vezes, esses jogadores atravessam longos períodos sem encontrar um clube que os empreguem, dedicando-se a outras atividades.

Em relação àqueles que se projetam nas grandes vitrines, esses jogadores são anônimos colaboradores para a competitividade de mercado, embora recebendo bem menos do que o esperado por seus conhecimentos especializados e sua curta carreira.

Por abarcar um grupo heterogêneo de jogadores que vai desde o jovem recém-saído das categorias de base até os mais experientes, já em vias de se aposentar e que podem em algum momento ter saído desse circuito do anonimato, pensa-se o jogador anônimo como um território existencial, um momento na vida do atleta que, não raras vezes, pode se estender por toda a vida.

Sem a mesma expressão midiática que faz dos clubes tradicionais grandes *vitrines* que favorecem a utilização da imagem do jogador como um de seus capitais mais rentáveis, alguns clubes investem na fabricação de atletas para os de maior visibilidade, esperando em uma transação futura lucrar com a transferência do jogador. Outras vezes, costumam incorporar a preços reduzidos jogadores com certa experiência para fomentar tecnicamente o equilíbrio da equipe juntando-se aos que se localizam entre o anonimato e uma promessa de fama futura.

Como fruto da responsabilidade social empresarial, o PAEC/Audax/Grêmio Osasco Audax se posiciona como um clube com diferencial no mercado por associar os negócios inclusivos ao futebol de maneira exclusiva, convertendo a pobreza estrutural do capitalismo em matéria prima numa relação em que, enquanto ambos, empregador e empregado, sentem-se ganhando, produzem subjetividades capitalizadas cada vez mais voltadas para o mercado neoliberal. Embora tenha sido uma experiência única no futebol brasileiro, o clube é referência de modo de conduzir-se no mercado e de conduzir seus jogadores ao sucesso – fábrica de bons e obedientes jogadores.

Mas nem todo jogador realiza condutas dele esperadas. Certa rebeldia é aceita na medida que atrair visibilidade, para o clube e para si, ou certo potencial de criação dentro de campo sem que isso, entretanto, atrapalhe a imagem do clube.

É importante saber sofrer e valorizar o sofrimento, agradecer a Deus porque sempre podia ser pior. Saber transformar o sofrimento em imagem e a imagem em dinheiro. Carregar marcas, transformar-se em marca.

Os que entram na máquina de fazer jogador, mas não completam o processo não-linear de chegar a ser celebridade (peça-produto-empresa), não deixam de estar incluídos no jogo de produção futebol profissional.

Aquele que obedece e se sujeita, passa pelo o que for possível para viver como os jogadores modelos de sucesso: é o desejo a ser perseguido. Embora saibam que poucos alcançarão esse sucesso, muitos acreditam que estão próximos. Ou satisfeitos onde estão até serem descartados.

Descartados por serem “incompletos”, porque sempre lhes faltam algo, ou com limitações segundo os que financiam esse mercado.

O anonimato é um momento que pode dar-se no início e/ou no meio e/ou ao final da carreira. Ou que atravessa essas três épocas, entre ir e voltar, estar visível, ser esquecido. Sempre se está anônimo para alguém e até o jogador da pelada pode ter seus momentos de fama, mas jamais será celebridade, a empresa lucrativa moralmente feliz e resiliente.

Os jogadores anônimos não são os que recusam o futebol como ele é, ao jogo político do futebol; são os recusados por ele como são e os reintegrados por outras vias.

Não existe lugar fixo, jogadores anônimos e famosos são existências complementares. Os craques que não foram e os craques que já foram, atravessados pelos que jogam sem tocar a bola.

O fim de carreira, a aposentadoria, é o início de outras: de jogador empresário, jogador técnico, jogador parlamentar, comentarista, operador de telemarketing, garçons, etc. Apesar de reposicionados no mercado, alguns nunca perdem a fama de jogador.

Uns irão para o futebol universitário, principalmente para as ligas dos Estados Unidos e Canadá. Outros para a várzea, onde podem ganhar uma graninha enquanto tentam inserir-se novamente no mercado de jogadores. Milhares de ex-quase-jogadores terão que pensar em trabalhar em outras atividades.

Mais cedo ou mais tarde todos voltarão a não ser. A maioria, novo demais ou rico de menos para aposentar-se, viverão de trabalhos temporários, os “bicos”, ou se dedicarão a outras profissões. Mas carregarão, geralmente, até o apito final de suas vidas, o “ex-jogador”, seja como substantivo ou adjetivo.

Estão também exercendo outras atividades ligadas ao futebol. São técnicos, preparadores físicos, preparadores de goleiros – psicólogos e nutricionistas, às vezes –,

comentaristas, agentes de outros jogadores, professores em escolas ou universidades, advogados, contadores.

Após um tempo longe da atividade dentro de campo, muitos se acostumam a serem chamados de ex-jogadores. Muitos assim se auto intitulam. Poucos confrontam o que são e se provocam a serem outros e se reinventam...

Uns são “ex” antes mesmo de chegarem a ser oficialmente profissionais. Outros, sendo e não sendo entre um e outro contrato. Outros ainda se recusam a não serem mais: dizem-lhes “você não é” e eles seguem dizendo “sou sim!”. E insistem. Insistem, insistem, insistem...

Os jogadores continuam interessando enquanto são potencial produtivo. Estar desocupado, de certa forma, marca a probabilidade da perda de condicionamento físico e ritmo de jogo ou simplesmente de visibilidade os colocam de fora. Quando não interessam mais em termos da sua produtividade dizem que eles não sabem parar, são os que pararam sem saber que pararam.

Mais do que uma questão de gerenciamento da força de trabalho, as mudanças apontadas na forma de organizar e gerir a profissão de jogador e as competições indicam as tentativas de apreensão de vidas pelo mercado, naturalizando a vida extracampo do jogador cada vez mais como algo a ser conduzido em benefício do aprimoramento do produto. E nesse processo, os jogadores são instigados a “só pensar em jogar bola” enquanto da direção de suas vidas, cuidam os outros.

O “só pensar em jogar bola” corresponde ao lugar do jogador na produção de saber no futebol. O jogador não possui um lugar na produção de saber, ou melhor, o saber do jogador não possui lugar, mas dele se exigem inteligências uteis.

Nesse contexto, onde está em jogo mostrar-se como um bom produto, a propagação da imagem do jogador é um elemento importante, pois é ela que garantirá o aumento exponencial do valor do atleta enquanto capital humano. Nesse meio, a tendência à delegação de decisões sobre suas próprias vidas a outras pessoas (sendo essas, agentes especializados ou mesmo membros da própria família) é algo visto como necessário a uma carreira de sucesso que poucos deles alcançarão. Enquanto terceiros decidem quais os melhores caminhos para o atleta empreender-se, ele deve se preocupar apenas em ser um produto, empresa de si mesmo e dos outros.

A proliferação desse atual modelo empresarial dos clubes em consonância com a racionalidade neoliberal intensifica a circulação de atletas no mercado futebolístico, produz um efeito que faz os jogadores parecerem cada vez mais autônomos em suas vidas

profissionais, ao mesmo tempo em que eles se dispõem estritamente restringidos em sua formação para fins cada vez mais mercadológicos.

Nas relações entre os jogadores e esse meio não há passividade, eles clamam por certo controle, desde que o controle traga para eles poder aquisitivo e a possibilidade de viver jogando bola, moderadamente, conformados e resilientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros e Artigos

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro FAPERJ/Mauad, 2002.

ALABARCES, Pablo. De que hablamos quando hablamos de deporte? **Nueva Sociedad**, n. 154, mar-abr/1998a. Pp. 74-86. Disponível em: < http://www.nuso.org/upload/articulos/2669_1.pdf >. Acesso em: 24 maio 2014.

ALABARCES, Pablo; GIANO, Roberto Di; FRYDENBERG, Julio. (orgs.). **Deporte y sociedad**. Buenos Aires: Eudeba, 1998b.

ALABARCES, Pablo. Entre la banalidad y la crítica: perspectivas de las ciencias sociales sobre el deporte em América Latina. **Memória y Civilización**. n.7, 2004. Disponível em: < https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=7&ved=0CGYQFjAG&url=http%3A%2F%2Fwww.kimerius.es%2Fapp%2Fdownload%2F5788983395%2FEntre%2Bla%2Bbanalidad%2Bpor%2Bla%2Bcr%25C3%25ADtica%2C%2Bperspectivas%2Bde%2Blas%2BCiencias%2BSociales%2Bsobre%2Bel%2Bdeporte%2Ben%2BAm%25C3%25A9rica%2BLatina.pdf&ei=1gSCU8fmM_DjsAT17oC4Dw&usq=AFQjCNG1OIOWB3lwSpbpT7N4wklTTDe6Yg&bvm=bv.67720277,d.cWc&cad=rja >. Acesso em: 24 maio 2014.

ALABARCES, Pablo; DUEK, Carolina. Fútbol (argentino) por TV: entre el espectáculo de masas, el monopolio y el estado. **Revista Logos 33**, Comunicação e Esporte, Vol.17, Nº02, 2º semestre 2010. Disponível em: http://www.logos.uerj.br/PDFS/33/02_logos33_alabarces_duek_futebolargentino.pdf .

ALABARCES, Pablo. **Crónicas del aguante**: fútbol, violencia y política. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A história em jogo: a atuação de Michel Foucault no campo da historiografia. In: _____. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ALVITO, 2014. A rainha de chuteiras: um ano de futebol na Inglaterra. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.

AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tânia Mara Galli. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa: considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 1, p. 30-37, 2009. Disponível em: <http://146.164.3.26/seer/lab19/ojs2/index.php/ojs2/article/view/119/286> . Acesso em: mar. 2010.

AMALFI, Yeso. **Yeso Amalfi**: o futebolista brasileiro que conquistou o mundo. São Paulo: CLA, 2009.

AMARAL, T. R. P.; THIENGO, R. C.; OLIVEIRA da S. I. F. Os motivos que levaram jogadores de futebol amador a abandonarem a carreira de jogador profissional. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 12, n.115, dez. 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd115/motivos-que-levaram-a-abandonarem-a-carreira-de-jogador-profissional.htm> . Acesso em: fev. 2013.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Futebol de Fábrica em São Paulo**. São Paulo: s.n.,1992.

AREIAS, João Henrique. **Uma bela jogada**: 20 anos de marketing esportivo. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2007.

ASSIS, Bruno Sendra de. **O significado de “ser profissional” em jogadores de futebol**. São Paulo: s.n, 2004.

BATISTA, César Alexandre Bagarrao. **A economia do futebol no Brasil**. São Paulo, s.n, 2003.

BELTRÃO, Aureliano. **Visão técnica do futebol moderno**. Rio de Janeiro: Paralelo, 1974.

BORDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Como é possível ser esportivo. In: **Questões de sociologia**, Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

BROMBERGER, Christian. As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 237-253, jul./dez. 2008

CALDAS, W. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro. São Paulo: IBRASA, 1990.

CARRAVETA, E. S. **Modernização da gestão no futebol brasileiro**: perspectivas para a qualificação do rendimento competitivo. Porto Alegre. AGE, 2006.

CASTRO, Edgardo. **O governo da vida**. In: Revista Ecopolítica, n. 3, 2012. Disponível em: <
<http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/11391/8300> >. Acesso em: jun. 2013.

CASTRO, Ruy. **Estrela solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

COUTO, 2014. Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978). Rio de Janeiro: Eduff, 2014.

CURI, Martin. **Espaços da Emoção: Os Torcedores no Estádio. Anais 36º Encontro Anual da ANPOCS.** 2012. GT 9 – Esporte e Sociedade. Disponível em: < http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=7941&Itemid=76 >. Acesso em: jun. 2013.

DAMO, Arlei Sander. O uso dos termos amadorismo e profissionalismo como categorias sociológicas na literatura acadêmica sobre futebol. In: **Anais do XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS**, Caxambu: Caxambu: Mimeo, 2002.

_____. Do dom a profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. Porto Alegre: Hucitec. 2007.

_____. O desejo, o direito e o dever – a trama que trouxe a Copa ao Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v.18, n.02, p. 41-81. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/29910/19077> >. Acesso em maio 2013.

_____. O simbólico e o econômico no futebol de espetáculo: as estratégias da FIFA para tornar as copas lucrativas a partir de uma interpretação antropológica. **Revista Deporte, Cultura y Comunicación**, n.69, pp.

DANTAS, Marina de Mattos. **Subjetividade, capitalismo e esporte: vivências e discussões sobre tornar-se jogador de futebol.** Monografia (conclusão do curso de Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Instituto de Psicologia, Belo Horizonte. 2008. 40 f.

_____. **Futebol de base e produção de subjetividade: o psicólogo do esporte e a formação do atleta contemporâneo.** Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós Graduação em Psicologia Social, Rio de Janeiro. 2011. 106f.

DELEUZE, Gilles. *Conversações.* Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed.34, 2010.

DELEUZE, G. ; GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. In: _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, v.1, 1995.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, v.5, 1997.

FERREIRA, Fernando da Costa. Futebol de classe: a importância dos times de fábrica nos primeiros anos do século XX. **EFdeportes.com**, Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - Nº 90 - Noviembre de 2005.

FRAGELLI, Teresa Cristina Braga. **Vencer ou vencer: os impasses do atleta de alto rendimento no futebol espetáculo.** 2008. 50 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade) – Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2008.

FRANKLIN, Foer. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização.* Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FLORENZANO, José Paulo. Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa, 1998.

_____. A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: Educ, FAPESP, 2009.

FOOTBALL ASSOCIATION. **The Rules of Association Football, 1863**. Oxford: Bodleian Library, 2006.

FOUCAULT, Michel. A governamentalidade. In: Manoel B. da Motta (org). **Michel Foucault. Estratégia, poder-saber**. Coleção Ditos & Escritos IV. Tradução de Vera L. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, pp. 281-305.

_____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: Manoel B. da Motta (org). **Michel Foucault. Estratégia, poder-saber**. Coleção Ditos & Escritos IV. Tradução de Vera L. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, pp. 264-287.

_____. O intelectual e o poder. In: Manoel B. da Motta (org). **Michel Foucault. Estratégia, poder-saber**. Coleção Ditos & Escritos IV. Tradução de Vera L. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, pp. 371-376.

_____. Conversação sem complexos com um filósofo que analisa as ‘estruturas de poder’ In: **Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber**. Manuel Barros Motta (org). Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, 306-316.

_____. O que são as luzes?. In: **Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber**. Manuel Barros Motta (org). Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. A tecnologia política dos indivíduos In: **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política**. Manuel Barros Motta (org). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, pp. 301-318.

_____. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos: Estratégia, Poder-saber**. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. v4. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. pp. 201-222.

_____. Poder e saber. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos: Estratégia, Poder-saber**. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. v4. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. pp.223-240.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2006c.

_____. Nascimento da biopolítica. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Do governo dos vivos: curso do Collège de France, 1979-1980** (aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980). Tradução, transcrição e notas de Nildo Avelino. Centro de Cultura Social:

São Paulo, 2009. (e-book). Disponível em: < <http://www.ccssp.org/arquivos/textos/Do%20governo%20dos%20vivos.pdf> >. Acesso em 20 mar. 2014.

_____. **O governo de si e dos outros**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. Aula de 29 de fevereiro de 1984, segunda hora. In: _____. **A coragem da verdade**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011. pp.155-167.

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **História do esporte no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. pp. 107-131.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. Plano Paulo Machado de Carvalho: um projeto modernizador ou uma tentativa de civilizar os jogadores brasileiros?. *Recorde: Revista de História do Esporte*. Rio de Janeiro, v.7, n.1, 2014.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo; HIRATA, Edson. Bastidores do jogo: as interferências na elaboração da Lei Pelé. **Projeto História**, São Paulo, n. 49, pp. 119-155, Abr. 2014. Disponível em: < <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/19053/15938> >. Acesso em: abr. 2016.

GAFFNEY, C.; MASCARENHAS; G. O estádio de futebol como espaço disciplinar. In: Seminário Internacional Michel Foucault, 2004, Florianópolis. *Anais do Seminário Internacional Michel Foucault*. Florianópolis: 2004.

GIGLIO, Sérgio Settani. As estratégias de João Havelange para enfraquecer o futebol olímpico. **Revista USP**. São Paulo, n.108, p. 67-76, 2016.

GRECO, Ariel. **Maldita B: historias del descenso em el fútbol**. Buenos Aires: Ediciones B, 2014.

GUEDES, Simoni Lahud. Malandros, caxias e estrangeiros no futebol: de heróis e anti-heróis In: GOMES, Laura; DRUMMOND, José. **O Brasil não é para principiantes**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. pp. 126-42.

_____. Os estudos antropológicos dos esportes no Brasil: perspectivas comparativas com a América Latina. *Antropolítica*. Niterói, n.31, p.31-43, 2011.

_____. Projetos sociais esportivos e as novas trajetórias dos atletas profissionais. In: Anpocs - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 30º, 2006, Caxambú.

Encontro Anual da ANPOCS, Anpocs - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Congresso, Anpocs - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2006. Disponível em: < http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=3558&Itemid=232>. Acesso em: mar. 2016.

_____. Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro. **Revista esporte e sociedade**, n.16, nov/2010-fev.2011. pp.1-10.

_____. De *criollos* e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: **Anais do XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS**, Caxambu: Caxambu: Mimeo, 2002.

_____. Os estudos antropológicos dos esportes no Brasil: perspectivas comparativas com a América Latina. **Antropolítica**. Niterói, , n.31, p.31-43, 2011.

_____. Las naciones argentina y brasileña a través del fútbol. **Vibrant**. Brasília, v.6, n.2, p.167-185, 2009.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

HAMANN, Trent H. Neoliberalismo, governamentalidade e ética. In: **Revista Ecopolítica**, n. 3, 2012. Disponível em: < www.pucsp.br/ecopolitica/revista_ed3.html >. Acesso em: jun. 2013.

HELAL, Ronaldo. Como “eles” nos vêem: futebol brasileiro e imprensa argentina. **Contemporânea**. Rio de Janeiro, v.3, n.4, p. 69-82, 2005.

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo. Pelé e Maradona: núcleos da retórica jornalística. **Revista Brasileira de Futebol**. , v.2, n.2, p.20-26, 2009 .

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Futebol, arte e política: a catarse e seus efeitos na representação do torcedor. **Organizações & Sociedade**, v. 16, n. 48, art. 6, p. 123-140, 2009. Disponível em: < <http://www.spell.org.br/documentos/ver/420/futebol--arte-e-politica--a-catarse-e-seus-efeitos-na-representacao-do-torcedor/i/pt-br> >. Acesso em: 18 nov. 2013.

INFANTE, Francisca (2005) “A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente” In: **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Tradução de Valério Campos. Artmed, pp. 23-38.

JACOBS, Cláudia Silva; DUARTE, Fernando. **Futebol exportação**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2006.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

LA BOÉTIE, Étienne de. **Discurso da servidão voluntária**. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo, Brasiliense, 1999.

LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista USP – Dossiê Futebol**, São Paulo, n. 22, p. 64-83, 1994.

MARQUES, M. P. e SAMULSKI, D. M. **Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional**: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.23, n.2, p.103-19, abr./jun. 2009.

MASCARENHAS, Gilmar. O novo estádio de futebol: reflexões sobre territorialidade, lugar, cultura e cidadania. In: ALMEIDA, Maria Geralda de.; CRUZ, Beatriz Nates. (Orgs.). **Território e cultura**: inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais. Goiânia e Menizales: Universidade Federal de Goiás/FUNAPE e Universidad de Caldas, 2009. Pp. 101-113.

_____. A via platina de introdução do futebol no RS. **Lecturas**: Educación Física y Deportes - (ISSN 1514-3465) - Revista Digital - Buenos Aires - Año 5 - N° 26 - Octubre de 2000. Disponível em: <
<http://www.ufv.br/des/futebol/artigos/A%20via%20platina%20de%20introdu%C3%A7%C3%A3o%20do.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2014.

_____. **Entradas e Bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

MEZZADRI, Fernando Marinho. et al. As interferências do estado brasileiro no futebol e o estatuto de defesa do torcedor. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, n.3, pp. 407-416, jul./set. 2011. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v25n3/v25n3a06.pdf>>. Acesso em: abr. 2013.

MORATO, Márcio Pereira; GIGLIO, Sérgio Settani; GOMES, Mariana Simões Pimentel. A construção do ídolo no fenômeno futebol. **Motriz**, Rio Claro, v.17, n.1, pp.01-10, jan./mar. 2011. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n1/a01v17n1.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2013.

NAIGEBOTIN, Vivianne. Negócio sociais: um modelo em evolução In **Artemisa**. São Paulo: Artemisa. Disponível em: <
http://www.artemisia.org.br/pdf/negocios_sociais.pdf>.

NEGRÃO, R. F. **O trabalho do jogador de futebol profissional**. São Paulo. Revista Discorpo, 1994; 2: 59-68

NEVES, Marcos Eduardo. **Nunca Houve um Homem como Heleno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

NUNES, Ciro Alberto Peçanha. **Clube-empresa**: do jogo de bola ao esporte-espetáculo. São Paulo, s.n.,2002.

NUNES, João Sedas. inteligência (pre)enche o campo: sobre o modo actual de produção do capital futebolístico. **Revista Antropolítica**, n.31, pp.45-71, 2011.

OLIVEIRA, Salete. Política e resiliência – apaziguamentos distendidos. In: **Revista Ecológica n. 4**. Revista quadrimestral do projeto temático FAPESP, PUC-SP, set./dez., 2012. pp. 105-129. Disponível em: < <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/13067/9568.pdf> >. Acesso em: abr. 2016.

PALMIÉRI, Júlio César Jatobá. **Um mundo em vários movimentos**: uma etnografia sobre futebolistas de base. 2015. 278 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

PASSETTI, Edson. **Segurança, confiança e tolerância**: comandos na sociedade de controle. São Paulo em Perspectiva, v. 18, n. 1, 2004, p. 151-160.

_____. Os novos miseráveis. In: **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.8, n.3, pp. 48-55, jul./set. 1994. Disponível em: < http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v08n03/v08n03_08.pdf >. Acesso em set. 2012.

_____. Transformações da biopolítica e emergência da ecológica. In: **Revista Ecológica n. 5**. Revista quadrimestral do projeto temático FAPESP, PUC-SP, jan./abr., 2013. Disponível em: < http://www.pucsp.br/ecopolitica/revista_ed5.html >. Acesso em: ago 2013.

_____. Ecológica: procedências e emergências. In: CASTELO BRANCO, Guilherme; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Foucault: filosofia e política**. Autêntica: Belo Horizonte, 2013. pp. 127-141.

PELUSO, Fernando Rogério. **O atleta profissional de futebol e o direito do trabalho**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Direito, São Paulo. 2009. 204f.

PORCARI, Rafael. **O novo processo administrativo do futebol brasileiro frente à profissionalização no gerenciamento dos clubes**. São Paulo, s.n., 2000.

PRONI, M. W. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Unicamp, Instituto de Economia, 2000.

PUND. **Criando valores para todos**: estratégias para fazer negócios com os pobres. Versão brasileira. Relatório Milton Mayer; casos de empresas brasileiras por Carlos Alberto Barbosa Silva; Tradução de Tereza Cristina A. Bicalho de Menezes. Nova York: ONU. Disponível em: < http://growinginclusivemarkets.org/media/report/full_report_portuguese.pdf >.

RIAL, Carmen. **“Porque todos os ‘rebeldes’ falam português?”** A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje. Antropologia em primeira mão, Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. v.110, 2009. pp.01-22.

_____. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, Dec. 2008. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-

71832008000200002&lng=en&nrm=iso . Acesso em 11 de Janeiro 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002> . Acesso em:

ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. **A outra razão**: os presidentes de futebol entre práticas e representações. 2013. 232 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

RODRIGUES, Franciso Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, n.11, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222004000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 maio 2007.

_____. Pós-modernidade, mercado e a mobilidade do jogador de futebol: Um estudo empírico sobre os impactos do fim do passe no futebol gaúcho. **Akrópolis**, Umuarama, v. 14, nº. 1: jan./mar., 2006.

RODRIGUES, Nelson. À Sombra das chuteiras imortais. Organizado por Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES, Nelson. A pátria de chuteiras. Organizado por Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4.ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003. 343p.

SANT'ANNA, André. Deus é bom nº6. In: OLIVEIRA, Nelson de. (org.). Geração 90: os transgressores. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. O paraíso é bem bacana. São Paulo. Companhia das Letras. 2006.

SANTOS, André. A Copa do Mundo no Brasil (1950): Belo Horizonte e o ideal de cidade almejado para encantar os estrangeiros. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd86/copa.htm>>. Acesso em abr. 2013.

SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SARNO, Francisco José. **Futebol**: a dança do diabo. São Paulo: Luzes Gráfica Editora, 19__.

SCHARF, Edson Roberto. Proposta de valor na construção de identidade de marca: o capital humano envolvido na área mercadológica. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós Graduação em Engenharia de Gestão do Conhecimento, Florianópolis. 2009.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP – Dossiê Futebol**, São Paulo, n. 22, p. 30-37, 1994.

SOARES, Carmem Lúcia. Escultura da carne: o *bem-estar* e as pedagogias totalitárias do corpo. RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs). **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. Pedagogias do corpo: higiene, ginásticas, esporte. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. **Figuras de Foucault**. São Paulo: Autêntica, 2006. Pp. 75-85.

STIRNER, Max. **O falso princípio da nossa educação**. São Paulo: Imaginário, 2001.

TEODÓSIO, Armindo dos Santos de Souza; COMINI, Graziela. Inclusive Business and poverty: prospects in the brazilian contexto. **Revista de Administração**, São Paulo, v.47, n.3, pp.410-421, jul./ago./set. 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000. 78p.

TONÉLI, Nicélio César. A arqueologia do “futebol” maia: o jogo da pelota. **Revista Pesquisa de Campo**, n.5, 1997. Pp.21-34.

TOSTÃO. **Tostão: lembranças, opiniões, reflexões sobre futebol**. São Paulo: DBA artes Gráficas, 1997.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992. (Coleção Polêmicas de nosso tempo, v.44).

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Jornais e Revistas

AGENCIA ESTADO. Corinthians confirma a contratação do volante Paulinho. **Estadão**. (Caderno Esportes Futebol). 16 abr. 2010. Disponível em: < <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,corinthians-confirma-a-contratacao-do-volante-paulinho,539318> >. Acesso em: mar. 2016.

BASTOS, Thiago. Eles rendem mais que a bolsa... **Placar**, São Paulo, abr. 2011, p.29.

BOSMAN, Jean-Marc. Dossier: fútbol moderno por decreto entrevista a Jean-Marc Bosman. **Panenka: el fútbol que se lee**, Barcelona, n. 45, p. 28-35, out. 2015. Entrevista concedida a Alberto Fernandez.

CORDEIRO, Isnard. **Revista Placar**, n. 569, p.53, 10 abr. 1981.

DINIZ, Fernando. Liberdade, cobranças e maturidade: os pilares de Fernando Diniz no Audax. In: **Gazeta Esportiva**. 15 abr. 2016. Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.com/especiais/liberdade-cobrancas-e-maturidade-os-pilares-de-fernando-diniz-no-audax-rival-do-sao-paulo/> >. Acesso em: abr. 2016.

LUIZ COSENZO, Luiz. VALENTE, Rafael. Desemprego FC. Folha de São Paulo, 7 out. 2015. Disponível em: < <http://temas.folha.uol.com.br/desemprego-no-futebol/time-do-sindicato/time-do-sindicato-da-esperanca-para-garotos-e-veteranos-desempregados.shtml> >. Acesso em nov. 2016.

MIRANDA, Celso; AFFONSO, Julia. A vingança da Formiga. **Fut!**, n. 25, p. 29, 12 dez. 2010.

REVISTA COMPETIR. out. 2010. Editora dos Andes. Disponível em: < <http://www.revistacompetir.com.br/pdfs/ed05.pdf> >. Acesso em: jan. 2016.

REVISTA PLACAR, n.2, 27. mar. 1970.

REVISTA PLACAR, n.92, 17. dez. 1971.

REVISTA PLACAR, n.667, 4. mar. 1983.

REVISTA PLACAR. Grosso, mas bom de grana. Placar, edição 1378, p.21, maio 2013.

Sites

AUDAX. Origem. 30 nov. 2011b. Disponível em: <http://www.audaxsp.com.br/origem> . Acesso em jun. 2013.

AUDAX. Filosofia. 30 nov. 2011c. Disponível em: <http://www.audaxsp.com.br/filosofia> Acesso em jun. 2013.

AUDAX. Conheça o projeto. 10 dez. 2012. Disponível em: <http://www.audaxsp.com.br/conheca-o-projeto> . Acesso em jun. 2013.

CLUBE DOS TREZE. Disponível em: < <http://clubedostreze.globo.com/Site/Component/default.aspx> >. Acesso em: 01 maio 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Raio-X do futebol: salário do jogadores. 23 fev. 2016. Disponível em: < <http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.Vwq7NaQrLIU> >. Acesso em abr. 2016.

FERRARI, Carlos Augusto. Corinthians acerta venda do volante Paulinho para o Tottenham. **Globoesporte.com**. 22 jun. 2013. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2013/06/corinthians-acerta-venda-do-volante-paulinho-para-o-tottenham.html> >. Acesso em mar. 2016.

FENAPAF. Guia I Torneio FENAPAF de Jogadores Livres. 2015. Disponível em: < http://www.sindicatodeatletas.com.br/arquivos/veiculos/pdf_1449610928.pdf >. Acesso em: 25 out. 2016

FIFPRO, 2013. About FIFPro. < <https://www.fifpro.org/en/about-fifpro/about-fifpro> >. Acesso em: 25 jan. 2017.

FIFPRO, 2017. History. < <https://www.fifpro.org/en/about-fifpro/history#> >. Acesso em: 25 jan. 2017.

FIFPro América. **Guia Torneo FIFPro América 2015.** Disponível em: < http://issuu.com/fifproamerica/docs/guia_torneofifproam_2015_9e38d1d49489c8/5?e=15092298/10869224 >. Acesso em: 21 out. 2015.

GLOBOESPORTE.COM. São Paulo confirma venda de Lucas para PSG: mais de R\$ 108 milhões. 08 ago. 2012. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2012/08/sao-paulo-confirma-venda-de-lucas-para-psg-mais-de-r-108-milhoes.html> >. Acesso em: jan. 2016.

GLOBOESPORTE.COM. Real Madrid confirma a contratação de Casemiro por quatro temporadas. 10 jun. 2013. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2013/06/real-madrid-confirma-contratacao-de-casemiro-por-quatro-temporadas.html> >. Acesso em: jan. 2016.

GLOBOESPORTE.COM. Taça BH de futebol passa a ser sub-17 e terá clubes estrangeiros em 2015. 24 mar. 2015. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/mg/futebol/noticia/2015/03/taca-bh-de-futebol-passa-ser-sub-17-e-tera-clubes-estrangeiros-em-2015.html> >. Acesso em: abr. 2016.

Isto É Dinheiro. Campo dos sonhos do Pão de Açúcar: Líder do varejo monta time de futebol para dar oportunidade de carreira a meninos carentes. Disponível em: < http://www.terra.com.br/istoedinheiro-temp/especiais/empresas_dobem/pao_acucar.htm >.

J.COCCO SPORT MARKETING. Os números expressivos das SuperCopas CompreBem e Sendas 150 mil garotos inscritos. Disponível em: < <http://www.jcocosport.com.br/#!case-comprebem/c1uq1> >. Acesso 12 fev. 2016.

SAFAP. Los Mejores del Torneo FIFPro America 2013. 08 mar. 2013. Disponível em: < <http://www.safap.org/noticias/los-mejores-torneo-fifpro-america-2013> >. Acesso em: 18 out. 2015.

SAFAP. SAFAP organizará 3er Torneo JUGADORES LIBRES FIFPro División América 2013. 14 dez. 2012. Disponível em: < <http://www.safap.org/node/345> >. Acesso em: 18 out. 2015.

SAFAP. Conferencia de prensa III Torneo Jugadores Libres. 08 mar. 2013. Disponível em: < <http://www.safap.org/noticias/conferencia-prensa-iii-torneo-jugadores-libres> >. Acesso em: 18 out. 2015.

SIFUP. Sifup organizará torneo sudamericano de jugadores libres. Disponível em: < <http://www.sifup.cl/ANTIGUO/sifup-organizara-torneo-sudamericano-de-jugadores-libres/> >. Acesso em: 18 out. 2015.

SIMON, Luis Augusto. Times-empresa usam de hino com Stones a regalias para captar torcedores. **UOL Esporte.** 21 mar. 2013. Disponível em: <http://noticias.bol.uol.com.br/esporte/2013/03/21/times-empresa-usam-de-hino-com-stones-a-regalias-para-captar-torcedores.jhtm> >. Acesso em: fev. 2016.

SINDICATO DOS ATLETAS PROFISSIONAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO. A história do direito de arena no Brasil. Disponível em: < <http://www.sindicatodeatletas.com.br/?pg=sessao&id=18> >. Acesso em: out. 2015.

UNIVERSIDADE DO FUTEBOL. Disponível em: < <http://universidadedofutebol.com.br/quem-somos/> >. Acesso em 25 jan. 2017.

Legislações

ARGENTINA. **Lei 20.744.** Ley de contrato de trabajo. Disponível em < <http://www.ley20744argentina.com.ar/> >. Acesso em 15 out. 2016

BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941.** Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm . Acesso em abr. 2016.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.** Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm >. Acesso em abr. 2016.

BRASIL. **Decreto nº 53.820, de 24 de março de 1964.** Dispõe sobre a profissão de atleta de futebol, disciplina sua participação nas partidas e dá outras providências. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-53820-24-marco-1964-393794-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em abr. 2016.

BRASIL. Lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975 - Revogado. Institui normas gerais sobre desportos, e dá outras providências. Disponível em: <http://www3.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1975/6251.htm> >. Acesso em: set. 2014.

BRASIL. Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976. Dispõe sobre as relações de trabalho do atleta profissional de futebol e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6354.htm . Acesso em: mai. 2011.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm >. Acesso em: nov. 2011.

BRASIL. Lei nº 8.672, de 6 de julho de 1993. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8672.htm >. Acesso em: mai. 2011.

BRASIL. Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9615consol.htm >. Acesso em: mai. 2011.

BRASIL. **Lei nº 10.672, de 15 de maio de 2003.** Altera dispositivos da Lei 9.615, de 24 de março de 1998, e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.672.htm >. Acesso em: abr. 2016.

BRASIL. **Lei nº 12.663, de 5 de junho de 2012.** Dispõe sobre as medidas relativas à Copa das Confederações FIFA 2013, à Copa do Mundo FIFA 2014 e à Jornada Mundial da Juventude – 2013. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/Lei/L12663.htm >. Acesso em jun. 2013.

BRASIL et. al. **Copa 2014: desafios e responsabilidades.** Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/3624/copa_2014.pdf?sequence=1 >. Acesso em maio 2013.

AFA e FAA. **Convenio Colectivo de Trabajo Nº557/09 Entre la Asociación del Fútbol Argentino y Futbolistas Argentinos Agremiados.** Disponível em: < <http://www.agremiados.com.ar/faa/notas/2010/04/09/61700.html> >. Acesso em: 16 nov. 2016.

Documentos

BOM SENSO FC. **Dossiê do futebol brasileiro.** 2013. Disponível em: < <http://duosports.com.br/web/wp-content/uploads/2013/10/174274366-DOSSIE-DO-FUTEBOL-BRASILEIRO.pdf> >. Acesso em out. 2016.

COMITÊS POPULARES DA COPA. **Dossiê Megaeventos e violações de direitos humanos no Brasil.** Rio de Janeiro: Comitês Populares da Copa, 2012. Disponível em: < http://www.portalpopulardacopa.org.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=198:dossi%C3%AA-nacional-de-viola%C3%A7%C3%B5es-de-direitos-humanos >. Acesso em maio 2013.

FIFPRO AMÉRICA. **Guía Torneo FIFPro América 2015.** Disponível em: < http://issuu.com/fifproamerica/docs/guia_torneofifproam_2015_9e38d1d49489c8/5?e=15092298/10869224 >. Acesso em: 21 out. 2015.

INSTITUTO ETHOS e ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PANIFICAÇÃO E CONFEITARIA. **Responsabilidade Social Empresarial nas Organizações de Varejo.** Disponível em: < http://www3.ethos.org.br/wp-content/uploads/2012/12/2Guia-de-RSE-nas-Organiza%C3%A7%C3%B5es-de-Varejo_Setor-de-Panifica%C3%A7%C3%A3o.pdf >. Acesso em: abr. 2016.

FIFPRO. Estatutos & protocolo. 2007. Disponível em: https://www.fifpro.org/images/documents-pdf/DEF_FIFPro_Statuten_Spanns_druk.pdf >. Acesso em: 15 jan. 2017.

SAPESP. Estatuto SAPESP. 2013. Disponível em: < http://www.sindicatodeatletas.com.br/arquivos/veiculos/pdf_1412622209.PDF >. Acesso em: 15 jan. 2017.

Vídeos

AUDAX. Formação Danilo Silva Audax-SP [vídeo]. 30 ago 2011a. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=1WRYj8KERNM> >. Acesso em jan. 2016.

FUTEBOL 1. Direção: João Moreira Salles, Arthur Fontes. Brasil. GNT Vídeo Filmes, 1998. DVD.

FUTEBOL 2. Direção: João Moreira Salles, Arthur Fontes. Brasil. GNT Vídeo Filmes, 1998. DVD.

FUTEBOL 3. Direção: João Moreira Salles, Arthur Fontes. Brasil. GNT Vídeo Filmes, 1998. DVD.

MARKETING BEST. De Barateiro a CompreBem: mais que uma mudança de nome, um novo conceito. 2005. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=WRpyidOUMms> >. Acesso em: jan. 2016.

MUSEU DO FUTEBOL. A formação integral do atleta. 10 ago. 2015. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=cDe6yrrEhh4&feature=youtu.be&utm_campaign=gt5_palestra_-_eduardo_freeland&utm_medium=email&utm_source=RD+Station >. Acesso em out. 2015.

SOUZA e LANCE!. Entrevista do Alex ao Lance! 2013. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=K7hcZm5anf0_ >. Acesso em: 25 jan. 2017.

TV AUDAX. Chineses acompanham treino planejando parceria e intercâmbio de jogadores. 08 dez. 2015a. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=pK8pe4nI4a0> >. Acesso em: mar. 2016

TV AUDAX. Coletiva! Fernando Diniz é apresentado ao Osasco Audax. 10 nov. 2015b. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=9VUoaTWuxhw> >. Acesso em: mar. 2016

TV AUDAX. Nigeriano se espelha no Audax para melhorar as categorias de base do país. 28 out. 2015. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=bNYAZ4f9eQs> >. Acesso em: mar. 2016.

OS BOIAS-FRIAS DO FUTEBOL. Direção: Luciano Pérez Fernández. Brasil. ArtLink Produções, 2015. HD. Disponível em: <

SAPESP. Jogos Simulatórios - Copa 2014. 18 mai. 2014. Disponível em: < <http://www.sindicatodeatletas.com.br/videos/jogos-simulatorios---copa-2014.html> >. Acesso em: 15 jan. 2017.

ANEXO A – The 1863 Football Association Rules

1 - The maximum length of the ground shall be 200 yards, the maximum breadth shall be 100 yards, the length and breadth shall be marked off with flags; and the goal shall be defined by two upright posts, eight yards apart, without any tape or bar across them.

2 - A toss for goals shall take place, and the game shall be commenced by a place kick from the centre of the ground by the side losing the toss for goals; the other side shall not approach within 10 yards of the ball until it is kicked off.

3 - After a goal is won, the losing side shall be entitled to kick off, and the two sides shall change goals after each goal is won.

4 - A goal shall be won when the ball passes between the goal-posts or over the space between the goal-posts (at whatever height), not being thrown, knocked on, or carried.

5 - When the ball is in touch, the first player who touches it shall throw it from the point on the boundary line where it left the ground in a direction at right angles with the boundary line, and the ball shall not be in play until it has touched the ground.

6 - When a player has kicked the ball, any one of the same side who is nearer to the opponent's goal line is out of play and may not touch the ball himself, nor in any way whatever prevent any other player from doing so, until he is in play; but no player is out of play when the ball is kicked off from behind the goal line.

7 - In case the ball goes behind the goal line, if a player on the side to whom the goal belongs first touches the ball, one of his side shall be entitled to a free kick from the goal line at the point opposite the place where the ball shall be touched. If a player of the opposite side first touches the ball, one of his side shall be entitled to a free kick at the goal only from a point 15 yards outside the goal line, opposite the place where the ball is touched, the opposing side standing within their goal line until he has had his kick

8 - If a player makes a fair catch, he shall be entitled to a free kick, providing he claims it by making a mark with his heel at once; and in order to take such a kick he may go back as far as he pleases, and no player on the opposite side shall advance beyond his mark until he has kicked.

9 - No player shall run with the ball.

10 - Neither tripping nor hacking shall be allowed, and no player shall use his hands to hold or push his adversary.

11 - A player shall not be allowed to throw the ball or pass it to another with his hands.

12 - No player shall be allowed to take the ball from the ground with his hands under any pretext whatever while it is in play.

13 - No player shall be allowed to wear projecting nails, iron plates, or gutta percha on the soles or heels of his boots.

FONTE: LUCKHURST, Samuel. The FA Turns 49, Here Are Football's Rules From 1863.
In: **The Huffington Post** UK. Disponível em: <
http://www.huffingtonpost.co.uk/2012/10/26/the-fa-149_n_2021717.html>. Acesso em: 31
ago. 2014.

ANEXO B – Roteiro de entrevistas

Jogadores

- 1) Qual a sua história com o futebol?
- 2) Como você começou a jogar profissionalmente?
- 3) Como você chegou ao (nome do clube ou equipe)?
- 4) Como é o seu dia-a-dia?
- 5) Como é ser jogador? Quais são as particularidades da sua profissão?
- 6) O que mudou em você como torcedor quando passou a jogar profissionalmente?
- 7) Quais são os seus planos para depois que parar de jogar?

Outros profissionais

- 1) Qual a sua história com o futebol?
- 2) Como você chegou ao (nome do clube ou equipe)?
- 3) Como é o seu trabalho?
- 4) Como é a rotina dos jogadores no clube/equipe?
- 5) O que mudou no Audax depois que o clube foi comprado pelo Grêmio Osasco?¹⁶¹

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁶¹ Pergunta específica para os profissionais do Audax.